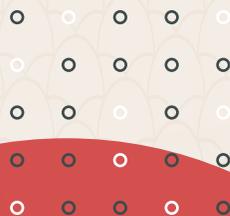


A LINGUAGEM E SUAS MÚLTIPLAS VISÕES



Maria Ieda Almeida Muniz
Arlete Ribeiro Nepomuceno
(Organizadoras)

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

M966l Muniz, Maria Ieda Almeida; Nepomuceno, Arlete Ribeiro (org.).

A linguagem e suas múltiplas visões / Organizadoras: Maria Ieda Almeida Muniz e Arlete Ribeiro Nepomuceno.– 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.
236 p.
E-Book: 4,62 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-211-2.

1. Formação de Professores. 2. Pesquisa. 3. Prática Pedagógica. I. Título. II. Assunto.
III. Muniz, Maria Ieda Almeida. IV. Nepomuceno, Arlete Ribeiro.

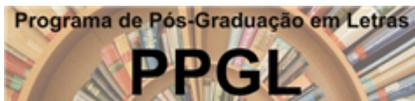
Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de professores - Estágios. 370.71
2. Didática - Métodos de ensino instrução e estudo – Pedagogia. 371.3
3. Linguística. 410
4. Linguagem / Línguas. 418

A LINGUAGEM E SUAS MÚLTIPLAS VISÕES

Maria Ieda Almeida Muniz
Arlete Ribeiro Nepomuceno
(Organizadoras)



Copyright © 2021 – das organizadoras representantes dos autores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Diagramação e capa: Vinnie Graciano
Revisão: Cibele Ferreira

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
O <i>ETHOS</i> DO ACADÊMICO-PROFESSOR	11
Maria Ieda Almeida Muniz	
Marcia Andrea Santos	
O QUE É SER PROFESSOR NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA	37
Thiago Orlandin	
Maria Ieda Almeida Muniz	
A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES MODOS SEMIÓTICOS METAFUNCIONAIS DA MULHER NEGRA NA MÍDIA INSTAGRAM	51
Arlete Ribeiro Nepomuceno	
Vera Lúcia Viana de Paes	
Maria Ieda Almeida Muniz	
MARCAS AVALIATIVAS EM CAPAS DE REVISTA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO	85
Arlete Ribeiro Nepomuceno	
Daniel Fernandes da Costa	
Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves	
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE MULHERES NEGRAS EM CAPAS DE REVISTAS	129
Arlete Ribeiro Nepomuceno	
Anna Beatriz Mormetto Alvarenga	
Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves	
ORQUESTRAÇÕES MULTIMODAIS DO DISCURSO PUBLICITÁRIO BANCÁRIO NA PLATAFORMA DO FACEBOOK	163
Vera Lúcia Viana de Paes	
O LETRAMENTO ACADÊMICO NAS PERSPECTIVAS BRASILEIRA E PORTUGUESA: UM OLHAR SOBRE A UNIMONTES E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA	197
Maurício Alves de Souza Pereira	
Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho	
SOBRE OS AUTORES	233



APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2021, apresentamos o terceiro volume do livro A LINGUAGEM E SUAS MÚLTIPLAS VISÕES. Com o fomento do Programa de Pós-graduação em Letras câmpus Pato Branco da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, ele é fruto do trabalho de pesquisa do Departamento de Letras de Pato Branco (DALET), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e de mais uma empreitada realizada com o intuito de sensibilizar o corpo docente e discente, o fomento e a propagação de pesquisas, a reflexão sobre tendências de investigações científicas, com vistas à concretização de um intercâmbio entre a UTFPR e a Unimontes.

Do mesmo modo que a publicação anterior, esta oferece trabalhos produzidos por professores e graduandos do curso de letras Português da UTFPR e da Unimontes, versando sobre temas variados, que se alinham com abordagens linguísticas diversificadas.

Este terceiro volume é composto por quatro partes: a primeira apresenta resultados de pesquisas desenvolvidas por professores e um aluno da UTFPR, com dois capítulos. O primeiro capítulo de Maria Ieda Almeida Muniz e Marcia Andreia Santos discorre sobre *O ethos do professor*, cujo objetivo é analisar como se constitui o *ethos* do acadêmico-professor em entrevistas de autoconfrontação. Em seguida, Thiago Orlandim e Maria Ieda Almeida Muniz tecem considerações sobre *O que é ser professor nas práticas discursivas da comunidade quilombola*, no segundo capítulo da obra, com o propósito de analisar o discurso dos agentes da educação quilombola.

A segunda parte apresenta resultados de dois projetos de pesquisa institucionalizados *A multimodalidade em anúncios publicitários e*

A *construção de significados metafuncionais em capas de revista*, desenvolvidos na Unimontes, com e sem o fomento da Fapemig, com três capítulos. O terceiro capítulo *A representação de diferentes modos semióticos metafuncionais da mulher negra na mídia Instagram*, de Arlete Ribeiro Nepomuceno, Vera Lúcia Viana de Paes e Maria Ieda Almeida Muniz, objetiva analisar a encenação das significações verbo-visuais e discursivas de um anúncio publicitário, considerando o caráter ativo dos discursos que mascaram realidades, no sentido de que o uso direcionado da linguagem constrói a vida cotidiana. O quarto capítulo *Marcas Avaliativas em Capas de Revista na Construção Identitária do Negro*, de Arlete Ribeiro Nepomuceno, Daniel Fernandes da Costa e Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves, bem como o quinto *Construções Identitárias de Mulheres Negras em Capas de Revistas*, de Arlete Ribeiro Nepomuceno, Anna Beatriz Mormetto e Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves, objetivam, respectivamente, em capas de revista, analisar a construção da identidade do negro estadunidense a partir da composição semiótico-discursiva, levando-se em conta diferentes recortes históricos; evidenciar como se constrói a representação identitária da atriz queniano-americana Lupita Nyong’o em um contexto de intensas modificações socioculturais.

A terceira parte, formada pelo sexto capítulo, apresenta resultados de pesquisa de mestrado de Vera Lúcia Viana de Paes, cujo título é *Interpretação e Análise do Texto Publicitário: orquestração multimodal do discurso bancário na plataforma do Facebook*, que trata do exame do discurso em uma perspectiva multissemiótica, descreve e analisa semioses do gênero anúncio publicitário, com foco no papel dos modos semióticos verbais e visuais na formação do conjunto multimodal.

Por fim, a quarta parte, formada pelo sétimo capítulo, em que Maurício Alves de Souza Pereira e Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho apresentam resultados da monografia de conclusão do curso de letras português na Unimontes – *O letramento acadêmico nas perspectivas brasileira e portuguesa: um olhar sobre a Unimontes e a Universidade de Coimbra* –, com o objetivo de descrever, comparativamente, práticas de letramento acadêmico do curso de letras português da Universidade de Coimbra, em Portugal, e da Universidade Estadual de Montes Claros, no

Brasil, de forma a também evidenciar o posicionamento dos discentes de ambas as instituições em relação a essas práticas

Nesse contexto, agradecemos à colaboração de todos que se propuseram a colaborar conosco, o que possibilitou podermos tornar públicos trabalhos sob diferentes perspectivas da linguagem, e esperamos que as edições deste livro se consolidem e alcancem o objetivo maior que se propôs de divulgar pesquisas linguísticas capazes de subsidiar e de suscitar, no meio acadêmico, indagações outras.

Maria Ieda Almeida Muniz (UTFPR)

Arlete Ribeiro Nepomuceno (Unimontes)

Organizadoras



O *ETHOS* DO ACADÊMICO-PROFESSOR

Maria Ieda Almeida Muniz

Marcia Andrea Santos

Introdução

Sabemos que é de fundamental importância compreender o fenômeno discursivo tendo como base a semântica global. Em vista disso, devemos levar em consideração como se constrói a cenografia discursiva. Nesse caminho, temos como ponto de partida algumas cenas empíricas que se constituem em entrevistas em autoconfrontação simples e cruzada. Contudo, acreditamos que no discurso constituído na cena empírica, mesmo que seja regulamentado por leis que lhe impõem um caráter rígido e objetivo existe a possibilidade de um rompimento com a rigidez, imposto pela lei, para se constituir uma outra cena discursiva. Para isso, refletimos como são constituídos os sentidos do discurso que ali são veiculados, uma vez que acreditamos que os signos não se apresentam inertes num discurso, mas deixam um rastro onde são proferidos, de modo que os coenunciadores possam interagir ou não com os enunciados.

Os dados aqui estudados integram um *corpus* que recebeu financiamento do CNPq e da Fundação Araucária e foram constituídos a partir de seis aulas ministradas por acadêmicos-professores na fase de estágio supervisionado, seis autoconfrontações simples e três autoconfrontações cruzadas. Tais dados foram coletados em escolas

públicas do estado de Minas Gerais e do estado do Paraná em turmas de trinta e seis alunos em média. Como se tratava de estágio supervisionado, fase em que o acadêmico-professor coloca em prática o que aprendeu na teoria, as aulas foram acompanhadas por um professor orientador do estágio e pelo professor regente da turma.

Para a coleta de dados, ancoramo-nos, seguindo de perto Clot *et al.* (2001), no dispositivo autoconfrontativo como um recurso metodológico por meio do qual o pesquisador instiga o trabalhador a discorrer sobre o seu trabalho, mais especificamente, no método da autoconfrontação simples e cruzada.

Esse método, desenvolvido em conjunto por Faïta (1997), objetiva expressar nas palavras aquilo que fazia parte do campo da ação no desempenho da atividade no trabalho (HARRISON & SOUZA-E-SILVA, 2009, p. 126). Posteriormente, esse método ganhou um novo matiz, pois, na Clínica da Atividade, em Paris, um grupo de pesquisa, coordenado por Clot (psicólogo do trabalho), deu ênfase aos trabalhos que utilizam a *autoconfrontação*, o que constitui um dos principais recursos mediadores entre homem e o trabalho, cuja atividade real se preocupa com o bem-estar do trabalhador e sua atividade laboral.

Como houve observação e gravação em vídeo do trabalho em situação, para realização desse método, contamos com o auxílio de acadêmicos dos sétimo e oitavo períodos do curso de Licenciatura em Letras que se dispuseram a serem filmados e entrevistados.

Com o consentimento do acadêmico-professor, as aulas foram gravadas e, posteriormente, passaram pelas seções de *autoconfrontação simples* e *autoconfrontação cruzada* para, na sequência, serem transcritas, conforme as regras do projeto NURC. Há de se destacar que os recortes do trabalho gravados são os mais relevantes instrumentos norteadores desse método, uma vez que, por meio deles, analisam-se os feitos do protagonista em seu espaço de trabalho.

Na *autoconfrontação simples*, há apenas a presença do pesquisador com o protagonista do trabalho em confronto com suas imagens. Na *autoconfrontação cruzada*, existe a presença do pesquisador e dois trabalhadores que desempenham uma mesma atividade. Há de se levar

em consideração que este é um recurso que nos conduz a procurar refletir sobre a atividade real.

As Cenas da Enunciação

A cena da enunciação, para Maingueneau (1998; 2000), poderá ser vislumbrada dependendo do ponto de vista que se assume, a qual poderá ser englobante, genérica e cenográfica.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso (religioso, político, publicitário etc.). Trata-se de apreender a cena englobante, na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, isto é, em nome de quê o discurso interpela o coenunciador e a partir de que finalidade ele foi organizado.

No presente estudo, podemos observar que existe uma cena englobante constituída pelo discurso pedagógico. Na sala de aula, pressupõe-se que todos os participantes – professores, acadêmicos-professores e alunos – conheçam o contrato que rege esse discurso. A noção de contrato pressupõe indivíduos pertencentes a um corpo de práticas sociais susceptíveis de chegar a um acordo sobre as representações concernentes a essas práticas sociais.

A cena genérica define o papel do discurso, como ele se apresenta para o coenunciador e como a cena englobante caracteriza o quadro cênico do discurso, isto é, o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido. Trata-se do gênero discursivo mobilizado para produzir a enunciação. No caso dos nossos protagonistas, trata-se do discurso argumentativo sobre o gênero da atividade. Maingueneau (2006, p. 148) propõe uma distinção básica em dois regimes genéricos: os gêneros conversacionais e os instituídos. Os conversacionais se organizam por uma caracterização imprecisa. Em contrapartida, os instituídos podem ser classificados por vários graus de variabilidade. Em primeiro grau, estão aqueles que correspondem à pouca ou mesmo à ausência de variação; em segundo, aqueles nos quais é possível produzir enunciados singulares, mas obedecendo a roteiros rígidos; os gêneros de terceiro grau possibilitam o apelo a cenografias originais;

já os de quarto são aqueles que exigem a invenção de cenários. E, finalmente, no quinto grau, situam-se os gêneros que “não possuem um formato pré-estabelecido, mas zonas genéricas subdeterminadas nas quais uma única pessoa, um autor com uma experiência individual, autocategoriza sua própria produção verbal” (MAINGUENEAU, 2006, p. 151). No caso dos nossos protagonistas do discurso, o seu gênero pode ser visto como parte de um gênero instituído na fronteira do quarto e quinto graus, tendo em vista que os prescritos que regem a atividade do acadêmico-professor regulamentam sua atividade de trabalho, contudo, não traça roteiros rígidos para a construção discursiva.

A LDB, os PCN, as DCE, os PPP e as sequências didáticas dispõem sobre tempo de duração de uma aula e sobre os conteúdos que serão ministrados. Entretanto, não regulamentam sobre um roteiro, uma estrutura ou uma determinada organização que devem ser seguidos no momento da construção discursiva. Cabe a cada protagonista produzir um discurso argumentativo que esteja vinculado ao seu papel social, obedecendo à ordem de produção discursiva (quem fala primeiro, quem fala em seguida). Diante do que é regulamentado pelos prescritos, podemos conceber que o gênero discursivo argumentativo do acadêmico-professor pode ser classificado como um gênero instituído, cuja fronteira é estabelecida entre o quarto e o quinto graus, pois, apesar de seguir um pré-estabelecido, existe a possibilidade de criação de uma cenografia discursiva condizente com sua atividade de trabalho, ou seja, ele não deve se esquecer do antes, do durante e do depois. O antes está relacionado ao pré-discursivo, o durante relaciona-se àquilo que é possível discursivamente ser produzido, levando em consideração o pré-discursivo, e o depois, àquilo que é o real de sua atividade, o que foi produzido discursivamente nas possibilidades das condições sócio-históricas.

Partindo do pressuposto de que é possível a constituição de uma cenografia discursiva para análise discursiva argumentativa dos nossos protagonistas, faz-se necessário entender, além da cena englobante e da cena genérica, a cenografia discursiva, tendo em vista que, com esse quadro, o coenunciador se confronta. A cenografia pode ser entendida

como um processo de enlaçamento paradoxal que é, ao mesmo tempo, a fonte do discurso e o que ele engendra.

A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário como se o discurso aparecesse inesperadamente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. Vista dessa forma, a cenografia é o próprio ato de enunciação, é o colocar em prática o discurso.

A cena empírica constituída em nosso estudo é composta pelo acadêmico-professor que nesta cena ao se constituir não sabe ainda se o seu papel social é o de professor ou se é de aluno de estágio supervisionado. Temos ainda o aluno que é coenunciador do discurso proferido pelo acadêmico professor. Esse aluno sabe que o acadêmico-professor não é professor regente da classe. Ele é apenas um aprendiz de professor.

Como se pode observar, o espaço e o tempo em que se constitui o discurso do acadêmico-professor estão completamente imbricados com sua atividade de trabalho. Com método da autoconfrontação, pudemos observar como é válido e importante entender e trabalhar com o conceito de exotopia que pode ser entendido como um posicionamento exterior que revela um desdobramento de olhares. Esse lugar exterior permite que o sujeito veja algo de si próprio que, em outras situações, jamais poderia ver.

Quando as atividades de trabalho se iniciam em sala de aula, uma cenografia discursiva se constitui afastando-se da cena empírica. Todos se transformam em personagens de uma cena real, cada qual com suas implicações e seus papéis sociais pré-estabelecidos. Cada um sente o impacto daquela cena de maneira peculiar. O acadêmico-professor se coloca à frente dos alunos, profere o seu discurso como o detentor do poder de saber. Os alunos em suas carteiras escutam o que o acadêmico-professor fala, na maioria das vezes, sem emitir um juízo de valor.

É diante dos alunos que o acadêmico-professor deve se constituir em uma cenografia discursiva que atenda às expectativas de todos os presentes. Para o seu posicionamento, todos os acontecimentos são

importantes. O conjunto de alunos, a classe, é de suma importância, uma vez que toda a sua investida deve levar em conta esse grupo de pessoas que está ali reunido para dar validação ao ato de ser professor.

A cenografia discursiva, que leva em conta as condições sócio-históricas de produção discursiva, muitas vezes, é vislumbrada antes que o acadêmico-professor construa seu discurso pedagógico. Para tanto, ele deve estar atento à representação de lugares determinados na estrutura dessa formação social, lugares esses marcados por propriedades diferenciais que, no discurso, acham-se representadas por uma série de formações imaginárias, designando o lugar que enunciador e coenunciador atribuem a si mesmo e ao outro, bem como a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Dessa forma, em todo processo discursivo, o enunciador pode antecipar as representações do coenunciador e, de acordo com sua antevisão do imaginário do outro, fundar as estratégias ou procedimentos de construção do seu discurso.

Trabalhando com os conceitos de *exotopia* e *cronotopos*¹ utilizado por Bakhtin na análise literária e aqui transportados para o palco real da vida, podemos perceber como é importante o encontro do nosso protagonista do trabalho com o seu duplo, como ele se analisa diante do vídeo, como é importante a sua percepção dos conflitos vivenciados em sua atividade de trabalho, em contraposição com o coletivo empírico que constitui a sala de aula. Assumir o papel social, real e concreto na vida de cada um e, principalmente, como representante de um professor que se apresenta para a sociedade como aquele que detém o poder de ensinar é complexo, mas constrói, na maioria das vezes, um saber baseado na “compreensão responsiva ativa”, como nos ensina Bakhtin. Para corroborar a nossa crença, Amorim (201, p. 223) ressalta que “o

1 [...] o conceito de *cronotopos* [...] é uma outra criação de Bakhtin no domínio da análise literária. Do mesmo modo que polifonia é uma metáfora emprestada da música, o *cronotopos* é emprestado da matemática e das teorias da relatividade de Einstein. Traduzido literalmente, ele é o *continuum* espaço-tempo tal como o tempo é considerado a quarta dimensão do espaço. A correlação essencial das relações espaço-temporais num todo inteligível e concreto. O *cronotopos* é a materialização do tempo no espaço: há um lugar em que a história se desenrola, onde o tempo passa, se vive e se mede em função das características desse lugar. Como categoria literária, está relacionado com a forma e com o conteúdo, o que quer dizer que ele concerne não somente ao acontecimento narrado na obra, mas também ao acontecimento da narração (AMORIM, 2001, p. 222-223).

encontro com o outro, em seus obstáculos e possibilidades, constitui um dos eixos da produção do saber”.

Ethos e Argumentação

A teoria retórica argumentativa distingue, tradicionalmente, três tipos de argumentos: éticos, patéticos e lógicos. Os argumentos éticos ligados à pessoa do locutor (sua autoridade, seu *ethos*), assim como os argumentos patéticos, de ordem emocional (*pathos*), não são obrigatoriamente expressos por um enunciado. Para inspirar confiança ou comoção, a melhor estratégia não é, necessariamente, dizer-se digno de confiança ou comovido; é preferível agir nos registros semióticos não verbais. Somente o argumento dito lógico é proposicional: é um enunciado (ou fragmento de um discurso) verossímil que exprime uma razão, a qual dá autoridade a uma proposição controversa, com estatuto de conclusão.

O *ethos* retórico foi retomado e elaborado nos trabalhos de Maingueneau (1984,1991,1993). O enunciador deve legitimar o seu dizer. Em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também como uma voz e um corpo. O *ethos* se traduz também no tom, que se relaciona tanto ao escrito quanto ao falado, e que se apoia em uma “dupla figura do enunciador, aquela de um caráter e de uma corporalidade”. O *ethos* assim definido se desenvolve, em Maingueneau, em relação à noção de cena de enunciação. Cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua “cenografia” ou cenário familiar que dita sua postura. A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos – um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em determinada cultura.

O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus coenunciadores o percebem. A representação da pessoa do enunciador anterior à sua tomada de turno – às vezes

denominada *ethos* prévio ou pré-discursivo – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou acentuá-la. Essa noção, que permanece problemática, dado que é extra-discursiva, é, entretanto, adotada, com diversas precauções, por mais de um analista (ADAM, 2004; AMOSSY, 1999,2000).

A autoridade em retórica: o discurso do acadêmico-professor

Dentro dessa perspectiva, abordamos a construção do discurso de autoridade do acadêmico-professor que determina a eficácia de seu discurso. Mais precisamente, é necessário que o auditório legitime a autoridade desse orador para que seu discurso seja eficaz e produza persuasão.

Admitamos que a autoridade retórica funcione segundo dois critérios, todos condicionados pelo uso das convenções: sua legitimidade e seu carisma.

O auditório tem a capacidade de reconhecer o orador como autorizado a utilizar a palavra em uma situação dada seja em função do seu papel social ou institucional, seja em função de sua experiência ou competência.

Em relação ao carisma, o auditório tem a capacidade de interpretar o carisma e o talento persuasivo do orador.

A construção do *ethos* se dá, de um lado, graça à legitimidade e, de outro, graças ao carisma do orador. Assim, em retórica, pode-se compreender a construção do *ethos* do orador graças ao duplo critério de sua legitimidade institucional e de seu carisma.

Alguns pesquisadores acreditam que a ideia da eficácia e da persuasão em retórica se apresenta em analogia com o discurso mágico que, interpretado como a capacidade de utilizar representações, perdeu seu estatuto epistemológico e político, mas cuja eficácia psicológica permanece. Essa função cognitiva que está no centro da persuasão consiste em tornar evidentes as coisas que não são. Nesse sentido,

pode-se dizer que a eficácia persuasiva funciona em um modo analógico à eficácia mágica.

Contudo, a persuasão dentro da sala de aula se faz de maneira diferente. Vejamos a seguir como se constrói o *ethos* do acadêmico-professor em sua atividade de trabalho.

A construção do *ethos* do acadêmico-professor

O acadêmico-professor, com o intuito de desenvolver o seu discurso, observa o que é discursivo e o que é extra-discursivo. O seu discurso pode ser legitimado ou não pelo auditório, tendo em vista que o pré-discursivo pode contribuir para essa legitimação. Dentro dessa perspectiva retórica, o acadêmico-professor procura construir um discurso eficaz e, para tal, ele deve se preocupar em agir sobre os estados mentais de seu auditório.

O discurso social eficaz pode se apresentar de três maneiras: a eficácia mágica, ritual e persuasiva. Cada modo de eficácia do discurso utiliza uma concepção da linguagem e condiciona o que torna a palavra eficaz. O discurso mágico pretende agir diretamente sobre o mundo. Já o discurso ritual torna a ação possível para uma arquitetura rigorosa e repetitiva de fórmulas ou de sintagmas. Logo, a eficácia do discurso persuasivo se funda sobre uma concepção convencional da linguagem. Tal concepção que se constrói dentro do discurso retórico utiliza conjuntamente a crítica e a persuasão, conforme postula Danblon (2006).

Sabe-se que a retórica nasceu de uma reflexão sobre a natureza convencional da linguagem humana e criou um estatuto simbólico das representações, sendo atravessada pela ideia de convenção. A consciência da dimensão convencional da linguagem e das instituições é uma condição necessária à crítica que está no centro da atividade retórica. A atividade crítica supõe que um princípio seja discutível, ou seja, ele pode ser justificado e modificado porque ele nunca é o resultado de um consenso sobre o qual a sociedade está em acordo em um momento preciso. A utilização consciente de convenções é,

assim, incompatível com uma concepção mágica da linguagem, na qual o discurso está como ação que intervém diretamente em um mundo, cujas instituições são vividas como naturais. Entretanto, isso não quer dizer que a ligação mágica com o mundo desapareceu com a ciência da convenção. Significa, apenas, que ela mudou de quadro institucional e está sempre presente na retórica.

Assim, podemos ver o quadro geral da retórica como um sistema de convenções que, graças aos debates, conduz a decisões.

A tripartição aristotélica do *ethos*, do *pathos* e do *logos* pode ser descrita como uma tripla convenção: o *logos*, o discurso, é uma construção do espírito humano que inventa argumentos para apresentar uma realidade. O *pathos*, graças ao qual pode se produzir a persuasão, é responsável por um conjunto de figuras que a produzem. Enfim, o *ethos* tem também uma dimensão convencional que está ligada à natureza da representação que um auditório constrói de um orador. Quem tem o direito de usar a palavra e em quais circunstâncias?

A dimensão estritamente convencional da autoridade de um orador deve levar em conta seu status, sua função, sua experiência etc., mas há também a dimensão da persuasão: seu carisma, a adaptação de seu propósito ao auditório, seu *ethos* prévio (AMOSSY, 1999), ou seja, a representação que o auditório constrói de sua personalidade antes que ele construa seu discurso.

Maingueneau (2002a) apresenta a importância do conhecimento do *ethos* pré-dicursivo:

O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. É necessário estabelecer uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. (MAINGUENEAU, 2002a, p. 58)

O protagonista do discurso, em nosso estudo, ocupa o papel social de professor. Em nossa sociedade o professor tem sofrido oscilações sobre a importância do papel social ocupado por ele. Muitas vezes é visto com respeito e algumas vezes não. Contudo, o papel social do acadêmico-professor gera uma grande polêmica, pois

ainda não é constituído como professor regente da classe. Ele está em fase de construção. Dessa forma, os alunos costumam não dar muita atenção para as atividades propostas por ele, uma vez que estas não são consideradas como avaliativas.

Se partirmos do pressuposto de que o *ethos* é constituído mesmo antes que o enunciador fale, devemos acreditar que o acadêmico-professor possui um *ethos* pré-discursivo negativo, tendo em vista que existe uma *doxa* que não valoriza o professor que não é o regente da classe. Segundo Amossy (2005, p. 126), “na perspectiva argumentativa, o estereótipo permite designar os modos de raciocínio próprio a um grupo e os conteúdos globais do setor da *doxa* na qual ele se situa”. O problema que surge em relação à atividade de trabalho do acadêmico-professor é justamente falar para alunos que não reconhecem o seu status de professor regente.

Como nos ensinam Amossy (2005) e Maingueneau (2005a), o *ethos* também está ligado ao ato de enunciar. Portanto, o enunciador pode validar por meio do seu discurso um estereótipo ou o contrário também pode acontecer, ou seja, o *ethos* constituído no discurso pode não validar o *ethos* pré-discursivo. Se o *ethos* pré-discursivo é negativo o enunciador deve trabalhar para que seu discurso possa validar outro *ethos*. Segundo Amossy (2005), a Análise do Discurso (AD) trabalha com o *ethos* dentro de uma proposta teórica desenvolvida por Maingueneau (2005), em que o modo de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e em que o coenunciador deve depreendê-la por meio de diversos índices discursivos. Essa imagem estabelece uma inter-relação entre enunciador e coenunciador participando da eficácia da palavra com o intuito de causar impacto e suscitar adesão. Ao mesmo tempo, o *ethos* está ligado ao estatuto do enunciador e à questão do processo de legitimação por meio de seu discurso.

A noção de *ethos* trabalhada por Maingueneau (2005), dentro da teoria da AD, vai ao encontro da Sociologia de Campos, mas privilegia “o imbricamento de um discurso e de uma instituição” que recusa uma sociologia externa. A retórica também é retomada por Maingueneau (2005a) por meio da ideia de discurso eficaz. Contudo, dentro de sua teoria, o discurso eficaz não corresponde a uma “coleção de

procedimentos a serviço de um conteúdo que procura encontrar uma forma”.

De acordo com o exposto, o *ethos* discursivo do acadêmico-professor, levando em conta o *ethos* pré-discursivo que se constitui de um estereótipo negativo de “professor não regente da classe”, deve ser trabalhado no momento da sua construção argumentativa nas aulas. Mesmo que seu discurso se aproxime do discurso que poderia ser considerado eficaz e ser validado discursivamente, existem as condições sócio-históricas de produção de um discurso que se apresentam negativas para o desenvolvimento da atividade de trabalho do acadêmico-professor.

Como afirma Maingueneau:

[...] mesmo que o co-enunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*. (MAINGUENEAU, 2005c p. 71)

Pensando dessa forma, o enunciado de Maingueneau vem corroborar a nossa crença em relação à atividade de trabalho do acadêmico-professor. “Um gênero de discurso ou um posicionamento ideológico” age diretamente na construção de um *ethos* negativo do acadêmico-professor. Nesse ponto, nas palavras de Maingueneau:

O caráter e a corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contivei para reforçar ou transformar. Esses estereótipos culturais que circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade [...]. (MAINGUENEAU, 2005c, p. 72)

A eficácia de um discurso proferido em sala de aula não pertence em sua plenitude à capacidade do acadêmico-professor em construir o seu discurso de defesa, ela está diretamente ligada ao *ethos* pré-discursivo ou prévio que circula em nossa cultura em forma de estereótipo negativo.

Análise de Dados

A seguir analisaremos excertos de entrevistas em autoconfrontação em que o acadêmico-professor se constitui como professor. Veremos como ele se constrói discursivamente.

Ap1 – no início da aula o aluno estava sem o material que eu passei pra eles... se eu chego na sala sem o material então... nós estamos quites né... professora também não traz o material... a professora não está preocupada em chegar na sala de aula com o material que ela precisa trabalhar né... então isso transmite ao aluno uma sensação de descaso mesmo... com ele os que estão lá na sala... porque se eu chego na sala pra dar aula... eu tenho que está com todos os (meios) que eu vou necessitar...

Neste excerto o acadêmico-professor fala sobre a necessidade de o professor se organizar para executar a aula. O material didático deve estar em ordem, caso contrário o aluno poderá se espelhar no antiexemplo e se tornar também um aluno desorganizado. Aqui ele se constitui como professor organizado. A cena enunciativa o fez produzir esse discurso de reflexão aos alunos que não trouxeram o material necessário para a aula. Ou seja, faz parte do prescrito que o professor provoque reflexões sobre a postura acadêmica dos alunos para sua adequação ao gênero aula.

Ap2 – ...é... essa... essa definição a::: a pergunta que ele fez... ela é falada na folha... não exatamente onde eu tinha apontado... me parece que é mais abaixo... anterior... alguma coisa assim... e aí nessa hora eu me achei numa saia justa... porque eu não encontrei na folha o que eu queria que ele visse e também eu deveria ter dado essa explicação eu mesma... independente dela está... escrita no xerox que eu dei pra ele...

Aqui o acadêmico-professor encontra dificuldades para repassar o conhecimento e diz que se encontrava em uma “saia justa”. Utiliza essa expressão para explicar o sentimento de não conseguir ensinar o

aluno que encontrou dificuldades para entender. Essa fala demonstra a preocupação do sujeito aprendiz de professor em “dominar o conteúdo” o saber técnico da aula. Para ele aqui se percebe a cobrança inconsciente do que é ser um bom professor. Ou seja, aquele que domina o saber, aquele que deve saber, e a falsa crença não sou bom o suficiente.

Ap3 – a separação de silaba métrica é diferente da separação gramatical e enfim... não dizer pra ele que estava na folha... porque se ele não tem a folha e aí como ia ser... se ele vira pra mim e fala assim... mas eu não tenho a folha... e aí ia ser um outro questionamento... porque esse conhecimento aí eu deveria é::: tê-lo totalmente dominado né... já que eu me propus a dar essa aula eu já deveria ter dominado essa... a resposta dessa pergunta aí... isso aí me adoeceu viu... me preocupou demais...

Ao utilizar as expressões “isso aí me adoeceu” e “me preocupou demais”, o acadêmico-professor revela o quanto é difícil exercer esse papel social. Ele se vê diante de um grande problema. Tal problema causa uma grande angústia. O trabalho aqui se revela penoso, tendo em vista o grau de dificuldade encontrado.

P: ... aí você está concluindo o assunto que você tinha preparado... e termina fazendo perguntas... sobre... se eles têm dúvidas... e a gente percebe que eles não fazem perguntas... você acha que eles não têm dúvidas de fato... ou eles ficaram tímidos... ou eles são desinteressados?

AP4 – : ...é...desinteressados... somente uma... uma aluna só que me fez uma pergunta né... e::: é::: daí a diante a gente vai fazer novamente o (parelhamento) das rimas e somente ela vai responder... então assim... numa sala de trinta e três... trinta e cinco alunos... não ter nenhuma pergunta sobre esse conteúdo é difícil né...

Neste excerto, o acadêmico-professor revela a dificuldade de interação. Os alunos se mostram desinteressados. Não querem interagir.

Esse comportamento dos alunos provoca no acadêmico-professor um sentimento impotência. Na atividade docente o professor precisa da responsividade discente. Se o aluno não corresponde essa expectativa da cena enunciativa a interação precária faz com que o professor se sinta ineficaz. O que pode resultar uma visão, autoavaliação negativa da sua atividade laboral.

P: ...e isso incomoda você como professora?

AP6: ...muito...muito...muito... eu não sei se quando na época que eu estudei... a gente tinha um certo... quase temor mesmo na figura do professor... então isso me incomoda... porque havia o interesse de levar o material... de ter(inaudível) na sala de aula... se não tinha na sala de aula havia uma punição... talvez a forma como a coisa era tratada... que o aluno era tratado ... o sistema mesmo tratava tanto o professor quanto o aluno... a gente tinha um certo respeito e interesse pela disciplina... a gente tinha essa noção bem nítida... é pela educação que se conseguia coisa melhor... é pela educação que se mudaria de vida...

P: ...você acredita nisso que você ... falou é pela educação que o ser humano pode transformar ... pode se transformar?

AP6: ...sim... totalmente...

P: ... e mesmo havendo o desinteresse você...procura passar isso?

AP6: ...procuro passar isso... porque eu não vou desacreditar da educação... porque não haja interesse... eu vou partir do princípio o seguinte... que uma sala de trinta e cinco alunos houve dois ou três interessados... então pra esses dois ou três eu me entendo... de verdade eu acredito assim... que o ser humano é a partir dele que a coisa vai melhorar... então alguém já disse que...governar uma nação... dominar uma nação que tenha conhecimento... é praticamente impossível... então assim o povo que tem conhecimento dos seus interesses... do mundo que os cerca... que ele tenha noção do espaço que vai ocupar... ele não vai ser dominado facilmente não será... então assim... todo e qualquer

objetivo a partir do momento que a pessoa tem o conhecimento...
e eu primo pra passar isso...

Nos excertos acima, percebemos a presença de um *ethos* idealista. O acadêmico-professor acredita em seu trabalho. Ele acredita na mudança do ser humano por meio da educação. Apesar de encontrar o desafio de ensinar, o acadêmico-professor se constitui como um idealista. O *ethos* do sujeito professor entra em conflito com o quarta dimensão, ou o tempo da enunciação. Há outros sujeitos e tempo histórico diferenciado, talvez tempo em que não se dê o devido valor ao espaço educacional, à escola, à atividade docente. A dimensão.

Ap7 – então assim... é:...uma... uma a gente tem a sensação em que às vezes... em sala de AULA... principalmente a matéria de Língua Portuguesa e Literatura que os alunos acham que NÃO vão precisar... então lá naquela turma tinha QUASE trinta e cinco alunos... às vezes trinta e sete... e:.... às vezes era difícil de manter a atenção DEles justamente por isso... por causa que eles achavam acreditavam... que aquela matéria lá não pesava muito... Literatura não tem um peso tão grande para conCURso... Literatura não tem um peso tão grande PAra... é:.... algumas universidades por exemplo fazer... é... vestibuLAR... e implica que... é um sofrimento pra gente porque você vê que o aluno ele está de certa FORMA... é:... sem pers – pec – tiva de que vai utilizar os conhecimentos dele... isso dificulta um pouco a aula... principalmente quando você ainda é professor estagiário... professor substituto... que ele sabe que a nota não depende de você então assim... é sempre assim no começo de aula... é muito difícil pra eles assentarem e começarem... depois com tranquilidade eles ia assentando a gente começa a (entender) a turma... você já perdeu aí quinze minutos... dezessete minutos de aula...um tempo que poderia ser utilizado como conhecimento...

O discurso constituído nesse excerto foi mostrar a figura do professor estagiário ou professor substituto preocupado com o seu papel social. Nesta cenografia discursiva, percebemos a construção

de um *ethos* desanimado. O acadêmico-professor se sente uma figura dispensável em sala de aula. Esse sentimento causa um sofrimento que poderá influenciar no desenvolvimento da aula. O discurso pedagógico do professor põe em centro da cena enunciativa a preocupação com o saber. Em seu imaginário acredita que a Literatura é desinteressante aos alunos por não ser conteúdo técnico cobrado no mundo do trabalho.

P: a questão do compromisso do aluno com o que está sendo informado ... do respeito pelo professor... o respeito pelo horário...

AP8: inexistente... inexistente...

P: isso é ... isso compromete a ... a aprendizagem...

AP8: totalmente... totalmente... assim então... eu me senti por vezes assim... dispensável... é... a sensação é que se eu estivesse ali... se eu saísse da sala de aula naquele momento... cada um ia virar para o lado e iam conversar daquele jeito e ... (cadê a aula?) então realmente...

Neste excerto percebemos, mais uma vez, a construção de um *ethos* professor dispensável. O acadêmico-professor sente a sua não existência em sala de aula. Podemos perceber a construção discursiva que revela um grande sofrimento. Na enunciação representada o professor revela que nesse cenário (a aula) já houve um movimento de significação que não condiz à aula de um passado vivido. A atividade do professor presente a este cenário difere da atividade do professor que constitui seu *ethos*. Há um conflito de tempo e significação ao gênero aula vivido e ao real da atividade vivenciada

Ap9 – eu... eu sempre tive essa assim... aquela ideia do professor uma ... assim... um... uma espécie de Show MAN... vamos dizer assim... aquela pessoa que PRENDE a atenção... que te faz entender eu tive muitos... muitos bons professores... é... na minha ... quando eu estava no ensino médio... é... ensino fundamental e ensino médio... tive bons professores assim que eu me lembro com saudade... e a postura era impecável... os meus professores tinham postura impecável...

Aqui o acadêmico-professor idealiza a figura de um professor *show man*. Para ele o professor deve ter qualidades que atraiam a atenção dos alunos. Revela que ele teve grandes professores. No entanto, percebe que isso não existe mais. O fiador discursivo revela que este papel social de professor pertence ao passado.

Ap 10 – aí eu quis mostrar... é interessante... que os PAPÉIS sociais que... a pessoa assume ... em determinado lugares... em que... por exemplo... que ali eles eram alunos e eu estava como professor... aqui na Unimontes eu era aluno ainda ... é... isso então... é... na medida em que você vai... você vai adquirindo um conhecimento... você vai passando por salas de aula... você vai passando por NÍVEIS... isso é bom pro seu papel social... e eu ia mostrar pra eles que o papel social deles agora é o de aprendiZAGEM... de prestar atenção... pra poder absorver... é... (de vez em quando eu dava esses toques) pra ver se dava efeito... não sei se... foi bom não...

No depoimento acima mostrado, percebemos a indecisão do acadêmico-professor. Ele não se sente ainda professor. Revela que, na universidade, ele é ainda um aluno, mas em sala de aula ele é um professor. Contudo, a figura que professor não está, ainda, constituída no papel social que ele assume. Apresenta-se aqui uma visão idealizada de uma audiência em sala de aula. Um imaginário de aluno ideal que quer aprender, que presta atenção, que obedece. Mas sabe-se que os papéis sociais em sala de se alternam e a audiência (os alunos) nem sempre estão propensos a serem passivos como deseja o professor. Este modelo de trabalho docente se inscreve numa perspectiva tradicional de aula, de ensino e papel social a ser desempenhado na escola.

Ap11 – é um... é... assim... ((o acadêmico gagueja ao explicar)) (a coisa tem que ta aí) aí que tá... nessa coisa dos papéis sociais... de fato... ali eu ainda era aluno e já ERA professor... é difícil você desligar disso... então assim... a senhora notou aí... essa situAÇÃO... o professor tá do lado de fora né?

Mais uma vez, percebemos a não identificação do acadêmico-professor com o papel social que ele deveria constituir discursivamente. Ele se vê como um aluno que precisa se transformar em professor. Ele vive o drama da transmutação: um aluno que precisa se transformar em professor.

Ap12 – o quê que muda nessa perspectiva... é... o... o fato de eu ter o dom de MESTRE... e estar trabalhando com a... com a língua INGLESA... é... que eu faço uma coisa que eu GOSTO...

Neste momento, o acadêmico-professor revela a satisfação de se sentir mestre. Ele acredita em seu dom e revela amor pelo que faz.

Ap13 – na leitura sim... porque eu cobro deles todas as minhas aulas... sempre tem que ler alguma coisinha... ou ler uma palavra... uma questão... alguma coisa... mas:: falar assim de interagir com os outros... não... eu acho que não é possível... primeiro que o tempo é:: é curto... eu tenho uma aula na semana... cinquenta minutos de aula... não... cinquenta minutos não... uma hora de aula... depois tem aquele conteúdo do PAES que eu tenho que seguir... e é muito pouco o tempo pra seguir tudo... sempre fica faltando alguma coisa né? e pra voltar aí essa aula pra:: pro:: pra interação... é muito complicado...

O discurso constituído pelo acadêmico-professor revela o problema de interação. Como a classe é numerosa e o tempo é curto não existe a possibilidade de interação. A descrição da situação da cena enunciativa. Para a aula acontecer é necessário que seja criado um clima organizacional específico. Há necessidade de compor o tempo enunciativo para o ensino, para a interação que compõe o espaço enunciativo – aula.

Ap14 – então é assim e eu notei isso eu paro fico lá de braços cruzados eles ficam olhando pra mim às vezes até o tempo passa ... assim né ... vão falando basTANTE mesmo ... mas eu fico lá parada eu não não continuo enquanto tá mudando de cadeira ...

enquanto tá ali eu tô de braços cruzados ... aí depois que eles se sentam ... aí é claro que eles continuam conversando ... mas quando eu vejo que o nível de conversa que eu posso interromper aí eu já interrompo ... mas enquanto tá assim: sabe? eu não grito não... sabe? ... não movo uma palha ... como se diz ... chego coloco meu material lá ... pronto fico lá esperando... é isso...

Temos acima a revelação de um *ethos* paciente. O acadêmico-professor demonstra paciência diante da indisciplina da classe. Ela revela que não tem o hábito de gritar. Ela simplesmente espera pacientemente a conversa parar. A atividade docente compõe-se de posturas diferentes, esses são aspectos característicos individuais dos atores sociais da atividade que tem conexão com o *ethos* do fazer docente. Diferentes *ethos*, posturas e tomadas de decisões específicas passam a compor a cena enunciativa.

Ap15 – é:: eu acho eu acho ... bonito... né mas: eu sou muito hiperativo ... entendeu? se eu pudesse eu ia lá e pegava a cadeira ... não deixa eu te ajudar aqui e tal ... sempre organizo o negócio entendeu? eu sou ... não consigo ficar: passivo assim não ... se eu pudesse eu mesmo pegava lá pra ele ... fazia sentar logo e tal

Nesta sessão de autoconfrontação cruzada o **AP16** revela uma outra postura. Ele diz que é hiperativo não consegue ficar parado diante da classe. A atividade docente compõe-se de posturas diferentes, esses são aspectos, características individuais dos atores sociais da atividade que tem conexão com o *ethos* do fazer docente. Diferentes *ethos*, posturas e tomadas de decisões específicas passam a compor a cena enunciativa.

Ap16 – é:: justamente com meus alunos eu quero que eles saibam o seguinte ... é... eu estou totalmente acessível a eles sabe? não sou melhor nem pior ... a minha postura ali é apenas ... eu sou aquela pessoa que colocou o pé no asfalto antes andou mais tempo ou comecei a andar mais ... então eu tenho uma carga

de conhecimento um tanto quanto a mais que eles ... mas não é porque eu sou melhor nem pior ... porque eu me predispus a cursar e aprender primeiro ... mas qualquer um deles pode chegar no mesmo nível que eu ... ou qualquer um pode ser meu colega ... não tem nada de inacessibilidade ... não estou o tempo todo mostrando pra eles assim oh “estamos junto estamos no mesmo nível”

Nesta parte, o acadêmico-professor reconhece que não é superior aos alunos. Ele procura ser um professor acessível, ou seja, um professor que mantém, que procura estar próximo dos alunos. Para exercer o seu trabalho ele acredita que a proximidade é muito importante.

Ap17 – aí vocês podem notar que a sala tá controlada tá vendo? todo mundo tá prestando atenção mesmo quem está lá no fundo já tá conversando de um jeito que não atrapalha então estou dando minha aula despreocupado tranquilo sabendo que é pra poucos de verdade, é pra é pra poucos mas eu tô dando minha aula de um jeito que ela tá indo.

Neste excerto o acadêmico-professor se constitui como um controlador. Ele diz “a sala está controlada”. Ele acredita que a falta de conversa garante o controle da sala.

Ap18 – eu posso tá com o problema que for quando eu caio pra dentro da sala aula é bom demais viu ... é a única hora ... assim ... que eu sei que nada vai acontecer ... tá tudo beleza ((risadas)) ... às vezes é acabar a aula eu vou e tal...tocou o sinal então ó marca aí parei nesse ... nesse ponto aí na próxima aula retomo então de fato aí vejo a aula ir embora

Neste momento, o acadêmico-professor revela o seu gosto pelo seu trabalho. Ele declara que em sala de aula ele se constitui como um trabalhador realizador de uma atividade prazerosa. Materializa-se discursivamente a crença na atividade docente como transformadora dos sujeitos e da realidade. Há uma positividade de imaginário na ação.

Ap19 – então assim hoje em dia se criou muitas coisas que você fica se perguntando cadê o professor cadê o aluno cadê a educação cadê a coisa sabe eu não sou (altruísta) e nem sou utópico não mas eu dou aula assim então essa é a diferença então quando os alunos terminam ele termina de ter aula comigo ele tem a noção de que eu sou um professor diferenciado eu faço questão de ser diferenciado não quero fazer parte da mesmice da massa e tal tal tal

Neste excerto o acadêmico-professor se constitui como um professor diferenciado. Ele revela que não quer “fazer parte da mesmice”, ou seja, o seu trabalho é realizado com sucesso. Ele diz que trabalha, desta forma reconhece que existem profissionais que não fazem como ele. Não se dedicam ao trabalho assim como ele o faz.

Ap20 – no nosso tempo professor chegava na escola o professor era detentor do conhecimento você já ia lá intencionado a buscar conhecimento pra sua vida pra o que você quer seguir ... hoje não a gente tá na sala... gente por favor presta atenção eu estou querendo dá aula pra você estou querendo te ensinar pra você ser alguém ... pra sua vida melhorar ... o professor né ... tem que convencer o aluno a QUERER QUERER isso já ... já começa por ai o degaste da coisa está invertido né? ...

O acadêmico-professor revela que o *ethos* pré-discursivo do professor mudou com o tempo. Antigamente chegava-se à escola com o intuito de adquirir o conhecimento. Contudo, na atualidade, o professor deve convencer o aluno de que ali, na escola, é um lugar de construção do conhecimento.

Ap21 – porque eu tenho uma questão assim comigo eu espero que isso não morra nunca eu tenho uma fé incrível na educação... eu espero que eu não esteja iludida sabe eu creio piamente que esse é o caminho...

A acadêmica-professora, neste excerto, revela a fé na educação. Ela acredita que a educação é um caminho. Esse caminho poderá levar o ser humano a ocupar um lugar de destaque no futuro.

Ap22 – ...Nossa aula é sempre assim...sempre dinâmica...e a gente sempre propôs esse tipo de aula...esse tipo é a nossa cara... tanto que você nunca vai chegar lá e vai ver () escreve aí...vamos analisar esse texto aqui...a gente faz isso...mas de uma forma mais: ...alegre...eu acho até que eu sou uma palhaça em sala de aula...

Aqui o tom que se revela é de alegria. A aula deve ser alegre para poder agradar aos alunos e atingir o objetivo desejado que deve ser ensinar algo.

Considerações Finais

Diante do exposto, a análise do *ethos* e da cenografia ajudou-nos a compor o corpo do discurso argumentativo do acadêmico-professor e permitiu-nos compreender como é possível a apreensão de um *ethos* discursivo que difere do enunciador empírico, levando em consideração que o discurso pedagógico é caracterizado como formal e rígido, ou seja, estabelecidos por prescritos. Acreditamos que as análises produzidas neste estudo contribuíram para desmistificar uma crença arraigada na sociedade de que a prática discursiva didática deverá sempre seguir o prescrito.

Referências

ADAM, J.-M. Une approche textuelle de l'argumentation: "schéma", séquence et phrase périodique. *In: L'argumentation aujourd'hui: position théoriques en confrontation*. Paris: Sorbonne Nouvelle, 2004, p. 77-102.

AMORIN, M. Um estrangeiro do interior – reflexões sobre a pesquisa com meninos de rua. *In: Arquivos brasileiros de psicologia*. V. 48, n. 2. Rio de Janeiro: Ed. IP/UFRJ/IMAGO/CNPq, 1996.

AMORIN, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.

AMORIN, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-25.

AMORIN, M. Ato *versus* objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: **Proceeding XI internacional Bakhtin conference**. Curitiba, 2003, p. 73-76.

AMORIN, M. Raconter, démontrer ... survivre, Formes de savoir et de discours dans l'aculture contemporaine. In: **La lettre de l'enfance et de l'adolescence**. Paris: Ères, 2007.

AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Trad. D. F. de Cruz; F. Kamesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. 2. Ed. Paris: Armand-Colin, 2006a.

CLOT, Y. *et al.* Entrétiens en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. **Éducation Permanente**, n 146, 2001, p. 17-25.

DANBLON, E. **La fonction persuasive**: anthropologie du discours rhétorique – origines et actualité. Paris: Armand Colin, 2005.

FAÏTA, D. La conduite du TGV: exercices de styles. **Camps Visuels**. n. 6. 1997, p. 75-86.

HARRISON, K. M. P.; SOUZA-e-SILVA, M. C. P.2009. Formação de professor de surdos: contribuições do método da autoconfrontação. In: DAHER *et al.* (Org.). **Trajetórias em enunciação e discurso**: práticas de formação docente. São Carlos, Clara Luz, p. 123-136.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Trad. F. Indursky. Campinas, Ponted. **Nouvelles tendances en analyse du discours**. Paris: Hachette, 1991.

MAINGUENEAU, D. **L'analyse du discours**: introduction aux lectures de l'archive. Paris:Hachette, 1991.

MAINGUENEAU, D. **Introdução à linguística**. Trad. L. Baptiste. Lisboa: Gradiva, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Trad. M.V. Barbosa e M.E.A. T. Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

MAINGUENEAU, D. Problèmes *d'ethos*. In: **Pratiques**. n. 113-114. Metz: Cresef, 2002a, p. 55-67.

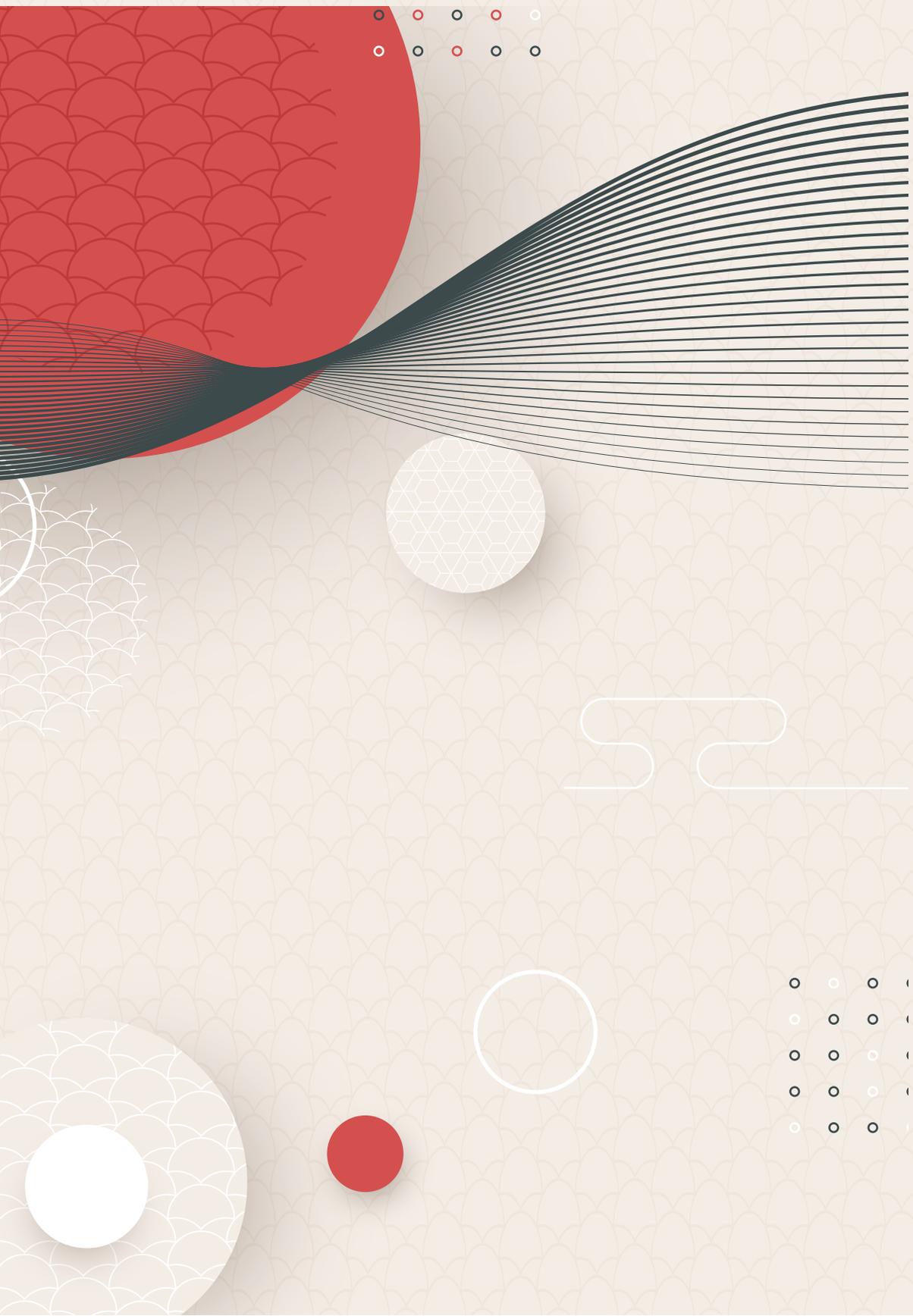
MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2. Ed. Trad. C.P. Souza-e-Silva e D. Rocha. São Paulo: Cortez, 2002b.

MAINGUENEAU, D. L'analyse du discours et ses frontieres. In: **Marges Linguistiques**. n. 9. **Analyse du discours**. État de l'art et perspectives. 2005a, p. 64-75. Disponível em: [http://www. marges-linguistiques.com](http://www.marges-linguistiques.com). Acesso em: 16 jan. 2017.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005b.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Trad. D.F. de Cruz; F. Kamesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005c, p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. (Org.) Curitiba: Criar, 2006.



O QUE É SER PROFESSOR NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Thiago Orlandin

Maria Ieda Almeida Muniz

Introdução

Neste trabalho, objetivamos responder ao seguinte questionamento: como se constitui o professor na escola quilombola? Nossa hipótese é a de que o currículo posto à disposição do professor na comunidade quilombola não deva ser o mesmo da escola regular e que haja tratamento diferenciado na educação quilombola, como atesta Resolução nº 4/2010 do CNE, que definiu as DCNs para a educação básica, incluindo a Educação Escolar Quilombola (EEQ) como uma de suas modalidades e, ainda em 2010, do I Seminário Nacional de Educação Quilombola.

Nosso estudo sobre o que é ser professor nas práticas discursivas da escola quilombola teve como objetivo atestar o fato de que na realidade escolar da comunidade estudada não há esse cuidado com o currículo. Na prática, não existe a preocupação em preservar a identidade dos povos quilombolas pelo poder público. O tratamento diferenciado para alunos e professores não existe. Mesmo sabendo que a nossa

Constituição Federal apregoa que, “ninguém pode tratar os desiguais de maneira igual”.

Para isso, tomaremos como pressupostos teóricos a noção de fórmula advogado pela estudiosa Alice Krieg-Planque, que acredita que certos signos, pelos usos que damos a eles, podem se cristalizar no discurso e agir como catalisadores de uma polêmica. E os sentidos produzidos por esses signos podem atuar de maneira positiva ou negativa dentro das práticas discursivas no meio onde circulam.

Sobre a noção de “Fórmula” em Análise do Discurso

Nosso trabalho está ancorado na noção de fórmula discursiva, conforme exposto por Alice Krieg-Planque, dentro do arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa. A circulação de um significante específico num momento histórico dado pode ser mais ou menos cristalizada e, por fazer parte da esfera pública, é o seu caráter polêmico que atesta o caráter de referente social da fórmula. Para Krieg-Planque (2010, p. 64), uma fórmula corresponde a “um conjunto de enunciados ou fragmentos de enunciados que circulam em bloco em um momento determinado e que são percebidos como constituindo um todo, cuja origem pode ou não ser identificada”.

Afirmar que a fórmula possui um caráter cristalizado significa dizer que ela circula sob a forma de um significante relativamente estável. Ou seja, é preciso levar em conta o significante tal como ele aparece, considerando seu aspecto formal. Cada lexema deve ser levado a sério, o que implica uma escolha no que concerne à análise lexical. No entanto, a noção de fórmula não é puramente linguística. Não é a mera aparição de uma determinada sequência ou a ocorrência neológica de um termo o que garante a ele tal estatuto. É, na história dos usos, na diversidade dos empregos, quando se comenta a sequência, quando há um posicionamento em relação ao termo empregado, que é possível seu aparecimento como fórmula. Assim, é bastante comum, se não regra geral, a preexistência da sequência em relação ao seu estatuto formulaico. É o seu caráter *discursivo*, portanto, que pressupõe a forma, mas não se restringe a ela, que marca a fórmula.

Em seu livro de 2003, “Purification ethnique: une formule et son histoire”, resultado de seu trabalho de doutoramento de 2000, conforme citado por Araújo (2013), Alice Krieg-Planque já havia esboçado uma primeira definição de “fórmula”, na qual ela explica que:

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, formalmente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada em usos públicos que a investem de questões sociopolíticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece, então, um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas languageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público. (KRIEG-PLANQUE apud ARAÚJO, 2013, p. 10-11)

Já no seu trabalho de 2010 intitulado “A noção de ‘fórmula’ em análise do discurso: aspectos teóricos e metodológicos”, Alice Krieg-Planque desenvolve os conceitos envolvidos com a noção de fórmula ao nos apresentar o caso da fórmula “Estado total” (*totale Staat*), de Jean-Pierre Faye, na tentativa de elucidação e refletindo, para tal, sobre o aparecimento mesmo da palavra fórmula, tal como é colocada em circulação pela primeira vez, no trabalho deste autor. De acordo com Krieg-Planque (2010, p. 38) “Faye não dá nunca uma ‘definição’, no sentido ‘científico’ do termo, do que seja uma fórmula.” Contudo, a gênese, circulação, cristalização e aceitabilidade da fórmula *totale Staat* são estudados no projeto da “supernarrativa” criada por Faye.

De Jean-Pierre Faye a autora empresta os conceitos de “circulação” e “cristalização” – que serão rerepresentados nas propriedades da fórmula – mas não limita-se ao trabalho heurístico desse autor. Faye propõe uma “supernarrativa”, como dissemos, onde os narradores conduzem o processo de aceitabilidade da fórmula a partir do seu processo de gênese, circulação e cristalização nos discursos. O termo fórmula é usado por Faye pela primeira vez dentro das pesquisa em AD, contudo, ele não o conceitualiza devido ao fato de utilizar como metalinguagem os próprios termos da sua linguagem-objeto – o sintagma fórmula é

assim evocado pois “aparece” pela primeira vez com destaque no espaço público junto à expressão *totale Staat*, na fala de Ernst Forsthoff, conforme os estudos de Krieg-Planque sobre a origem e escolha do termo “fórmula” em seus estudos: “Der totale Staat ist eine Formel” [O Estado total é uma fórmula]. Assim, os narradores devem usar as mesmas palavras analisadas para produzir a sua própria metalinguagem, ou seja, para construir a sua narrativa das narrativas. Mudando-se o objeto de estudo, muda-se a metalinguagem utilizada para sua análise.

Partindo daí, a autora segue com suas reflexões sobre o estatuto da fórmula através da análise da tese de doutoramento de Marianne Ebel e Pierre Fiala sobre as fórmulas “Überfremdung” e “xenofobia”. Esses autores, diferentemente de Jean-Pierre Faye, precisam e definem o conceito de fórmula, afirmando que ela “assemelha-se a um *referente social*, isto é, um signo que significa alguma coisa para todos em um momento dado” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 53). Por exemplo, a fórmula “xenofobia” pode ser encontrada em variações como “Os estrangeiros são uma carga pesada para nossas instituições sociais” ou “Eles sobrecarregam nosso sistema habitacional”. Assim, para Fiala e Ebel, “Überfremdung” e “xenofobia”

condensaram em si uma massa considerável de discursos, para os quais serviam de equivalentes semânticos. Enunciar um ou outro era colocar em circulação significações múltiplas, contraditórias, remetendo à existência de séries de enunciados parafrásticos, bem atestados, pelos quais os dois termos eram definidos. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 53-54)

Esses autores seguem suas reflexões constatando que podem surgir neologismos como “antixenófobo”, “xenófono”, “xenofomático”, visto que seu aspecto como referente social significa que as pessoas estão falando sobre o tema que o envolve, colocando em circulação e cristalizando o termo “xenofobia” de forma arbitrária e polêmica, pois o debate acerca dessa fórmula suscita paixões “dos dois lados da moeda”. A fórmula é, portanto, constitutivamente polêmica porque se impõe a todos da mesma maneira e, como é de se imaginar, não é “usada” por todos da mesma maneira. Apesar de admitir a importância do trabalho de Fiala e Ebel, Krieg-Planque (2010) conclui como insuficiente para o estudo mais aprofundado das propriedades da fórmula, pois que cada fórmula tem sua particularidade, já que o referente social não é o mesmo

para *todas* as fórmulas. Esse aspecto também garante que a noção de fórmula não seja homogeneizada, perdendo-se de vista a relação que cada fórmula constrói com a realidade social da qual ela emerge. Afinal, ao mudarem-se as condições de produção de um dado discurso, mudam-se também as relações que fazem esse mesmo discurso cristalizar-se e aparecer como fórmula.

Essa reflexão nos leva a elencar alguns pontos cruciais na passagem da palavra ou expressão linguística ao estatuto de fórmula. Toda palavra ou expressão, para “tornar-se” uma fórmula, precisa adquirir certas características que lhe são impingidas de forma até mesmo arbitrária. Ela é usada pela primeira vez em dada esfera discursiva e sua circulação ocorre, enfim, de uma esfera discursiva a outra, o que implica uma cristalização do sintagma que garanta seu caráter “ativo” até ela ser finalmente aceita em várias esferas da atividade humana numa dada comunidade.

Os aspectos levantados por Krieg-Planque (2010) a partir do trabalho de Faye e de Fiala e Ebel – “gênese”, “circulação”, “cristalização”, “processo de aceitabilidade”, “caráter de referente social” e “caráter polêmico” – são caros à autora para sua conceituação da fórmula; mais precisamente, para o que a autora chamou de as quatro propriedades da fórmula. São elas que veremos a seguir: “o caráter cristalizado da fórmula”, o “caráter discursivo da fórmula”, o “caráter de referente social da fórmula” e o “caráter polêmico da fórmula”.

As propriedades da Fórmula

O caráter cristalizado da fórmula

Toda fórmula se inscreve num *continuum* e sua diversidade está ligada à sua circulação em várias esferas discursivas. Para tal, ela se apoia em uma base linguística relativamente estável; precisa de uma sequência verbal bem identificada; ela precisa funcionar como uma espécie de catalisador de uma polêmica, colocando em jogo diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema; precisa ser concisa, ou seja, “É a concisão que permite à fórmula ser reafirmada ou recusada em bloco,

tornar-se parte integrante de uma argumentação” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 71).

O conceito de cristalização é, antes de tudo, um conceito discursivo. Para a autora, isso implica concentrar a análise nos aspectos morfossintáticos que a fórmula pode assumir, com suas variantes e neologizações. Em nosso trabalho, que não visa uma análise comparativa de textos, mas a acompanhar a cristalização de uma fórmula dentro de um corpus relativo a uma única situação de interação verbal, cumpre salientar que

O pertencimento morfossintático e lexical das fórmulas enquadra e autoriza o que podemos fazê-las dizer. E, no entanto, é também pelo fato de podermos ir além dessa materialidade que se constroem sentidos, nessa “instabilidade fundamental dos significados” que se opõe, conforme Irène Tamba escreve (1991: 50), à “rigidez fundamental dos significantes”. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81)

Dizer da fórmula que a sua cristalização está ligada à sua circulação nas mais variadas esferas discursivas não significa dizer, contudo, que há consenso quanto à sua interpretação. O “não-consenso”, aliás, é condição para atestar o caráter polêmico da fórmula, como veremos adiante. Contudo, é preciso que se constate a concisão da fórmula, que se perceba sua regularidade na dispersão dos discursos que a englobam num momento histórico dado: “Ora, é a concisão que permite à fórmula *circular*, no sentido material do termo, é ela que permite à sequência ser integrada a enunciados que a sustentam, a incluem, a retomam, a reforçam, a reiteram ou a recusam” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 71).

Ainda falando sobre a cristalização, Krieg-Planque levanta um aspecto que consideramos fundamental para nossas análises, a hipótese de que certas sequências “atômicas” são os tipos de formas de fórmula privilegiados, pois permitem evidenciar o caráter polissêmico do termo analisado, visto que faz com que a fórmula circule com mais facilidade e se torne, assim, melhor candidata a se tornar polêmica:

Angenot fala de “o axioma ‘liberté’ [liberdade]”, pondo em relevo que “sua maleabilidade, a imprecisão de seu contorno, sua

polissemia” é que lhe permitem “inumeráveis passagens sub-reptícias de um campo de pertinência a outro, de uma acepção a outra”. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 75-76)

Passaremos agora à segunda característica da fórmula, sua dimensão discursiva.

O caráter discursivo da fórmula

A noção de fórmula não é uma noção linguística, ou seja, não se pode atestar a existência de uma fórmula apenas analisando sua materialidade linguística relativamente estável, localizável na cadeia do enunciado. Isso significa dizer que são os usos que tornam uma fórmula, fórmula. Ela é constituída no interior dos discursos e agindo nas mais variadas esferas discursivas, de forma que nenhuma forma linguística está *a priori* apta a se tornar uma fórmula, e nenhuma dessas formas está inteiramente excluída dessa possibilidade, visto que são os *usos* que conferem a uma sequência verbal a possibilidade de se tornar uma fórmula, e não alguma característica “pré-programada”. Assim também Krieg-Planque afirma que não encontramos fórmulas nos dicionários, apesar de iniciarmos a investigação na análise lexical.

Em certo momento do debate público, uma sequência verbal, ou um sintagma, é “posto no centro do universo discursivo e entra numa fase polêmica” (KRIEG-PLANQUE 2010, p. 84), e disso resulta seu caráter discursivo, na sequência, de uma certa utilização, concomitante ou não, ao seu aparecimento na língua. Mas, conforme a autora, “Ela deve, no entanto, reunir duas propriedades constitutivas da fórmula: seu caráter de referente social e seu caráter polêmico” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 90).

O caráter de referente social da fórmula

“Como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento (...) a ‘notoriedade’ do signo é uma

condição necessária para a existência formulaica desse signo” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92). De fato, para uma fórmula existir é preciso que as pessoas falem dela, que seja notado um aumento na frequência desse signo, observado ao longo do tempo num *corpus* estável, mesmo que isso não garanta, por si só, a presença de uma fórmula. Krieg-Planque cita como exemplo a palavra “avalanche”, que tem sua frequência aumentada depois de uma avalanche que deixou onze mortos nos alpes suíços em 1998, e, contudo, por se tratar de um “acontecimento mundano”, por estar desprovido de polissemia e polemicidade, esse signo não foi alçado à condição de fórmula.

A autora chama a atenção ainda para o fato de certas fórmulas, por serem um denominador comum dos discurso, se tornam passagem obrigatória e se impõem com uma função de enquadramento do debate:

Por exemplo, quando dois enunciados de conteúdo semelhante são produzidos por um mesmo locutor e no primeiro ele utiliza a fórmula (o enunciado passa por ela), mas no segundo ele não a utiliza (simplesmente não a menciona), estamos diante de um forte indício do caráter obrigatório da utilização da fórmula no momento em que o primeiro enunciado foi produzido. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 97)

Atrelado ao caráter de referente social, está o caráter polêmico da fórmula, como veremos a seguir.

O caráter polêmico da fórmula

Como dissemos no tópico anterior, uma fórmula é um signo conhecido por todos, e, por partilhar um território comum que ela é também polêmica. Quer dizer, é justamente o caráter de referente social que possibilita que a fórmula seja polêmica. Por ser tomada por diferentes atores em diferentes esferas discursivas que sua caracterização é passível de uma multiplicidade de sentidos, que podem ser descobertos – devem ser investigados – pelo analista na materialidade discursiva. “As questões que as fórmulas carregam são de natureza extremamente variada, assim como são variadas as maneiras

de os locutores responderem a essas questões, de tomarem parte no debate” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101).

Em nosso trabalho, assim como exemplifica Krieg-Planque (2010, p. 105), um termo – em nosso caso, “professor” – “participa de um primeiro tipo de polêmica, que incide sobre a questão da (in)adequação da palavra à coisa que ela designa”. Um segundo tipo de polêmica viria a denunciar os responsáveis por esse processo de nomeação falha. A autora lança mão de exemplos para explicitar essa questão. Para o nosso trabalho, cumpre salientar das reflexões contidas no livro de Krieg-Planque que

A fórmula é portadora de questões sociopolíticas. Entendemos com isso que ela põe em jogo algo de grave. “Grave” não necessariamente num sentido dramático, mas no sentido de que ela põe em jogo a existência das pessoas: a fórmula põe em jogo modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros. Às vezes, a fórmula põe em jogo sua própria vida. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100)

Dessa maneira, nosso trabalho se voltará para as significações envolvendo o signo “professor”, na forma como é tratado pelos interlocutores em situação de interação verbal, a saber, uma entrevista, onde são colocadas opiniões, pontos de vista, paixões, saberes advindos de formações discursivas diversas, que fazem circular e cristalizam o termo “professor” através do tema “o que é ser professor” – pela polêmica que esse termo introduz no seio do debate que tem por referente social um espaço discursivo comum – no contexto de uma comunidade quilombola.

A Fórmula “Professor”: construção de significados

Dizer que “professor” constitui uma fórmula significa dizer, conforme Motta e Salgado (2011, p. 5), que “toda fórmula discursiva

comporta uma densidade histórica que se torna visível na sua circulação, apoiada em pré-construídos e voltada a novas construções.”

A construção de sentidos se dá no interior dos discursos, no jogo de intenções, no dito e não dito, ao afirmar certas posições político-ideológicas – ao invés de outras. Nesse sentido, não basta buscar na materialidade textual elementos apenas linguísticos, aspectos relacionados aos significantes; temos de olhar para o discursivo e as relações de sentidos que esses discursos evocam, pois a construção de significados numa situação de interação verbal é constante e ininterrupta.

Nosso trabalho terá como foco último de análise essas construções. Cremos que as discussões em torno do tema “escola quilombola” geraram muita polêmica no debate entre os interlocutores, cristalizando uma noção do “que é ser professor” também polêmica, aberta, polissêmica, que permite circunscrever os sujeitos da comunidade e sua defesa da identidade da mesma. Porém, apesar da afirmação de que a comunidade tem educação diversificada, o que veremos é que há uma contradição, uma vez que, questionados sobre o fazer do professor, constatamos que a definição dada pelos atores envolvidos com a educação quilombola é de utilização de programa da educação regular.

Análise

Nosso estudo se concentra num subtema extraído a partir da análise do *corpus*, visto que o grande tema do debate é a constituição da escola quilombola. Contudo, a construção de sentidos que se inicia com a noção do que é ser professor de escola quilombola, dá conta de elevar o signo professor à condição de fórmula, conforme os pressupostos teóricos abordados por Alice Krieg-Planque.

Verificamos, primeiramente, através de contagem minuciosa, o aparecimento do signo professor e suas variantes 65 vezes no *corpus*. Pedagoga e suas variantes – usado com sentido de professor – aparece 13 vezes. Dessas 65 aparições, 25 são menções em contexto

de relato de experiências ou para se referir a alguns dos interlocutores representantes da Universidade; e as outras 40 referem-se propriamente à construção de sentido sobre o que é ser professor. As 13 menções da palavra pedagoga e suas variações também entram nessa categoria. Com formações discursivas diferenciadas – pedagoga, linguista, remanescente de quilombo etc. –, os interlocutores constroem o sentido de ser professor baseados na ideia de escola quilombola, que é o grande tema do debate, e que também vai sendo construída no decorrer do tempo.

O quadro abaixo apresenta uma síntese das fórmulas encontradas no *corpus* em estudo e que nos serviram de análise:

"professores que trabalham na nossa comunidade"
"professores que são de origem"
"outros professores são professores da Rede"
"a contratação dos professores funciona com carta de anuência..."
"dando o aval do professor trabalhar aqui"
"professor que está aí desde o início"
"professores que se adaptaram"
"que vestiram a camisa"
"professores que vinham pra cá"
"adaptação dos professores"
"esses professores"
"se eu sou professor existe um currículo nacional"
"professores na tentativa de acertar"
"aquela questão professor"
"talvez os professores quisessem trazer"
"a escola não tem professores só quilombola"
"os professores são da rede"



"Vestir a camisa" + "se adaptar"

Em suma, todas as fórmulas destacadas nesse trabalho, fazem uma reiteração do sentido contido na metáfora “vestir a camisa”, em sua forma simplificada “se adaptar”. Ou seja, todo o debate gira em torno da polêmica onde o sentido de ser professor é constituído através de uma fórmula que é retomada em metáforas e paráfrases mais ou menos estáveis.

Atestamos que a fórmula existe e se realiza nos discursos, e seu caráter formulaico pode ser apreendido através de reformulações que fazem circular e cristalizar os sentidos de ser professor no debate.

Considerações

O nosso questionamento nesta pesquisa foi “como se constitui o professor na escola quilombola (?)”, e, para respondê-lo, coletamos três excertos que apresentaram o professor se constituindo como um agente perpetuador da cultura, sem a preocupação curricular, visto que o currículo é o mesmo da escola regular.

Contudo, solicita-se desse professor que tenha habilidades em lidar com o patrimônio imaterial da cultura afro, deixando preconceitos de lado. Cabe a ele o papel de valorização dessa cultura, lidar com um ambiente de pobreza material que condiciona a comunidade, despir-se da visão ocidentalizada de mundo, onde a cultura do homem branco se sobrepõe às culturas afro.

A noção de fórmula proposta por Krieg-Planque ajudou-nos a compreender as práticas discursivas dos entrevistadores e entrevistados no grupo de estudos sobre o trabalho. Vimos como o signo professor se torna uma fórmula no discurso dos interlocutores, através de processos de retomada do sentido, paráfrases e da metáfora “vestir a camisa”.

Os sentidos construídos nos permitiram verificar que a nossa hipótese inicial não se confirmou. No decorrer da análise, vimos que o currículo utilizado na escola quilombola é o mesmo da escola regular, apenas com inclusão de aspectos culturais, de forma a valorizar a figura do afrodescendente na realidade local, por meio de oficinas de artesanato, danças e palestras voluntárias.

Assim, percebemos que a identidade do professor que deve atuar na escola quilombola está ligada muito mais a fatores psicológicos, de ordem subjetiva, ou seja, não qualificáveis, como “vestir a camisa” e “se adaptar” à escola. Não há em nenhum momento uma explicação de como deve se dar essa adaptação, essa entrega do professor aos ideais da comunidade.

Portanto, fica o professor limitado a um currículo que conhece, mas não pode utilizar de forma explícita, mascarando sua atuação por meio de oficinas que não dão conta de promover uma educação diferenciada conforme previsto na Resolução nº 4/2010 do CNE.

Referências

- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. São Paulo: Unicamp, 1997.
- BRASIL. **Constituição Federal** da República Federativa do Brasil. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 1988. Brasília – DF
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros e Gesuína Domenica Ferretti. São Paulo: Cultrix, 2004.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa 2009**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986p.
- KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.
- KRIEG-PLANQUE, A. “Fórmulas” e “lugares discursivos”: propostas para a análise do discurso político. Entrevista com Alice Krieg-Planque, par Philippe Schepens. **Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem** – Linguagem, São Carlos. Tradução de Sírio Possenti e Luciana Salazar Salgado. UFSCar, 6 ed., mar. 2009.
- LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. São Paulo: Ática, 2002.
- MELLO, C. A. B. **Conteúdo jurídico do princípio da igualdade**: fatores de diferenciação elencados pela lei. São Paulo: Malheiros, 2002.
- MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, E. P. **Curso de processo penal**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

SILVA, T.D. **Texto para discussão**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

WALTER, V, P. **Metodologia do trabalho científico**: normas técnicas para redação de trabalho científico. Curitiba: Juruá, 2011.

A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES MODOS SEMIÓTICOS METAFUNCIONAIS DA MULHER NEGRA NA MÍDIA INSTAGRAM

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Vera Lúcia Viana de Paes

Maria Ieda Almeida Muniz

Introdução

O desenvolvimento das mídias digitais e as novas tecnologias da informação e comunicação aumentaram exponencialmente as interações comunicativas e multiplicaram os recursos tecnológicos disponíveis para circular os gêneros ou discursos. Essa evolução digital é acompanhada pela tecnologização do discurso em que “[...] as sociedades modernas são caracterizadas por uma tendência relacionada ao controle sobre partes cada vez maiores da vida das pessoas”, como uma espécie de “colonização” pela economia (FAIRCLOUGH, 2001 p. 264).

Nesse sentido, as tecnologias estão a serviço do “biopoder” moderno, e a publicidade é utilizada como tecnologia do discurso, especialmente planejada para produzir efeitos particulares sobre consumidores não treinados para perceberem a construção de representações e normas imputadas a eles.

Consoante Magalhães (2005), o gênero discursivo publicitário rearticula as práticas sociais por meio da manipulação ideológica para criar novos mercados, referindo-se ao potencial de mudança articulatória da pós-modernidade dominado pelas organizações da mídia global. Na prática social da mídia digital, conforme postula Fairclough (2001), há uma ligação íntima entre o conhecimento, a linguagem, o discurso e o poder, de forma que os efeitos do discurso são planejados em detalhes pelas escolhas linguísticas como, por exemplo, o vocabulário, a gramática, entre outros.

Além do conhecimento sobre a linguagem e o discurso, aqueles que detêm a tecnologia discursiva possuem conhecimentos semióticos, psicológicos e sociológicos. Nesse viés, “[...] os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Essas construções acontecem por meio dos gêneros predominantemente multimodais que circulam nas esferas sociais, constituídos por um conjunto de recursos semióticos ideologicamente escolhidos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Dessa forma, eles são dotados de linguagem proveniente de diferentes fontes semióticas. Nessa perspectiva, este trabalho leva em consideração o caráter ativo dos discursos que mascaram realidades, no sentido de que o uso direcionado da linguagem constrói a vida cotidiana e de que não existe olhar neutro, para analisar a encenação das significações verbo-visuais e discursivas de um anúncio publicitário na mídia digital Instagram.

Para a investigação das semioses do sistema verbal, selecionamos para esta pesquisa, de cunho metodológico qualitativo-interpretativo, o aparato teórico da Linguística Sistemico-funcional (LSF), sob categorias analíticas da Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 2004[1985]). Contamos com o aparato metodológico da abordagem multimodal do discurso (KRESS; VAN LEEUWEN), subsidiada por ferramentas que analisam as representações semióticas, culturais e ideológicas das imagens, por meio da Gramática do *Design Visual* (GDV), como também da Análise de Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2003[2001]) para interpretação dos discursos. Ainda nos pautamos nos subsídios teóricos de Marcuschi (2008), no sentido de que ele corrobora a visão de

todos os teóricos acima mencionados com relação ao papel do gênero como ação nos contextos de interação social, situado na linguística enunciativa. Sob a égide desses autores, esta pesquisa é articulada em torno das metafunções *ideacional* e *interpessoal* da linguagem, estruturadas por Halliday (2004) para o estudo semiótico do sistema verbal, sendo renomeadas, posteriormente, como *representacionais* e *interativas* na análise de imagens por Kress e van Leeuwen (2006[2001]), bem como por Fairclough (2001) na análise de discurso crítica, como *significado representacional* e *identificacional*.

Isso posto, objetivamos, especificamente, neste artigo, desarticular e analisar as significações semióticas presentes nas enunciações adotadas pelo produtor publicitário por intermédio de *processos*, *participantes* e *circunstâncias* da *metafunção ideacional* da linguagem (HALLIDAY, 2004[1985]); analisar a estrutura e o sistema retórico dos elementos dispostos como evento interativo e funcional no sistema *modo* e *modalidade* da *metafunção interpessoal* (HALLIDAY 2004[1985]); revelar simbologias articuladas no anúncio por meio da *metafunção representacional*, bem como outras estratégias interpessoais da *metafunção interativa* da GDV; descortinar a articulação de diferentes discursos por meio de processos de *interdiscursividade* contidos no anúncio pelo significado *representacional* da linguagem, bem como a formação do *ethos* (identidade no discurso) por meio do significado *Identificacional* da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003[2001]).

Cada uma das teorias sobreditas decifra semioses por meio de ferramentas próprias e que se complementam. Por essa razão, esta pesquisa justifica-se porque essa interconexão propicia uma leitura ampla e crítica dos artífices do gênero publicitário digital. Em meio a essa variedade multissemiótica, pressupomos que a estratégia publicitária trabalha com mecanismos mentais inconscientes do consumidor, no sentido de criar semioses que atuem no sistema emocional, resolvendo um problema ou despertando um prazer, por meio da marca ou produto. Dessa forma, a simbologia (*status*, poder, amor...) emanada do produto/marca é representada como uma solução que eles pagarão o preço, pois as pessoas não compram produtos, mas as experiências que eles proporcionam (conquista, progresso, eficiência...)

Este artigo divide-se em três seções, além dessa introdução. A seção seguinte aborda o arcabouço teórico com as respectivas categorias de análise referentes às metafunções ideacional e interpessoal no sistema verbal, renomeadas no sistema visual e discursivo. A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos aplicados na análise do *corpus* adotado. A terceira seção apresenta a análise e discussão dos dados obtidos, com a aplicação prática das ferramentas teóricas de base sistêmico-funcional, desenvolvidas por Halliday, bem como por Kress e van Leeuwen na aplicação à análise de imagens e Fairclough (2001) nos aspectos do discurso. Por fim, a última seção apresenta as conclusões.

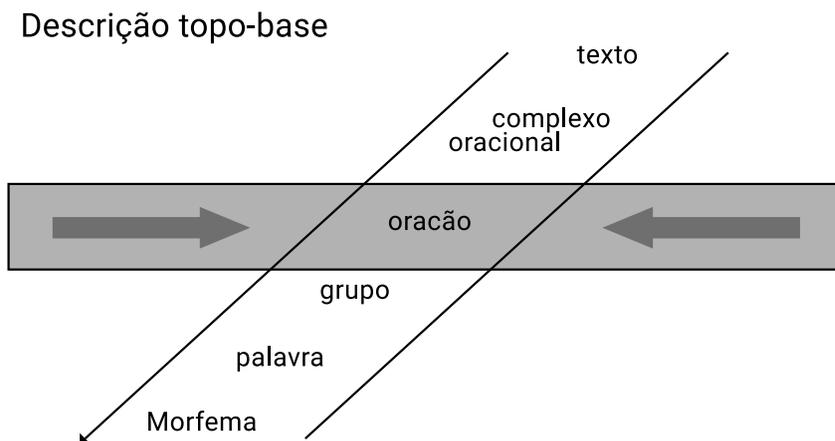
Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

A teoria funcionalista, de Halliday, é uma teoria social de funcionamento da linguagem conhecida como linguística sistêmica e espelha-se no princípio da língua enquanto escolha na interação social entre os falantes (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007). Esse modelo de descrições funcionais da língua foi adotado para os estudos de letramento visual de Kress e van Leeuwen (2006), bem como para a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). O termo funcional diz respeito ao uso da linguagem como um sistema de comunicação interativa em contextos sociais, por meio das metafunções da linguagem. Por sua vez, o termo sistêmico refere-se às redes de sistema da linguagem, como o sistema de transitividade e modo, os quais serão explicados adiante.

Por intermédio das metafunções, a LSF analisa a estrutura gramatical, de modo que toda a situação comunicativa é incluída na análise, como o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo (NEVES, 2001). Dessa maneira, as metafunções se materializam em componentes gramaticais que “[...] conjugam redes de sistemas de escolhas de caracterização semântica” (GOUVEIA, 2009). Nessa medida, a LSF faz correlações entre estrutura e função no contexto global do discurso, adotando uma posição moderada entre forma e

função, o que corrobora Marcuschi (2008, p. 22), ao considerar que “[...] a linguagem não é estrutura apenas, mas não é também um simples fruto de determinismos externos”, ratificando a necessidade de equacionar estrutura e atividade, pois o uso significativo da língua somente acontece nas inter-relações pessoais e sociais contextualizadas mediante uso de recursos léxico-gramaticais.

Nessa perspectiva, Halliday (2004), por meio da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), classifica a estrutura da linguagem como *contexto linguístico*, o qual abrange o *sistema de conteúdo* – em que a semântica é realizada por intermédio da lexicogramática, ou seja, é o sistema de significados realizado em orações –, e o *sistema de expressão* que compreende o sistema de sons, gestos e escrita (fonologia, grafologia). Destarte, o sistema linguístico é organizado por meio de estratos da linguagem a partir do texto (topo), no qual os significados são descritos e analisados, precisamente por meio da oração, até a unidade mínima que é o morfema. Isso se justifica porque, para Halliday (2004), o sistema processa-se acima e abaixo da oração, conforme figura que se segue:



Fonte: Gouveia (2009) <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795/19916> .

Nos fundamentos de Halliday (2004), quando falamos ou escrevemos estamos produzindo textos. Para ele, texto “[...] é linguagem funcionando em contexto”¹. Nesse sistema, “[...] a oração é a unidade central de processamento da lexicogramática, de modo específico, é na oração que significados de diferentes tipos são mapeados numa estrutura gramatical integrada”² (HALLIDAY, 2004, p.10). Assim, consoante Halliday (2004), os principais sistemas da oração são transitividade, modo e tema, os quais mapeiam significados ideacionais, interpessoais e textuais de forma simultânea. Neste artigo, abordamos apenas o sistema de transitividade e modo, tratados na descrição das metafunções adiante. Essa investigação da oração afasta-se da estrutura formal para considerar a gramática como um sistema semântico, um recurso de produção de significados, cujas descrições gramaticais das categorias fazem referência ao que elas significam³. Dessa forma, Halliday (2004) considera essa perspectiva essencial para que a análise seja um modo perspicaz para entrar no estudo do discurso.

Se a forma influencia no significado (estrutura-sistema linguístico), as funções ditam as formas (contexto extralinguístico). Por essa razão, o contexto extralinguístico é primordial para Halliday (2004), considerando a concepção da gramática de uma língua “[...] como sistemas de opções, entre os quais os falantes fazem seleções segundo as circunstâncias sociais, assumindo que opções formais têm significados contrastantes e que as escolhas de formas são sempre significativas”.

Assim sendo, o contexto *extralinguístico* compreende o *contexto de cultura* e o *contexto de situação*, em que o segundo está contido no primeiro, ou seja, em todo contexto de situação ocorre o contexto mais amplo de cultura, o qual é a soma de todas as significações possíveis em determinada cultura. Esses contextos são bastante relevantes para configurar recursos linguísticos, pois interferem nos discursos como

1 No original: “[...] we can characterize text as language functioning in context. [...] so text is a process of making meaning in context (HALLIDAY, 2004, p. 3)”.

2 No original: The clause is the central processing unit in the lexicogrammar – in the specific sense that it is in the clause that meanings of different kinds are mapped into an integrated grammatical structure [...] the principal systems of the clause: theme, mood and transitivity (HALLIDAY, 2004, p. 10)”.

3 No original: “The perspective moves away from structure to consideration of grammar as system, enabling us to show the grammar as a meaning-making resource and to describe grammatical categories by reference to what they mean (HALLIDAY, 2004, p. 10)”.

práticas sociais convencionadas por meio dos gêneros, pois, conforme Marcuschi (2008), “[...] toda manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero”. Há domínios discursivos estabelecidos nas práticas sociais, como, por exemplo, o discurso publicitário, que se manifestam em vários gêneros como “[...] rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Por conseguinte, a análise linguística de qualquer gênero deve considerar esses contextos.

Na instância contextual, consoante Furtado da Cunha e Souza (2007), o *contexto de situação* dá substância às palavras e aos padrões gramaticais utilizados pelos falantes ou escritores para construir diferentes gêneros, bem como substancia a identificação por seus ouvintes ou leitores.

Consoante Halliday (2004[1985]), na esfera social, há uma forma de atuação no *contexto de situação*, a qual pode ser caracterizada em termos de *campo*, *relação* e *modo*. O *campo* refere-se ao que acontece em uma situação, à natureza da atividade social e semiótica, à área de experiência dessa atividade, relacionada ao assunto, à situação, ao evento, revelando em que os participantes estão envolvidos, representados e constituídos como sujeitos. A *relação* diz respeito àqueles que fazem parte de uma situação: não só papéis desempenhados por eles (discursivos ou sociais), por exemplo, papéis institucionais, de poder, de contatos (familiaridade, variando em maior ou menor grau de proximidade), como também valores que os participantes constroem na área (social, educacional, jurídica, religiosa). Já o *modo* refere-se ao papel que está sendo desempenhado pela linguagem e pelos outros sistemas semióticos na situação, como, por exemplo, a escolha da produção textual pode ser retórica, persuasiva, exortatória, polêmica; com turno dialógico ou monológico; na mídia escrita ou falada.

Essas três variáveis do *contexto de situação* são, para Halliday (2004[1985]), *variáveis de registro*, as quais descrevem as dimensões desse contexto com impactos significativos no uso da linguagem. Elas, assim como os gêneros, são planos de realização dos textos, ressoando nas metafunções da linguagem (ideacional, interpessoal e textual), materializadas em orações.

Metafunção ideacional

Retomando a variável *campo*, para Halliday (2004[1985]), essa variável ressoa na *metafunção ideacional*, construindo o significado de nossas experiências de mundo no mundo interior (psicológico) e exterior (social), pelo *sistema de transitividade* – uma unidade estrutural que serve para expressar significados ideacionais ou cognitivos por meio dos papéis de transitividade da oração: *processos*, *participantes* e *circunstâncias*. Assim, na oração como representação, analisa-se, respectivamente, *quem faz o quê*, *a quem* e *em que circunstâncias*.

Por essa via, *participantes* são pessoas ou coisas envolvidas em um evento, enquanto os *processos* são as ações envolvidas nas sentenças (verbos). Já as *circunstâncias* se referem a quem, onde, quando, como e por que o processo ocorreu. Nesse sistema, atuam seis processos (verbos), os quais se associam a participantes e circunstâncias para construir uma experiência em dado contexto (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007): *processos materiais*, *mentais* e *relacionais* (principais), e os processos *verbais*, *comportamentais* e *existenciais* (secundários).

Os processos *materiais* são representações concretas do mundo material, as quais podem ser comprovadas ou vistas, realizadas por verbos de ação, por intermédio de um participante denominado *Ator*, que faz algo a outro participante denominado *Meta*.

Por sua vez, os processos *mentais* se relacionam com crenças, valores e desejos humanos, entre os quais estão os processos de sentir e de perceber, de afeição (gostar, odiar, agradar etc.) e de cognição (pensar, compreender, imaginar, entre outros). Conforme Furtado da Cunha e Souza (2007), não se trata de ações, mas de reações mentais, pensamentos, sentimentos e percepções. Nesse processo, o participante que experimenta essas ações mencionadas é o *Experienciador*, enquanto o que é percebido, sentido ou compreendido é o *Fenômeno*.

Já os processos *relacionais* configuram a noção de ser ou de estar, identificam ou classificam uma identidade, ou seja, conectam verbos a elementos que caracterizam ou identificam o participante na sentença. Os processos relacionais podem ser atributivos (em que

o participante chamado de *Atributo* é uma qualidade que se dá ao participante classificado como *Portador*) ou *Identificativos* (em que há definição ou identificação de uma entidade através de outra, com um participante *Característica* (a entidade definida) e um participante *Valor*, que é o termo definidor ou identificador).

Diferente desses processos principais, existem os *comportamentais*, *existenciais* e *verbais* tidos como secundários e intermediários. Os processos verbais relacionam-se ao *dizer* e ao *comunicar* e incluem não apenas verbos como pedir, dizer, mandar, perguntar, afirmar, como também processos semióticos como *mostrar* ou *indicar*. Nesse processo, o participante que faz a comunicação é o *Dizente*, enquanto o participante para o qual o processo se dirige é chamado *Verbiagem*. Os processos *existenciais* representam algo que existe ou acontece, tendo apenas um participante classificado como *Existente* e se realizam por intermédio dos verbos haver e existir. Por fim, os processos *comportamentais* estão relacionados com o processo humano fisiológico: dormir, conversar, focar, ouvir e assistir, para citar apenas alguns.

Todos os processos, os quais relacionamos acima, geralmente, no sistema de transitividade, vêm acompanhados por *circunstâncias* variadas. Essas circunstâncias, nos termos de Furtado da Cunha e Souza (2007), materializam-se em termos gramaticais por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais. Assim, o que conhecemos como advérbios e locuções adverbiais da gramática tradicional assume um viés semiótico na oração, marcando significações da língua em uso em cenas enunciativas situadas.

Metafunção Interpessoal

Além de a linguagem figurar como *representação*, constitui, também, uma *interação* no chamado *sistema de MODO* da metafunção *interpessoal*, em que a *variável de registro (relação)* ocorre em determinado *contexto de situação*. Assim, o falante adota um papel particular estabelecendo, assim, um papel complementar para o interlocutor.

Halliday (2004[1985]) aponta papéis fundamentais na interação: (i) dar/oferecer; (ii) solicitar/demandar, por exemplo, quando o falante dá uma informação para o ouvinte, está solicitando uma resposta, é uma relação dialógica. Além disso, ele faz outra distinção fundamental das trocas nas interações discursivas: troca de bens e serviços; e de informações.

Ressaltamos que esses papéis encenados são classificados de acordo com a natureza da troca. A partir disso, Halliday (2004[1985]) pontua quatro tipos básicos de funções discursivas: *oferecer*, *comandar*, *declarar* e *perguntar*. Se a troca refere-se a produtos e serviços, o interlocutor pode aceitar ou rejeitar o comando ou oferta, obedecer ao comando ou à oferta, que acontece por meio de uma *proposta*. Já a troca de informações exige um papel do interlocutor: afirmar, negar, fornecer uma informação, o que ocorre por intermédio de uma *proposição*. Nessa medida, a função semântica de uma oração na troca de informação é uma proposição, ao passo que a função semântica de uma oração na troca de bens e serviços é uma proposição.⁴

Tabela 1 – Oferecer/demandar bens e serviços ou informações

	Tipos de troca	
Papéis na interação	(a) Bens e serviços (proposta)	(b) informação (proposição)
(i) dar/oferecer.	Oferta: Que tal fazer menos planos e mais amor? Chegou Floratta Buquê de flores.	Declaração/afirmação: Pele impecável se faz com base líquida e atitude de ser quem eu sou.
(ii) solicitar/demandar	Comando: Acredite na beleza. Complete a frase e conte pra gente o que acontece quando você usa o seu perfume predileto.	Pergunta/questionamento: Quem aqui já conhece e concorda?

Fonte: Halliday (2004, p.136), com adaptações e com anúncios de o Boticário no Instagram.

4 No original: "The semantic function of a clause in the exchange of information is a proposition; the semantic function of a clause in the exchange of goods & services is a proposal (HALLIDAY, 2004, p. 140".

O Elemento Modo

Ao observarmos declarações/afirmações e perguntas/questionamentos e as várias respostas que são dadas naturalmente, podemos perceber, consoante Halliday (2004), que a troca comunicativa se expressa por meio de um tipo particular de variação gramatical, que se estende em uma parte da oração, de modo a não afetar o restante. Por exemplo, em uma declaração como “Pele impecável se faz com base líquida e atitude de ser quem eu sou”, o interlocutor, ao arguir de forma positiva ou negativa, sempre mencionará o sujeito e o verbo para opinar: sim, pele impecável [sujeito] se faz [verbo]..., não, pele impecável [sujeito] não se faz [verbo]... Assim, esse componente da oração que se repete é denominado por Halliday (2004) elemento *Modo*, que se constitui de duas partes: o *Sujeito* que é um grupo nominal, e o operador *Finito* que é parte de um grupo verbal⁵. Nesse sistema, o sujeito é reinterpretado em termos funcionais, não se estabelecendo como uma categoria puramente formal.

Quanto ao elemento finito são operadores verbais que expressam tempo (passado, presente) ou modalidade (pode, deve). Contudo, observa Halliday, “[...]em algumas instâncias, o elemento finito e o verbo lexical se fundem numa só palavra”⁶. Isso ocorre em alguns casos em que o verbo não apresenta um auxiliar, como o verbo *give* (dar), que é expresso como *gave* no tempo passado, em vez de *did give*, com o auxiliar *did*. Os auxiliares são importantes na língua inglesa para marcar os tempos verbais das orações.

No caso da língua portuguesa, os verbos, em geral, aparecem já fundidos com os sufixos modo temporais. No exemplo dado: pele impecável se faz [...], o verbo *fazer* é o elemento *Finito*, no tempo presente do Indicativo, dando referência ao tempo de fala da proposição no contexto. Vejamos um período oracional, contido no anúncio de o Boticário, analisado nesta pesquisa: “Acredite na beleza, em você

5 No original: “It is called Mood element, and it consists of two parts: (1) the subject, which is a nominal group, and (2) the Finite operator, which is part of a verbal group (HALLIDAY, 2004, p.140)”.

6 No original: “Note, however, that in some instances, the Finite element and the lexical verb are fused into a single word (HALLIDAY, 2004, p.140)”.

e no que você *pode atingir*". Nessa estrutura, o auxiliar **pode** será o elemento *Finito* (expressando *modalidade*) e *atingir* será o *Predicador*, como veremos. O *Finito* quando expressa *modalidade* faz referência ao juízo do falante. Em síntese, o *modo*, composto por *Sujeito+Finito* é o componente da oração que propõe a continuidade do debate em torno de um tema na interação social.

Além da estrutura de *modo*, Halliday (2004) apresenta a estrutura do *Resíduo*, ou seja, o restante da oração não afetado pelo sistema de modo. Assim, o *Resíduo* compõe-se de elementos funcionais, a saber: *Predicador*, *Complemento* e *Adjuntos*. O *Predicador* é realizado por um grupo verbal menos o operador verbal *Finito* do elemento *modo*. O *Predicador*, conforme postula Halliday (2004), indica um tempo secundário que não corresponde ao tempo do evento de fala (tempo primário), corresponde a passado, presente ou futuro relativo ao tempo primário. Além disso, especifica a voz ativa ou passiva. Exemplo:

Ele	vem	Tentando	ser ouvido
Sujeito	Finito Tempo primário	Predicador Tempo secundário	voz passiva
Modo		Resíduo	

Fonte: Halliday (2004)

O *complemento* é um elemento dentro do resíduo que tem o potencial para ser sujeito, mas não é realizado por um grupo nominal. Para Halliday (2004), qualquer grupo nominal que não funcione como sujeito será um complemento, com exceção de certos *Adjuntos* circunstanciais. Quanto aos *Adjuntos* são elementos que não têm o potencial de ser sujeito, e são tipicamente realizados por um grupo adverbial ou frase preposicional.

Na seção seguinte, tratamos de alguns conceitos preliminares da abordagem multimodal e apresentamos ferramentas de análise de imagens da GDV.

Abordagem multimodal e Gramática Sistêmico Funcional (GSF)

A abordagem multimodal, preconizada por Kress e van Leeuwen (2001), preocupa-se em retratar como a comunicação contemporânea veicula gêneros multimodais nas diversas mídias, operando em sistemas semióticos diversos e integrados. Nesse contexto, a questão do significado na multimodalidade é vista de forma diferenciada da linguística tradicional, que define a linguagem como a articulação entre forma e significado.

Na concepção multimodal, “[...] os recursos disponíveis em uma cultura geram significados em todos os sinais e níveis e em qualquer modo, ou seja, em múltiplas articulações”⁷, de forma que um discurso pode ser propagado de múltiplos modos e efeitos tecnológicos. Nesse aspecto, a multimodalidade é a designação que define como diferentes modos semióticos se combinam na construção de um texto (VIEIRA; SILVESTRE, 2015).

Nessa perspectiva, os *discursos* são conhecimentos socialmente construídos sobre algum aspecto da realidade, desenvolvidos em um contexto social específico, de maneiras apropriadas aos interesses dos atores sociais desses contextos”⁸. Kress e van Leeuwen (2001) postulam que todo discurso carrega uma versão do que realmente aconteceu, dependendo de quem são as pessoas envolvidas, do que elas fazem, do conjunto de interpretação e julgamento delas, da decisão de criticar ou justificar com argumentos etc., podendo apresentar versões que incluem ou excluem participantes e eventos.

Na esteira de Kress e van Leeuwen (2001), a comunicação contemporânea adotou novos recursos semióticos na composição de gêneros/textos que permeiam as diversas esferas sociais, configurando-os como textos multimodais – típicos na apresentação das páginas das mídias digitais: *layout* com participantes heterogêneos (verbais

7 No original: “We see multimodal resources which are available in a culture used to make meanings in any and every sign, at every level, and in any mode” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 4).

8 “Discourses are socially constructed Knowledges of (some aspect of) reality. By “socially constructed” we mean that they have been developed in specific social contexts, and in ways which are appropriate to the interests of social actors in these contexts” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 4).

e visuais) em que até mesmo aspectos verbais são unidos por meios semióticos, numa estrutura semântica coerente e sempre visual.

Assinalamos que o termo semiótico provém da Semiótica Social e abarca “[...] significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade em todos os períodos da história” (PIMENTA; NATIVIDADE, 2009).

Tributários de Halliday (2004) que adota o sistema de escolhas paradigmáticas feitas pelos falantes, Kress e van Leeuwen (2001) também consideram que os atores sociais escolhem o signo linguístico e os meios de representação e comunicação, baseados em um interesse prévio, que pode ser ideológico ou de poder. Esses princípios semióticos de escolha, de contexto e de funções são fundamentados em estudos de Halliday (2004[1985]), que considerou a linguagem sob o prisma social e semiótico, originando a GSF, conforme vimos anteriormente. Ao estudarem os recursos semióticos visuais, Kress e van Leewen (2006[1996]) propuseram a GDV):

Assim como a gramática da língua descreve como palavras se combinam em frases, sentenças e textos, nossa “gramática” visual irá descrever a maneira pela qual os elementos retratados – pessoas, lugares e coisas – se combinam em “declarações” visuais de maior ou menor complexidade e extensão⁹. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2)

Nela, Kress e van Leeuwen (2006) pontuam que as imagens visuais podem ser lidas como textos. De forma semelhante ao que acontece na linguagem verbal, as imagens representam experiências do mundo interior e exterior, expressam interações sociais e comunicam posições ideológicas em estruturas visuais. Na esteira desses autores, a produção de uma imagem considera: visão de mundo apresentada, tipo de proximidade entre os representantes da imagem e o leitor, como esses participantes são construídos, gestos, cor, brilho, luminosidade, enquadramento da imagem, posição do olhar, entre outros. Por essa

9 No original: “Just as grammar of language describe how words combine in clauses, sentences and texts, so our visual “grammar” will describe the way in which depicted elements – people, place and things – combine in visual “statements” of greater or lesser complexity and extension (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 2)”.

razão, eles asseguram que “[...] as estruturas visuais não reproduzem simplesmente estruturas da “realidade”, mas imagens da realidade de acordo com interesses de instituições sociais, dentro das quais essas imagens são produzidas, circuladas e lidas”. São, de fato, ideológicas e não meramente formais, possuem uma dimensão semântica importantíssima, visto que há conceitos totalmente abstratos na vida que são tidos como reais.

Assim, as possibilidades de realização por meio dos modos semióticos são determinadas histórica e socialmente e pelas potencialidades e limitações inerentes a um modo semiótico, cuja representação é mediada visualmente por discursos.

Conforme vimos na teoria da GSF, a *metafunção ideacional* representa experiências de mundo, no sistema verbal, através do processo de transitividade. Para Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), a construção dessas experiências, por meio de imagens, são efetivadas através da *metafunção representacional* e seus participantes representados.

Além da metafunção ideacional (HALLIDAY 2004[1996]), discorreremos sobre a metafunção interpessoal de Halliday, da qual Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) se valem nas análises imagéticas, redefinindo-a como *metafunção interacional*.

Metafunção Representacional

Kress e van Leeuwen (2006[1996]) identificam processos que carregam significados *representacionais* nas imagens: *narrativos* e *conceituais*. Os *narrativos* apresentam o desdobramento de ações e eventos, em que os participantes são conectados por vetores, os quais podem ser formados pelos corpos em ação, fazendo alguma coisa em relação ao outro, de modo personalizado e dramatizado, não sendo abordados pela não pertinência a esta análise.

Já as estruturas representacionais *conceituais* categorizam, identificam e dão significações aos participantes, que são apresentados de forma estática, atemporal, visando à formação de um conceito. Assim sendo, é possível identificar um participante representado

em imagens conceituais, seja pessoa, seja coisa, seja lugar, por uma ausência de ação. Dito de outra forma: nada acontece na imagem em termos de representação de uma história. Os participantes dessa estrutura são representados por sua essência de classe, sua estrutura ou seu significado, sendo identificados como processos *classificatórios*, *analíticos* e *simbólicos*.

Neste artigo, nosso foco de análise recai apenas sobre o *processo simbólico*, presente na composição do anúncio em análise. Os processos *simbólicos* exploram um participante representado: o que ele significa ou é, sendo divididos em *atributivos* e *sugestivos*. No processo *simbólico atributivo*, o significado é produzido pelo destaque de um participante representado na imagem em relação a outro, seja por meio do tamanho, da cor, da iluminação, do lugar na composição da imagem, seja por qualquer associação convencional que tenha valores simbólicos em uma cultura particular, direcionando o foco do leitor para isso, por meio de gestos ou linhas direcionadoras.

Já no processo *simbólico sugestivo*, o significado é produzido por apenas um participante representado, sugerindo um símbolo que possui valores culturais, voltados ao senso comum. Esse destaque funciona para associar um participante representado (o Portador), por seu significado e sua identidade com o outro que representa esse significado ou identidade (o Atributo Simbólico). Destacamos que as abordagens conceituais de Kress e van Leeuwen (2006[1996]), nas estruturas visuais, são análogas aos processos relacionais e existenciais da GSF.

Metafunção Interativa

Na *metafunção interativa*, as imagens promovem não só uma interação entre os componentes da própria imagem, como também entre quem a vê e quem a produz, ou seja, os criadores dessa imagem e o público que a observa. Consoante Kress e van Leeuwen (2006[1996]), os produtores da imagem e os que a observam são classificados como *participantes interativos*. Nesse contexto, toda imagem é produzida para fazer circular um discurso, o qual é criado num contexto de produção,

em que o produtor fica ausente do contexto de recepção, no qual o público a que se destina observa tal imagem.

Em vista disso, a relação entre esses dois *participantes interativos* (produtor e observador) realizar-se-á por meio da imagem. Por essa via, o produtor expressa componentes ideológicos e uma intencionalidade prévia sobre o observador/consumidor. Dessa forma, os participantes interativos são reais, e não *representados* nas imagens, como ocorre nas representações narrativas e conceituais. Portanto, há dois tipos de participantes envolvidos em cada ato semiótico – os *participantes interativos* e os *representados* –, os quais constituem o tema da comunicação, ou seja, pessoas, lugares e coisas (incluindo coisas abstratas) representadas na e pela fala, escrita ou imagem, sendo participantes sobre quem ou o que falamos, escrevemos ou produzimos imagens. Kress e van Leeuwen (2006[1996]) pontuam que essas interações ocorrem, por exemplo, por meio do *olhar*, da *distância/afinidade social* e do *ponto de vista/perspectiva*.

As imagens podem apresentar *participantes representados*, dispostos em um tipo de olhar tanto para o observador (*participante interativo*) quanto para outro participante dentro da imagem. Nesse caso, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) ponderam que o participante representado seja humano; se for objeto, que tenha características humanas. Assim como na proposição verbal, na proposição visual – em que uma imagem oferta ou demanda alguma coisa –, um ator social pode aceitar ou rejeitar uma oferta ou um comando. Essas interações são chamadas *atos de imagem* (KRESS; VAN LEEWEN, 2006[1996]) e podem estabelecer um *olhar de oferta* ou de *demanda*, que marca maior ou menor interação com o leitor.

Em uma imagem com *olhar de demanda*, endossando as ideias de Kress e van Leeuwen (2006[1996]), o participante representado na imagem olha para o participante interativo com um olhar diretivo, sedutor, íntimo, demandando-lhe algo, criando vínculo, intimidade, relação imaginária (com sugestão de afinidade, sedução, dominação, convite), com o propósito de ser desejado, admirado e respeitado. Visualmente, essa configuração aborda o consumidor de forma direta e impactante. Como bem equaciona Kress e van Leeuwen (2006[1996]),

em imagens com esse tipo de olhar, há o envolvimento emocional tácito dos dois participantes no jogo imagético da cena enunciativa.

Em uma imagem com um *olhar de oferta*, na esteira de Kress e van Leeuwen (2006[1996]), o olhar do participante representado, numa *mise en scène*, direciona-se ao participante interativo de forma indireta e impessoal. Nesse tipo de escolha, o participante interativo não é objeto de contemplação, mas sim aquele que olha para o participante representado, como algo a ser contemplado ou admirado enquanto, para o participante representado, o participante interativo assume um papel invisível.

Esses dois autores de que falamos definem que todas as imagens, as quais não contêm participantes representados olhando diretamente para o participante interativo são desse tipo: oferecem *participantes representados* aos interativos como fontes de informação, como se fossem objetos expostos em vitrines e objetos de contemplação. Em resumo: os olhares dos participantes podem ser encenados em diferentes contextos, de forma variada, exigindo, assim, ora algum tipo de resposta social imaginária do participante interativo (*demanda*), ora a percepção de um olhar como objeto de contemplação do participante representado (*oferta*).

A *distância* ou *afinidade social*, para Kress e van Leeuwen (2006[1996]), refere-se ao distanciamento, sendo em forma de *close-up*, *plano médio* e *plano aberto*, traçando na imagem uma relação imaginária de maior ou menor distância social entre o *participante representado* na imagem e o observador, dependendo do enquadramento: quanto menor a distância entre eles, maior o grau de proximidade com esse interlocutor. Dependendo do ângulo em que as pessoas são retratadas nas imagens, elas podem expressar uma relação imaginária de amizade ou estranheza. Por exemplo, as imagens permitem-nos chegar imaginariamente mais perto de figuras públicas como se eles fossem nossos amigos e vizinhos ou podemos olhar para pessoas semelhantes a nós mesmos como estranhos. Por essa razão, as interações sociais são determinadas, literal e figurativamente, pela distância que mantemos uns dos outros, pois carregamos barreiras invisíveis, permitindo a ultrapassagem somente de certas pessoas (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]).

Os autores definem que uma imagem, com enquadramento *close-up* (de perto), mostra cabeça e ombros do participante representado, enquanto uma foto enquadrada em *close-up* extremo (bem de pertinho) mostra bem menos que isso. Na imagem enquadrada no *plano médio*, o participante representado aparece fotografado até o joelho. Já no *plano aberto*, a distância é mais ampla, com o participante sendo representado com o corpo inteiro, incluindo todo o cenário que se encontra a sua volta.

Outrossim, a distância social pode ser aplicada à representação de objetos e do ambiente. Um objeto mostrado a uma *distância próxima* faz com que o observador se sinta engajado com ele, usando o produto ou realizando algo. Se o enquadramento tem uma *distância média*, o objeto é mostrado inteiramente, sem espaço à sua volta, colocando o observador de frente para o que está sendo exibido, sendo o mais comum na publicidade. À *longa distância*, cria-se uma barreira invisível entre o observador e o objeto, colocando-o fora de nosso alcance, como se fosse exibido em uma vitrine, apenas para contemplação.

Além da escolha entre olhar de demanda ou oferta e o tamanho do enquadramento (perto, médio ou amplo), o publicitário deve selecionar o ângulo ou ponto de vista em que a imagem será apresentada. Para Kress e van Leeuwen (2006[1996]), isso implica a possibilidade de expressar atitudes subjetivas para os participantes representados, as quais, frequentemente, são determinadas socialmente, porém codificadas como subjetivas, individuais e únicas. Assim, pontos de vista socialmente determinados podem ser naturalizados. Os autores classificam dois tipos de imagens nas culturas ocidentais: *subjetivas* e *objetivas*.

Em imagens *subjetivas*, o observador pode ver o que há para ser visto somente através de um ponto de vista particular, enquanto as imagens *objetivas* revelam tudo que há para ser decifrado ou o que a imagem julgou ser sobre os participantes representados. Imagens *objetivas* não levam em consideração o observador e tendem a ocorrer em diagramas e mapas técnicos. Em contraposição, o ponto de vista da imagem *subjetiva* foi selecionado para o observador e é imposto não só aos participantes representados, como também ao observador, no sentido de serem sujeitados a algo ou alguém. Assim, a escolha de um ângulo frontal imprime maior envolvimento com o observador,

enquanto um ângulo oblíquo causa um distanciamento, sugere um comportamento. O ângulo na linha dos olhos representa igualdade entre os participantes e não há diferença de poder envolvidas, enquanto um ângulo alto faz o sujeito parecer pequeno e insignificante, pois tende a diminuir o indivíduo, reduzindo-o ao nível do chão. Já um participante representado, colocado em um ângulo baixo, faz o observador parecer imponente e incrível (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]).

Em vista disso, seguindo de perto Kress e van Leewen, 2006[1996], um participante representado pode nos fazer sentir inferiores, superiores ou iguais, dependendo do ângulo que ocupa na imagem. Isso se aplica também a imagens de produtos para publicidade, colocados em ângulo alto para ter poder simbólico sobre nós, ou fotografados abaixo da nossa linha de visão para torná-los acessíveis e nos oferecer poder de compra. Em textos verbais, o poder é demonstrado em frases publicitárias moduladas como: “você precisa”, “você não pode”, em que compreende a falta de reciprocidade. No caso de imagens, o poder de um produtor é transferido para os participantes representados como, por exemplo, a modelo que anuncia um produto.

Análise de Discurso Crítica

Nesta seção, apresentamos um esboço teórico da Análise de Discurso Crítica, recortando categorias analíticas das metafunções ideacional e interpessoal de Halliday (2004[1985], na visão de Fairclough (2003[2001])).

Consoante Magalhães (2005), a análise do discurso é crítica no sentido de seus praticantes agirem sobre o mundo para transformá-lo, contribuindo para a criação de um mundo sem discriminações, sendo, pois, de suma importância na identificação de discursos sociais opressores, no sentido de transformá-los em práticas sociais justas e equilibradas.

Nessa perspectiva, a ADC é uma forma de ciência crítica que foi concebida como ciência social destinada a identificar problemas que as pessoas enfrentam em decorrência de formas particulares da vida social e destinada, igualmente, a desenvolver recursos de que as

peçoas possam se valer a fim de abordar e superar esses problemas (MAGALHÃES, 2005).

Posto isso, a ADC estuda textos e eventos em práticas sociais, apresentando não só teorias sociais e linguísticas (transdisciplinar), como também um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico, teorizando a mediação entre o social e o linguístico e considerando a ordem no discurso e o hibridismo semiótico da estrutura social com seus aspectos de interdiscursividade.

Para Magalhães (2005), trata-se de um teor de reflexão crítica em relação às práticas sociais, e não uma investigação da língua em si, como sistema autônomo. Afinal, textos não são apenas efeitos de estruturas linguísticas e de ordens de discurso, são também efeitos de outras estruturas sociais e de práticas sociais, em todos os seus aspectos, de maneira que se torna difícil separar os fatores que modelam textos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

Por essa via, a ACD considera discurso como prática social e o gênero como maneira convencional de usar a língua como prática social, entendendo-se por prática social “[...] alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados” (FAIRCLOUGH, 2001, p.100). Segundo Fairclough (2001), há uma relação dialética entre prática social e estrutura social, em que a estrutura é tanto condição como efeito da prática social. Por um lado, a estrutura social restringe e molda o discurso pela classe, pelas relações sociais e de negócios, por normas e convenções, entre outros. Por outro lado, como o discurso é socialmente construído, reconhece-se a importância da discussão de Foucault a respeito da formação discursiva de objetos, sujeitos e conceitos, pois o discurso também contribui na constituição das estruturas sociais.

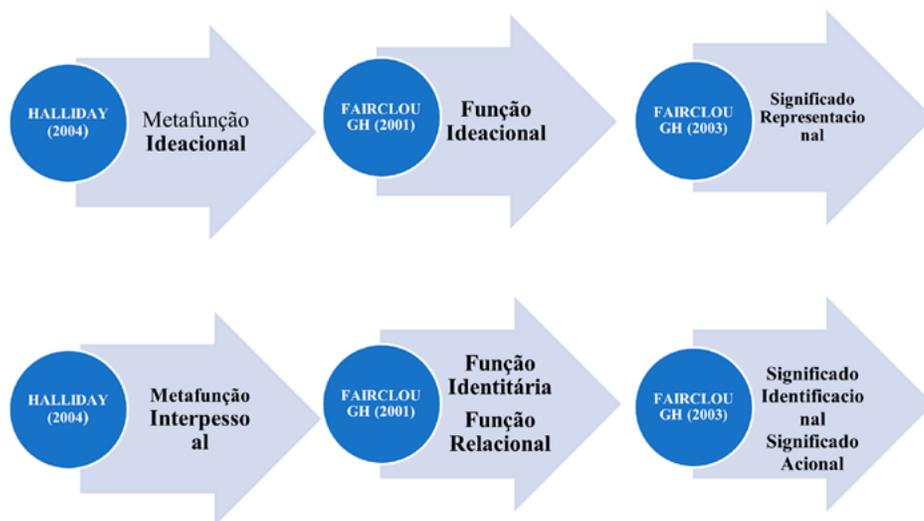
Para Fairclough (2001), o discurso é uma prática tanto de representação como de significação do mundo, que o constitui e o constrói em significado. Sobre esse conceito, apresentam-se ainda três funções que constroem o discurso: “identidades sociais”, “posições de sujeitos” sociais e tipos de “eu”; relações sociais; sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Essas três funções do discurso estabelecidas por Fairclough (2001) correspondem, respectivamente, às metafunções da linguagem

de Halliday (ideacional, interpessoal e textual) e suas funcionalidades. Assim sendo, Fairclough (2001) recontextualizou as funções da linguagem, transformando-as em significados e adicionando a elas as dimensões de sentido que coexistem e interagem no discurso.

Representação das metafunções Ideacional e Interpessoal de Halliday (2004) nos termos de Fairclough (2001) e (2003)

Figura 1: Representação das metafunções de Halliday (2004), reconfiguradas por Fairclough (2001) e (2003)



Fonte: Resende e Ramalho (2014)

O Significado Representacional

O Significado Representacional, no posicionamento de Fairclough (2003), citado por Resende e Ramalho (2014), “[...] é relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo”. Além disso, essas relações dependem dos relacionamentos

com as outras pessoas e dos papéis sociais que elas ocupam, acrescenta as autoras.

Em termos do que significam os significados representacionais no contexto do anúncio publicitário nas mídias digitais, podemos dizer que eles constroem e representam uma empresa/marca por meio de projeções imaginárias com ideologias que influenciam pessoas, simulando, assim, um diálogo com o público, representando padrões, construindo estereótipos e atribuindo poder às marcas de seus produtos.

Contudo, o papel de poder que o gênero publicitário exerce sobre a massa, as identidades dos publicitários/empresas e consumidores e as relações entre eles, o sistema de incentivo ao consumo, entre outros, dependem da consistência dos discursos aceitos e reproduzidos nessas relações. Na acepção de Fairclough (2001), esses discursos estão abertos a transformações dentro das práticas sociais, como, por exemplo, um consumidor que não aceita a ideia de manipulação publicitária que associa a felicidade dele à realização do desejo de se adquirir um produto ou serviço anunciado.

Em consonância com Resende e Ramalho (2014), os discursos representam o mundo concreto e projetam possibilidades diferentes da realidade, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares. Especialmente em anúncios publicitários na mídia digital, o discurso e seus símbolos apresentam alto grau de compartilhamento e repetição nas redes, podendo gerar representações outras numa escala de atuação global. Isso faz com que se estabeleça esse tipo de prática social em inúmeros contextos, consolidando discursos e práticas, pois um discurso repetido influencia inúmeras práticas.

É importante dizer que, na análise do *Significado Representacional do corpus* deste artigo, verificamos as articulações dos diferentes discursos do anúncio pelo processo de *interdiscursividade*, identificando discursos e temas representados, bem como a perspectiva pela qual são representados por meio de traços linguísticos, considerando as estruturas sociais, conforme pontua Fairclough (2003[2001]). Nesse sentido, o processo de interdiscursividade identifica discursos heterogêneos no texto, mapeando quais partes do mundo são representadas, em

relação aos temas desenvolvidos em forma de interdiscurso, bem como a perspectiva pela qual são representados. Assim, para Fairclough (2003[2001]), os traços linguísticos, como o vocabulário, materializados no discurso, podem evidenciar diferentes visões de mundo.

O Significado Identificacional

O *Significado Identificacional* relaciona-se à constituição de identidades e ao conceito de estilo. A identificação é compreendida como um processo dialético em que discursos são “inculcados” em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é (FAIRCLOUGH, 2003). Nessa medida, esse significado relaciona-se à identificação dos atores sociais nos textos e suas construções simbólicas. A título de exemplo, perceber como eles foram classificados no discurso, na medida em que a sociedade produz e utiliza classificações, em consonância com as relações de poder.

Em termos de *Significado Identificacional*, é importante ressaltar o conceito de *Ethos*, que se refere a características no discurso e no comportamento que “levam” a construir uma versão particular do “eu”, conforme Fairclough (2001).

Nas práticas sociais, os principais sentidos constituídos no texto (discurso) apresentam-se de três formas: como *ação*, *representação* e *identificação*. Para Fairclough (2003), apud MAGALHÃES, 2005), a *ação* relaciona-se com os gêneros textuais (formas textuais e sentidos advindos de propósitos das situações sociais), os quais determinam textos falados, escritos e imagéticos, como o gênero publicitário; a *representação* relaciona-se aos discursos; e *identificação* aos estilos. Assim, os gêneros discursivos contribuem para organizar o poder, por intermédio das relações interdiscursivas, ou seja, os gêneros, discursos e estilos podem ser articulados de formas particulares.

Conforme Fairclough (2001), os significados do discurso são analisados dentro da tríade: texto, prática discursiva e social, em que, enquanto a primeira se manifesta na forma linguística como textos, a

segunda (política, ideológica, entre outras) é dimensão do discurso. Na dimensão do texto (escrito ou falado), de um lado, é pertinente considerar, na análise, elementos léxico-discursivos, micro- e macro- não são. Por outro lado, é significativo analisar o sistema de conhecimento, crenças e comportamentos adotados nas práticas sociais. Também, na prática discursiva, consideram-se a produção, distribuição e o consumo dos textos. Para Resende e Ramalho (2014), esse método privilegia a articulação entre práticas sociais na análise em um movimento que parte do discurso para as práticas sociodiscursivas.

Segundo Fairclough (2001), uma prática discursiva constitui-se de maneira convencional ou criativa, contribuindo para a reprodução da sociedade, com conhecimento/crenças e relações sociais, e para a transformação dela, em uma perspectiva dialética: ao produzirem seu mundo, as práticas sociais das pessoas são moldadas, de forma inconsciente, por relações de poder e pela natureza da prática social em que estão inseridas, bem como as práticas dos indivíduos têm resultados e efeitos nas estruturas sociais, mas, geralmente, eles não têm consciência disso.

Metodologia

Constituição do *corpus*

Nosso interesse no gênero publicitário veiculado na mídia digital Instagram deve-se, precipuamente, à sua construção híbrida que nos possibilita examinar construções semióticas do ponto de vista das metafunções da linguagem, mediada pelas três metodologias complementares, retratadas nas teorias esboçadas anteriormente. Por sua vez, a escolha do suporte no meio digital deve-se ao fato de serem não só plataformas de relacionamentos, mas também redes de *marketing* digital, via *internet*, nas quais há flexibilidade de postagens e compartilhamento de informações.

Devido ao caráter imediato e instantâneo do ambiente on-line, as informações chegam às pessoas via computadores, *tablets* e *smarthphones*, estabelecendo uma relação de proximidade e maior

facilidade em influenciar “de perto”, em tempo real, vinte e quatro horas por dia, fato que potencializa os efeitos persuasivos da publicidade, num ambiente virtual em que o interlocutor pode interagir. Nesse ambiente, a ação publicitária adquire ampla abertura para impor discursos e instituir conceitos e comportamentos consumistas que sugerem *status* aos atores sociais diante da grande visibilidade das redes.

Cumpre-nos ressaltar que consideram-se os seguintes critérios na seleção do anúncio de produto de beleza de O Boticário: (i) Orações que materializam processos, participantes e circunstâncias (GSF); (ii) *Design*, cores, enquadramento de imagens, participantes representados em diferentes ângulos e perspectivas (GDV); (iii) Elementos retórico-persuasivos que sugerem a criação de estilos identidades e conceitos perante o consumidor (ADC) e (iv) Discursos heterogêneos, possibilitando a exploração dos recursos de interdiscursividade e/ou intertextualidade e a construção da identidade no discurso (*ethos*), na ADC .

Procedimentos Teórico-metodológicos

Para este artigo, selecionamos o arcabouço teórico da LSF e GSF (HALLIDAY, 2004[1985]), da multimodalidade, em diálogo com a GDV (KRESS, VAN LEEUWEN (2006[1996]), e da ACD, conforme Fairclough (2003[2001]), bem como estudos de gênero e tipos textuais (MARCUSCHI, 2008), em uma análise multidisciplinar.

Os passos metodológicos consistem, inicialmente, de uma abordagem descritiva do uso linguístico no sistema da oração: unidade central de processamento da lexicogramática, considerando-se o contexto de situação e o contexto de cultura como níveis extralinguísticos, posicionados acima da oração, conforme Halliday (2004). Nesse nível, identifica-se o gênero publicitário digital inserido no contexto de cultura com todas as significações semióticas que possam emergir desse sistema de níveis mais elevados e amplos de significados, como, por exemplo, a crença na beleza, por vezes tão ostentada e desejada.

Assim, o gênero publicitário atua para influenciar em tudo que possa (re)significar em termos culturais, de forma pré-determinada. No

entanto, a atuação publicitária na esfera social é realizada dentro de um contexto mais específico: o contexto de situação. Nesse contexto, analisam-se as semioses que ocorrem nas variáveis de registro *campo* e *relação*, ou seja, a natureza da atividade publicitária e os papéis interacionais do produtor publicitário e dos interlocutores das mídias digitais abordadas.

No sistema da oração, com base na GSF, a metodologia de investigação centra-se na análise verbal dos *processos*, *participantes* e *circunstâncias* dos anúncios, através do sistema de transitividade da metafunção ideacional da linguagem. Em seguida, verificam-se como os modos semióticos influenciam as relações no sistema *modo* e *modalidade*, com foco nas relações de troca da oração, como uma mensagem interativa entre produtor e consumidor em que se objetivam proposições ou propostas.

Em seguida, trabalhamos com conceitos advindos da Semiótica Social, base teórica presente tanto na gramática *hallidayana* como na GDV, para análise da semiótica visual dos anúncios e de como essas gramáticas são utilizadas para produzir significados pelos seus produtores. Devido ao caráter ubíquo das imagens e pelos propósitos comunicativos e manipulativos dos produtores, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) sugerem que as pessoas devem ser treinadas para interpretar imagens, pois cada imagem traz inclusão ou exclusão de detalhes, formas, maneiras de execução e ideologias. Assim sendo, a GDV é uma ferramenta prática e crítica para identificar as significações semióticas das imagens, o que é realizado, neste trabalho, por intermédio das metafunções representacionais e interativas, as quais designam ações e construções sociais.

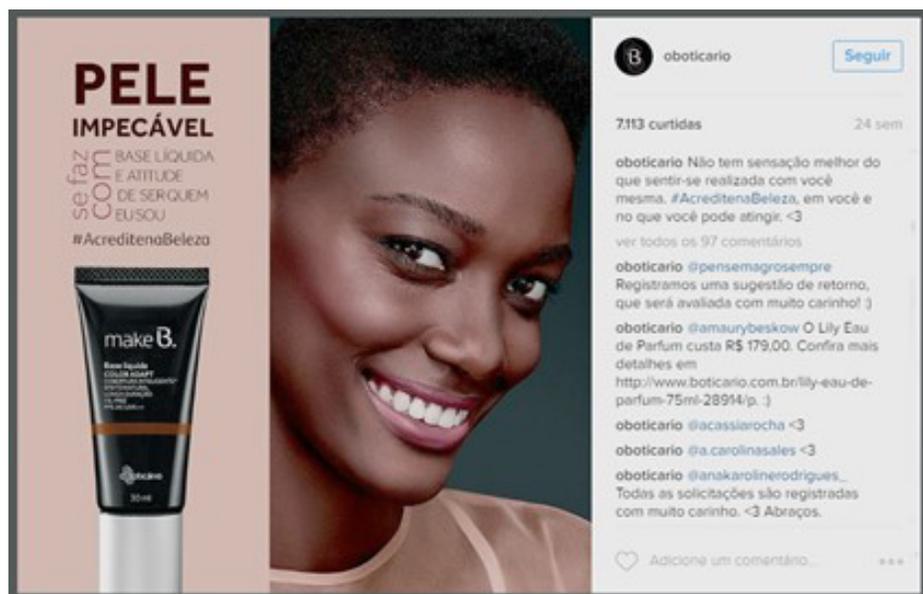
Por último, somam-se a essas duas gramáticas, abordadas com suas categorias de análise, entrecortadas sempre pelas metafunções, a ACD para mostrar como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e exerce efeitos construtivos e influências, perceptíveis ou não por aqueles que participam do discurso, sobre identidades pessoais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001). Mediante as categorias da ADC, expressas por significados *representacionais* (discurso) e *identificacionais* (identidade),

identificam-se o discurso e os temas representados nos anúncios por meio da análise da *interdiscursividade* e do *ethos*, relacionados à prática social de veiculação de anúncios nas mídias digitais ora analisadas.

Nesses termos, respondemos, por meio do gênero publicitário: (i) Como processos, participantes e circunstâncias são escolhidos e articulados para promover significações por intermédio da metafunção ideacional; (ii) Como elementos estruturais e semioses influenciam as relações no sistema de modo e modalidade da metafunção interpessoal; (iii) Como as simbologias são retratadas na metafunção representacional; (iv) Quais estratégias publicitárias são produzidas para seduzir o consumidor por meio da metafunção interativa; (v) Quais significados derivam dos processos de interdiscursividade representacionais e como são representadas as identidades (*ethos*) por meio do significado identificacional da linguagem no discurso.

Vejamos a análise do anúncio:

Imagem 1 – Anúncio Publicitário Make B – O Boticário



Fonte: Rede social Instagram, em setembro 2016.

Período 1: Metafunção Ideacional

Pele impecável	se faz	com base líquida e atitude de	ser	quem	sou.	#Acreditenabeza
Participante Meta	Processo Material	Circunstância	Processo Relacional		Processo Relacional	Processo Mental Partic. Fenômeno

Metafunção Interpessoal

Pele impecável	se faz	(fazer) com base líquida e atitude de ser quem sou.
Sujeito	Finito Tempo primário (presente Indicativo)	Predicador Adjunto: com base líquida e atitude de ser quem sou
Modo		Resíduo

Período 2: Metafunção Ideacional

Não	tem	sensação melhor do que
	Processo Existencial	Participante Existente

sentir-se realizada	com você mesma.
Processo Mental	Complemento

Metafunção Interpessoal

Não	Tem	sensação melhor do que	sentir-se	realizada	com você mesma
	Finito Presente Indicativo	Complemento	Finito Presente Indicativo	Predicador	Adjunto
		Sujeito			
	Modo (Não apresenta resíduo)				

Período 3: Metafunção Ideacional

#Acredite	na beleza	em você	e	no que você pode atingir.
Processo Mental	Part.Fenômeno	Part. Fenômeno		Part. Fenômeno

Metafunção interpessoal

Acredite	(você)	(acreditar)	na beleza, em você e no que você pode atingir
Finito (Imperativo)	Sujeito Elíptico	Predicador	Complementos
Modo		Resíduo	

O *Contexto de situação*, no qual esse anúncio foi veiculado, naturalmente só terá significado dentro de um tipo de cultura, expressa pelo *Contexto Cultural* (HALLIDAY 2004[1985]), ou seja, o campo de natureza da prática social, no qual está vigente o discurso de valorização da pele negra, pois se trata de um ambiente cultural com penalizações ao racismo, tanto legais quanto morais. Por conseguinte, o anúncio pretende alcançar o nicho de mercado destinado às pessoas de pele negra, valorizando-as.

Consoante Halliday (2004[1985]), para compor o *nível linguístico de conteúdo* (semântico), foi escolhido, entre outros elementos léxico-gramaticais, o *processo material fazer* (verbo que denota uma ação concreta que pode ser observada no mundo material), atuando na variável de registro *campo* para emitir uma oração declarativa afirmativa no *nível linguístico de expressão* escrita. Esse *processo material do fazer* sugere como participante *Ator* os próprios usuários da rede a realizarem a *meta* (fazer uma pele impecável).

O contexto atual da rede social naturalizou um comportamento de muita exposição da imagem pessoal, o que induz a busca pela melhora da aparência e, por consequência, o aumento dos cuidados com a pele. Sendo assim, a mensagem dirigida à consumidora a inclui naturalmente nesse *processo* de *fazer* uma pele impecável, não só com a base líquida *Make B*, mas, principalmente, com a atitude de ser uma pessoa que se orgulha de quem é, expressa por uma *circunstância* (sintagma adverbial) que associa o orgulho de si mesma com o uso da marca e o consumo,

tornando, assim, indissociável o conceito de uma pele impecável com a base líquida *Make B*.

O final do período 1 é ritualizado pela *hashtag Acredite na beleza*, como um mantra que pede para ser executado, construído com o *processo mental acreditar*, que convida a consumidora a interpretar o papel de *participante Experienciador* que aceita o *Fenômeno* (processo cognitivo de crença na beleza). A razão para isso esbarra-se no desejo comum da mulher querer ser admirada por ser quem é no meio social; e a exposição da rede incita ainda mais esse desejo.

O período 2 compõe a ideia de aquisição de um sentimento desejável, expressando o conteúdo semântico, no nível linguístico, em oração declarativa afirmativa, por intermédio do *processo existencial ter* e do *participante Existente*: Não tem (processo existencial) sensação melhor do que (participante Existente) sentir-se realizada com você mesma (complemento). Além do processo existencial *ter*, o produtor do anúncio optou pelo *processo mental sentir* para exprimir uma sensação interna de realização, como um convite à prospectada consumidora a ocupar esse lugar, insinuando que ela experimente sentir-se realizada com ela mesma. Esse processo de sentir-se realizada é uma emoção associada ao produto para provocar o comportamento de consumir.

O anúncio é concluído no período 3, por meio do *processo mental acreditar* e de participantes *Fenômeno*, que fortalecem as crenças em determinados fenômenos, através da *hashtag: #Acredite na beleza, em você e no que você pode atingir (participantes Fenômeno)*.

Além desses significados ideacionais, esse anúncio traz, simultaneamente, significados *interpessoais* na interação social. No período 1, é atribuído um juízo de valor positivo à mensagem, a qual é uma *proposição* que troca informações com os usuários da rede. Essas proposições são produções que intencionam a concordância do interlocutor com referência às afirmativas colocadas. No período 2, de igual modo, evidencia-se, também, uma *proposição*, que promove a função discursiva de declarar uma ideia pela troca de informação. Diferentemente dos períodos 1 e 2, o período 3 apresenta a função discursiva de comandar por meio de uma *proposta*, com verbo no MODO Imperativo. Há ainda a presença de um operador verbal que expressa *modalidade (pode atingir)*, ou seja, o julgamento positivo do anúncio em

relação às possibilidades de escolha da leitora, sempre associadas à base líquida Make B.

Complementando as análises dos significados semióticos, o *Significado Representacional* do discurso, segundo Fairclough (2003[2001]), no anúncio, revela que o Boticário se apossou de um discurso da beleza já existente e valorizado socialmente (Interdiscurso) como prática social, na promoção de seus produtos pela associação de base líquida *versus* pele impecável, sentir-se realizada, acreditar no que se pode atingir. O produtor publicitário trabalha com esse conceito da beleza como aspecto inerente ao produto, impulsionando ainda mais a aceitação desse discurso no mercado. Há o fortalecimento da crença na beleza e a simbologia impregnada ao produto coloca-o como uma resolução para essas realizações e buscas da consumidora, ou seja, experiências que ela deseja experimentar como uma mulher negra bem sucedida.

Em termos de *Significado Identificacional* de construção do “eu” (*ethos*), essa função de identidade é definida pelo estilo enunciado pela marca. Assim, é feito o convite às mulheres negras para que elas vistam esse papel identitário de mulheres vencedoras, apesar do preconceito racial que existe, atingindo diretamente a autoestima delas. Assim, a construção do *ethos* é massificada, interligando o “eu” ao sucesso na vida pessoal (interdiscurso) e à marca de produto, fortalecida pela prática social que cultua a beleza.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos analisar a encenação das significações verbo-visuais e discursivas, sob enfoque funcionalista, de um anúncio publicitário de o Boticário na mídia digital Instagram. Os significados depreendidos da metafunção ideacional revelaram prioridade de processos mentais (acreditar, sentir) no anúncio, sobretudo para inculcar conceitos e estilos. Em seguida sobrepõem-se os processos relacionais (ser), seguidos do processo material *fazer* e do *existencial* (ter), no sentido de trabalhar o ser para o hábito sugerido, declarando a existência da realização correlacionada à base líquida. A análise da metafunção *interpessoal*, no sistema de *modo*, conforme detalhado nas

tabelas acima, evidenciou proposições declarativas afirmativas, nas quais a interlocutora pode concordar ou discordar na relação online ou como decisão não revelada, em que ela cumpre ou não o comando da proposta “Acredite na beleza”. O verbo modalizador *pode* sugere a abertura de possibilidades de sucesso a quem usa o produto. A investigação da metafunção *representacional* revelou a escolha de um processo conceitual *atributivo simbólico*, no qual o produto é o portador do sucesso revelado pela participante representada. Já a metafunção *interativa* apresentou um *olhar de demanda* que atinge o lado emocional da consumidora, colocado em distância *close up* e ângulo *frontal*, conferindo à consumidora o mesmo nível de poder da participante representada, para que ela sinta afinidade com esse poder e queira experienciá-lo com o uso do produto. O Significado *Representacional* do discurso nos revelou o discurso da beleza aprovado como prática social, sendo, pois, realimentado no anúncio e associado ao produto/marca como responsável por promover a beleza e o sucesso à usuária da base *Make B*. Aliado a isso, o Significado *Identificacional* marca a representação e identificação da mulher negra no texto, como uma presunção publicitária do que se é: uma mulher vencedora que se orgulha de ser quem é, que endossa o interdiscurso de não discriminação e valorização à mulher negra. Essa identidade (*ethos*) é produzida ativamente no discurso em todas as categorias abordadas. Nessa perspectiva, nossa presunção inicial de que a estratégia publicitária trabalha os mecanismos mentais inconscientes do consumidor, atua no sistema emocional, desperta prazer ou propõe uma solução, por meio de uma marca/produto, confirma-se, tendo em vista que o consumidor compra as experiências que os produtos proporcionam.

Referências

- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional: **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a01.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to function grammar**. London: Edward Arnould, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

MAGALHÃES, I. Análise do discurso publicitário. **Revista da ABRALIN**, vol. 4, n ° 1 e 2, p.231 a 260. Dezembro, 2005. Disponível em: http://www.abralin.org/revista/RV4N1_2/RV4N1_2_art8.pdf. Acesso em: 9 out. 2016.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A**, vol. 21: Especial, 2005 (1-9). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/delta/v21nspe/29248.pdf>. Acesso em: 19 maio 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NATIVIDADE, C.; PIMENTA, S. M. de O. A semiótica social e a multimodalidade. *In*: LIMA, C.H. P.; PIMENTA, S. M. DE O. e AZEVEDO, A. M. T. (Org.). **Incursões semióticas**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RESENDE, V. M; RAMALHO, V. **Análise de discurso Crítica**. São Paulo. Editora Contexto, 2014, 2ª ed.

SANTANA, C.; PIMENTA, S. M. de O. Multimodalidade: Análise Multimodal de Peças Publicitárias da Revista Veja. *In*: LIMA, C.H. P.; PIMENTA, S. M. DE O. e AZEVEDO, A.M.T. (Org.). **Incursões semióticas**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

MARCAS AVALIATIVAS EM CAPAS DE REVISTA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Daniel Fernandes da Costa

Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves

Introdução

Na esfera midiática contemporânea, cada vez mais, a linguagem apresenta-se com significativas mudanças diante das novas configurações sociais, tendo expandido para outros modos sógnicos, possibilitando uma multiplicidade de construções semióticas que tanto refletem a estrutura social quanto atuam sobre ela.

Segundo Fairclough (1989; 2001; 2003), a linguagem não se constitui como mera extensão da realidade por meio de representações; ela possui papel ativo, agindo na e pela sociedade. Nessa direção, ele observa que mudanças no funcionamento da linguagem estão engendradas a processos socioculturais de maior amplitude, de modo a notar a centralidade da linguagem em práticas sociais, nas principais mudanças sociais das últimas décadas.

Levando-se em conta a posição central das composições sógnicas na atualidade, sobretudo no que se refere à carga ideológica, este estudo integra o projeto institucionalizado na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), intitulado A Construção de Significados

Metafuncionais em Capas de Revista, em que objetivamos investigar como o funcionamento da estrutura semiótica do gênero capa de revista implica transformações sociais correspondentes à condição social do negro estadunidense.

Como objetivos específicos, destacamos:

- i. Identificar a influência dos contextos de cultura e de situação na composição semiótica das capas de revistas, bem como nas escolhas discursivas dos produtores do gênero analisado nesse estudo.
- ii. Averiguar como a representação discursiva evidencia processos de interdiscursividade que contribuem para a projeção de visões de mundo e, conseqüentemente, para a motivação de práticas sociais específicas.
- iii. Analisar, por meio do Significado Identificacional, a formação de identidades discursivas (*ethos*), assim como o modo pelo qual procedimentos de avaliação e modalização evidenciam as escolhas discursivas dos produtores das capas de revista.
- iv. Averiguar o impacto da composição discursivo-semiótica das capas analisadas sob o contexto cultural e situacional em que cada uma das capas está inserida.

Posto isso, respondemos, pelas vias da composição discursiva e semiótica de capas de revista, às seguintes perguntas de pesquisa:

- i. De que modo os contextos de cultura e situação motivam a estruturação semiótica e discursiva do gênero capa de revista?
- ii. Como visões de mundo são projetadas em capas de revistas pelas vias da representação discursiva?
- iii. De que forma identidades discursivas são evidenciadas levando-se em conta as intenções ideológicas dos produtores das capas de revista?

- iv. De que modo a discursividade das capas de revista motivaram práticas sociais nos contextos culturais e situacionais nos quais tal gênero se inseriu?

A metodologia adotada para a realização desta pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa) envolve os estudos de Halliday e Matthiessen (2014), no que concerne aos contextos de cultura e de situação, nos quais se encontram incrustadas representações sociais que podem ser identificadas, especificamente, na voz da mídia escrita, bem como no silêncio dos excluídos na Mídia, com o intuito de perceber o imbricamento existente entre funcionamento linguístico e estrutura social.

No que diz respeito ao contexto de cultura, consideramos significados naturalizados em uma determinada cultura, que, evidenciados pela linguagem da mídia, desvelam padrões significativos ligados ao modo de ser e pensar dos falantes. No contexto de situação, verificamos o modo como o contexto sociocultural imediato ao ato comunicativo intercambia, na estrutura social, a construção de significados compreendidos no ato da fala.

Somam-se aos pressupostos teóricos os estudos da Análise Crítica de Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 2001; 2003), quando da análise das construções discursivas das composições multisemióticas analisadas nesse estudo. Seguindo de perto os estudos faircloughianos, adotamos o ponto de vista a partir do qual o discurso é visto como prática social que, além de representar estruturas da sociedade, influi sobre ela, o que torna o discurso e as práticas sociais advindas dele passíveis de análise.

Nesse sentido, lançamos mão da abordagem tripartida de Fairclough (2001), para quem há três instâncias passíveis de análise semiótica: prática textual (análise do vocabulário, da estrutura gramatical e textual etc.); prática discursiva (averiguação da produção, distribuição e consumo do texto, bem como do contexto e da intertextualidade nos quais o texto se insere); e prática social (análise das ideologias vinculadas ao suporte textual, assim como de sua orientação em relação a questões econômicas, políticas, culturais e hegemônicas).

Detendo-se no aporte teórico-analítico de Halliday e Matthiessen (2014), Fairclough (2003) desenvolve os Significados Representacional (análise semiótica que leva em conta a representação das estruturas sociais pelo discurso), Identificacional (procedimento analítico que se detém na construção de identidades discursivas (*ethos*), bem como nas intenções ideológicas dos produtores da estrutura semiótica) e Acional (análise da carga discursiva advinda da estruturação e circulação social dos textos), a partir dos quais analisa composições semióticas no que se refere ao funcionamento discursivo de tais estruturas textuais, de modo que, por conta de finalidades metodológicas, selecionamos os significados Representacional e Identificacional.

Lançando olhar atento para a composição de semioses, verificamos que cada elemento da estrutura verbo-visual possui funcionalidade significativa à medida que, no intercâmbio de cada uma das subestruturas, a macroestrutura textual projeta construções ideológicas que, evidenciando visões de mundo específicas, acaba por engajar o texto em uma determinada posição em relação à luta hegemônica, e por influenciar os indivíduos que, no contato com a significação textual, possuem práticas sociais motivadas pela prática discursiva da semiose.

Esse estudo é motivado pela intenção de desenvolvermos uma investigação semiótico-discursiva da construção ideológica de capas de revista, pensando na forma como a figura negra estadunidense foi constituída em diferentes recortes históricos. Nesse caminho, torna-se possível percebermos uma estruturação de significados discursivos que emanam perspectivas ideológicas, por meio das quais a prática social dos indivíduos são (des)colonizadas em favor de visões de mundo que (des)(re)constroem sistemas hegemônicos.

Com o propósito de facilitar a tarefa do leitor, apresentamos a organização deste artigo. Na primeira parte, apresentamos um esboço da teoria que fundamenta a presente análise. Em seguida, trazemos a metodologia escolhida para a realização dos estudos, detalhando a sua natureza, o contexto investigado, os critérios de seleção empregados na coleta e organização do corpus. Por fim, apresentamos os dados obtidos e discutimo-los, apontando questões de maior relevância.

Referencial Teórico

Nesta seção, apresentamos a linhagem sociofuncional, de base sistêmica, na qual se sustenta essa pesquisa. Por meio de estudos transdisciplinares, fundamentamo-nos no aporte teórico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 2001; 2003), subsidiada em teorias filosóficas e sociológicas, tais como: na análise crítica do sistema capitalista de Marx (2017); em proposições do discurso de Foucault (1997; 2003); no conceito de hegemonia (GRAMSCI, 1975) e de ideologia (FAIRCLOUGH, 2001). Ademais, estabelecemos um diálogo com a Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday e Matthiessen (2014), por meio da qual Fairclough desenvolve o método analítico tridimensional, com base nas metafunções hallidayanas.

Análise Crítica do Discurso: algumas considerações

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) caracteriza-se como campo de estudos discursivos em que a linguagem é entendida como um sistema de signos imersos no social, evidenciando, para a produção de significados, escolhas linguísticas que influem a organização da sociedade, gerando, conseqüentemente, processos de mudanças sociais a partir do discurso.

Por essa via, deve-se levar em conta o contexto sociodiscursivo no qual a linguagem atua, o que remete à necessidade de análises serem realizadas a partir de determinada cultura, por meio de motivações semântico-pragmático-ideológicas subjacentes ao contexto do gênero a ser analisado e percebendo questões discursivas engendradas às esferas de onde emergem.

A ACD surge em 1990, após um simpósio em Amsterdã, com Fairclough, Wodak, van Dijk, Kress e van Leeuwen, buscando direcionar a análise discursiva do funcionamento linguístico-semiótico para uma abordagem engajada na luta contra o poder hegemônico, com as publicações: revista *Discourse and Society* (VAN DIJK, 1990) e as obras

Language and Power (FAIRCLOUGH, 1989) e Language, Power and Ideology (WODAK, 1989).

Situada na interface entre análise social crítica e a análise linguístico-semiótica crítica, a ACD apresenta abordagens multivariadas que podem se flexibilizar com o ponto de vista adotado pelo pesquisador. Nesse sentido, ela busca compreender a relação entre língua(gem) e sociedade verificando relações sociais de luta, conflito, poder, identidade, discriminação, reprodução de sexismo e de racismo, legitimação de relações de poder, atuação da mídia e da política, para citar apenas algumas. Em vista disso, para fins de análise, ela estabelece correlação interpretativa entre fatos discursivos e sociais em corpora embasados em situações concretas de uso da língua, adotando abertamente preocupações e posições políticas, a partir de um enfoque crítico, no qual relações de poder que sustentam a estrutura textual são desveladas.

Ressaltamos, ainda, o caráter multissemiótico desse campo de estudo crítico, posto que, para Fairclough e Melo (2012, p. 307), ela é uma “[...] perspectiva teórica sobre a língua e [...] sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material [...]”. Partindo dessa afirmação, notamos que o campo analítico dela não se detém somente na análise verbal, mas sim adotando um viés multimodal: imagens, posição corporal, expressões faciais, cores, *layouts* etc.

A ACD interliga análise semiótico-discursiva à análise social, evidenciando a linguagem como prática sociodiscursiva, o que confere importância à dimensão sociológica na produção e difusão do conhecimento. Sob esse prisma, o discurso é a instância na qual estruturas sociais se efetivam em práticas responsáveis por representar sistemas de significação e por (re)configurar estruturas sociais e significações do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado, promovendo, propagando, solidificando e (des)construindo sistemas de conhecimento e crença, relações e identidades sociais.

Por conseguinte, em sua essência, ela possui caráter interdisciplinar e transversal, estabelecendo relações com diversas teorias e métodos, com vistas a promover uma teoria crítica autônoma, com aplicabilidade dinâmica, figurando muito mais como uma perspectiva teórica flexível

acerca da semiose do que um método autocontido (FAIRCLOUGH; MELO, 2012). Acerca da transdisciplinaridade da ACD, Chouliaraki e Fairclough (1999) esclarecem:

Vemos a ADC trazendo uma variedade de teorias ao diálogo, especialmente teorias sociais, por um lado, e teorias linguísticas, por outro, de forma que a teoria da ADC é uma síntese mutante de outras teorias; no entanto, o que ela própria teoriza em particular é a mediação entre o social e o linguístico – ‘ordem do discurso’–, a estruturação social do hibridismo semiótico (interdiscursividade). (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16)

Numa abordagem multi-, inter- e transdisciplinar, ela desemboca num campo analítico vasto, com flexibilidade teórico-metodológica, buscando compreender a dinâmica funcional-discursiva da sociedade, com sua operacionalização nas camadas da estrutura social, tendendo a romper com as rígidas fronteiras entre Linguística e Ciências Sociais e interpondo-se como uma teoria intercambiável entre análise discursiva e análise social.

Bases Filosóficas e Linguísticas da Análise Crítica de Discurso

Influências Filosóficas: Marx (2017), Foucault (1997; 2003) e Gramsci (1975)

Após o advento da sociedade industrial, o capitalismo encontra o seu auge, o que provoca profunda mudança na ordem social. Apesar do surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias industriais, grave crise social é gerada interpondo intensa exploração da mão de obra da classe trabalhadora. Com isso, as lutas entre classes alcançam o apogeu, desvelando uma ordenação social alicerçada sob mecanismos de dominação.

Diante disso, trazendo à baila uma visão explicitamente crítica em relação à dominação capitalista, o marxismo ocidental ergue-se como ponta de lança de um movimento teórico e ativista que buscava acabar com relações de poder na dominação de classes. Remetendo-nos a

Marx (2017), notamos que a industrialização das nações passou a ser refletida sob um novo ângulo, o qual revelava relações assimétricas de poder que atuavam nos mecanismos de sustentação de tal ordem social.

A Escola de Frankfurt, sobretudo com estudos de Adorno e Horkheimer (1985) e Habermas (1969), apropriando-se das reflexões do marxismo ocidental, busca entender, por meio de um método de estudo dialético, os processos sociais que engendram o capitalismo, a industrialização, o terrorismo, entre outros. Nessa direção, os frankfurtianos transcendem os reducionismos empreendidos pelo positivismo, materialismo e determinismo, dedicando-se a uma visão dialética das estruturas sociais.

Com a Revolução Industrial, acrescida de relações de poder geradas pelo capitalismo, essa escola desenvolve uma teoria de análise social que, como base em Marx (2017), critica a dominação e seus desdobramentos na sociedade. Para tanto, ela questiona criticamente a história, a luta de classes e tipos de expressões artísticas, observando-os como meios a partir dos quais geram transformações da sociedade industrial.

Por sua vez, Foucault (1997; 2003) apresenta enorme contribuição à investigação das relações de poder subjacentes às atividades discursivas, ao debruçar-se sobre o discurso das ciências humanas, da medicina, psiquiatria, economia e gramática, focando pontos centrais da análise discursiva: como o poder e o funcionamento do discurso na mudança social. Foucault (2003), tomando como ponto de partida a concepção de discurso como conjuntos de enunciados apoiados numa mesma formação discursiva – que estrutura áreas do conhecimento e práticas sociais –, em seu método arqueológico¹, detém-se na averiguação da gênese e das transformações dos saberes no campo das ciências humanas e revela que o discurso é portador de grande impacto social, possuindo um efeito de construção da sociedade e constituindo objetos do conhecimento, sujeitos e estruturas sociais.

1 Foucault, a partir da história das ideias, detém-se nos complexos discursivos das disciplinas ao longo da história, buscando estabelecer a constituição dos saberes apoiando-se nas relações estabelecidas entre as formações discursivas e as instituições, evidenciando o modo como os discursos “portam” relações de poder.

Para esse filósofo francês, o discurso é o espaço no qual relações de poder atuam na sociedade, instaurando a dominação e submissão dos indivíduos. O poder, visto como prática que se insere em todos os níveis das relações sociais, figura como instância que atua nas instituições, nas relações entre indivíduos e, sobretudo, na produção de saber e realidade.

No entanto, muito embora se baseie em Foucault (2003), Fairclough (2001) pontua críticas à visão determinista desse filósofo, por conferir à ação humana verdadeira passividade diante da estruturação disciplinar da sociedade, para quem o sujeito é totalmente manipulado pelas relações de poder, a ponto de não se opor às práticas sociais dominadoras. Para além disso, Fairclough (2001) destaca o fato de Foucault não se deter na análise empírica de textos, deixando de lado a análise de base discursiva e linguística, para a qual se volta a ACD.

Por fim, Fairclough (2001) recorre a Gramsci (1975) para explicitar a noção de poder como hegemonia. Asseverando que as práticas sociais são contraditórias, por se encontrarem em constante transformação, Gramsci (1975) explora o conceito de hegemonia, apresentando-o como equilíbrio instável, baseado em poderes de cunho ideológico, naturalizando ideologias e práticas sociais e apresentando transformações sociais engajadas na luta hegemônica.

Seguindo Gramsci (1975), afirma Fairclough (2001, p.122): “[...] a hegemonia é foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade, entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas”.

Posto isso, a luta hegemônica instaura-se em todos os segmentos da sociedade nos quais se torna possível a desigualdade entre diferentes níveis e domínios, podendo ser concebida dialeticamente, por (des)(re) articular transformações. A partir desse contexto, podemos perceber que as hegemonias ligam-se às ideologias, parte não menos importante para o estudo da construção das identidades sociais, foco do estudo empreendido. Assim, para Fairclough (2001), ideologia são significações e construções da realidade (re)produzidas e transformadas nas práticas sociais que modelam as relações de dominação numa dada sociedade.

Influência linguística: Halliday e Matthiessen (2014)

Rejeitando a visão formalista, a Linguística Sistêmico-Funcional apresenta um novo olhar sobre a linguagem, com a linguagem compreendida em seus contextos sociais de uso, considerando as funções adotadas segundo as intenções do falante e a situação de produção comunicativa na qual funciona. Dessa feita, a linguagem passa a ser reconhecida como um sistema funcional dinâmico de cadeias significativas, para o qual a significação do falante funciona de forma efetiva na sociedade.

Pela perspectiva da linhagem funcional, Halliday e Matthiessen (2014) convalidam uma descrição linguística de base semântica, adotando a língua como sistema configurado em funções que atuam pelas pressões do uso social dela, e como um feixe sistêmico, a partir do qual existem dois níveis de significação: o nível extralinguístico e linguístico.

No sistema de significação extralinguístico, observamos o impacto do contexto de produção da comunicação nas escolhas das quais o falante dispõe para a comunicação, como o contexto socioideológico no qual se insere, funcionando em dois subníveis: contexto de cultura – ambiente sociocultural com o potencial de significação de uma cultura (valores, crenças, comportamentos); e contexto de situação – significações determinadas pela situação sociocomunicativa, imbricadas nas variáveis sociossemióticas: (i) campo (natureza da prática social projetada no ato comunicativo), (ii) relação (papéis adotados pelos participantes do ato comunicativo, bem como estruturação da relação estabelecida, podendo figurar como hierárquica ou não); (iii) modo (função que a linguagem adota, e o veículo usado para a comunicação).

Já o sistema linguístico instancia-se em: (i) sistema de conteúdo, em que a lexicogramática², no intercâmbio entre estrutura lexical e gramatical da língua, efetiva o funcionamento semântico-pragmático da comunicação; (ii) sistema de expressão (sistemas fonético e

2 Para Halliday e Matthiessen (2014), termo que designa o contínuo entre vocabulário e gramática de uma língua.

grafológico), sons, gestos e escrita, evidenciando mecanismos pelos quais escolhas sistêmico-funcionais se concretizam, com o qual não trabalhamos no correr das análises.

Ao se levar em conta a atuação linguística do falante, verificamos que o sistema linguístico tende a funcionar de formas específicas, validando o contexto no qual o falante se insere, adequando a língua às variáveis de registros sobreditas: campo (natureza da práxis social dos participantes), relação (papéis adotados pelos participantes de acordo com a situação) e modo (forma como as informações são transmitidas).

Nessas três variáveis, ecoam metafunções hallidayanas evidenciando a configuração multifuncional da língua por meio de três funções simultâneas da linguagem que atuam na estrutural textual: ideacional, interpessoal e textual. Na metafunção ideacional, a linguagem é uma representação do mundo, com a realidade tendendo a se refletir na linguagem. Por intermédio de construções semânticas inseridas na língua, eventos, ações, atos verbais, estados, comportamentos e identidades são expressos em enunciados no sistema de transitividade, por processos, participantes e circunstâncias.

A metafunção interpessoal desvela significados interacionais por meio do sistema de MODO, focando-se no papel de troca exercido na oração, com a semanticidade da oração voltada para colocações e perguntas; ofertas e pedidos, que carregam a intencionalidade do produtor da capa da revista em relação à sua audiência no ato de fala, o que o leva a adotar um papel de fala em relação ao papel de fala designado ao leitor. Os papéis de fala adotados são dar e pedir, interceptados pela natureza dos materiais trocados: oferecimentos e pedidos (proposta: oferta/pedido), assim como informação (proposição: colocação/pergunta). Tais atos ditos linguísticos são inseridos na oração por partes constitutivas: Modo (grupo nominal e verbal) e Resíduo (predicador, complemento ou adjunto).

A metafunção textual é a materialização da linguagem em textos, em que a oração adquire a função de constituir uma mensagem para formar a estrutura temática. Tomando como base a interconexão entre os mecanismos linguísticos tema (ponto de partida da oração) e rema (parte oracional na qual o tema é desenvolvido), a oração forma um

todo semântico coerente. Nela, aspectos semânticos, gramaticais e estruturais são visualizados no funcionamento do todo informativo, de modo que o foco recai na organização informativa da estrutura frasal.

Marcando filiação aos estudos de base sistêmica, de Halliday e Matthiessen (2014), Fairclough (2001), propondo um intercâmbio entre as macrofunções da GSF e os conceitos de gênero, discurso e estilo, rearticula as funções da linguagem hallidayanas, apontando as funções: ideacional, identitária, relacional e textual. Todavia, Fairclough (2003) remodela as funções propostas em 2001, rejeitando a ideia de uma função estritamente textual e, por conseguinte, incorpora-a ao mecanismo discursivo de ação.

Na esteira desse raciocínio, mantendo o princípio multifuncional de Halliday e Matthiessen (2014), Fairclough (2003) postula três significados que demonstram o modo como discursos: (i) representam a realidade (modo representativo); (ii) constituem e constroem identidades (modo de ser); e (iii) atuam sobre a sociedade (modo de ação), renomeadas, respectivamente, em significados representacional, identificacional e acional.

Vale ressaltar que, nesta pesquisa, no que diz respeito aos postulados teóricos da GSF, por conta de finalidades metodológicas, apropriar-nos-emos apenas dos conceitos de contexto de cultura e de situação, sobretudo no que diz respeito, pensando-se no segundo tipo de contexto, à variável de registro campo. Ressaltamos, ainda, que a exposição teórica realizada neste subtópico foi empreendida para fins de esclarecimento, principalmente, se se levar em conta a transposição teórico-metodológica em relação às metafunções, realizada por Fairclough (1989; 2003).

O modelo tridimensional da Análise Crítica de Discurso

Subsidiada na concepção crítica da linguagem, segundo a qual práticas sociais são executadas no bojo de circulações discursivas da sociedade, a ACD, para Fairclough (1989; 2001; 2003), apresenta-se como perspectiva na qual o discurso é visualizado como mecanismo

que representa (significa) a sociedade e a influência, promovendo processos de mudança social. Como afirma Fairclough: “O mundo em que os seres humanos vivem é um mundo maciçamente humanamente criado, no curso da prática social” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 37).

Por essa via, o discurso é concebido como prática social, em sua circunscrição histórica e social, estabelecendo um diálogo com o contexto socio-histórico imediato, fugindo do lugar comum, o que possibilita, por exemplo, o emolduramento de atitudes responsivas por parte de quem os profere ou escreve e por quem os ouve ou fala.

É importante entendermos que, apesar do discurso ser modo de atuação social e, conseqüentemente, promotor de mudanças sociais, é uma instância processada na esteira de uma dialética que relaciona discurso à estrutura social. Essa relação dialética apresenta-se como via de mão dupla, pois, de um lado, ele é, simultaneamente, restringido pela estrutura social; de outro, é fator de promoção da estrutura social. À luz disso, deter-se nessa realidade teórica implica observar que o discurso possui uma relação ativa com a realidade: ora significa práticas sociais executadas em processos de mudanças social, ora condiciona-se por elas diante de estruturas sociais historicamente situadas em contextos específicos.

Nesse sentido, o discurso ganha um caráter ativo, conforme Fairclough (2001), como prática social que possui papel flexível na realidade empírica, possibilitando a representação do mundo e a ressignificação dele pelas vias de um processo ativo, relacionando-se dialeticamente com a estrutura social na qual se situa, seja influenciando-a, seja restringindo-se a ela. Conforme esse atilado linguista:

Ao usar o termo “discurso”, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito

da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis [...]. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

À luz desse conceito de discurso, uma vez mais, percebemo-lo como socialmente constitutivo, como forma de ação das pessoas no mundo e sobre os outros, estando relacionado, como apontou Fairclough (2001), à noção de ideologia e de poder enquanto hegemonia, como apresentado anteriormente.

Aplicando tais perspectivas à sua metodologia de análise, Fairclough (2001) propõe um modelo tridimensional de Análise do Discurso, balizado no Texto, na Prática discursiva e na Prática social, segundo o qual essas três dimensões passíveis de análise, apesar de serem expostas separadamente em procedimentos descritivo-analíticos, podem encontrar-se diluídas na análise, de modo que cada uma delas tende a se intercalar.

Em primeiro lugar, a prática textual organiza-se em: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, com a análise voltada à observação e ao modo como informações e significados são articulados no texto (FAIRCLOUGH, 2001), os quais figuram como pistas, estratégias linguísticas por meio das quais sentidos são construídos. Por exemplo, um traço linguístico específico (vocabulário) pode evidenciar diferentes formas de percepção do mundo.

Em um viés sistêmico, no qual se visualiza a combinação de significados textuais como escolhas significativas intencionais do falante em relação à estrutura lexicogramatical da língua, Fairclough (2001) observa um ponto fulcral: “a análise do modo como as formas tradicionais de análise linguística se envolvem com a (re)produção ou resistência dos sistemas de ideologia e de relações de poder”.

Na esteira dos estudos de Halliday e Matthiessen (2014), para os quais as funções da linguagem representam a realidade, ordenam relações sociais e estabelecem identidades, Fairclough (2003) adota uma perspectiva segundo a qual o texto é visualizado por um olhar multifuncional. Nesse viés, recontextualizando as funções hallidayanas e transformando-as em significados, Fairclough (2003) acrescenta-lhes

dimensões de sentido que coexistem e interagem no discurso, entendendo discursos como analisáveis, segundo a configuração funcional linguístico-semiótica expressa por significados discursivos:

i. Significados Representacionais: foco no modo como estruturas semióticas evidenciam projeções/representações das estruturas sociais do mundo no discurso, com diferentes relações estabelecidas e papéis sociais ocupados. Assim, discursos podem projetar/representar possibilidades de realidade diferentes, relacionados a projetos de mudança do mundo; e práticas sociais executadas pelos discursos, ao se distribuírem em repetições por diversos contextos, acabam por solidificar identidades e práticas de poder, influenciando ou colonizando, outras práticas locais ou globais.

Por essa via, indivíduos podem exercer relações de cooperação, competição ou dominação, seguindo a intencionalidade deles (FAIRCLOUGH, 2003). Ele destaca, ainda, a heterogeneidade discursiva num mesmo texto pelo processo da interdiscursividade, observando a análise interdiscursiva (i) pela identificação de discurso se temas apresentados (destacando partes representadas do mundo (temas centrais desenvolvidos em interdiscursos) e do modo como são representados por meio de traços linguísticos específicos); e (ii) pela averiguação da forma como os discursos são articulados (ideia de cooperação ou competição, com um discurso protagonista e outro antagonista).

ii. Significados Identificacionais: alinham-se com identidades construídas por marcas linguístico-discursivas do texto, ganhando vez, também, o conceito de estilo (aspecto discursivo de solidificação de identidades no discurso). Segundo Fairclough (2003), citado por Resende e Ramalho (2014), há a sugestão de que “[...] a identificação seja compreendida como um processo dialético em que discursos são inculcados em identidades, uma vez que [...] pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é”. Dito isso, nos termos de Fairclough (2003), essa identidade, cristalizada pelos discursos, solidifica-se instavelmente, de modo que, sendo simbólica, sujeita-se a relações de poder e a lutas por sua definição.

A construção de identidades liga-se, ainda, à constituição do *ethos*, que se interpõe por características discursivas que solidificam um “eu” em comportamentos individuais. Tal constituição prolifera a diferença, pois, ao se determinar uma identidade, outras práticas sociais são negadas. Pela consolidação e diferenciação, a identidade indica aspectos de classificação e seleção, o que contribui para estruturar sistemas de poder, denotados por atribuição de valores.

Para fins de análise, no significado identificacional, destacamos categorias de averiguação específicas: (i) avaliação: do que é (in) desejável, (ir)relevante, incluindo:(i) afirmações avaliativas: processadas por elementos linguísticos (como atributos) evidenciados por verbos, advérbios, sistema de pontuação ou verbos de processo mental afetivo – geralmente, marcadores de subjetividade; (ii) presunções valorativas: relacionadas a significados implícitos, sobre o que é bom ou desejável; e (iii) modalidade: responsável por expressar polarizações positivas ou negativas (verbos, advérbios e adjetivos) às intenções dos produtores do texto (epistêmica (troca de conhecimento); deontica (troca de atividades). Ademais, a modalidade divide-se, ainda, em: objetiva – julgamento implícito; e subjetiva – julgamento explícito; e, por fim, metáfora (construção de significados conceituais a partir de ideias instanciadas no nível superficial do texto).

iii. Significado Acional: sentidos sociais advindos da estruturação dos diversos gêneros que circulam em sociedade (neste estudo, detemo-nos apenas nos dois primeiros significados).

Enquanto instância que abrange a prática textual, a dimensão da prática discursiva detém-se nos esquemas cognitivos de produção do texto por processos discursivos constituídos por: distribuição textual, consumo textual e intertextualidade, sendo delimitadas levando-se em conta a dimensão sociocultural (FAIRCLOUGH, 2001).

Nesse contexto, o autor pontua a necessidade de, ao se lançar na análise discursiva, considerar os aspectos sociais e institucionais envolvidos na produção e no consumo dos textos. Para tanto, devemos observar as categorias de força enunciativa: atos de fala desempenhados; coerência: inferências e pressupostos; e intertextualidade: relação entre textos. A prática discursiva, nessa medida, funciona como o ponto

de ligação entre prática textual e prática social, de modo que através do processamento discursivo, a prática social tende a interligar-se, indiretamente, aos meandros que perpassam os processos de produção e consumo do texto.

A dimensão da prática social apresenta-se como a categoria de maior abrangência, visto que é executada igualmente nas duas outras instâncias sociais, o que denota o seu caráter contextual, já que é descrita como dimensão do evento discursivo, assim como do texto. Nela, encontram-se os mecanismos que condicionam a prática discursiva e a constitui.

Conforme Fairclough (2001), a análise da prática social objetiva deter-se na dimensão sociocultural do texto, ligando-se diretamente às categorias sociais e culturais que fazem parte do processamento comunicativo. O percurso analítico dessa prática perpassa por alguns níveis de abstração, os quais se manifestam, em primeiro lugar, e sob uma perspectiva de maior amplitude, no nível do contexto situacional, o que nos remete aos estudos sociossemióticos da GSF, pensando no modo como contextos de uso da linguagem tendem a influenciar e a submeter o funcionamento dela.

Tais contextos relacionam-se ao recorte sociocultural no qual as práticas institucionais situadas em determinado evento social se encontram. Do mesmo modo, os níveis de abstrações mais específicos relacionam-se à forma como instâncias sociais (ideologia, poder e hegemonia) expõem-se em campos sociais nos quais o discurso se constitui para fins de processamento de produção e distribuição do texto.

Nesse caminho, detendo-nos na ACD, avaliamos aspectos ideológicos e hegemônicos. No que diz respeito à ideologia (instância materializada no discurso que sustenta dimensões de “senso comum” ou relações assimétricas de poder), observamos o modo como marcas textuais (sentido de palavras, estilo adotado, metáforas e pressuposições) dão voga a perspectivas discursivas que desvelam, engendram pontos de influência de determinada ideologia.

Com relação à hegemonia (práticas que naturalizam relações e ideologias, estruturando convenções discursivas, crenças e valores

culturais), destacamos os processos de produção e consumo do texto, examinando as orientações dessa práxis (econômicas, políticas, culturais, sociais e ideológicas). Reconhecendo o enquadramento do texto em determinada hegemonia, observamos o engajamento adotado pelo texto, no tocante à luta hegemônica, o que é expresso em um viés de colaboração junto aos processos de (des)(re)articulação de complexos ideológicos.

Metodologia

Composição do corpus

Com base no aparato teórico da ACD, conforme Fairclough (1989; 2001; 2003), o discurso não somente representa a realidade, mas a recria no instanciamento das práticas sociais. Desse modo, verificamos a necessidade de questionar o modo como a linguagem e, conseqüentemente, o discurso interferem na vida social, sobretudo no que se refere a questões de ordem político-morais, promovendo processos de mudança social.

De acordo com a atual configuração da sociedade, na qual a linguagem expandiu o seu campo de significação, passando a construir significados por meio de diferentes “conjuntos multimodais”, selecionamos, como corpus, o gênero capa de revista americana, buscando verificar, sobretudo, o modo como a figura do negro estadunidense é apresentada em enfoques ideológicos diversificados.

Tal escolha justifica-se pelo fato desse gênero “portar” estruturas discursivo-semiótica eivadas de construções ideológicas baseadas em um funcionamento comunicacional projetado com estratégias multissemióticas variadas, a partir das quais o leitor das revistas pode ser influenciado a construir práticas sociais engajadas em lutas hegemônicas específicas.

A partir desse contexto, para a constituição do corpus, selecionamos quatro capas de revistas, veiculadas em mídias digitais, de diferentes editoriais e datas Jet (1966), Ebony (1969; 2017), Vogue (2008), as quais apresentam, em sua estrutura imagética, a figura do negro norte-americano.

Para separação das capas, consideramos simbologias discursivas que desvelam processos ideológicos determinados por relações assimétricas de poder, a presença de recursos verbo-visuais a partir dos quais identidades afro-americanas são constituídas, e a construção de significados por meio de estratégias multimodais. Afora isso, nos detemos no contexto histórico de cada uma das revistas, de modo que: as duas primeiras capas selecionadas fazem referência à efervescência do movimento negro nos Estados Unidos da América (EUA), situadas nas décadas finais do século XX (1966 a 1969); as duas últimas situam-se na contemporaneidade, de forma específica, entre os anos de 2008 e 2017.

Julgamos pertinente dizer que o recorte histórico levou em conta a projeção da figura do negro no suporte capa de revista americana em dois momentos distintos da história do movimento negro nos EUA, buscando evidenciar que lutas foram travadas por indivíduos afro-americanos, em favor de seus direitos nas décadas finais do século XX, e que a condição do afro-americano, em pleno século XXI, apresenta traços significativamente divergentes, a partir do contexto histórico de cada uma das capas.

Conforme bem observa Fairchough (2001), o discurso não somente constrói a realidade empírica, mas a (re)cria a partir da relação dialética existente entre prática discursiva e prática social. Entendemos, assim, que, ao veicular no suporte revistas à condição do negro em diferentes momentos da história, a discursividade das capas influencia a estrutura social na qual está inserida, promovendo, por meio de seu conteúdo, processos de mudança social.

Desse modo, o corpus foi escolhido com base nos seguintes critérios:

- i. Capas de revista com dois contextos situacionais: a sociedade norte-americana nas décadas finais do século XX (1966-1969) e no século XXI (2008-2017);
- ii. Capas de revista com relações sociais que expressam cooperação, competição ou dominação entre participantes (produtor da capa e leitor), heterogeneidade discursiva que veicula, interdiscursivamente, discursos interacionais;

- iii. Suportes midiáticos imprimindo identidades específicas para a figura do afro-americano, por processos de avaliação discursiva (afirmações avaliativas, presunções valorativas e modalização);
- iv. Elementos verbais (substantivos, verbos, advérbios, orações, frases nominais), e visuais (projeção de participantes, cores, tipografias), que tendem a constituir discursos e conseqüentemente (des)(re)construir identidades;
- v. Estratégias discursivas visando influenciar o leitor pela composição ideológica vinculada nos suportes selecionados.

Procedimentos teórico-metodológicos

Nesse estudo, pautamo-nos na abordagem funcionalista de Halliday e Matthiessen (2014), observando, de modo particular, as categorias analíticas de contexto de cultura e contexto de situação, em que, respectivamente, enfocamos os significados sociais e discursivos que envolvem o contexto mais amplo da comunicação, pensando-se em aspectos ideológicos já cristalizados em uma determinada cultura, bem como nos detemos nos significados referentes a um contexto imediato, no qual a semanticidade da comunicação se liga aos aspectos ideológicos e discursivos restritos ao momento em que a comunicação ocorre, desvelando as variáveis de registro campo (natureza da ação social projetada na fala); relações (relações estabelecidas entre os participantes da comunicação e papéis adotados por eles); e modo (função da linguagem adotada e veículo do qual a comunicação dispôs para efetivar-se).

Filiamo-nos, ainda, à ACD, conforme proposta por Fairclough (1989; 2001; 2003), com a finalidade de analisar semioses verbo-visuais que vinculam discursos nas quais a figura do afro-americano é constituída. Nesse sentido, atentamo-nos ao modo como estruturas verbais e visuais representam e intercalam discursos e, por conseqüência, influenciam processos de mudança social a partir da relação dialética existente entre estrutura discursiva e social.

Na esteira de Fairclough (2003), verificamos a aplicabilidade analítica de sua teoria de análise discursiva, levando-se em conta os

dois primeiros significados oriundos de sua tríade de base sistêmica. Por essa via, detemo-nos no Significado Representacional, em que as relações sociais são representadas no discurso. A heterogeneidade discursiva, balizada no processo de interdiscursividade, ganha relevo em nossa pesquisa, posto que, através desse mecanismo, podemos perceber a identificação (modo de representação) e empreender a averiguação (competição ou cooperação exercida na intercalação discursiva) dos discursos evidenciados no corpus. Ancorando-nos em processos discursivos empreendidos nas capas de revista analisadas, verificamos o modo como construções discursivas podem representar a realidade e a construir visões de mundo que influenciam a atividade social dos sujeitos.

Sob a ótica do Significado Identificacional, analisamos o modo como a construção da identidade de sujeitos sociodiscursivos se processam no bojo da estrutura multissemiótica das capas de revistas. Focamo-nos no *ethos*, formado por marcas comunicacionais (na verbo-visualidade) – por meio da interposição de um estilo. Por sua vez, a constituição do *ethos* perpassa por mecanismos discursivos que, a partir da materialidade linguística e a estruturação visual do corpus, aloca-se a ferramentas discursivas materializadas em avaliação, do que é (in)desejável, tendendo a se expressar por afirmações avaliativas (nos elementos verbo-visuais) e presunções valorativas (nos significados implícitos na materialidade textual).

Em seguida, a modalização projeta-se como elemento fundamental para o nosso trabalho, sendo o mecanismo a partir do qual a intencionalidade do produtor dos discursos evidenciados no corpus é averiguada, levando-se em conta tal intenção editorial/discursiva realizar, entre produtor e leitor, trocas da modalidade epistêmica (troca de conhecimento) ou deôntica (trocas de atividades). Além disso, a modalização manifesta os julgamentos, acerca da identidade constituída, dos produtores, subdivididos em: julgamentos objetivo (implícito) e subjetivo (explícito).

Por fim, conceitos de ideologia e hegemonia mostram-se importantes, posto que, detendo-nos em contextos situacionais em que o corpus se insere, averiguamos as ideologias que tendem a ser projetadas nas capas de revista, revelando relações assimétricas de poder com práticas sociais refletidas e influenciadas pelos mecanismos ideológicos do discurso. Por conseguinte, a observação dos processos

ideológicos das capas de revista conduz-nos à análise da orientação dos processos de produção e consumo das capas, evidenciando o engajamento dos suportes em relação à luta hegemônica e o modo como tendem a (re)(des)articular os complexos ideológicos das hegemonias representadas e combatidas, com o discurso da resistência, nas capas de revista analisadas.

É mister ressaltar que, apesar de, sob um olhar teórico, as categorias analíticas da ADC se apresentarem de modo sistêmico em divisões e subdivisões bem delimitadas, no que se refere à prática analítica, tais categorias tendem a se diluir e, por conseguinte, a se intercalar de várias formas, promovendo uma análise discursiva que não se detém em processos analíticos em sentido isolado, mas sim no todo discursivo.

Considerando o fato de que a materialidade multissemiótica das capas de revista são eivadas de processos discursivos complexos que tendem não somente a representar a realidade, mas também a (re)construí-la, a análise tridimensional de Fairclough (1989; 2001; 2003) (prática textual (significados representacional e identificacional), discursiva e social) apresenta-se como eficiente meio através do qual podemos perceber o modo como o discurso pode influenciar sujeitos sociais e, por consequência, (re)articular processos de mudança da estrutura comunicacional, ideológica e hegemônica da sociedade.

Partindo desses recursos teórico-metodológicos, na seção seguinte, analisamos as capas de revista como forma de consubstanciar a prática social contextualizada em todo o enquadramento teórico discutido.

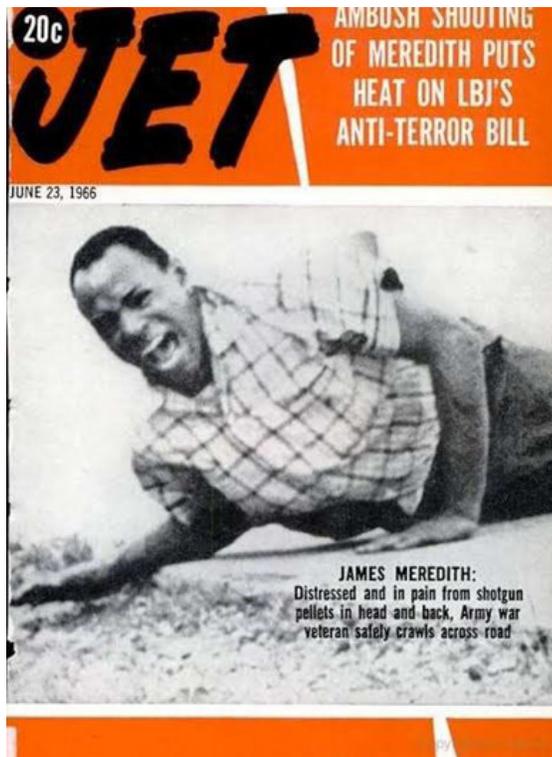
Discussão do Corpus

Capas da década de 1960

Lançando breve olhar sobre o Contexto de cultura da década de 1960, em relação ao movimento negro nos Estados Unidos da América (EUA), verificamos a interposição de tensão racial muito grande. Desse modo, após séculos de submissão, a comunidade negra buscou organizar-se em lutas revolucionárias de resistência em oposição à

hegemonia racial branca, buscando o reconhecimento, a aceitação, a igualdade entre raças, o que provocou acentuados combates em favor dos direitos civis dos negros. Não se restringido somente a marchas ou protestos pacíficos, o movimento negro adotou medidas radicais na luta racial, da luta armada e, por conseguinte, conquistando acentuado destaque em todo o mundo.

Figura 1 – Capa da Revista Jet



Fonte: <https://br.pinterest.com/newmanology/jet-magazine/>

No tocante à capa da Revista Jet, verificamos na composição do suporte acentuada carga discursiva em sua estruturação semiótica. A imagem exposta na capa de revista evidencia um fato marcante da história do movimento negro: o atentado a James Meredith, o que provocou um momento histórico que influenciou decisivamente os efervescentes protestos das décadas de 1970 e 1980.

No contexto de situação dessa capa, convalidando a proposta de Halliday e Matthiessen (2014), notamos o reconhecimento de Meredith como o primeiro negro a se formar pela Universidade do Mississippi, o qual apresentava nítido posicionamento segregacionista. Após deixar o exército, ele tentou por duas vezes se inscrever na Universidade de Mississippi; todavia, teve o acesso negado, por políticas de segregação racial dos estados sulistas americanos.

No contexto de cultura (discriminação), o governador de Mississippi (Ross Barnett) patrocinou um projeto de lei na assembleia legislativa do Mississippi, tentando frear o acesso dele à universidade. Contudo, como a Constituição estadunidense repudiava atitudes segregacionistas por instituições educacionais que recebiam verbas governamentais, a Suprema Corte dos EUA interveio no caso, garantindo, em 1º de outubro de 1962, o acesso dele.

Naquela data, homens brancos locais realizaram uma insurgência, o que obrigou o presidente John Kennedy a enviar tropas do exército para garantir o ingresso e a segurança dele. Concluindo os estudos (6/6/1966), Meredith iniciou uma marcha solitária de Memphis (no Tennessee), em direção a Jackson (no Mississippi), pretendendo registrar-se como eleitor, conforme promulgação de uma nova lei naquela época.

Durante o percurso, acabou baleado por Norvel (natureza da atividade social projetada na capa de revista (campo)), com a agonia registrada pelo fotógrafo Thornell que conquistou o prêmio Pulitzer, tendo a foto ganhado manchetes de jornais e se tornado capa de revistas, influenciando negros a se juntarem a Meredith, o que ficou mais tarde, conhecida como “Marcha Contra o Medo”. Ao final da marcha, ele se recuperou e voltou a caminhada, firmando-se como símbolo nacional contra a opressão racial

Em consonância com a teia de significados representacionais, verificamos que a composição da capa de revista desvela um tipo de discurso. Ao se apropriar de um fato historicamente situado, em um contexto situacional, há a marcação contundente do discurso de viés denunciativo que se interpõe, visto que a imagem tende a não contar com nenhum tipo de recurso estilístico, de modo que a importância

e aparente escolha editorial dela reside em seu valor histórico, na representação de um importante fato do movimento negro nos EUA.

Nessa medida, a exposição da expressão de dor do participante projetado tende a contribuir para a perspectiva discursiva adotada: demonstrando o estado de vitimação e de opressão de Meredith, a composição visual delata, conseqüentemente, o sofrimento do movimento negro, manifestando a condição deles nas tensões raciais daquela época.

Concernente ao plano retórico sociossemiótico verbal, notamos expressões de “angústia” e “dor”, reforçando e (re)afirmado no imaginário coletivo o discurso interposto: o plano verbal intercambia-se discursivamente com a composição visual, endossando o discurso denunciativo, à medida que, no plano discursivo, as expressões faciais e o posicionamento de Meredith unem-se a semanticidade das expressões “angustiado” e “com dor”, instaurando o discurso veiculado pela revista.

Levando-se em consideração o significado identificacional, percebemos que a composição da capa constrói uma identidade alocada na perspectiva discursiva adotada pelo suporte. Em relação ao plano visual, o destaque dado ao momento em que Meredith agonizava desvela presunções avaliativas que, ao expor a relevância daquele fato histórico, apresenta um *ethos* discursivo denunciativo, manifestando-o como portador da carga de delato da identidade negra. Por essa via, as intenções editoriais são encarnadas em escolhas discursivas que destacam trocas de conhecimento de intencionalidade denunciativa (FAIRCLOUGH, 2003): ao manifestar a fotografia do atentado a Meredith, o suporte adota uma prática discursiva de modalização deontica, à medida que a troca discursiva realizada se detém ao repasse da informação do atentado.

Na troca de informação (FAIRCLOUGH, 2003) está subjacente que a capa de revista assume um importante papel de delato, buscando funcionar como espaço de propagação de informações e, por conseguinte, de perspectivas discursivas frente ao fato divulgado, o que evidencia uma prática discursiva que não somente representou e expôs fatos reais, mas também a influenciou por meio de uma ação comunicacional que, além de denunciar, mobilizou leitores.

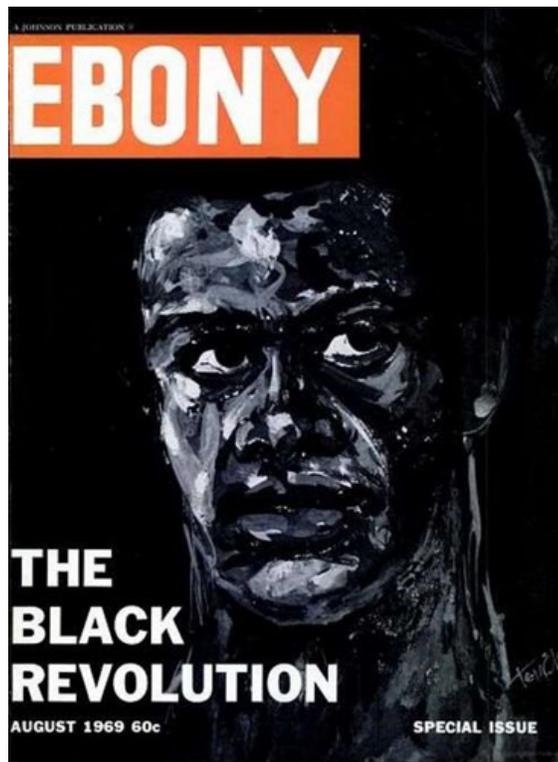
O plano verbal (“James Meredith: Angustiado e com dor pelas balas de espingarda na cabeça e nas costas, o veterano de guerra do exército rasteja com segurança pela estrada” – tradução nossa)³ funciona como polo de (re)afirmação da identidade evidenciada no plano visual. Ao apresentar o nome próprio “James Meredith” como ponto de partida da chamada, o suporte tende a concentrar nesta figura negra o *ethos* discursivo do suporte, alocando-o como portador da identidade denunciativa exposta pelo discurso da capa de revista em análise.

Em outra medida, o desenvolvimento da chamada, ao descrever o estado no qual Meredith se encontrava ao ser baleado, acaba por, assim como no plano visual, interpor uma presunção valorativa que, por meio de verbos como “crawls – rasteja”, ao descrever a ação registrada pela fotografia, expõe uma perspectiva de delato de tal fato. Concomitantemente, a exemplo da composição visual do suporte, a troca de uma informação histórica expõe uma modalização deôntica que funciona como meio de propagação e, por conseguinte, de relato do fato evidenciado.

Adotando uma prática discursiva que, pela composição verbo-visual, engajasse em um discurso de denúncia, a capa de revista em análise arroga-se o direito de combater práticas hegemônicas de racismo. Funcionando como meio comunicacional de propagação de informações, o suporte Capa de Revista, ao delatar o fato histórico do atentado contra Meredith, não somente representa o recorte de realidade evidenciado no suporte, como também naturaliza práticas discursivas que, ao interpelar o leitor, promove práticas sociais que se posicionam contra o racismo, ainda em voga à época: o crescimento do número de integrantes que aumentou gradativamente após o relato do atentado pelos meios de comunicação apresenta-se como importante exemplo do impacto social da comunicação. Nessa medida, percebemos que a linguagem representou um recorte de realidade historicamente situado, bem como influenciou sobre a realidade, figurando como ponto decisivo para o crescimento da marcha.

3 James Meredith: distressed and in pain from shotgun pellets in head and back, army war veteran safely crawls across road.

Figura 2: Capa da Revista Ebony



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/623326404653515648/?lp=true>

Na Capa da Revista Ebony, verificamos que tal suporte situa-se em um Contexto situacional de grande agitação racial nos EUA. À época, um intenso processo de luta racial é empreendido (atividade social projetada, discursivamente, na capa em análise – campo), sobretudo pela atuação do Partido dos Panteras Negras (Black Panther Party), fundado por Bobby Seale e Huey Newton em 1966, de modo que se ergue grande luta armada em favor de uma revolução negra, para a instauração de direitos igualitários entre raças.

No suporte analisado, grande destaque é dado a uma pintura com o rosto de um negro que olha, com feição rígida, para o horizonte. Dessa maneira, notamos como a cor negra ganha centralidade em toda a capa, uma vez que, além do participante projetado “portar” tal cor, o plano de fundo da capa também faz uso da mesma coloração. Em plano inferior, figura, em caixa-alta e em coloração branca a chamada

“A revolução negra” – tradução nossa⁴–, ganhando, também, destaque, com a tipografia da letra da chamada empregando grande força em sua exposição.

Levando-se em consideração o Significado Representacional, percebemos que dois tipos de discursos se entrecruzam. O enquadramento da figura projetada em *clouse up*, e uma exposição da imagem em ângulo frontal revela um discurso que busca valorizar o negro. Exposto em uma projeção que se foca sobretudo no rosto da figura, denotando intimidade entre participante representado e o leitor da revista, o leitor que interage com a composição visual da capa é levado a se identificar com a figura exposta, o que gera uma discursividade que, pela identificação entre participante projetado e leitor, (re)afirma a identidade negra.

Por outro lado, detendo-nos no direcionamento do olhar do participante projetado, observamos significações outras construídas. Com olhar arqueado, como se estivesse visualizando o horizonte, um discurso de projeção do futuro se interpõe, expõe um participante que, com o olhar diretivo, apresenta uma significação que manifesta a importância da esperança futura para a composição do suporte. Ao expor tal entrecruzamento discursivo (valorização do negro; esperança alocada no futuro) pela interdiscursividade, a composição textual manifesta uma Prática discursiva, na qual a valorização do negro é projetada num futuro almejado pelo participante, assim como pela comunidade negra daquela época.

Submetendo a análise do suporte aos pontos teórico-analíticos do Significado Identificacional, percebemos que a discursividade da capa gera um *ethos* positivo para a figura do negro. Ao entrecruzar discurso de afirmação identitária ao discurso de esperança, o suporte analisado projeta positivamente uma identidade de esperança para a condição do negro, manifestando, assim, uma presunção valorativa que avalia positivamente a figura do negro. Tal identidade é intercambiada pelo plano verbal (“A revolução negra” – tradução nossa) que, nesse caso, adota uma semanticidade, a partir da qual a “revolução” citada na chamada se evidencia como o meio pelo qual o futuro esperado pode ser alcançado.

4 “The black revolution”

Nesse ponto, a comunicabilidade do suporte cumpre um papel importante, representando a efervescência de lutas raciais do contexto situacional da revista.

Todavia, por meio de sua composição verbo-visual, indica o caminho a ser seguido: somente pela revolução um futuro de igualdade para a condição do negro norte-americano pode ser alcançado.

Verifiquemos, ainda, traços que caracterizam o participante projetado na capa supramencionada: lábios, nariz e pescoços grossos, cabelo *black power*, de modo que, “portando” traços característicos de indivíduos negros, a composição visual do participante projeta, ainda, uma semanticidade de comunitariedade. Sendo assim, a condição de igualdade esperada pelo participante projetado configura-se na espera de todo o movimento negro, o qual, por meio do ativismo revolucionário, pode alcançar tal condição.

Outrossim, uma prática social é instanciada, com posição nítida de combate à hegemonia de segregação racial, da ordem social ideologicamente legitimada. Assim, a prática discursiva desvela, ao designar a revolução como meio a partir do qual a igualdade entre raças esperada pode ser alcançada, acaba por cristalizar uma prática social engajada no combate de ideologias de segregação, com o propósito de romper visões estereotipadas e naturalizadas.

Capas de revista de 2008 e 2017

No contexto de cultura, verificamos que os EUA apresentam, ainda, embates sociais étnico-raciais segregadores. Se, há séculos, a segregação racial ocorria de forma explícita e direta, com nítida hierarquização social que submetia negros a brancos, atualmente, o racismo, apresenta-se, muitas vezes, de forma velada e indireta, com lutas sociais de resistência ganhando espaço, não só pelo grupo considerado em posição de inferioridade, como já foi antes, vislumbrando a necessidade e importância de reconhecer e de acolher identidades plurais.

Por outro lado, discursos atuais buscam, também, cada vez mais, cristalizar identidades legitimadoras do negro, fruto do processo contínuo de lutas por sua definição, o que é positivo, no impulsionamento

de novas formas de identidade, para a parcela negra da sociedade estadunidense, podendo contribuir para identidades mais fortalecidas, não submissas de pessoas negras a discursos hegemônicos.

Figura 3: Capa da Revista Vogue



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figuras-5-e-6-Capa-da-Vogue-America-April-2008-e-Cartaznorte-americano-de-1917-a_fig4_321138790

Conforme Fairclough (2001), o discurso como prática social é o espaço de solidificação de identidades e construção de estruturas sociais que circulam numa comunidade. Assim, ao escolher determinadas marcas linguístico-semióticas, produtores de textos podem trazer à baila aprovação ou negação de discursos, criados e alimentados no imaginário social, construindo identidades que instauram estruturas sociais. A partir desse contexto, observamos como a revista Vogue gerencia e espelha a voz dos ditos excluído ao veicular dois discursos que, ao se entrecruzarem, consolidam e avaliam determinado construto

identificacional, de modo que a identidade negra é significada de formas específicas.

Retomando o Significado Representacional, observamos, na composição semiótica dessa capa, o posicionamento corporal centralizado de dois atores sociais, acompanhados, ao fundo, por uma coloração cinza, tendendo a atenuar os elementos que os circundam. Afora isso, apesar da saliência da coloração vermelha, o nome da revista (Vogue) também ganha posição secundária de inibição por ser projetado em segundo plano em relação aos atores.

Na interposição do ator social negro Lebron James e da atriz social branca Gisele, identificamos marcas discursivas particulares, com um nítido paradoxo na expressão facial de ambos: Lebron “porta” uma visagem agressiva, com abertura da boca sugestionando um urro feroz em andamento, e com sobrancelhas, movimentadas notadamente ao centro inferior do rosto, e imprime fúria, construindo significados visuais que o manifestam em um estado físico agressivo, com inclinação corporal do tronco, quase animalesco; a ex-modelo possui traços da face carregados de significados valorativos, que, com altivez, longe de expressar agressividade, constrói imaginários de beleza, alegria, delicadeza e leveza: delineamento de sorriso nos lábios, alçamento de sobrancelhas, cabelos claros e lisos que se esvoaçam ao vento.

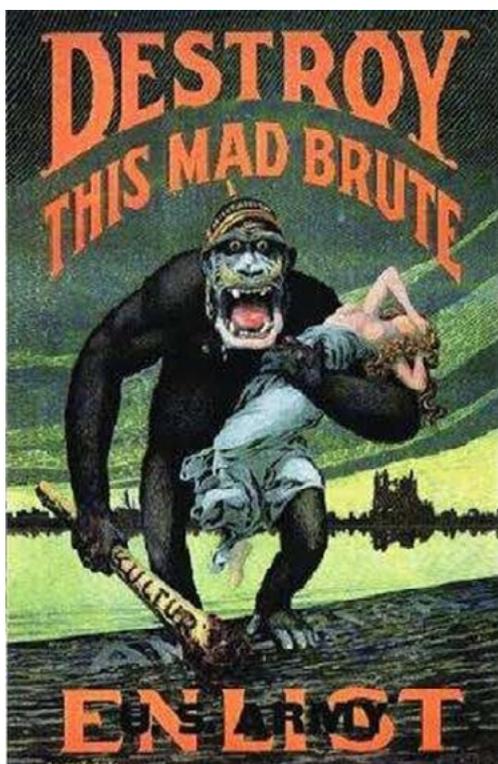
Posto isso, na teia discursiva multimodal, o discurso da capa de revista em destaque está posto: força hercúlea e, conseqüentemente, animalesca do ator social, em contraponto à delicadeza feminina da ex-modelo. Tal paradoxo não se manifesta gratuito, e sim procura estabilizar, no imaginário social, sentidos e naturalizações, convergindo a uma direção que contraria sentidos de igualdade, diferenciando totalmente os sujeitos. O discurso dessa capa busca divulgar informações e mostrar o que julga importante, com uma interpretação subjetiva do real, impregnada de ideologias. Pauta-se na reafirmação de estereótipos ao tematizar a desigualdade social.

Ao ser posicionado em uma posição de força (agressividade: abertura bucal denotando urro de ferocidade, e animalidade: exposição corporal com a curvatura do tronco), o jogador presentifica-se com significações discursivas que o associam a um estereótipo social, numa representação metonímica, o qual estigmatiza o negro, alocando no patamar dos animais irracionais. Em direção contrária, a projeção da atriz

apresenta-se com uma expressão corpórea de superioridade (tronco representado em estado vertical), o que lhe confere uma racionalidade incontestável, se comparada à de LeBron.

A estrutura discursiva constituída pelo plano imagético do suporte analisado abre-se, ainda, para a interdiscursividade, visto que, pela expressão corpórea dos atores, bem como pela estrutura semiótica da capa de revista como um todo, observamos nítida relação discursiva entre a capa da revista Vogue e o cartaz do filme King Kong, como podemos notar a seguir:

Figura 4: Cartaz do Filme King Kong



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figuras-5-e-6-Capa-da-Vogue-America-April-2008-e-Cartaz-norte-americano-de-1917-a_fig4_321138790

Neste cartaz do Filme King Kong, observamos a projeção de dois atores: à esquerda, interpõe-se a figura de um macaco gigantesco

(nomeado Kong), representado a partir de uma apresentação facial com agressividade em seus lábios, dando a entender a delineação de um brado, ao mesmo tempo em que sua forma corporal demonstra acentuada violência: tronco curvado, cado em punho, carregando uma mulher em um dos braços; à direita, há a projeção de uma mulher envolta por um vestido azul, com seios desnudados, de tronco em sentido retilíneo e mão ao rosto, colocando à mostra um gesto de angústia.

Estabelecendo uma comparação, a interdiscursividade se processa em duas medidas representacionais: em primeiro lugar, pensando na expressão facial dos atores representados nos dois suportes, notamos que, tanto Lebron como Kong, “portam” atitudes de agressividade, com bocas e lábios ferozes, valentes, impetuosos e selvagens, com faces hostis (posicionamento das sobrancelhas e marcas gerais dos rostos). Por outro lado, a expressão facial das duas atrizes representadas foge da agressividade: Gisele esboça uma expressão facial de extrema leveza, docilidade, com um sorriso nos lábios, com uma visagem de alegria. Em contraponto, ao cobrir o rosto, a figura feminina do cartaz denota angústia diante da situação enfrentada.

De igual modo, a postura corporal de Lebron e Kong se associa de forma nítida. Ambos encontram-se com troncos curvados, carregando objetos específicos em suas mãos: cada um, a seu modo, segura objetos que definem a prática deles, de forma que, de um lado Lebron faz uso da bola de basquete (marca de seu ofício de esportista – o que, por consequência, instância o contexto situacional no qual a figura do jogador se insere, desvelando, desse modo, uma prática social – campo – que se interpõe como característica que, em certa medida, contribui para definir o discurso estereotipado (como veremos adiante) a partir do qual a figura negra da capa é representada); de outro, Kong carrega um bastão (objeto de destruição). Além disso, os dois são envolvidos por camadas de vestimentas (roupas e pelos) que ressaltam a cor preta na representação dos atores. Em se tratando das atrizes delineadas,

no que se refere às suas posturas corporais, verificamos que ambas se encontram com troncos erigidos, em estado de elevação, com braços suspensos. Mostra-se notável, ainda, a coloração azul-claro dos vestidos, expondo, sobremaneira, a semelhança entre elas.

Nessa perspectiva, conforme postulados de Fairclough (2003), notamos um entrecruzamento discursivo com uma cooperação entre discursos apresentados na capa da revista Vogue e no cartaz do filme King Kong. Ao identificar os participantes dos dois suportes por meio da expressão facial e do posicionamento corporal deles, o discurso de animalização do negro e racionalização do branco é produzido, evidenciando representações sociais adotadas pelos discursos entrecruzados. Assim, uma interdiscursividade interpõe-se uma prática discursiva com um movimento de cooperação entre discursos: ao alinhar a composição semiótica dos dois suportes, e, de modo específico, a representação visual dos atores projetados, um ordenamento discursivo solidifica e, conseqüentemente, promove uma prática social na qual se forma este-reótipos da figura negra.

Pensando na identidade construída, por meio do Significado Identificacional, percebemos que marcas semióticas que constituem a representação dos atores Lebron James e Gisele naturalizam identidades e, conseqüentemente, engajam-nas em movimentos hegemônicos, a partir dos quais práticas sociais são influenciadas. A prática discursiva empreendida, na Capa da Vogue, coaduna com a construção de um *ethos* para as figuras representadas, de modo que tal identidade denota presunções valorativas que alocam tais figuras em lutas assimétricas de poder. Partindo disso, atendo-nos à projeção desses atores sociais, verificamos que, como já observado anteriormente, a postura corporal e características faciais deles proferem significados discursivos: Lebron (brutalidade e animalização), e Gisele (racionalidade e leveza).

As características faciais do jogador de basquete, ao denotar tom agressivo (sobrancelhas reclinadas para o centro da face e abertura bucal que evidencia um urro), fazem brotar dele a ideia de irracionalidade, mostrando-o como enfurecido. Na mesma medida, a postura corporal

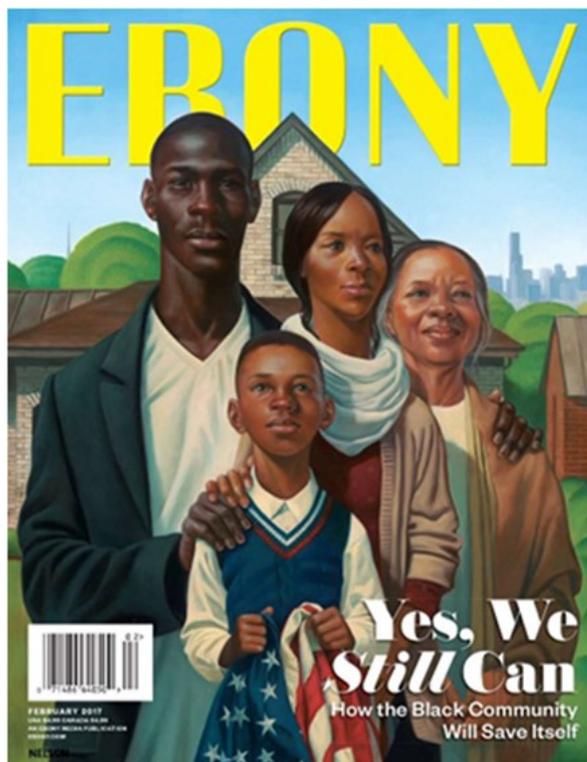
do esportista apresenta tonalidade animalésca: Lebron encontra-se com tronco curvado, pernas e braços abertos, carregando, em uma das mãos, uma bola de basquete; em uma mão, abraça Gisele. Assim, a avaliação de uma presunção valorativa presentifica-se por meio da postura corporal e de traços faciais de Lebron.

Percebemos que o jogador de basquete é avaliado por meio de significados subjacentes à estrutura semiótica superficial que giram em torno de um estereótipo de animalização da figura negra, já que seu rosto é associado à irracionalidade pela expressão de agressividade e sua postura corporal se atrela a uma posição animalésca, tal como um primata (a exemplo da interdiscursividade percebida entre o macaco do filme King Kong e o ator social Lebron James).

Avaliado sob esse viés, um *ethos* negativo é construído para o esportista, enquadrando-o num estereótipo social – o qual é corroborado pelo padrão corporal manifestado na chamada da capa (“Segredos dos melhores corpos/Gisele e Lebron + as *top models* mundiais e estrelas do esporte” – tradução nossa)⁵, sendo, dessa forma, postulado o foco informativo do suporte: a forma corporal das figuras manifestadas, de modo que verificamos a projeção do esportista e da modelo somente sob a perspectiva da forma física, desconsiderando a carga discursiva que cada uma das figuras poderá e pode portar. Nessa medida, a identidade avaliada e construída codifica um ordenamento discursivo que impele à prática social da qual se desvela e revela o engendramento hegemônico. Nela, manifestam-se relações de poder em que a sociedade se baseia, de modo específico a constituição social estadunidense. Desse modo, no contexto de cultura americano, percebemos, ainda, o discurso do preconceito racial em práticas sociais contemporâneas, revelando forças discursivas que instigam e engendram estereótipos negativos em relação à figura do negro.

5 “Secrets of the best bodies/Gisele e Lebron + the world’s top models and star athletes”.

Figura 5: Capa da Revista Ebony



Fonte: <https://www.ebay.com/itm/>

[Ebony-Magazine-February-2017-Yes-We-Still-Can-New-NO-Label/173854646070](https://www.ebay.com/itm/Ebony-Magazine-February-2017-Yes-We-Still-Can-New-NO-Label/173854646070)

Procedendo a análise do plano imagético proposto na capa da Revista Ebony, considerando o Significado Representacional, verificamos que dois discursos se entrecruzarem de acordo com a composição imagética do texto visual: em primeira instância, interpõe-se um discurso ufanista, que se traduz na bandeira segurada por um dos participantes da imagem – uma criança –, bem como nas cores da vestimenta desse participante, associadas às cores da bandeira estadunidense: branco, vermelho e azul.

Nesse sentido, notamos que a nacionalidade estadunidense, na teia retórica composicional da imagem, concentra-se no participante central, expondo o quão importante é a nacionalidade, num patriotismo excessivo, a ponto de, figurando em posição de centro, deslocar os outros

participantes para margem da estrutura visual, o que denota acentuada valorização do país; por outro lado, o fato de ser uma criança a portar o discurso nacionalista (concentrado na bandeira e na vestimenta do participante), manifesta outro discurso que, nesse caso, valoriza o que “estar por vir”, o futuro da nação, criando um discurso enraizado na esperança nacional. Ao se intercalarem, ambos os discursos, situados em práticas sociais específicas, dão voz a ornamentos discursivos que, em sua articulação, representam tendências sociais da atual configuração sociocultural da luta racial no contexto dos EUA.

A criança, figurando como o construto simbólico do qual emana um nacionalismo centrado na esperança futura, constrói a significação discursiva de um futuro que poderá trazer grandes esperanças nacionais para os EUA. De mais a mais, verificamos que há, para além de um discurso nacionalista, solidificado na perspectiva da esperança, uma significação de identidade racial. Sendo portador não somente de uma esperança nacionalista, a figura do participante, também, instancia a questão racial, justamente por ser portador de cor negra.

Por essa via, verificamos um entrecruzamento de discursos que, por meio da interdiscursividade, instancia discursos que cooperam entre si e associa o futuro nacional à comunidade afrodescendente, no contexto estadunidense, construindo uma estrutura significacional que expõe o negro como centro nacionalista, assim como aquele em quem se concentram esperanças nacionais para o futuro da nação.

Prosseguindo na análise, o plano verbal evidencia o discurso de afirmação racial do negro, já que a chamada “Sim, ainda podemos”⁶ – tradução nossa – interpõe uma carga positiva de destaque. Desse modo, o uso das marcas linguísticas “ainda” e “podemos” denota e confirma os discursos do plano visual, em que o advérbio de tempo revela o sentido de temporalidade que, assim como visto na composição imagética, expressa a construção simbólica de uma esperança alocada no tempo futuro e esperada no tempo presente; já a forma verbal “podemos”, conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo, além de expressar atemporalidade associada ao advérbio, manifesta simbologia de identificação por meio da primeira pessoa do plural,

6 “Yes, will still can”

expondo sujeitos que, situados no discurso, identificam-se como parte de uma comunidade: a comunidade negra.

Nessa direção, verificamos que, também no plano verbal, a interdiscursividade ganha espaço: força e voz, associando a espera presente (marcada pelo advérbio em concomitância com o presente do indicativo) à identidade racial da comunidade negra. Assim sendo, emerge a seguinte representação discursiva: na intercalação de ordem do discurso, o sujeito negro é representado sob um viés de positividade, alocado em uma posição de futuro benéfico racial no contexto estadunidense.

Em termos de Significado Identificacional, notamos que a articulação dialética entre dois tipos de discursos – racial e nacionalista – contribui para a afirmação de um determinado tipo de identidade negra. Por se tratar do discurso do negro, no que diz respeito ao plano visual, verificamos que a composição imagética, ao alocar participantes como se estivessem em um estado comunitário de grupo, vai ao encontro da perspectiva de uma identidade que, não se detendo à individualidade, se faz presente na coletividade (nesse ponto, interpõe-se o contexto situacional no qual este gênero se insere, evidenciando a prática social e o contexto específico no qual a comunidade afro-americana se insere: uma atividade que advoga em favor de um ideal de fraternidade para a comunidade negra dos EUA). A constituição discursiva pelas características semióticas desse gênero, por meio do estilo executado em tal prática discursiva, constitui uma identidade que, não se atendo a uma construção individual, relaciona-se a um *ethos* comunitário: o da comunidade negra estadunidense.

Assim é que, agrupados, os participantes representados (re) afirmam e legitimam a ideia de uma identidade que não se restringe a um indivíduo determinado, mas à comunidade afro-americana. Esse fator é ainda ressaltado pela faixa etária dos membros do grupo representado: encontramos, no suporte revista, criança, adulto e idoso, o que corrobora o ideal de que a identidade processada pelos discursos vinculados à estrutura visual é comum a toda a comunidade negra estadunidense, independentemente da faixa etária na qual se encontram. Por outro lado, a representação do discurso nacionalista,

ditado pela bandeira e pelas cores da vestimenta da criança, designada no centro da imagem, ao se associarem à comunidade negra como um todo, desvela um *ethos* que, ao articular discursos racial e nacionalista, dá voga a uma significação identitária situada no contexto racial dos EUA, a qual constitui a identidade do quadro racial da comunidade negra dessa nação.

O plano verbal, por sua vez, coaduna com a identidade racial construída na composição imagética, pois o uso do advérbio “sim”, desvelando uma categoria avaliativa pelas vias da estruturação linguística da sentença, avalia, positivamente, a identidade racial, confirmando o conjunto de ideias estruturadas na composição visual e expressando uma modalidade notadamente subjetiva, segundo a qual percebemos o engajamento ideológico do produtor da capa analisada, em favor da luta racial empreendida por sujeitos negros dos EUA. Assim, tanto o plano visual como o verbal constroem e solidificam uma identidade racial que se pauta na nacionalidade. O negro, nessa perspectiva, é tido como o futuro da nação estadunidense.

Alocada em um contexto situacional de luta racial, no qual o negro busca afirmação de sua identidade diante de um contexto social no qual ainda se tornam necessários embates para fins de consolidação identitária negra, há um *ethos* discursivo que se processa no bojo do nacionalismo e da conjuntura racial, emergindo uma identidade de resistência. Assim, ao manifestar a luta de sujeitos desprivilegiados na estrutura de dominação social, essa capa da revista *Ebony* não somente representa, mas também naturaliza uma identidade racial que se posiciona de modo combativo diante das pressões hegemônicas de uma ordem discursiva dominante, pois, visando às relações de poder assimétricas, não busca subjugar nem assujeitar a raça negra.

Nesse viés, a projeção desses atores sociais da capa de revista e a articulação discursiva que constitui a identidade de resistência deles corroboram, inicialmente, a rearticulação de ordens do discurso, em favor de um posicionamento de luta contra construtos hegemônicos preconceituosos e, posteriormente, a desarticulação das relações sociais que fazem parte da dominação hegemônica existente no contexto estadunidense.

Conclusão

Nesta pesquisa, verificamos que, na composição verbo-visual de capas de revista, significados discursivos multivariados são constituídos, potencializando práticas sociais que possuem impacto imediato na estrutura social. Por essa via, a partir da representação de discursos, assim como por meio da estruturação de identidades discursivas, a figura do negro foi projetada de diversos modos, interpondo-se de acordo com as ideologias de cada um dos suportes analisados, desvelando visões de mundo divergentes.

Pudemos verificar, considerando contextos culturais e situacionais, que a figura do negro estadunidense é enfocada, primeiramente, a partir de um viés de combate na luta racial por direitos igualitários (1966-1969, no final do século XX), e, posteriormente, sob uma perspectiva dual, na qual ora é visto como símbolo de positividade, ora é projetado por meio de uma ótica negativa, até mesmo de forma animalésca (2008-2017, no século XXI).

Na esteira dessas ideias, verificamos, nas capas que reportam ao século XX, a projeção de diferentes discursos nos suportes selecionados, advindos do contexto cultural e situacional nos quais se inserem. No tocante ao Significado Representacional, observamos, de um lado (Jet (1966)), a apropriação do contexto situacional do atentado a Meredith para não só divulgá-lo, mas também motivar o engajamento da comunidade negra estadunidense no que se refere à marcha empreendida pela vítima do atentado, projetando no discurso da capa de revista estruturas sociais que instanciam práticas sociais específicas; e, por outro lado (Ebony (1968)), a evidência de uma interdiscursividade que, por meio da composição verbo-visual, aloca o discurso de valorização do negro no bojo de uma prática discursiva que instanciam uma condição racial esperada e intercambiada pelo advento da revolução social. Por conseguinte, a exposição de discursos que coadunam as lutas pelos direitos civis dos negros estadunidenses funciona como ação discursiva que movimentam práticas sociais posicionadas combativamente contra a estrutura hegemônica racial de tal contexto cultural.

Em outra medida, a representação discursiva (Significado Representacional) das capas de revista do século XX apresentam acentuada divergência, por projetar discursos em posicionamentos

divergentes em relação à luta hegemônica racial. Desse modo, se em uma das capas (Vogue (2008)), observamos um interdiscurso que, pelas expressões faciais e pelo posicionamento corporal da figura negra interposta, associa o participante projetado à figura do gorila Kong (1997) e, por conseguinte, motiva uma prática discursiva que instancia um ideal animalesco para o negro. Em se tratando da outra capa (Ebony (2017)), visualizamos a interposição de uma interdiscursividade que, ao veicular discursos intercambiáveis (da valorização racial da comunidade negra norte-americana ao da exaltação da nação estadunidense), expõe uma visão de positividade e valorização do negro estadunidense. Nesse viés, esses discursos representados, na contemporaneidade, apresentam acentuada polarização.

Assim como na representação discursiva, as capas de revista divulgadas no contexto cultural da década 1960 apresentam posicionamento combativo à constituição identitária do negro (Significado Identificacional). A capa da revista Jet (1966) interpõe Meredith como portador de uma carga discursiva denunciativa, o que, paralelamente, evidencia uma modalização deôntica, a partir da qual, no repasse de conhecimentos informativos, promulga um *ethos* denunciativo que expõe informações e mobilizou a prática social dos indivíduos alcançados pela comunicabilidade da capa de revista. A capa de revista Ebony (1968), ao entrecruzar discursos para valorizar a identidade e almejar melhores condições raciais por meio de atitudes revolucionárias, evidencia uma presunção valorativa que projeta a figura do negro de forma positiva e, conseqüentemente, desvela um *ethos* discursivo revolucionário, motivando a comunidade negra estadunidense a engajar-se contra hegemonias segregacionistas.

Em se tratando das capas de revista situadas no século XXI, percebemos, nitidamente, polarizações em relação à construção identitária do negro estadunidense. A capa da revista Vogue (2008), por meio da expressão facial e do posicionamento corporal da figura negra, expressa uma presunção valorativa negativa de Lebron, inserindo-o tanto numa identidade discursiva (*ethos*) estereotipada – um animal –, quanto se engajando, concomitantemente, num posicionamento que corrobora ideologias racistas. De outro modo, o conjunto de ideias estruturadas na composição visual da capa de revista Ebony (2017), ao entrecruzar discursos de índole racial e nacionalista, que se alocam em um ideal de comunidade, desvela um *ethos* discursivo de resistência, em que, diante

de um contexto de luta racial polarizado, a comunidade negra é vista como ponto de resistência e como símbolo de nacionalidade. Assim sendo, desponta uma modalidade subjetiva, em que notamos o engajamento do produtor textual em relação à luta racial contra relações de poder hegemônicas.

Nesse sentido, a inserção das capas analisadas em diferentes contextos culturais e situacionais é fator significativo, uma vez que aquelas veiculadas nos anos finais do século XX apresentam alto teor combativo, expondo cargas ideológicas que incentivam e promovem, direta ou indiretamente, revoluções sociais. Já as capas das revistas situadas no século XXI esboçam um cenário de profunda polarização do negro: ora por signos estereotipados, ora por projeções que, apesar, de valorizá-lo e incentivar uma aparente posição de resistência, não promovem, como outrora, engajamentos explícitos em favor de lutas revolucionárias.

Notável é, ainda, o fato de que, em cada uma das capas analisadas, a hipótese faircloughiana de que a linguagem é promotora de reestruturações da ordem social tende a se confirmar: ou por meio da troca de informações, ou por projeção de ideais, algumas capas motivaram e promoveram práticas sociais decisivas para o movimento negro de lutas por direitos civis; ou a partir da interposição de visões de mundo do negro, alguma das capas incentivou a polarização do cenário de discussões sobre a representatividade do negro no sistema midiático e na própria estrutura social.

A partir deste estudo, podemos compreender que as composições sógnicas de capas revistas não são construções aleatórias ou neutras, mas sim “portadoras de escolhas semiótico-discursivas que, além de representarem visões de mundo, atuam sobre a sociedade, (des) colonizando atividades humanas e, por conseguinte, (re)(des)construindo a estrutura social.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Edimburgo: EdinburghUP, 1999.

- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Linha D'Água**. São Paulo: v.25(2), p. 307-329. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728/51460>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GRAMSCI, A. **Quadernidel Carcere**. v. 1, 2, 3, 4. Torino: Edição Einaudi, 1975.
- HABERMAS, J. **Technik und wissenschaft als ideologie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to function grammar**. 4ª edição London: Routledge, 2014.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.
- MARX, K. **O capital**. Boitempo: São Paulo, 2017.
- RESENDE, V.M; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo. Editora Contexto, 2014, 2 ed.
- WODAK, R. **Language, power and ideology**. Amsterdam: Benjamins, 1989.

Sites consultados

<https://br.pinterest.com/newmanology/jet-magazine/>

<https://br.pinterest.com/pin/623326404653515648/?lp=trueh>

https://www.researchgate.net/figure/Figuras-5-e-6-Capa-da-Vogue-America-April-2008-e-Cartaz-norte-americano-de-1917-a_fig4_321138790

https://www.researchgate.net/figure/Figuras-5-e-6-Capa-da-Vogue-merica-April-2008-e-Cartaz-norte-americano-de-1917-a_fig4_321138790

<https://www.ebay.com/itm/Ebony-Magazine-February-2017-Yes-We-Still-Can-New-NO-Label-/173854646070>



CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE MULHERES NEGRAS EM CAPAS DE REVISTAS

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Anna Beatriz Mormetto Alvarenga

Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves

Introdução

No cenário midiático contemporâneo, com o avanço do desenvolvimento tecnológico, acentua-se cada vez mais a presença da multimodalidade e dos gêneros digitais, não se podendo ignorar novas formas de organização dos textos, com outras formas de linguagem e de produção de sentido, o que exige novas habilidades de leitura.

No bojo de estudos basilares hallidayanos, a pesquisa empreendida advém do projeto institucionalizado A Construção de Significados Metafuncionais em Capas de Revistas, resolução CEPEX 232/2017, e do recorte do projeto de iniciação científica A formação da identidade de atrizes negras em capas de revistas, edital PROINIC 1/2018.

A partir do entendimento de que recursos semióticos visuais e verbais atendem a propósitos comunicacionais e representacionais e de que a composição verbo-visual é capaz de constituir um todo significativo composto por ideologias, valemo-nos de categorias analíticas de base sistêmica da metafunção representacional e interativa (KRESS; VAN

LEEUWEN, 2006) e do significado identificacional (FAIRCLOUGH, 2003), com o propósito de analisarmos o discurso em capas de revistas.

O quadro teórico do estudo empreendido assenta-se no aparato teórico-metodológico dos estudos multimodais, cujo cerne é a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), e nos estudos críticos do discurso, na vertente de Fairclough (2003).

Com uma metodologia interpretativo-qualitativo, embasamo-nos na Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e van Leeuwen (2006), que sistematiza a análise de artefatos sígnicos, e na Análise de Discurso Crítica (ADC), nos termos de Fairclough (1989; 2001; 2003), que analisa práticas sociais discursivas imbricadas em hegemonias, ideologias e relações assimétricas de poder.

Como objetivo geral de compreender como a atriz social negra Lupita Nyong'ó, inserida num contexto de discriminação racial e luta pela valorização do negro nos EUA, é representada em três capas de revistas americanas de circulação em plataforma digital. Como objetivos específicos, buscamos: (i) analisar, por meio da metafunção representacional (GDV), quais significados advém da representação da atriz social negra Lupita Nyong'ó na composição verbo-imagética; (ii) investigar como se estabelece a interatividade entre leitor, produtor textual e a participante representada por meio de imagens, a partir de categorias analíticas pertencentes à metafunção interativa (GDV); (iii) averiguar de que maneira se processa a construção de identidades (*ethos*), por meio de ferramentas analíticas do significado identificacional de Fairclough (2003).

A partir dos objetivos elencados, respondemos às seguintes perguntas de pesquisa:

- De que maneira as composições verbo-visuais, ao representar a figura da atriz social negra, auxiliam na construção de significados simbólico-culturais ligados a ela?
- Como se dá a interação entre os participantes interativos (leitor e produtor textual) e a participante representada (Lupita Nyong'ó) por meio das imagens?

- Como são constituídas, representadas e reafirmadas identidades (*ethos*) vinculadas às composições multissemióticas?

Em um primeiro momento, analisamos a estrutura visual a partir das metafunções representacional e interativa (GDV), a fim de investigar de que forma as imagens representam experiências de mundo, e, mais ainda, como se desenvolve o processo de interação por meio das imagens e, conseqüentemente, como o leitor é convidado a se aproximar ou distanciar do conteúdo que está sendo exposto por intermédio do contato estabelecido.

A partir dos processos conceituais simbólico atributivo e simbólico sugestivo (metafunção representacional) procuramos compreender quais significados advém da disposição estática da participante nas capas de revistas, e, ainda, se os valores simbólicos veiculados são inerentes à participante representada (simbólico sugestivo) ou se estabelecem uma relação de portador e atributo simbólico (simbólico atributivo) com a figura disposta.

Na metafunção interativa, lançamos mão das categorias analíticas, olhar, distância e perspectiva, procurando investigar a carga funcional que têm as capas das revistas e, com isso, delinear como se estabelecem as relações e interações por meio de imagens, bem como analisar como a disposição do participante na estrutura imagética tem o poder de conduzir o leitor a se aproximar ou distanciar do conteúdo que está sendo exposto.

Em se tratando da ADC, embasados na concepção de discurso como prática social de influência na realidade empírica que advoga Fairclough (2003), buscamos, por meio das ferramentas analíticas que pertencem ao significado identificacional (avaliação, modalidade e metáfora), compreender de que forma identidades são construídas, reforçadas e difundidas (*ethos*) através de discursos imbricados em vieses ideológicos e relações de poder. Desse modo, nas capas das revistas, procuramos averiguar de que maneira as composições multissemióticas contribuem na tessitura de identidades por meio de: valores que portam avaliação; vinculação do produtor com o que está exposto, bem como do falante com o que está sendo enunciado; e

representação de construções e valores de mundo que se efetivam em estruturas metafóricas.

A motivação desse estudo encontra-se na pretensão de desenvolver uma análise da composição imagética e discursiva de três capas de revistas americanas distintas, de circulação virtual, que possibilitem uma leitura da representação da atriz social negra Lupita Nyong'ó inserida em um contexto de transformações político-culturais e de lutas pela valorização da comunidade afrodescendente por que passa os Estados Unidos.

A escolha pela plataforma digital deve-se ao advento das mídias digitais que atuam diretamente na reconfiguração do gênero capas de revista, ou seja, guiamo-nos pela importância do ambiente virtual como potencializador de produções textuais e propagador dos rearranjos por que passou a linguagem na era da tecnologização.

Após essa introdução, a primeira seção apresenta, em linhas gerais, conceitos básicos da Gramática do Design Visual, para a leitura de imagens, e da Análise de Discurso Crítica. A segunda seção apresenta a metodologia aplicada à análise das capas. A terceira seção apresenta a discussão dos dados e os resultados, embasados nas categorias analíticas propostas. Na última seção, apresentam-se as considerações finais.

Revisão da Literatura

A Gramática do Design Visual

Kress e van Leeuwen (2006), apoiando-se na Gramática Sistêmico-Funcional, propuseram a Gramática do Design Visual, doravante GDV, objetivando descrever categorias de análise de imagens estáticas e dinâmicas, para as quais a produção de significados se processa pela articulação de participantes e semioses, com efeitos de sentido e ideologias.

Na atualidade, segundo Kress e van Leeuwen (2006), a comunicação constrói-se por novos gêneros que apresentam diferentes recursos

sígnicos, com componentes verbais que se unem aos visuais, a fim de construir um todo significativo, o que demanda novos letramentos. O letramento de textos multimodais, para eles, implica compreender de que maneira artefatos sígnicos são relacionados para formar um todo coerente.

A partir da perspectiva da GDV, as imagens e a linguagem verbal podem ser analisadas por meio de uma sistematização. Assim, com base nas metafunções concernentes à LSF, Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que significados representacionais têm o potencial de representar experiências e aspectos do mundo; significados interativos permitem o estabelecimento de uma relação imaginária entre o produtor textual, o participante representado e o leitor; e significados composicionais constituem o modo como o texto se organiza.

Os autores reforçam que construções visuais não se traduzem de forma equivalente à linguagem verbal, já que ambas possuem suas particularidades, sem uma equivalência automática entre elementos visuais e componentes linguísticos. A propósito, ressaltamos que as imagens, dotadas da mesma riqueza de constituição da linguagem verbal, representam experiências a partir da perspectiva de quem as compôs; reproduzem, simbolicamente, nas relações sociais, posições ideológicas e visões de mundo, por exemplo, se pensar nos significados representacionais e interativos, foco de nossa pesquisa.

Metafunção Representacional

Kress e van Leeuwen (2006) apontam que estruturas visuais e verbais possibilitam a representação das experiências dos indivíduos, por meio dos processos representacionais, via participantes representados (lugares, pessoas e objetos, entre outros). Os significados representacionais subdividem-se em: narrativos e conceituais. Os narrativos, não abordados pela não pertinência à análise, comportam a representação de ações e eventos, com participantes representados conectados por vetores (que podem ser formados pelos corpos em ação).

Para Kress e van Leeuwen (2006), os processos conceituais, visando formar conceitos, representam participantes descritos de forma estática, sem ações, apresentando: a “natureza” (essência de classe), a estrutura (simples ou complexa) e os significados deles, em termos do que significam ou são, representados, respectivamente, por processos classificatórios, analíticos e simbólicos.

No processo conceitual classificatório, com o qual não trabalhamos nesta pesquisa, os participantes relacionam-se de forma taxonômica, com pelo menos um grupo de participantes, atuando como Subordinados em relação a um outro participante Superordenado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2000). Como bem ilustram Nepomuceno e Paes (2018, p. 311):

[...] a título de exemplificação do processo classificatório, podemos pensar em uma peça publicitária de O Boticário, na qual a linha a ser ofertada – maquiagem – (assunto do anúncio em questão, melhor dizendo, participante superordenado), é composta por batom, blush, base, sombra, entre outros, os quais são tidos como participantes subordinados. (NEPOMUCENO; PAES, 2018, p. 311)

Já no processo conceitual analítico, com o qual também não trabalhamos, os participantes não estabelecem relação entre si por meio de ações, mas por uma estrutura que relaciona a parte ao todo (o todo: portador; e as partes: atributos possessivos). Kress e van Leeuwen (2006) apontam que imagens compostas por esse processo possuem um objetivo mais interacional do que representacional, pois o participante representado direciona seu olhar para o interativo, com o sistema interacional dominante, numa relação imaginária.

O processo conceitual simbólico, foco da análise desenvolvida, representa os participantes em termos do que eles são ou significam. Nele, a figura dos participantes representados é explorada para conferir-lhes valores que se constroem por meio dos processos atributivos, com o qual trabalhamos na análise da capa de revista 1, e sugestivos, a partir dos quais analisamos as capas de revista 2 e 3.

No processo simbólico atributivo, “[...] há dois participantes, aquele cujo significado ou identidade é estabelecido na relação, o portador,

e o participante que representa o próprio significado ou identidade, o atributo simbólico” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 122). Por essa via, há o destaque de um participante em relação a outro (por tamanho, saliência, lugar na cena representada, ou por associação a valores simbólico-culturais), visando direcionar o foco do leitor (a) da revista, o que produz o significado.

No processo simbólico sugestivo, há apenas um participante, o portador, que carrega, na essência, valores socioculturais e identitários, com o valor simbólico conferido a ele processado por meio da mistura de cores, da acentuação da luminosidade e do modo como se configura o ofuscamento dos detalhes. Nele, a significância da imagem e a identidade em si representada são percebidas como intrínseca ao participante representado (a mulher negra).

Metafunção Interativa

Na metafunção interativa, consoante Kress e van Leeuwen (2006), os participantes representados levam leitores à ação, funcionando como um artifício capaz de criar relações imaginárias, aproximando ou distanciando, direta ou indiretamente, produtores e leitores. Nela, as imagens podem apresentar dois participantes: interativos (produtores de imagens e leitor) e representados (pessoas, coisas e lugares retratados).

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), três tipos de relações podem ser estabelecidos: (i) entre participantes representados; (ii) entre participantes representados e interativos; (iii) entre participantes interativos. Nessa perspectiva, toda imagem produzida faz circular um discurso, de modo que o produtor imprime, no jogo semiótico interativo, ideologia e intencionalidade prévias. Em vista disso, as interações entre os participantes podem ocorrer por meio do/da: olhar, distância (afinidade social) e ponto de vista (perspectiva).

As composições imagéticas podem apresentar participantes representados que olhem diretamente para o participante interativo, ou para outro participante representado na imagem. Kress e van Leeuwen (2006, p. 118) argumentam que os participantes representados são

geralmente humanos e, não sendo, “[...] quando são representados olhando para o observador, são, conseqüentemente, antropomorfizados, ou seja, representados de maneira humanizada”.

De modo similar ao que ocorre nas proposições verbais, as proposições visuais, (relacionadas à oferta ou demanda), permitem que um ator social aceite ou rejeite um comando ou algo que lhe é oferecido. Kress e van Leeuwen (2006) chamam essas interações de “atos de imagem” e apontam a possibilidade de, em se tratando deste estudo, o olhar do participante representado, isto é, da atriz social queniano-mexicana, estar ou não em direção ao do leitor (interativo), em maior ou menor grau de interação.

Assim é que, em uma imagem com olhar de demanda, a participante representada olha diretamente para o interativo, com vetores perceptíveis, formados pelas linhas dos olhos, estabelecendo uma conexão entre ambos. Nessa configuração imagética, o olhar de demanda da representada é diretivo, sedutor, íntimo e configura-se como um convite, estabelecendo uma relação imaginária que propõe respeito e desejo, sendo, visualmente, o leitor abordado de forma impactante e direta. Nessa conexão, a participante representada solicita algo do interativo (aproximação, distanciamento) definindo como o leitor deve percebê-la e estabelecendo um envolvimento emocional entre os participantes da *mis en scène* semiótica.

Em direção oposta, em uma imagem com olhar de oferta, a participante representada, sugerindo a invisibilidade dela, olha para o leitor vagamente, de modo indireto e distante, com vistas a, sutilmente, sugerir contemplação, credibilidade e admiração do interativo.

A distância ou afinidade social representa outra dimensão da função interativa, da qual se vale os produtores das revistas para a representação das imagens nas capas. É possível uma relação imaginária de maior ou menor distância social com o leitor, podendo ser em forma de *close-up* (plano fechado), *médium shot* (plano médio), *long shot* (plano aberto).

Se se considerar a escolha do produtor, a atriz social negra de que tratamos nesse estudo, se fotografada até os ombros, com enquadramento fechado (*close-up*), sugere uma relação mais pessoal,

amigável, próxima e íntima; até os joelhos (*médium shot*), vislumbra uma relação social de respeito e credibilidade; e corpo inteiro (*long shot*), mais distante, numa relação social impessoal, de admiração. Tais escolhas sugerem aproximação (*close-up* e *médium shot*), ou distanciamento (*long shot*).

Concernente, ainda, à interatividade por meio de composições visuais, para além dessas duas categoriais que podem ser selecionadas pelo produtor das imagens nas capas, há o ângulo (ponto de vista) da imagem. Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 129) “[...] é possível expressar subjetivamente atitudes em relação ao participante representado, humano ou não”, não sendo consideradas atitudes subjetivas como, necessariamente, individuais, uma vez que, frequentemente, elas são determinadas socialmente.

Kress e van Leeuwen (2006) apontam que, em se tratando do ponto de vista pelo qual a imagem é disposta, podemos verificar ângulos que atuam na constituição de relações de aproximação ou distanciamento entre a participante representada e o leitor, tais quais: (i) o ângulo frontal, que promove maior envolvimento entre o leitor e a participante disposta na estrutura visual; (ii) e o ângulo oblíquo, a partir do qual há um afastamento, isto é, a sensação de não pertencimento por parte de quem observa. Ao passo que os ângulos superior, inferior e na linha dos olhos promovem o desenvolvimento de relações de poder, assim: (iii) a escolha de um ângulo superior proporciona o estabelecimento de uma relação entre participantes interativos (o produtor da imagem e o leitor) e a participante representada, na qual poder e imponência são conferidos aos participantes interativos, que são posicionados “acima” daquela representada na imagem; (iv) a escolha de um ângulo inferior confere mais poder à participante representada, pois propicia que o leitor se sinta pequeno, diminuído e insignificante; (v) e a escolha de um ângulo na linha dos olhos imprime um ponto de vista por meio do qual há igualdade e, conseqüentemente, não existem relações assimétricas de poder envolvidas.

Concluindo, simbolicamente, o ângulo selecionado pode fazer com que possamos perceber a atitude de dominação entre participantes interativos e representados: superioridade, inferioridade ou igualdade.

Dessa feita, a escolha do olhar e do enquadramento do participante representado e a preferência em utilizar um ponto de vista na disposição dele propiciam o estabelecimento de relações imaginárias, isto é, uma interatividade que se dá por meio da imagem e das escolhas que a compõem e, mais ainda, da afirmação de relações de poder simétricas ou assimétricas.

Análise de Discurso Crítica: discurso, ideologia e hegemonia

Nesta seção, apresentamos a proposição teórica da ADC, postulada por Fairclough (2003). Somando-se à GDV, focamos na proposição teórica faircloughiana, mais especificamente, no significado identificacional e nas categorias analíticas que o compõem.

A perspectiva da ADC, nos termos de Fairclough (2001), seguindo de perto Foucault (1997), concebe o discurso como prática social, como um modo de ação constituído socialmente e constitutivo, contribuindo para construir: (i) identidades sociais e posições do sujeito; (ii) relações sociais interpessoais; (iii) sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001).

Tais modos de construção correspondem, respectivamente, às três funções da linguagem: identitária (modo como discursos estabelecem identidades); relacional (representação e negociação das relações sociais entre os participantes); e ideacional (modo como o mundo e seus processos são significados nos textos). A par disso, não existe discurso neutro, pois, em consonância com Foucault,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por números e procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2003, p. 8)

Por essa via, segundo Fairclough (2001), o discurso processa-se como instância social na qual estruturas sociais se efetivam em práticas sociais, responsável por representar sistemas de significação social e por

reformular estruturas sociais, ordenando relações sociais, solidificando, propagando e (des)fazendo identidades, com práticas discursivas da sociedade desempenhando papel ativo na (re)configuração da realidade.

Muito embora se reconheça o quão os trabalhos de Foucault (1997; 2003) tenham oferecido contribuições valiosas para o desenvolvimento da ADC, em destaque, nesse caso, os estudos de Fairclough (1989; 2001; 2003), no tocante à relação entre discurso e poder, cumpre ressaltar que Foucault não se ateu às lutas sociais e mudanças sociais travadas no e pelo discurso. Assim sendo, os estudos dele não são suficientes para o processo de lutas discursivas, motivo por que a inserção de noções de ideologia e de hegemonia são necessárias aos estudos da ADC.

Com vistas ao entendimento do discurso como prática social, a ADC busca relacionar o conceito de discurso, em um primeiro momento, à noção de hegemonia gramsciana, tendo em vista que hegemonia e a luta hegemônica se dão como práticas discursivas em interações verbais e composições multissemióticas por meio da dialética entre sociedade e discurso. Desse modo, hegemonias são compostas, reproduzidas, modificadas e negadas por meio de práticas discursivas. De mais a mais, o discurso processa-se como uma esfera da hegemonia, porque a manutenção de determinado grupo no poder depende, parcialmente, da capacidade que esse grupo tem de gerar práticas discursivas que o sustentem.

Assim é que Fairclough (2001), apoiado em Gramsci (1975), caracteriza hegemonia como um desequilíbrio, com atrito entre poderes imbricados em vieses ideológicos conflitantes. No entendimento faircloughiano, a hegemonia ocorre como o domínio exercido por um grupo que detém poder sobre os demais, baseado mais na conformidade do que na força.

Verificamos que o conceito de hegemonia evidencia a importância da ideologia na obtenção e permanência da dominação, uma vez que, ao considerar que relações de dominação são mais embasadas no consenso do que no uso da força, a naturalização de práticas e relações sociais é basilar, se se pensar na permanência de grupos no poder. Por fim, para Fairclough (2001), a investigação de práticas discursivas

processa-se, também, como análise de formas materiais de ideologias, já que ideologias se materializam em práticas discursivas.

A LSF, para a qual sistemas linguísticos são abertos à vida social, influenciou sobremaneira a análise textual proposta pela ADC, por conceber a linguagem como um sistema aberto e atentar-se para uma concepção dialética que percebe os textos estruturados pelo sistema e possivelmente inovadores dele.

Valendo-se dos estudos hallidayanos, com funções da linguagem representando a realidade, ordenando relações sociais e estabelecendo identidades, Fairclough (2003), num olhar multifuncional dos textos, adota uma perspectiva segundo a qual a instância textual se processa por meio de uma base tridimensional que revela três funções simultâneas da linguagem: prática social (que engloba ideologias, hegemonias e orientações sociopolíticas); prática discursiva (que diz respeito à produção, distribuição, consumo e contexto); e texto (a que compete o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual).

Ao trabalhar com um modelo que considere três dimensões passíveis de serem analisadas, a Teoria Social do Discurso considera a prática social e o texto como dimensões do evento discursivo, isto é, a prática discursiva intermedeia as duas dimensões sobreditas e dá enfoque aos processos de produção, distribuição e consumo do texto e a processos sociais relacionados a ambientes políticos, econômicos e institucionais (RESENDE; RAMALHO, 2014).

Fairclough (2001) recontextualiza a LSF, em um primeiro momento, sugerindo a cisão da função interpessoal hallidayana em duas funções separadas (identitária e relacional), compondo as funções: ideacional; identitária; relacional; e textual. Já em Fairclough (2003), a fim de manter a noção de multifuncionalidade dos três significados da LSF, há uma articulação entre as macrofunções de Halliday e os conceitos de gênero, estilo e discurso, sugerindo, em vez de três funções da linguagem, três tipos de significado: Representacional, Identificacional e Acional.

Consoante Resende e Ramalho (2014), a operacionalização desses significados mantém a teia multifuncional de Halliday e Matthiessen (2014), para a qual Fairclough (2003) reconhece o imbricamento simultâneo dos significados. Nessa direção, o discurso, na relação entre

eventos e textos, atua no modo de representar, agir e ser, em que cada qual se liga a um significado. Via de regra, nas palavras de Resende e Ramalho (2014), em Fairclough (2003), as metafunções de Halliday e Matthiessen (2014) se recontextualizaram da seguinte forma:

O significado acional focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais, aproxima da metafunção relacional, pois a ação legítima/questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo [...], aproximando-se da função ideacional, e o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando a função identitária. (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 60 – grifos nossos)

Na sequência, atemo-nos aos significados identificacionais, recorte deste artigo, com vistas a mostrar o discurso instanciado por relações de poder e ideologias, exercendo efeitos construtivos e influências sobre identidades, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença.

Significado Identificacional

O significado identificacional relaciona-se ao modo como as identidades se constituem e se constroem, imbricado no estilo, por meio da articulação de pistas linguístico-semióticas. Nas palavras de Resende e Ramalho (2014, p. 76): “[...] Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos”. Identificar atores sociais tem de ser compreendido “[...] como um processo dialético em que discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é” (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 76).

Na esteira da ADC, a identidade processa-se como um ato de criação linguística, produzida em discursos, textos e interações. Por se tratar de uma construção simbólica, é instável, sujeita a relações de poder e lutas por sua (re)definição. Em vista disso, a construção identitária liga-se à constituição do *ethos*, que se dá a partir de características discursivas que solidificam um “eu” em comportamentos individuais.

Segundo Fairclough (2003), para a análise dos processos de construção, negação ou solidificação identitária, há categorias de averiguação específicas: avaliação, modalidade e metáfora. A avaliação ocorre por afirmações avaliativas, afirmações com verbos de processo mental afetivo e presunções valorativas. As afirmações avaliativas são declarações sobre o que é considerado (in)desejável ou (ir)relevante (RESENDE; RAMALHO, 2014,), podendo ser atributo (nos termos de Halliday, 2014), verbo, advérbio ou uma exclamação (pontuação) – (FAIRCLOUGH, 2003) –, estando atreladas a uma escala de intensidade, por meio de advérbios e adjetivos avaliativos, variáveis de baixa a alta intensidade.

As afirmações com verbos de processo mental constituem avaliações afetivas, geralmente, com marcação da subjetividade no uso de verbos do processo mental, a exemplo de, eu quero. De igual modo, há, também, gradação entre baixa e alta intensidade. A título de exemplificação, na capa de revista 1, Lupita Nyong’o, ao posar para a Vogue, afirma: “I want to create opportunities for people of color” (Eu quero criar oportunidades para pessoas de cor), fazendo uso do processo mental desiderativo “querer” e pontuando o desejo de promover oportunidades para as pessoas de cor, com a avaliação das necessidades da comunidade negra, o que marca seu posicionamento em relação à vivência como afrodescendente nos EUA, e as ações que ela pretende tomar para beneficiar essa parcela da população estadunidense.

As presunções valorativas “[...] configuram-se como valores implícitos ou pressupostos [...] casos em que não há a presença de marcadores notadamente transparentes de avaliação, isto é, os valores estão mais profundamente inseridos nos textos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 173). A título de ilustração, verificamos que, na capa de revista 3, em que Lupita Nyong’o posa para a Dazed & Confused, há a chamada “Girls rule the world” (garotas governam o mundo), que carrega o implícito: as contribuições da luta feminista e um embate em relação aos discursos que envolvem concepções machistas.

Em conformidade com Fairclough (2003, p. 58), citado por Resende e Ramalho (2014, p.80), aquilo que não está explícito é de

especial relevância ideológica, já que “[...] pode-se dizer que relações de poder são mais eficientemente sustentadas por significados tidos, amplamente, como tácitos”. Assim, a construção do significado liga-se ao explícito e implícito, pois “[...] o que está dito em um texto sempre se baseia em presunções “não ditas”, então, parte do trabalho de se analisar textos é tentar identificar o que está presumido” (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 80).

Fairclough (2003), ao propor a categoria modalidade, retoma os estudos de Halliday e Matthiessen (2014), para os quais o modo como o falante expressa um ponto de vista e constrói um julgamento, manifesta uma posição, um juízo em diferentes graus, se dá como modalidade e se relaciona com a distinção entre propostas (troca de bens e serviços) e proposições (troca de informações).

Assim, a LSF apresenta dois tipos de modalidade: modalização, que ocorre quando há troca de conhecimentos e informações; e modulação, na qual estão inseridas as propostas (ofertas e comandos). Ambas podem apresentar graus intermediários, quando o valor do julgamento a respeito do que está sendo dito é médio e, conseqüentemente, se situa entre os polos, e, ainda, maior proximidade em relação aos polos, nas situações em que a valoração do que está sendo emitido se aproxima das polaridades positivas ou negativas.

Desse modo, tomando como base a LSF, Fairclough (2003) agrega as noções de modulação e modalização em modalidade, considerando modalidade como uma categoria única e, também, como o compromisso do falante com o que está sendo emitido. Assim é que, em se tratando de modalidade, afirmações e perguntas dizem respeito à troca de conhecimento (proposições hallidayanas), e ofertas e demandas à troca de atividades (propostas).

Se se considerar os estudos de Halliday e Matthiessen (2014), quando da apresentação da metafunção interpessoal, no sistema de modo, para Fairclough (2003), a modalidade é epistêmica em trocas de conhecimento, e relaciona-se ao comprometimento com a verdade e, em trocas de atividade, a modalidade é deôntica e relaciona-se ao comprometimento com a obrigatoriedade e com a necessidade.

Além dessas distinções, o autor advoga que a modalidade pode ser objetiva, quando a base subjetiva do julgamento não está explícita e, em consequência disso, não fica claro se o ponto de vista defendido e projetado pelo falante é universal ou se ele age como um disseminador do ponto de vista de outrem. Já na modalidade subjetiva, o falante deixa às claras a afinidade com a proposição, isto é, “[...] a base subjetiva para o grau de afinidade com a proposição é explicitada” (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 83). A realização linguística típica da modalidade são os verbos e advérbios modais com os adjetivos correspondentes.

A relevância do estudo da modalidade para o significado identificacional, tal qual postula Resende e Ramalho (2014), advém do fato de que a modalidade, por ser tida como a relação entre o autor de um texto e a representação, é relevante na composição discursiva das identidades, uma vez que “[...] o quanto você se compromete é uma parte significativa do que você é – então escolhas de modalidade em textos podem ser vistas como parte do processo de texturização de autoidentidades” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 166, citado por RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 85).

Por fim, a partir do entendimento de que a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra, tendo em vista que o pensamento humano é largamente metafórico e, conseqüentemente, a metáfora reflete-se na linguagem porque existe em nossa compreensão de mundo, há três tipos de categorias analíticas concernentes a construções metafóricas: conceptuais, orientacionais e ontológicas.

Nas metáforas conceptuais, conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros, o que se dá, a título de ilustração, na capa 2, em que Lupita Nyong’o é concebida a partir da relação entre ela e os conceitos “poder” e “glória”. Cumpre ressaltar que os significados construídos por meio das metáforas conceptuais variam, se se considerar o contexto interacional, isto é, dependendo da circunstância, poderíamos relacionar os mesmos conceitos a características positivas, mas, em outros momentos, usar a mesma construção a fim de ressaltar aspectos negativos.

As metáforas orientacionais, ao levar em consideração nossas experiências culturais e físicas, relacionam conceitos a orientações não arbitrárias. Em vista disso, na capa da Vogue, verificamos que, ao enunciar que “deseja criar oportunidade para pessoas de cor”, Lupita lança mão de uma metáfora orientacional, uma vez que há a busca por quebrar o paradigma de “inferioridade” dos afrodescendentes.

As metáforas ontológicas, por sua vez, consistem na compreensão de experiências em termos de objetos e circunstâncias, ou seja, possibilitam que quantifiquemos e identifiquemos aspectos, causas e consequências de experiências abstratas. Lakoff & Johnson acrescentam que,

[...]por vezes, as metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas em que o objeto físico é personificado. Isso permite que nós compreendamos uma gama de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. (1980, p. 33)

De mais a mais, Fairclough (2003) aponta a significância que advém da escolha de uma metáfora e não de outra, isto é, a forma como nos comunicamos, e, mais ainda, as construções metafóricas de que nos valem sugerem as leituras de mundo que fazemos. Assim, a importância dessa categoria para a análise do significado identificacional em textos se dá na representação que as metáforas constituem de nossas leituras de mundo.

Metodologia

Composição do corpus

Com base na Gramática do Design Visual (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006) e na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003), considerando o hibridismo semiótico no ambiente virtual, limitamos o corpus a capas de revistas americanas on-line. Ressaltamos que o gênero capa de revista modificou-se sobremaneira para atender às

transformações da sociedade após a revolução tecnológica, passando a contemplar múltiplos artifícios discursivo-semióticos, visando instituir conceitos, construir identidades, propagar ideias, influenciar leitores e estabelecer um convite à leitura e, mais ainda, uma identificação com o conteúdo on-line das publicações.

Propomo-nos a trabalhar com três capas de revistas distintas: Dazed & Confused, de agosto de 2014; Vogue, de setembro de 2016; e Porter Magazine, de agosto de 2018. A seleção das três revistas justifica-se por podermos observar como se processa a representação da mulher negra em publicações de temática e público-alvo distintos.

O critério de seleção das capas adveio da representação da atriz social negra queniano-mexicana Lupita Nyong'ó, que advoga a favor da valorização do negro nas mídias de circulação mundial. Assim, na mídia digital, levando-se em consideração discursos propagados de reforço, de resistência e de protagonismo do negro, o gênero capas de revista lançou mão de novas representatividades, com o intuito de atender às demandas sociais.

Os seguintes critérios foram considerados na seleção das capas:

- i. Representatividade social da atriz negra queniano-mexicana Lupita Nyong'ó;
- ii. Presença de elementos semióticos, para análise dos significados representacionais e interativos da GDV, objetivando investigar de que forma as imagens externam e representam experiências de mundo, e, mais ainda, como se dá o processo de interação por meio das imagens;
- iii. Presença de associação da figura da atriz social negra Lupita Nyong'ó a representações discursivas nas composições multissemióticas, a fim de estabelecer uma análise da construção ou reafirmação de identidades no discurso (*ethos*) através do significado identificacional, da ADC.

Procedimentos teórico-metodológicos

Para este artigo, selecionamos, como aporte teórico, a Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e os estudos de Fairclough (2003) na proposição da Análise de Discurso Crítica, ambos de base sistêmica.

Com base na GDV, em um primeiro momento, analisamos de que forma o participante é representado na composição imagética e quais significações são atribuídas ou advém dele, a partir dos processos conceituais simbólicos atributivo e sugestivo concernentes à Metafunção Representacional. Em se tratando da Metafunção Interativa, objetivando compreender como se dá, por intermédio do participante representado, a interação entre o produtor da imagem e o leitor, e, ainda, decifrar a intencionalidade por trás da relação imaginária estabelecida, lançamos mão das categorias analíticas: olhar (oferta e demanda); enquadramento (*close-up*, *medium shot* e *long shot*); e ponto de vista (ângulo frontal, oblíquo, na linha dos olhos, superior e inferior).

Posteriormente, tendo como base os postulados da ADC, a fim de mostrar o modo como o discurso se constrói por relações hegemônicas de poder e ideologias, valemo-nos das seguintes ferramentas analíticas do significado identificacional: (i) avaliação (afirmações avaliativas, afirmações com verbos de processo mental afetivo e presunções valorativas); (ii) modalidade (epistêmica e deôntica/objetiva e subjetiva); e (iii) metáfora (conceituais, orientacionais e ontológicas).

Por último, ainda concernente aos significados identificacionais, observamos a constituição de um *ethos* discursivo.

Assim, a partir desses recursos metodológicos apresentados, analisamos, na seção seguinte, três capas pertencentes às revistas Vogue, Porter Magazine e Dazed&Confused, respectivamente.

Passemos às análises.

Discussão do corpus

Figura 1 – Capa da revista 1: Lupita Nyong’O



Fonte: <https://www.vogue.com/magazine>

Retomando a GDV, à luz da metafunção representacional, verificamos, nesta capa da revista Vogue, a participante representada Lupita, atriz social negra queniano-mexicana, que veicula significados conceituais, por meio de uma representação estática, sem resquícios de ação. Essa projeção representacional conceitual possibilita ao leitor uma análise detalhada dos atributos dela, conferidos visualmente: uma estrela, uma linda mulher negra, realizada e orgulhosa de ser quem é, bem-sucedida como atriz, com prestígio social, de pele impecável (aveludada, acetinada e lisa), com traços simétricos delineados e fortes (boca e nariz).

Inserida nessa simbologia, a figura feminina em tela permite que exploremos o que ela é ou o que ela significa na essência: uma mulher negra. A partir da valoração dessa imagem apresentada, projeta-se uma carga valorativa que deve se estender às mulheres negras, estrangeiras ou não, que se empenham em propagar a importância do espaço dado aos negros.

Tal projeção conceitual da mulher negra constrói um processo conceitual atributivo simbólico, em que a atriz social negra funciona como a portadora desse simbolismo, que acontece pelo valor da africanidade. A locação (o ensaio realizado no Quênia), as qualidades (traços, pele e rosto) e as significações evidenciadas nas vestimentas (vestido e turbante, símbolos da cultura africana), compõem, ao serem atribuídos à raça negra, a valoração positiva ao alcance do sucesso pela mulher negra e o reforço ao enaltecimento da afrodescendência.

Na construção dos significados interativos (GDV), no que diz respeito ao olhar, observamos, por parte de Lupita, uma interação direta, que procura envolver visualmente o participante interativo. Nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), Lupita realizou um ato de imagem com quem diz “estou falando com você”. Muito embora esteja com o corpo levemente voltado à direita, ela faz com que seu raio de visão interaja, frontal e diretamente, com o leitor da capa, expondo um olhar de demanda. Com efeito, ela, por meio de relações imaginárias, convida o leitor a, em sintonia com ela pelo alto grau de envolvimento e vínculo criados, participar do universo da mulher negra como ela é.

A atriz social negra encontra-se numa distância com enquadramento em plano médio, projetada do tronco para cima, num ângulo que permite um grau de intimidade com o leitor, colocado próximo a ela, e que possibilita a ele a visualização de Lupita com as vestimentas culturais que traja, o que cria proximidade com a essência da participante afrodescendente.

Ainda na esteira dos estudos da GDV, do ponto de vista, a atriz queniano-mexicana representada interage com o leitor a partir de um

ângulo frontal, no mesmo nível do leitor, o que os coloca em posição de igualdade e empatia, proporcionando um alinhamento do leitor da revista com a valorização da mulher negra através da atriz social Lupita Nyong'ô.

Complementando as semioses dos significados imagéticos, no significado identificacional do discurso, consoante Fairclough (2003), se se pensar na materialidade linguístico-semiótica, verificamos que, na capa em tela, há uma citação da atriz queniano-mexicana: "I want to create opportunities for people of color" (Eu quero criar oportunidades para pessoas de cor). Na avaliação, observamos o verbo "quero" (processo mental desiderativo afetivo), por meio do qual ela pretende se engajar, criar oportunidades e resistência para pessoas de cor, marcando sua subjetividade, interligada à vivência dela e ao entendimento do ser e estar no mundo como negra.

Inseridos ainda na categoria avaliação, levando-se em consideração significados implícitos, uma presunção valorativa: ao afirmar que quer criar oportunidades, Lupita deixa subentendido que existe, ainda, na sociedade americana, um racismo estrutural que faz com que negros e estrangeiros não consigam uma vida digna ou determinados postos de trabalho em consequência da cor/pertencimento sociocultural.

No que diz respeito à modalidade, tanto no engajamento social dela quanto no reconhecer da necessidade de ter mais oportunidades, há a explicitude da ligação de Lupita com a proposição, o que implica ajuda na texturização de uma identidade de reforço ao combate ao racismo e valorização da comunidade negra. Assim, há uma modalidade epistêmica, com troca de conhecimento, e subjetiva, estando explícitos na superfície textual o julgamento e a relação da atriz social negra com o que é dito.

Soma-se, ainda, a presença da metáfora ontológica, posto que a luta hegemônica entre discursos de (des)valorização do negro na sociedade americana deve ser compreendida na necessidade de oportunidades, isto é, ao se impor como porta voz dos menos

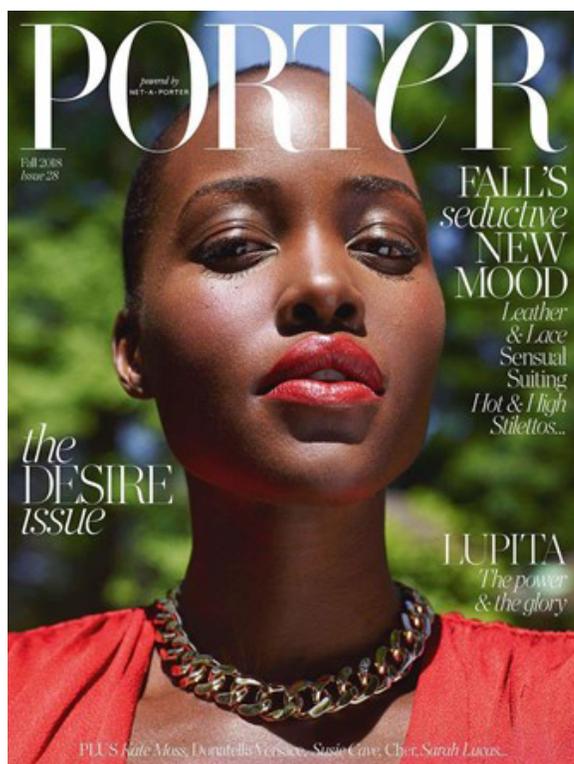
favorecidos, Lupita combate o racismo e compreende o confronto discursivo, a partir do reconhecimento, primeiro, de que falta espaço para pessoas de cor, e, também, de que ela, figura feminina negra de destaque, serve como meio para denúncia e como fomentadora da viabilidade de oportunidades.

Ainda na esteira das metáforas compostas na capa em tela, podemos identificar uma metáfora orientacional, codificada a partir de experiências culturais e físicas. Assim sendo, ao afirmar que existem pessoas de cor que não têm acesso a oportunidade, a atriz social negra revela o racismo ainda presente na estrutura social americana e, com isso, veicula e pretende combater a ideia segregacionista de que os negros são inferiores. Em suma, a orientação “inferior” advém da percepção não arbitrária de que “para baixo” é negativo e, nesse caso, deve ser combatido a fim de criar expectativas e melhorias para a comunidade negra dos EUA.

No que diz respeito ao produtor dessa capa, verificamos que, nos termos da ADC, através do destaque dado a Lupita e, mais ainda, da ênfase posta no nome da atriz, que está grande e acima da citação, o produtor avalia positivamente a figura da atriz social e, ainda, se compromete, ao compor a capa, com a valorização do negro, posto que, além de escolher a mulher negra como relevante, escolhe, para a materialidade linguística da composição, uma citação que enaltece o valor do negro e combate ao racismo estrutural.

Por fim, percebemos um *ethos* comunitário, ou seja, a reafirmação de uma identidade: a da comunidade negra feminina norte-americana, com uma identidade de resistência e de valorização negra e feminina. Ao destacar a luta dos não privilegiados, essa revista representa e sustenta o processo de solidificação de uma identidade racial que se posiciona de modo combativo, diante das pressões hegemônicas que procuram subjugar a raça negra. Em vista disso, pelo destaque dado à imagem da Lupita Nyong’o, mulher afrodescendente e empoderada, e pela valorização da citação, há evidência de essa capa “portar” a valorização do negro.

Figura 2: Capa da revista 2: Lupita Nyong'Ó



Fonte: <https://www.net-a-porter.com>

Com base nos postulados da GDV, e, mais especificamente, na metafunção representacional, verificamos, uma vez mais, que Lupita encontra-se estática, sendo veiculada de maneira a formar, na sua essência, um conceito. Com efeito, salta aos olhos o destaque dado a ela, por meio da valorização dos atributos conferidos à raça negra: uma mulher negra linda, com uma pele acetinada, lábios invejáveis, cílios volumosos que chamam atenção para os olhos e a iluminação na centralidade do rosto, que confere maior relevância à beleza do contorno do rosto, fato que enaltece a identidade dela e a figura negra feminina.

No processo conceitual simbólico sugestivo, a participante representada desempenha papel de Portadora dos valores culturais e identitários inerentes a ela, isto é, a proximidade do rosto da atriz queniano-mexicana, que evidencia seus traços africanos, e o enriquecimento que

a luminosidade confere aos contornos de seu rosto, fazem com que haja a propagação de um significado: o de reforço da identidade de mulher negra que carrega Lupita Nyong’o.

Na estrutura imagética, procurando averiguar a forma como a capa de revista carrega vieses ideológicos e constrói a interação entre os participantes representados e interativos (produtor da capa e leitora), observamos a metafunção interativa. No que diz respeito ao olhar, percebemos que, apesar de Lupita estar com a cabeça levemente inclinada em relação ao interlocutor, há o estabelecimento de um olhar de demanda. Com esse olhar, ela olha de maneira diretiva, íntima e sedutora o leitor, impactando-o de forma direta, com uma conexão imaginária não só entre ambos, mas também com o que ela “porta”. O interlocutor é convidado a compartilhar da mensagem que ela carrega: a valorização da mulher negra.

Ao determo-nos na distância, verificamos um enquadramento close-up, a partir do qual há maior aproximação ainda do leitor, tendo em vista que permite a visualização bem de perto do rosto e de parte dos ombros da participante representada. Tal escolha amplia a relação de proximidade entre os participantes dessa *mis en scène*, pois, ao representar Lupita de maneira tão próxima ao interlocutor, permite um laço de intimidade entre eles e, mais ainda, que o leitor possa se sentir mais íntimo do discurso de valorização que carrega a atriz social afrodescendente.

Por sua vez, no que diz respeito ao ponto de vista, se se pensar no ângulo pelo qual a figura feminina é apresentada, percebemos a utilização de um ângulo inferior, ou seja, Lupita Nyong’o está, na estrutura visual, com o queixo levemente levantado, fato que lhe confere mais poder em relação ao leitor. A partir da relação de poder estabelecida, há a afirmação da detenção do poder à figura da mulher negra, a fim de quebrar o paradigma social de inferioridade dos negros e, mais especificamente, das mulheres.

No significado identificacional, segundo Fairclough (2003), na citação “Lupita/power & glory” (Lupita/o poder e a glória), levando-se em consideração a avaliação, verificamos que, por meio dos adjetivos “poder” e “glória”, o produtor textual compõe uma afirmação avaliativa

da Lupita Nyong’o. Ao conferir a ela os adjetivos, avalia-a de maneira positiva, o que representa o empoderamento que emana dela: mulher negra, orgulhosa da matriz africana que possui, e vitoriosa, se se pensar na atividade de atriz que desempenha.

Ao considerar as construções de significados implícitas, há, ainda, uma presunção valorativa, com o enaltecimento da figura feminina, a valorização das mulheres negras e da comunidade afrodescendente, em que Lupita Nyong’o funciona como um símbolo de reafirmação da identidade africana.

Em termos da modalidade, o julgamento do produtor textual está explícito, ao conferir a ela o “poder” e a “glória”, com uma visão positiva da figura reforçando o quão ela é importante: uma das poucas atrizes negras vencedoras do Oscar. Assim, o “poder” e a “glória” advêm de sua competência como atriz, relacionando-se, também, à valorização e simbologia que carrega Lupita como afrodescendente. Embasados nessas considerações, conceituamos a modalidade como epistêmica, na troca de conhecimentos, e subjetiva, porque o produtor da capa clarifica o julgamento que faz da atriz representada.

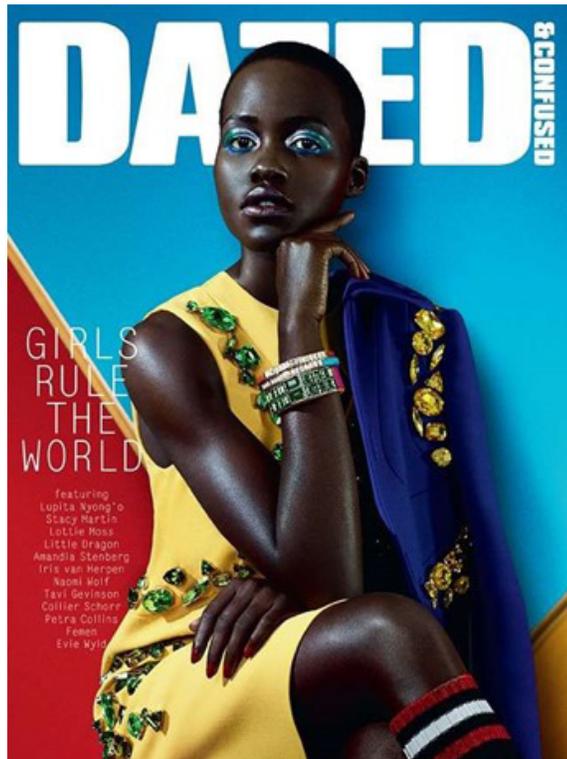
No tocante à metáfora, a partir do entendimento de que Lupita Nyong’o é o poder e a glória, há a configuração de uma metáfora conceptual, já que ela é compreendida em termos da “glória” e do “poder” que lhe são conferidos positivamente.

Outrossim, verificamos que a composição multissemiótica, do plano verbal e da valorização imagética da figura negra e do destaque dado ao seu nome na capa da revista, carrega uma valorização positiva de Lupita Nyong’o. A imagem da atriz é poderosa, seus traços de matriz africana são ressaltados e a ela são conferidos adjetivos de empoderamento, compondo uma identidade, um *ethos*: o de valorização da mulher negra pela valorização e pelo reconhecimento do poder dela.

Cumpramos ressaltar a luta hegemônica, se se pensar que os adjetivos da composição da imagem são representativos do embate contemporâneo aos discursos de segregação do negro e, mais ainda, de desvalorização da beleza e do empoderamento da mulher negra e de sua africanidade. Desse modo, essa revista contribui para a construção

de uma identidade que enfrenta um discurso hegemônico que, desde o início do século XXI, vem sendo desconstruído.

Figura 3: Capa da revista 3: Lupita yong'O



Fonte: <https://www.dazeddigital.com>

Do ponto de vista da GDV, a capa da revista Dazed & Confused traz uma representação conceitual da atriz social, sem vetores que indiquem movimento e ação, representada de forma estática, com vistas a constituir significados a partir do que ela simboliza. Desse modo, classificamos essa composição sígnica como simbólica sugestiva, com a disposição de apenas uma participante que carrega em si valores culturais e identitários. Lupita porta a valorização da figura feminina negra que ascendeu e pôde impor-se contra o racismo estrutural que busca dificultar a visibilidade do enaltecimento da africanidade, sendo

intrínseca a ela a identidade que porta e a relevância que tem se se pensar na comunidade americana.

No que concerne à análise da metafunção interativa, Lupita Nyong’o, uma vez mais, estabelece um olhar de demanda com o interlocutor, por meio do qual constitui uma relação imaginária que propõe admiração e respeito. Visualmente, o interlocutor é impactado de forma direta, sendo solicitado a ele uma aproximação dela e da mensagem que carrega: a de valorização das mulheres e, mais especificamente, das negras.

Na categoria distância, verificamos que essa participante se enquadra no plano médio, dos joelhos para cima. Tal escolha propicia que o interlocutor esteja perto dela, mas não tão próximo, para visualizar a composição das roupas, a valorização dos traços (rosto, braços e pernas viçosas), o destaque dado ao brilho da pele e pano de fundo, que, a partir de cores fortes, orna com as composições da roupa e da maquiagem da atriz social negra.

Em termos de ponto de vista, a capa da revista Dazed & Confused apresenta Lupita em ângulo frontal, o que desencadeia um maior envolvimento entre os participantes representado e interativo, visto que confere proximidade e, de modo semelhante, intimidade com a mensagem que veicula Lucila e a revista. De mais a mais, o ângulo que se impõe endossa a construção de uma igualdade entre o leitor e a participante representada, fato que propicia a constituição de uma relação imaginária próxima e convidativa.

No que concerne à análise dos processos de construção, solidificação ou negação identitária, lançamos mão das categorias de averiguação avaliação, modalidade e metáfora pertencentes ao significado identificacional faircloughiano. Na materialidade linguística, ao colocar em destaque na composição multissemiótica da capa a chamada “girls rule the world” (garotas governam o mundo), o produtor textual compõe uma afirmação avaliativa, isto é, ao dar ênfase, por meio do verbo “rule” (governar), às lutas feministas que desencadeiam um processo de reconhecimento do papel da mulher como “governante” de suas próprias vontades, o produtor avalia de modo positivo não só a valorização da mulher, mas também a relação de Lupita Nyong’o como uma figura feminina de poder. Há, considerando construções

significativas tácitas que desenvolvem valores de maneira “não dita”, presunção valorativa de que, a partir do engajamento sociopolítico dos movimentos feministas negros americanos que eclodiram a partir do início do século XXI, é necessário reafirmar a posição de poder das figuras femininas, em especial a das negras. Com a chamada e a escolha dessa atriz social destacados, o produtor textual confere relevância ao discurso feminista e se engaja no embate ao discurso que ainda busca relativizar a importância de se reconhecer o papel também de poder que exerce a mulher.

No tocante à modalidade, ao constituir a capa de revista com a afirmação de que “as garotas governam o mundo”, o produtor da composição multissemiótica se compromete com o que está sendo afirmado, ou seja, se engaja diretamente ao postular, sem abertura para dúvidas, a relevância do papel feminino. Por se tratar de troca de conhecimento, a modalidade é epistêmica e, como o julgamento do produtor textual está explícito, engajado na luta feminista negra, a modalidade é, ainda, subjetiva.

Em termos de metáfora, em um primeiro momento verificamos que o produtor, ao considerar a necessidade de afirmar a “governabilidade” das mulheres, ou, melhor dizendo, ao dar visibilidade ao empoderamento feminino, deixa implícito que, durante muitos séculos, houve uma compreensão sociocultural de que a mulher era inferior ou não se enquadrava em um papel de dominante, de superior em determinadas circunstâncias. Ancorados nessa concepção de empoderamento e negação de inferioridade, a chamada figura como uma metáfora orientacional, com uma ancoragem corporal, e conseqüentemente cultural, a fim de desenvolver a concepção de valorização da mulher negra.

Além disso, soma-se à metáfora orientacional a metáfora ontológica, visto que, ao lançar mão de “garotas governam o mundo” para compreender a luta contra o patriarcado, e, mais especificamente, a fim de representar os engajamentos feministas, o produtor da capa toma como base o termo “garotas”, objetivando representar e constituir de maneira menos abstrata, ancorado em uma representação da coletividade do mundo físico, o empoderamento feminino.

Por fim, verificamos a reafirmação de uma identidade e, conseqüentemente, a tessitura de um *ethos* representativo de uma comunidade: a da coletividade negra feminina. Nesse sentido, uma identidade de empoderamento da figura feminina e de resistência negra é composta na capa dessa revista. Portanto, pela representação de Lupita Nyong'o como uma mulher poderosa e bem-sucedida, pela escolha da chamada que reforça o discurso de reconhecimento das lutas feministas que buscam por equidade, tal capa solidifica uma identidade racial positiva que se revela de maneira combativa diante das lutas hegemônicas e dos discursos que buscam depreciar tanto a raça negra quanto a figura feminina. Assim, pelo destaque dado a essa atriz social negra como mulher dotada de poder, e pela veiculação de uma representação discursiva feminista, percebemos a valorização do negro.

Considerações Finais

Nesse trabalho, colocamos sob análise três capas de revistas distintas americanas, em mídias digitais, com representação da atriz social Lupita, que, com a tecnologização por que passou a sociedade, empenharam-se em divulgar tanto novas práticas discursivas (valorização de minorias, empoderamento feminino e combate às discriminações) quanto novas perspectivas de compartilhamento de composições verbo-imagéticas.

No corpus selecionado, se se considerar a investigação dos recursos semiótico-visuais a partir da GDV, observamos que, na metafunção representacional, conceituamos as capas de revista 1, 2 e 3 dentro do processo conceitual simbólico, emoldurando significância à atriz social negra e valorização da africanidade dela. Ademais, na capa 1, o processo conceitual simbólico é atributivo, instanciando Lupita como o próprio portador do simbolismo de reforço da cultura negra, em diálogo com o processo conceitual simbólico sugestivo nas demais capas (2 e 3), o que sugere valores culturais e identitários como parte da atriz social representada.

Em se tratando dos elementos interativos, há a predominância do olhar de demanda, o que confere um contato diretivo e impactante com o leitor, convidado a se conectar com a participante representada e como mensagem estampada nela. No que diz respeito à distância, observamos, vislumbram-se duas escolhas intencionais do produtor das capas: *medium shot* (capa 1 e 3) e *close-up* (capa 2), estabelecendo intimidade com o leitor, que se sente mais próximo da participante representada e do discurso relatado.

A partir do ponto de vista, verificamos a preferência pelo ângulo frontal, ou seja, nas capas de revista 1 e 2 a participante representada é colocada em posição de igualdade com o leitor, com um alinhamento do participante interativo com a cena semiótica posta. A revista Porter Magazine, por meio do ângulo inferior, confere à atriz negra mais poder em relação ao leitor, rompendo estereótipos de inferioridade dos negros.

Concernente à ADC, mais especificamente a partir da investigação de como identidades são constituídas ou reafirmadas por meio de práticas discursivas imbrincadas em relações de poder e ideologia, constatamos que, no que diz respeito ao significado identificacional faircloughiano, a avaliação se efetivou no uso de afirmações avaliativas, nas capas 2 e 3, que conferiram um destaque positivo à atriz social negra, e presunções valorativas nas composições multissemióticas (capas 1 e 3), que trouxeram à baila valores mais tácitos, que não estavam expressos no texto, implícitos, a exemplo do reconhecimento do racismo estrutural nos EUA, e, ainda, da necessidade de reafirmação da posição de poder das mulheres negras. Ainda nessa categoria, observamos que a capa da revista Vogue compôs a avaliação por meio de uma afirmação com verbo de processo mental afetivo, mostrando valorações subjetivas de Lupita e o desejo dela de criar possibilidades para a comunidade afrodescendente.

No corpus analisado, houve a predominância da categoria modalidade epistêmica subjetiva, com afirmações (troca de conhecimento), a partir das quais percebemos a expressão do comprometimento do produtor textual e de Lupita Nyong'o com a mensagem posta em evidência, o que torna explícita a base subjetiva do julgamento.

Tomando como base a categoria analítica metáfora, observamos, nas capas 1 e 3, construções com metáforas orientacionais, a partir do combate à ideia de inferioridade da comunidade negra e das mulheres afrodescendentes, com metáforas ontológicas, auxiliadoras no entendimento das ideias abstratas de racismo estrutural e feminismo negro. Já na constituição de significados da capa 2 verificamos o uso da metáfora conceptual, decorrente do uso dos termos de “glória” e “poder”, que conferem relevância a ela.

Por fim, se se considerar a tessitura de identidades nas construções verboimagéticas, pudemos observar a constituência de dois *ethos* comunitários (capas 1 e 3): reafirmação da identidade da comunidade negra feminina americana e representação da luta feminina negra. Cumpre ressaltar que, na capa de revista 2, há a tessitura de uma identidade (*ethos*), a partir da valorização de Lupita Nyong’o, símbolo para toda a coletividade negra norte-americana.

No tocante às revistas analisadas, constatamos que, ao absorverem práticas discursivas em voga na sociedade, elas contribuem para a construção de identidades de valorização da figura negra e de enaltecimento da figura feminina. Na verbo-visualidade, com uma riqueza de múltiplos artefatos sígnicos, elas apresentaram um discurso de combate à hegemonia racial estadunidense, o que nos permite afirmar: a representação e a identidade negra são construídas numa perspectiva positiva, na valoração à figura da mulher negra, e não das relações raciais assimétricas de poder que ocorrem nos EUA.

Referências

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere**. v. 1, 2, 3, 4. Torino: Edição Einaudi, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to function grammar**. 4ª edição London: Routledge, 2014.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design.

London: Routledge, 2006.

LAKOFF, George & Mark JOHNSON. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

NEPOMUCENO, A. R.; PAES, V. L. V. de. Gramática sistêmico-funcional & gramática do design visual: metafunções da linguagem na análise do gênero publicitário digital. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 296 – 328, 2019. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/235/189>. Acesso em: 4 dez. de 2019.

RESENDE, V. M; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo. Editora Contexto, 2014, 2 ed.



ORQUESTRAÇÕES MULTIMODAIS DO DISCURSO PUBLICITÁRIO BANCÁRIO NA PLATAFORMA DO FACEBOOK

Vera Lúcia Viana de Paes

Introdução

Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado, defendida na UFMG em 03/2020, cujo foco é a análise multimodal do texto publicitário. As categorias de análise aplicadas na pesquisa podem ser utilizadas em diversos gêneros textuais/discursivos que apresentem pluralidade de modos semióticos. A demanda, sempre recorrente, de estudos e pesquisas que possibilitem o desenvolvimento da análise crítica diante do constante surgimento de novas formas de interação multimidiática e multimodal impulsionou o interesse por esse tema. A transformação exponencial dos modos e meios de comunicação humana exige a atuação consciente de atores sociais na cultura digital, com participação ativa e senso crítico, com melhor capacitação para produzir e interpretar os signos a que estão expostos. Conforme Gualberto e Kress (2019), todos nós somos produtores de signos (*sign makers*), pois a nossa comunicação é multimodal, com a integração de diferentes recursos: escrita, imagem, diagramas, *emojis*, gestos, expressões faciais, *design*, cores, ângulos, entre outros, na construção de uma totalidade semântica, mesmo que cada modo (recursos materiais) contribua de formas diferentes. Como produtores de signos, a

tecnologia oferece-nos facilidades para que possamos disponibilizá-los para uma ampla audiência, utilizando vários canais digitais, a exemplo do *marketing* digital.

Um gênero bastante recorrente no contexto digital é o texto publicitário: argumentativo, multimodal e motivado por interesses inerentes ao domínio discursivo publicitário, constituiu-se objeto de estudo desta pesquisa, na abordagem da Semiótica Social, cuja noção central é o signo e o produtor de signos.

Na perspectiva da Semiótica Social, todo texto é motivado socialmente e manifesta interesses, posições sociais, expressa relações de poder, ideologias e preferências. Conforme Kress (2010), um produtor de signos avalia características do ambiente de comunicação, propósitos, gostos, peculiaridades, capacidades do público-alvo, meios disponíveis para moldar a mensagem, locais de apresentação, mídias apropriadas para disseminação do conteúdo e, para além disso, a combinação desses fatores de acordo com os objetivos. Com o texto publicitário não é diferente, pois sua composição textual é moldada pelos estudos de mercado para o nicho do produto a ser comercializado e divulgado, e pela reunião de modos (recursos) semióticos, que são os meios materiais para a produção de sentidos. Na reunião de modos semióticos que constituem o texto publicitário, não há um nível de hierarquia em que a escrita seja mais importante, pois, no conjunto multimodal, todo modo é parcial na produção de significados.

Nos moldes atuais, interpretar sob o viés único do modo verbal (escrita, fala) é interpretar parcialmente um texto, considerando que o estudo da linguagem verbal¹ é apenas um dos modos semióticos, estudado pela Linguística. Com o acréscimo de novas semioses aos textos verbais, surge a necessidade de estudar outros modos semióticos, razão pela qual Kress e van Leeuwen (2006[1996]) propuseram um estudo para além da Linguística, por meio de uma teoria semiótica e social, com abordagem multimodal de produção de significados na comunicação. Como o objeto de estudo dessa teoria é o significado em

1 Halliday (2014[2004]) considera princípios semióticos para a análise da linguagem verbal, configurando-a como um sistema semiótico que comporta escrita, fala, gestos, entre outros sistemas.

todas as suas formas, torna-se pertinente para a análise, interpretação e produção de textos multimodais², a exemplo do texto publicitário.

Neste artigo, adota-se o viés enunciativo-discursivo da linguagem (sociorretórico), no qual ela é vista como uma forma de ação com um propósito específico, concepção corroborada por Miller (1984, p.159), em que “[...] os gêneros são ações retóricas tipificadas, baseadas em situações recorrentes” e Marcuschi (2008, p. 162), em que “[...] a língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias, mas, muito mais, uma *forma de vida* e uma *forma de ação*”. Para Bezerman (2005, p. 19), “[...] os textos organizam atividades e pessoas”, no sentido de que criamos novas realidades de significação, relações e conhecimentos, fazendo uso de textos. Para ele, na sequência de eventos sociais, muitos textos são produzidos, mas “[...] o que é mais significante, diversos fatos sociais são produzidos” (p. 21), pois cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas, como é o caso do *marketing* publicitário do banco digital Inter. Além desse viés sociorretórico, pertinente ao registro de linguagem persuasiva da publicidade, neste artigo, o gênero é analisado na perspectiva sociossemiótica funcionalista, em que o gênero abrange a “[...] configuração contextual, conjunto específico de valores que realizam o campo, as relações e o modo do discurso” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 55).

Nesta pesquisa, o anúncio publicitário, com diferentes semioses, assume papel central de unidade de trabalho na perspectiva enunciativo-discursiva, em que os textos são relacionados ao contexto de situação/cultura e suas formas de ação no ambiente virtual do Facebook. Esse gênero é considerado privilegiado para o estudo de estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. Nesse cenário, a análise proposta não é tomada como um fim em si mesma, mas como uma reflexão sobre o uso da linguagem multissemiótica como prática situada no ambiente virtual, com

2 Para Halliday e Hasan (1989), Semiótica é o estudo dos signos, dos significados em todas as suas formas, sendo a Linguística um tipo de semiótica que contempla um aspecto dos estudos dos significados, o que não impede a existência de outros modos: pintura, escultura, música, dança, comportamentos culturais, modos de troca, de se vestir e de estrutura familiar etc. Para eles, a cultura é um conjunto de sistemas semióticos e de significados que se inter-relacionam.

propósito comunicativo definido, que influencia os interlocutores. Além disso, o gênero é tomado do ponto de vista da análise crítica (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006[1996]).

Neste artigo, objetiva-se analisar as representações dos sistemas semióticos multimodais de um anúncio do banco Inter, veiculado na plataforma do Facebook, em termos e significados contextuais, ideacionais, representacionais e interacionais. De modo específico, analisa-se: no modo semiótico verbal, o *contexto de situação* (variáveis de registro – o *campo*, as *relações* e o *modo* do discurso publicitário), a partir da lexicogramática materializada no anúncio, pela associação de aspectos linguísticos e pragmáticos; o sistema gramatical de *transitividade*, que realiza significados ideacionais e cria relações específicas entre *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, como representações das experiências de mundo no contexto bancário (HALLIDAY, 2014[1985]), por meio das ferramentas da Gramática Sistêmico-funcional.

No modo semiótico visual, analisa-se como as estruturas visuais, representadas no anúncio (metafunção representacional), constroem a representação da realidade na perspectiva do *marketing* do banco (KRESS; VAN LEUWEEN (2006[1996]). É apresentado o tipo de envolvimento e relações de poder estabelecidos pelos *atos de imagem* representados no anúncio (metafunção interativa), bem como a simbologia das *cores* na composição dos signos.

Considera-se que a prática discursiva é social e, portanto, histórica, e não pode ser entendida sem arranjos histórico-sociais e configurações de práticas e modos.

A abordagem multimodal, nessa perspectiva, demanda a aplicação específica de metodologias de análise dos sistemas semióticos que constituem o anúncio (escrita, imagens, *layout*, cores etc.). Neste artigo, a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2014[2004]), HALLIDAY; HASAN (1989), da Gramática do *Design* Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]) e da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN (2001, 2002); KRESS (2005, 2010); VAN LEEUWEN (2005, 2008, 2011); KRESS; BEZEMER (2008), BEZEMER; JEWITT (2009), JEWITT (2013), ADAMI (2017), GUALBERTO; KRESS (2019)), demonstra-se a aplicabilidade de uma análise semiótica pautada nos seguintes

modos semióticos: escrita, imagem, formatos e cores, a partir de uma metodologia qualitativo-interpretativa. Ressalta-se que, conforme Jewitt 2013, a escolha do gênero anúncio na mídia digital Facebook deve-se ao fato de que as tecnologias digitais são de particular interesse da multimodalidade porque elas disponibilizam uma ampla variedade de modos, muitas vezes em novas relações intersemióticas umas em relação às outras, desestabilizando e refazendo os gêneros, de maneira que reformulam práticas e interações. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais são bastante significativas na investigação multimodal.

Pressupostos teóricos

Nesta seção, são apresentados alguns fundamentos da abordagem multimodal, a partir da Semiótica Social, conceitos basilares da visão sociossemiótica da linguagem e Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY 1989, 2014), bem como ferramentas de análise do modo visual (Gramática do *Design Visual*), de Kress e van Leeuwen (2006[1996]).

Abordagem Multimodal

Na abordagem multimodal ou sociossemiótica, no viés da Semiótica Social, todos os signos, em todos os modos, são significativos (KRESS, 2005). Para o autor, a teoria linguística oferece muito pouco em termos de análise de signos complexos, enquanto a Semiótica Social atenta para os princípios gerais de representação, relativos aos modos, significados e seus arranjos. Como exemplo, ele cita as relações e instanciações da imagem, por meio do arranjo espacial dos elementos visuais, que elucida a sintaxe dos elementos visuais. Além disso, a Semiótica Social permite identificar o uso das cores como um recurso ideacional (exprime conceitos, experiências), o uso da distância como recurso significativo para o nível do discurso, entre outros.

Assim, uma análise por meio da Semiótica Social é capaz de revelar a função que cada modo está exercendo em um texto multimodal,

fazer a relação entre esses modos, além de ressaltar os elementos mais significativos. Em sua dimensão multimodal, A Semiótica Social trata de interesse e agência, significado e elaboração, processo de produção de signos em ambientes sociais, recursos para produção de signos e respectivos potenciais (como significantes na construção de signos como metáforas) e de potenciais significativos das formas semióticas e culturais. Essa teoria é capaz de descrever e analisar todos os signos, de todos os modos, bem como suas relações no texto. Além disso, a Semiótica Social pode mensurar, nos modos semióticos, como são marcadas as relações de poder dos atores sociais em contextos funcionais.

Domingo, Kress e Jewitt (2014, p. 5) afirmam que “[...] os modos³ atuantes nas telas digitais são frequentemente novos gêneros em conjuntos multimodais de vários tipos”, o que demanda estudos que incluam o papel das *affordances* dos modos semióticos em integração com os papéis sociais e tecnológicos. Se, por um lado, as *affordances*⁴ do modo semiótico escrito operam por um sistema de signos próprios: aspectos sintáticos e gramaticais, recursos lexicais, recursos gráficos (fonte, tamanho, tipo, espaçamento, alinhamento, recuo); tipologia textual (narração, descrição etc.), constituindo a lógica da linearidade na escrita, conforme postulam Kress e van Leeuwen (2006), por outro lado, as imagens possuem recursos diferenciados, como posição dos elementos no espaço, tamanho, cor, forma, ícones de vários tipos, linhas, círculos, relações espaciais, entre outros. Por essa razão, estudiosos da Semiótica Social consideram que os modos semióticos são complementares na produção de um texto/gênero, de maneira que cada um deles é um sistema diferente para se produzir significados. Para Kress (2005), a teoria linguística não é capaz de oferecer uma descrição completa, necessária ao letramento multimodal, pois ela não fornece acesso aos significados constituídos pela co-presença de outros modos que formam o texto, com funções variadas, potenciais e limitações. Kress e van Leeuwen (2001, 2006) advogam que modos semióticos não são meras formas de expressão para divulgação de

3 Modos são recursos materiais para produção e materialização dos signos, evidenciando significados (GUALBERTO; KRESS, 2019).

4 São potenciais e limitações oferecidos pelos modos semióticos para representar o mundo (GUALBERTO; KRESS, 2019).

informações, mas, sobretudo, revelam nossas relações com o meio social e suas representações.

Kress e van Leeuwen (2001) sugerem que um recurso semiótico pode ser pensado como a conexão entre recursos representacionais e o que as pessoas fazem com eles. Nessa perspectiva, recursos semióticos são ações, materiais e artefatos que fazemos uso para nosso propósito comunicativo. Podem ser recursos fisiológicos (aparato vocal, músculos mobilizados nas expressões faciais e gestos; ou recursos tecnológicos (*hardware, software, plataformas digitais*); ou ainda a junção de ambos os recursos, considerando como os recursos podem ser organizados).

Na abordagem multimodal, os recursos semióticos têm um potencial de significados, baseado em usos do passado, e um conjunto de *affordances* baseado em possíveis usos, e esses são atualizados em contextos sociais concretos, onde o uso está sujeito a alguma forma de regime semiótico. Nesse aspecto, as regras não só são definidas socialmente, mas também são mutáveis na interação social. Assim, o produtor de signos escolhe os recursos semióticos a partir do sistema de recursos que lhe está disponível. Essa escolha é sempre socialmente localizada e regulada, tanto em relação a quais recursos ficam disponíveis para quem quanto aos discursos que regulam e moldam como os modos são utilizados pelas pessoas. Num recurso semiótico estão presentes o significante e o significado que se pretende expressar.

Visão sociossemiótica da linguagem em Halliday

A visão sociossemiótica da linguagem desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006), partiu dos fundamentos de Halliday (1978). O linguista classifica a essência da linguagem como um sistema semiótico e um recurso para produzir significados, envolvida de forma central nos processos humanos de negociar, construir e transformar a natureza da experiência social. Conforme Halliday e Hasan (1989, p.11). “o texto é uma instância de um processo e produto de significados sociais em um contexto particular de situação”. O contexto em que se desenrola o texto é encapsulado por ele, por meio do relacionamento sistemático entre o ambiente social e pelo organismo funcional da linguagem. Dessa forma, texto e contexto são fenômenos semióticos, como *modos*

de significado. Em Halliday (2014), o termo texto refere-se a qualquer instância da linguagem, em qualquer mídia, que produz significado que faça sentido aos usuários da língua. Para ele, texto é linguagem funcionando em contexto.

Detalhando o *contexto de situação*, Halliday (2014) o conceitua como todo e qualquer ambiente material e social que possibilita a compreensão dos signos em uso por meio da linguagem. É um processo padronizado e complexo, envolvendo relações internas entre os múltiplos fatores da cadeia de significados, abstraída a partir do ambiente imediato e filtrada pelo sistema cognitivo dos interlocutores. Nessa medida, o acesso ao *contexto de situação* depende do conhecimento prévio das regras e convenções sociais estabelecidas no *contexto de cultura* de uma dada comunidade.

Nos termos de Halliday (2014[1978]), em um dado contexto, a linguagem é projetada para cumprir três principais funções: uma função para relatar experiências (ideacional); uma função para criar relacionamentos interpessoais (interpessoal); e uma função para organizar a informação (textual). Conforme Eggins (2004, p. 111), esses significados podem ser relacionados ao contexto de situação (acima) ou à léxico-gramática (abaixo). No nível acima, cada variável de registro do contexto de situação pode ser associada a um desses tipos de significados. Dessa forma, o *campo* é expresso através de padrões de significados ideacionais no texto, o *modo* é expresso pelos significados textuais e *relação*, pelos significados interpessoais. O *campo* em um texto pode ser associado com a realização de significados ideacionais, os quais são realizados pelo processo de transitividade e cláusulas complexas da gramática. O *modo* em um texto pode ser associado com a realização dos significados textuais por meio dos padrões de Tema da gramática. A *relação* em um texto pode ser associada com a realização de significados interpessoais, realizados por meio dos padrões de modo da gramática.

Dessa forma, cada tipo de significado é associado de maneira sistemática a cada variável de registro, pois a linguagem é estruturada para realizar esses três tipos de significados, haja vista a presença, na léxico-gramática, dos principais recursos gramaticais de transitividade, cláusula complexa, Tema e Modo.

O *campo* como expressão de significados *ideacionais* ressoa na *metafunção ideacional*, construindo o significado de nossas experiências de mundo, tanto no plano interior (psicológico) quanto exterior (social), através do *sistema de transitividade* – uma unidade estrutural que serve para expressar significados ideacionais ou cognitivos por meio dos papéis de transitividade da oração: processos, participantes e circunstâncias. Isso quer dizer que, em uma oração, podemos analisar, respectivamente, quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias. É a oração como representação. Nesse sistema, atuam seis processos (verbos), os quais se associam a participantes e circunstâncias para construir uma experiência em dado contexto: processos materiais, mentais e relacionais (principais), e os processos verbais, comportamentais e existenciais (secundários), descritos na Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 2014).

A variável *relação* do contexto de situação diz respeito àqueles que fazem parte de uma situação: não só os papéis desempenhados por eles (discursivos ou sociais), por exemplo, papéis institucionais, papéis de poder, papéis de contatos (familiaridade, variando em maior ou menor grau de proximidade), como também os valores que os participantes constroem na área (social, educacional, jurídica, religiosa). Já o *modo* refere-se ao papel que está sendo desempenhado pela linguagem e pelos outros sistemas semióticos na situação, como, por exemplo, a escolha da produção textual pode ser retórica, persuasiva, exortatória, polêmica; com turno dialógico ou monológico; na mídia escrita ou falada. A relação ressoa nos significados interpessoais, enquanto o modo ressoa nos significados textuais de um dado contexto.

Gramática do *Design* visual

Além da teoria de Halliday (2014), nesta pesquisa, analisa-se o modo semiótico das imagens no anúncio, por meio dos estudos da Gramática do *Design* Visual (GDV), de Kress e van Leeuwen (2006), de orientação funcionalista. Como sabemos, ainda há lacunas de estudos que forneçam sugestões práticas para a análise de imagens. Assim sendo, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) buscaram fornecer um inventário das principais estruturas de composição, que se estabeleceram como convenções no decorrer da história da semiótica visual, para analisar

como elas são usadas para produzir significado pelos produtores de signos na atualidade. A GDV constitui-se um instrumento de análise para o fenômeno da multimodalidade.

Na senda dos estudos que constituem a GDV, a produção de uma imagem considera: a visão de mundo apresentada, o tipo de proximidade entre os representantes da imagem e o leitor, como esses participantes são construídos, os gestos, a cor, o brilho, a luminosidade, o enquadramento da imagem, a posição do olhar, entre outros. Kress e van Leeuwen (2006[1996]) identificam dois processos que carregam significados *representacionais* nas imagens: *narrativos* e *conceituais*. Os *narrativos* apresentam o desdobramento de ações e eventos, em que os participantes são conectados por vetores, fazendo alguma coisa em relação ao outro, de modo personalizado e dramatizado.

Os vetores são formados por elementos representados que formam uma linha oblíqua, diagonal, geralmente forte. Eles podem ser formados por corpos, membros ou ferramentas em ação, havendo várias outras maneiras de transformar elementos representados em linhas diagonais. O *Ator* é o participante do qual o vetor parte. Assim, na estrutura transacional, os participantes são representados envolvidos em um processo ativo de comunicação, realizado por vetores. Seus significados são gerais e abstratos e podem representar diferentes processos. As estruturas *conceituais* não se aplicam a este artigo.

As representações *narrativas* subdividem-se em processo de ação (*não transacional, transacional e bidirecional*), *processos reacionais, processos verbais e mentais, processos de conversão e de simbolismo geométrico*. O foco deste artigo é o processo de ação transacional. Nesse processo, uma proposição narrativa visual apresenta dois participantes, um como *Ator* e o outro como *Meta*, sobre o qual se dirige o objetivo da ação. Uma paráfrase verbal para esse tipo de processo seria o verbo transitivo, aquele que pede um objeto.

Além desses processos de representações de mundo em imagens, a GDV trata da interação entre participantes representados (pessoas, lugares e coisas representadas na imagem) e interativos (pessoas que se comunicam por meio das imagens: os produtores e quem as visualiza) e as relações que se estabelecem entre eles.

As cores assumem um importante protagonismo, pois despertam *codificações sensoriais* relacionadas ao princípio do prazer, gerando significados afetivos e provocando a reação do circuito de recompensa no cérebro. A cada vez que o espectador vê a imagem, reforça o circuito no cérebro. As imagens presentes nas telas digitais geralmente apresentam codificações sensoriais, efeito da modalidade acima da naturalista, devido aos efeitos de luz, sombra, saturação, modalização, brilho etc., que se tornaram naturais na sociedade tecnológica. O *marketing* é conhecedor de diversas estratégias baseadas em estudos da psicologia humana, que induzem sentimentos e comportamentos e a codificação sensorial é uma delas.

Metodologia

A análise multimodal envolve trabalhar com conceitos e métodos que não são específicos para a linguagem verbal ou qualquer outro modo, mas pode ser aplicado entre os modos (intersemioses), centrado na função comunicativa que pode ser cumprida por todos os modos semióticos. Em outras palavras, envolve analisar representações de experiências socioculturais observando novos significados que surgem na junção de modos (conjuntos multimodais).

Posto isso, este trabalho é de cunho qualitativo-interpretativo, fundamentado em teorias de base sistêmica: Semiótica Social (HODGE; KRESS (1988), KRESS; VAN LEEUWEN (2001), KRESS (2005), KRESS; BEZEMER (2008), BEZEMER; JEWITT (2009), JEWITT (2013), ADAMI (2017), GUALBERTO; KRESS (2019)), Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2014, 2004), HALLIDAY; HASAN (1989) e Gramática do *Design Visual* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Foram considerados os seguintes critérios na seleção dos anúncios do banco digital Inter:

- i. tema relevante que faz parte da prática cotidiana dos atores sociais e que possibilitassem uma leitura crítica do *contexto de situação e cultura*, a partir dos elementos *lexicogramaticais* e visuais presentes no anúncio;

- ii. presença do modo semiótico verbal que figurasse as experiências de mundo representadas no anúncio (processos, participantes, circunstâncias), para análise das ideias representadas;
- iii. presença do modo semiótico visual para análise de processos narrativos, representativos na publicidade (metafunção representacional);
- iv. presença de cores, modalidade, enquadramento de imagens, participantes representados em diferentes ângulos e perspectivas, para análise da metafunção interativa (argumentação visual no relacionamento com os clientes).
- v. o arranjo de todos esses elementos formando conjuntos multimodais no anúncio.

A análise foi dividida em dois blocos, conforme descrição apresentada nos quadros 1 e 2. Primeiro analisam-se os recursos semióticos do modo verbal, por meio das ferramentas analíticas da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2014). Em seguida, analisam-se os recursos semióticos do modo visual, a partir das ferramentas da Gramática do *Design-Visual* (KRESS E VAN EEUWEN, 2006).

Quadro 1 – Modo semiótico verbal

Fenômenos Contextuais	Linguísticos
Variáveis de registro	Metafunção Ideacional
Campo (Inter)	Sistema de transitividade
	Processos
Anúncio Financiamento imobiliário	Participantes (Inter)
	Circunstâncias

Relação

Marketing do banco x clientes prospectados na plataforma do Facebook para a venda e divulgação do serviço imobiliário.

Modo

Aborda aspectos de construção do texto, conforme os temas abordados (linguagem, registro, canal, turno, meio, modo retórico etc.

Quadro 2 – Modo semiótico visual

Metafunção representacional	Metafunção Interativa	Modalidade	Cores
Estruturas narrativas e/ou Conceituais	Olhar Enquadramento Perspectiva Ângulo	Contextualização, representação, profundidade, iluminação/brilho	Significação das cores como modo semiótico

Fonte: elaboração da autora.

Análise de dados

Figura 1 – Anúncio Inter

Financiamento Imobiliário

Faça uma simulação em nosso site

inter

Banco Inter
Página curtida · 7 de agosto

Quer sair do aluguel e ter uma casa pra chamar de sua? Conheça o CredCasa, nosso financiamento imobiliário. É rápido e seguro porque é feito por quem entende do assunto – um banco que nasceu e atua no mercado imobiliário há mais de duas décadas: <http://bit.ly/CredCasaFB>

5,3 mil 35 comentários 26 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Mais relevantes

Rosemaria Santos já perdi a esperança do meu cartão chegar pois já entrou para três meses e até agora nada foi aprovado na versão créditotava muito ansiosa mas o Correlio não ajuda

Curtir Responder 4 sem 2

Ver respostas anteriores

Escreva um comentário...

Fonte: Rede social Facebook agosto de 2018.

Modo Semiótico verbal

Analisando o *habitat* semiótico presente no *contexto de situação* do anúncio, o sistema funcional parte do princípio de que o produtor publicitário fez escolhas, a partir do sistema *paradigmático* da língua para comunicar seu propósito em *registro* próprio da linguagem publicitária. Para isso, padrões linguísticos (frases, orações, grupos nominais, verbais, adjuntos etc.) constroem o modo semiótico verbal, moldado em consonância com o *contexto de situação* na plataforma do Facebook, voltado para *marketing* e venda de serviços imobiliários. A partir dessas escolhas, o produtor de signos é responsável pela elaboração do texto⁵, que caracteriza a linguagem em ação, com os recursos semióticos que lhe estão disponíveis nesse contexto de produção. Essas escolhas são materializadas com os recursos (*affordances*) da escrita, constituindo uma atividade social e cultural, *ressemiotizada* no anúncio:

Financiamento Imobiliário. Faça uma simulação em nosso site. Banco Inter.

“Quer sair do aluguel e ter uma casa pra chamar de sua”? Conheça o Credcasa, nosso financiamento imobiliário. É rápido e seguro porque é feito com quem entende do assunto – um banco que nasceu e atua no mercado imobiliário há mais de duas décadas.

O *registro* da linguagem opera no *contexto de situação* em um padrão típico de uso em situações informais, gerando efeito de proximidade e

5 Conforme Halliday; Hasan (1989, p.10), em referência à natureza do texto, é importante entender que “quando escrevemos um texto, parece que ele é feito de palavras e sentenças”. Contudo, o texto, de fato, é feito de significados, os quais são expressos em palavras e estruturas. Halliday (2014) explica que, ao analisarmos um texto, estamos analisando um produto de um processo, especialmente um produto em sua forma escrita, o que é mais claramente perceptível como um objeto. Aqui, o linguista reafirma sua posição ao dizer que “a organização do texto é semântica e não lexicogramatical” (p. 594). Para ele, é importante pensar o texto como algo dinâmico, sempre um processo de significados em progresso, no entendimento de que o sistema da linguagem é instanciado no texto. Nesse sentido, sistema e texto não são fenômenos diferentes, são fases complementares do mesmo fenômeno.

intimidade ao “conversar” diretamente com o público-alvo na plataforma do Facebook, o qual pode interagir, comentar, curtir ou compartilhar, concordar, discordar, reclamar, elogiar, solicitar informações, fazer perguntas etc. Qualquer pessoa é convidada a participar da interação sem se sentir intimidado, pois a estratégia publicitária de adotar o uso da linguagem semelhante aos usados em situações entre amigos aproxima o público para participar da “conversa”, em que a plataforma virtual é utilizada como um canal de comunicação, gerenciada por uma equipe profissional designada especialmente para esse atendimento. A linguagem escrita, em tom de conversa, é marcada pela polidez e prestatividade, considerando a construção dos *signos motivados* como forma de gerar negócios imobiliários.

O conteúdo do *campo* é representado de modo afirmativo, inclusivo, expressando linguisticamente (forma e função), no *contexto de situação*, o propósito comunicativo de vender financiamentos imobiliários por meio das *affordances* da *metafunção ideacional*, descritas adiante.

O conteúdo ideacional da postagem indica a atividade sociossemiótica do *financiamento imobiliário* como solução para pessoas que querem sair do aluguel e fazer a aquisição da casa própria, mantendo uma crença institucionalizada de financiamento imobiliário como vantagem pessoal. Para van Leeuwen (2008), sempre há possibilidade de exclusão de possibilidades e outros discursos na formação de um determinado discurso. Nesse caso, exclui-se a ideia de que, em muitos casos, o imóvel financiado vai a leilão, quando o financiador fica desprovido de recursos financeiros para quitar as parcelas. Caso não pague, o banco pode reaver o imóvel e vender para outra pessoa para recuperar o valor do empréstimo. Quando se faz o financiamento da casa própria, a pessoa deve estar consciente que não comprou o imóvel, mas tomou um empréstimo junto à instituição financeira para ter o direito de habitar o imóvel, cuja propriedade é da instituição financeira até que o empréstimo seja totalmente quitado. No geral, a falta de pagamento sempre acaba com a perda do imóvel. Assim, antes de se tornar inadimplente, o comprador deve renegociar a dívida.

Dessa maneira, o discurso do banco exclui toda informação relacionada aos riscos de se entrar em um financiamento imobiliário, tendo em vista que um contrato imobiliário somente poderá ser desfeito com a quitação do imóvel ou portabilidade da dívida. Pessoas não informadas que deixam de pagar as mensalidades, sem comunicação prévia com a instituição financeira, podem perder o imóvel, de acordo com a garantia definida no contrato, seja hipotecária (execução judicial) seja alienação fiduciária (leilão do imóvel).

Conforme matéria da revista Exame, 851 imóveis foram retomados pelos bancos em São Paulo. A reportagem mostra que, além de perder o imóvel, o comprador não tem garantia de que haja restituição integral do valor já pago, pois, ao retomar o imóvel, o banco realiza dois leilões, e pode vender por um valor bem abaixo, suficiente para quitar a dívida do comprador, enquanto este tem prejuízo. Portanto, o comprador deve estar ciente de que tem condição de assumir um empréstimo de longo prazo para não haver problemas.

Enquanto isso, a chamada do anúncio publicitário assume uma postura de que fazer um financiamento imobiliário seja uma ação a ser tomada com facilidade pelo discurso que conduzem: “*Quer sair do aluguel e ter uma casa pra chamar de sua*”?, causando a sensação de posse ou propriedade simplesmente ao assinar o contrato. Em seguida, o *marketing* apresenta o *Credcasa*, o que possibilitará a realização do sonho da casa própria, seguido de um conteúdo ideacional que oferece segurança para quem financia: a experiência de mercado e taxas menores, ativando experiência internas no espectador (cognição, desejo, sensação), que influem na decisão de consumir a proposta oferecida pelo anúncio. Assim, a variável *campo* mostra o campo do discurso, em que os participantes (o banco *Inter* e os interlocutores do Facebook) estão engajados no tema do financiamento imobiliário na interação *online*. A manifestação linguística dos signos escolhidos nessa variável é detalhada adiante na descrição da *metafunção ideacional*.

Na perspectiva *hallidayana*, texto e contexto são aspectos do mesmo processo. Assim sendo, o sistema extralinguístico, que é o

contexto de situação, é o ambiente total em que o texto é construído (sistema linguístico). Nesse ambiente, se faz presente o *contexto de cultura*, que é o conjunto de sistemas semióticos de significados que se inter-relacionam. Nesse sentido, esse *contexto de situação* nos revela um *contexto de cultura* em que a ideia de aquisição de bens por financiamento imobiliário é representada de forma simplista e acrítica, não considerando todas as variáveis envolvidas para concretizar o sonho de se ter “uma casa pra chamar de sua”. Se pesquisarmos a quantidade de pessoas que têm problemas para honrar o financiamento de longo prazo, percebemos que a representação publicitária apresenta um conteúdo, de forma que o financiador não veja as dificuldades reais que poderá enfrentar. Muitos contratos são efetuados com pessoas que não possuem o respaldo financeiro suficiente para tal. Nesse jogo, os bancos nunca perdem, por seus termos e garantias.

Na construção dos significados, em termos da variável de registro *relação*, em ressonância direta com os significados da *metafunção interpessoal*, o produtor publicitário, nesse *contexto de situação*, que visa vender financiamento imobiliário, escolhe uma estrutura léxicogramatical⁶ interrogativa para iniciar o contato com os interlocutores do Facebook, demandando-lhes uma resposta positiva à mensagem atrativa: “*Quer sair do aluguel e ter uma casa pra chamar de sua*”? É uma forma persuasiva de abordagem, que demanda não só uma resposta, mas também induz o interlocutor a pensar nesse sentido, estabelecendo uma troca de significados, de modo a persuadir o interlocutor a resolver um problema (sair do aluguel) e comprar uma ideia (fazer um financiamento) na interação *online*. A solução apresenta-se em poder do banco: *Conheça* o Credcasa, com o verbo no modo Imperativo, função discursiva em que a *commodity* é um *comando* para o público-alvo executar, constituindo uma *proposta* de um serviço que objetiva ser acolhida e realizada. Em seguida, orações declarativas

6 Como os elementos do contexto de situação que representam a prática social do banco são recontextualizados no anúncio na e pela linguagem, é através da linguagem (lexicogramática) que acesso as informações das variáveis de registro *campo*, *relação* e *modo*. Neste trabalho, descrevo os elementos que compõem a metafunção ideacional, não sendo o foco a descrição dos elementos da metafunção interpessoal e textual. Essa explicação se faz necessária, pois as respectivas metafunções se ligam diretamente a essas variáveis de registro.

afirmativas de modo Indicativo, no tempo presente, além de expressarem atemporalidade, enumeram as qualidades do banco, fechando o texto como uma unidade semântica:

É rápido e seguro porque é feito com quem entende do assunto – *um banco que nasceu e atua no mercado imobiliário há mais de duas décadas.*

O conteúdo visa oferecer a confiança necessária para que o interlocutor tome a decisão e clique no *link* ao final do texto, que direciona para a página do financiamento.

Nessa variável do contexto de situação, na relação do discurso, destaca-se o papel agentivo do banco, que toma a iniciativa no sentido de exercer uma ação sobre as pessoas com quem interage por meio do anúncio, como autoridade no assunto.

A variável *modo* do contexto revela o papel que a linguagem e outros sistemas semióticos desempenham na situação. O modo verbal é construído pelos recursos metafuncionais que ressoam na *metafunção textual*. Nesse anúncio, o modo retórico do texto é orientado para a relação interpessoal com o público-alvo, sendo persuasivo para atender o objetivo do *marketing* de vender serviços, impulsionar a marca, educar o público etc. A seleção do gênero textual/discursivo (anúncio publicitário) para essa comunicação, na forma de postagem na plataforma do Facebook, é materializada pela variável *modo*, na qual o produtor publicitário utiliza os recursos linguísticos (lexicogramática) para materializar o texto, já inseridos os elementos ideacionais e interpessoais, na tríade metafuncional. A maneira de anunciar ganha novas ferramentas na migração do meio gráfico (impresso) para o digital, com a adição de recursos tecnológicos, como a possibilidade de interagir em tempo real, compartilhar a mensagem com variados públicos, entre outros. Assim, a tecnologia impulsiona o gênero como ação social que influencia a coletividade, capaz de atingir a grande massa conectada.

Quadro 3: Contexto de situação do anúncio

Anúncio Banco Inter	Campo/ representações de mundo	Relação/ papéis discursivos	Modo/materialidade linguística
	Atividade sociossemiótica: financiamento imobiliário Representação de mundo parcial: visão das facilidades e exclusão das dificuldades	Participantes: Inter (papel de agente, <i>expertise</i> , autoridade) e público-alvo no Facebook. Modo Imperativo: <i>Conheça (commodity:</i> serviços <i>proposta/</i> <i>comando</i> Modo Indicativo: orações declarativas afirmativas enumeram qualidades do banco/ serviço; tempo presente expressando atemporalidade	Canal: digital (Facebook) Meio: <i>affordances</i> da escrita Modo de construção do texto retórico: persuasivo/ argumentativo

Fonte: Elaboração da autora

Passemos à análise da *metafunção ideacional*, cujos recursos se materializam por meio da lexicogramática no estrato da oração⁷. O foco desta análise é a *metafunção ideacional* (uma das configurações funcionais da oração). Os períodos subsequentes de análise dessa metafunção consistem no fluir de eventos ou acontecimentos que se desenrolam na prática social do banco digital. Apresentam os processos que se desdobram no tempo, com os participantes diretamente envolvidos em variadas circunstâncias (tempo, espaço, causa, modo,

7 Garcia (2010, p.32) cita Cohen (1966:73) para apresentar o conceito que esse autor define quanto à frase, dividindo-a em dois níveis: o semântico e o fônico. “O nível semântico desdobra-se no plano psicológico (unidade que apresenta sentido completo) e gramatical (conjunto de palavras que estão sintaticamente solidárias)”. Para Halliday (2014, p.10), “a oração é a unidade central de processamento da lexicogramática, onde são mapeados significados de diferentes tipos na estrutura gramatical (semântico-discursivo, léxico-gramatical, grafo-fonológico)”.

entre outras). Cada processo constitui um modelo distinto ou esquema⁸ que constrói um domínio particular de experiência. Halliday denomina esse modelo/esquema como uma “figura” de um tipo particular, para construir significação.

Na configuração funcional da *metafunção ideacional*, a oração é também um modo de reflexão, é uma ordem linguística imposta à nossa experiência. Nessa medida, o sistema gramatical em que essa experiência é alcançada é o sistema de *transitividade*. É esse sistema que providencia os recursos lexicogramaticais para a construção dos elementos centrados em um processo (HALLIDAY, 2014, p. 211).

Análise da *metafunção ideacional*

Complexo oracional 1 – Metafunção ideacional

Financiamento imobiliário	Faça	uma simulação	em nosso site
Grupo nominal	Processo material	Participante Meta	Circunstância de lugar

No complexo oracional 1, pelo *sistema de transitividade*, configuram-se os papéis semânticos estabelecidos por Halliday (2014). O sistema *sintagmático* apresenta os elementos selecionados pelo produtor publicitário, a partir do sistema *paradigmático* da língua. O processo material *fazer*, do grupo verbal, propõe, de forma sugestiva, pelo comando do verbo, que o interlocutor da mensagem (*participante Ator: você (oculto)*) realize a ação que lhe é proposta: fazer *uma simulação* (Participante Meta) do financiamento imobiliário no site do banco, *circunstância* que indica o lugar em que essa ação deve ser realizada. A escolha de um *processo material* é a figura ou esquema que sugere ao interlocutor que realize essa experiência em seu contexto real

8 Em uma disciplina presencial do Poslin com o professor Mário Perini, ele explicou que precisamos das relações esquemáticas (papéis semânticos = construções linguísticas) porque a análise individual de relações conceituais elaboradas é inviável, referindo-se ao entendimento da mensagem pelo receptor em representações cognitivas ilimitadas. O professor explica que a gramática consiste em um mapeamento do nível cognitivo para o nível da sintaxe formal, por meio do nível semântico. Na configuração funcional da metafunção ideacional, Halliday trata dos papéis semânticos como construções linguísticas do domínio da experiência.

de situação, ou seja, aja no sentido de construir a experiência que lhe é sugerida pela linguagem, por meio do conteúdo ideacional, que constrói essa ideia visando à execução do cliente prospectado.

Complexo oracional 2 – Metafunção ideacional

Quer	sair	do aluguel	e	ter	uma casa	pra	chamar	de sua?
Processo mental	Processo material	Circunstância de condição	Conectivo	Processo relacional	Participante Atributivo Possessivo	Conectivo	Processo mental	Participante Fenômeno

Neste complexo oracional, consoante Halliday (2014), para compor o *nível linguístico de conteúdo* (semântico), pelo sistema de transitividade, foi escolhido a partir das possibilidades do sistema *paradigmático*, entre outros elementos léxico-gramaticais, o processo mental *querer*, que propõe ao participante *Experienciador você*, oculto na oração (referindo-se ao consumidor prospectado na plataforma do Facebook), desejar a experiência de *sair* do aluguel (*processo material*), que figura a realização do sonho do espectador (*Participante Ator*) desse processo para *ter* uma casa própria (*participante Atributivo Possessivo*). A figura idealizada pelo processo *querer* aciona o pensamento, a emoção e induz o interlocutor ao desejo (*sair* do aluguel e *ter* uma casa). O complemento *pra chamar de sua* conclui a ideia, acionando o desejo evocado pelo esquema do processo mental *chamar*, seguido do participante Fenômeno *de sua*, na construção do *fluir de eventos*, o que influi no sistema emocional e na decisão de buscar o negócio com o banco. O esquema cognitivo construído pela lexicogramática foi selecionado com esse propósito, como signo que não é neutro.

Complexo oracional 3 – Metafunção ideacional

Conheça	o Credcasa	nosso financiamento imobiliário
Processo mental	Partic. Fenômeno	Part. Fenômeno

Neste complexo, o banco apresenta a solução para a sugestão proposta no período anterior, por meio da escolha do *processo mental conhecer*, seguido do Participante *Fenômeno* (o *Credcasa*) e *nosso financiamento imobiliário*. Assim, o banco apresenta o serviço para que o interlocutor (*participante Experienciador*) tome ciência (processo mental) de sua existência, por meio da cognição e experimente o *Fenômeno* (financiamento imobiliário).

Complexo oracional 4 – Metafunção ideacional

É	rápido e seguro	porque	é feito	por	quem entende do assunto –
Processo relacional	Part. Atributo	Conectivo	Processo material	Conectivo	Participante ator

Complexo oracional 5

um banco	que	nasceu	e	atua	no mercado imobiliário	há mais de duas décadas
Participante Existente	Conectivo	Processo existencial	Conectivo	Processo material	Circunstância	Circunstância de tempo

No complexo oracional 3, ao colocarmos a oração na ordem ativa, verificamos que o sentido semântico da oração traz o *participante Ator*, que exerce o protagonismo nesse setor de financiamento imobiliário, é *quem entende do assunto*, no intuito de passar confiança no serviço, ao mesmo tempo que qualifica a atividade, ao afirmar que é exercida por um especialista, pelo processo material *fazer*. Por essa razão é rápido e seguro. O processo relacional é realiza a afirmativa que adjetiva e explica o financiamento como rápido e seguro, criando uma significação que garante, além da segurança, a agilidade que as pessoas valorizam num mundo multitarefas.

O complexo 4 traz informações adicionais que explicam por que o banco, como *participante existente*, entende de financiamento

imobiliário, marcado pela circunstância de atuação há mais de 20 anos. O processo existencial *nascer* marca o início de sua existência. Além disso, o *processo material atuar*, complementado pela circunstância do tempo, marca a ideia de experiência no mercado, o que gera confiabilidade por parte dos clientes. Após gerar esse sentimento no interlocutor, o anúncio deixa um *link* no final da oração para que o cliente tenha acesso fácil à página dos serviços, após ser motivado.

No sistema funcional da gramática *hallidayana*, a representação de mundo, analisada por meio do sistema de *transitividade* (sistema linguístico), ocorre em simultaneidade com o contexto extralinguístico (variável *campo*). Nessa perspectiva, a construção de mundo a partir dos processos, participantes e circunstâncias apresentados exclui os problemas que apresentamos na discussão da variável *campo*, em que o cliente só se torna proprietário do imóvel após o pagamento da última parcela.

Modo Semiótico Visual

O sistema de comunicação visual, de acordo com Kress e van Leeuwen (2006[1996]), assim como todos os outros modos semióticos, opera a partir da estrutura metafuncional e concomitante de Halliday, objetivando atender às várias demandas comunicacionais e representacionais. Nessa medida, o sistema *representacional* que compõe a figura 1 apresenta experiências de mundo semioticamente configuradas. Os participantes estão representados em uma cena de movimento, personalizada, dramatizada, compondo uma estrutura *narrativa*⁹, que encena personagens no mundo construído pela publicidade. Kress e van Leeuwen propõem a análise da ação transacional a partir de um campo de significados possíveis na imagem, alicerçado no sistema semântico-funcional de Halliday. Assim, no trabalho semiótico, o material semiótico que contém os processos semânticos da imagem é transformado em processo semântico da escrita, no sentido de explicar esses conteúdos ideacionais.

⁹ Conforme Kress e van Leeuwen (2006), as relações nas imagens narrativas podem ser transformadas em formas linguísticas, porém são realizadas por significados visuais. A imagem pode dizer o mesmo conteúdo da escrita de diferentes maneiras.

A estrutura narrativa do anúncio 1 encena os participantes representados (PR) como clientes que já optaram pelo financiamento imobiliário do banco Inter. O desdobramento da ação mostra um casal de jovens, que confere/checa a planta de um imóvel, classificado por Kress e van Leeuwen como um *processo de ação transacional*, pois apresenta o participante *Ator* (o casal) e o participante *Meta* (a planta de um imóvel), sobre o qual se dirige o objetivo da conferência/verificação. Braços e mãos dos PR formam uma linha oblíqua, diagonal e inclinada, voltada para a planta do imóvel, que objetiva despertar a atenção do interlocutor para a proposta principal do anúncio, o financiamento de um imóvel, que pode ser possibilitado pelo banco. A linha dos olhos e os corpos inclinados dos PR também são direcionados à planta do imóvel, bem como a imagem das letras em laranja, tudo convergindo em vetor que reforça o foco do anúncio.

Nessa perspectiva, podemos depreender da imagem no anúncio processos como: os participantes *analizam* a planta do imóvel, eles *discutem* sobre arquitetura, decoração, distribuição de espaço do ambiente, eles *decidem* o planejamento dos móveis etc. Esses são alguns exemplos possíveis nessa estrutura. O processo de *ação transacional* recontextualiza a prática social do Inter, mostrando quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias. Na cena, os participantes (*Ator*) analisam (*processo*) a planta do imóvel no ambiente de uma sala ao fundo (*circunstância locativa*), mostrada pelo contraste entre o primeiro plano e o plano de fundo da imagem. Conforme Kress e van Leeuwen (2006, p.65), a paráfrase verbal do processo de *ação transacional* é o verbo transitivo que pede um objeto (papel sintático). Tais processos, participantes e circunstâncias, como signos motivados, em uma estrutura narrativa, constroem a visão de mundo idealizada e direcionada à venda do financiamento imobiliário, identificada na análise da variável *campo* do modo verbal.

Em se tratando do contexto de produção e recepção do anúncio, em termos de metafunção interativa, o *marketing* do banco atua como participante interativo, que regula o que pode/deve ser dito pela imagem e como deve ser dito e interpretado, em diferentes graus e formas. Nesse sentido, examinamos como os participantes representados na imagem se relacionam com os participantes interativos no Facebook.

Em outras palavras, como eles foram retratados pela publicidade dos bancos digitais, considerando três dimensões: *interação*, *relação* e *distância social*.

Em termos de interação, o anúncio do banco Inter apresenta participantes humanos representados com *olhar de oferta*, direcionando-se ao público-alvo de forma indireta, em que não há estabelecimento de contato pelo olhar. São imagens de *oferta*, que oferecem os participantes representados como itens de informação, objetos de contemplação, como se fossem modelos expostos em uma vitrine, cujos comportamentos devem ser copiados. A *imagem de oferta* caracteriza os participantes representados como atores em um palco, valorizando, assim, o serviço (financiamento imobiliário) que está exposto à venda na vitrine do Facebook. Há uma ilusão de separação como se os participantes representados não soubessem que estão sendo observados. Por essa razão, os participantes interativos na mídia social assumem o papel de observadores invisíveis, para que possam refletir, de forma mais impessoal todo o cenário para, então, decidirem sobre a adesão.

A *relação* diz respeito às representações em ângulo vertical e horizontal, em termos de poder e envolvimento com os participantes interativos no Facebook. O ângulo vertical marca as diferenças de poder representadas na imagem, em relação aos participantes interativos (o público-alvo dos anúncios). Nesse sentido, a escolha do ângulo frontal para o anúncio revela a intencionalidade de dispor os agentes da comunicação em termos de igualdade. Em outras palavras, na representação da relação de poder, os PR, apesar de não interagirem por meio do olhar, são posicionados no nível dos olhos dos participantes interativos, o que simboliza uma relação de igualdade de poder, constituindo o ato do discurso que coloca o interlocutor na mesma condição, no sentido de também poder adquirir o financiamento imobiliário. É dado a ele o mesmo poder dos PR representados na cena, efeito realizado pelo ângulo da câmera que o posiciona nem acima nem abaixo para produzir a relação imaginária entre os participantes. O anúncio constrói uma imagem do serviço imobiliário que busca se harmonizar-se com os desejos dos clientes potenciais na rede, no

sentido de evocar um tipo de comportamento que o anúncio intenciona vender, uma tomada de ação.

O ângulo oblíquo realiza envolvimento ou afastamento simbólico entre participantes representados e interativos, o que, em contextos da vida real, equivale a diferenças entre conversar de frente para o interlocutor, em diversos níveis, até confrontá-lo ou ignorá-lo. Em termos de envolvimento, a partir do ângulo horizontal, os participantes interativos podem observar os PR de frente ou de lado e entre gradações entre esses dois. Quanto mais estiverem posicionados de frente, maior o envolvimento. Esse ângulo, aplicado ao anúncio, apresentou maior envolvimento, pois os PR estão em olhar de oferta, como objetos expostos para venda em uma vitrine, objetivando que o consumidor espelhe o comportamento deles.

Na imagem, assim como na vida real, a distância comunica relacionamentos interpessoais. Mantemos distância de estranhos e nos aproximamos de quem gostamos. Esse efeito é reproduzido na imagem pela *distância social* em termos de distância simbólica. A *distância social* aborda a representação dos atores sociais em relação aos participantes interativos (*marketing* do banco *versus* espectadores no Facebook) e comunica a distância interpessoal desse relacionamento, de forma simbólica nas imagens, assim como ocorre nas práticas sociais. Essa simbologia ganha significados precisos no contexto específico do banco digital. Assim, a distância social em *long shot*, no anúncio, marca uma relação simbólica de amizade, que busca compartilhar a mensagem, mostrar, provar, convencer, com comodidade e praticidade.

A imagem do anúncio apresenta um enquadramento em *long shot*, mostrando quase o corpo todo dos participantes representados, com pouco espaço à sua volta, colocando o público-alvo de frente para o que está sendo exibido (a posse da planta de um imóvel), o foco da publicidade. Os corpos dos participantes representados, apesar do enquadramento *long shot*, são posicionados em *zoom* na câmera para aproximá-los dos participantes que interagem com a imagem, simbolizados como se fossem amigos que discutem juntos a planta do futuro imóvel, que frequentam os mesmos espaços, gostam de fazer as mesmas coisas e pertencem à mesma cultura.

O anúncio apresenta formato quadrado. Conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 54), reproduzir uma estrutura da realidade em formato quadrado¹⁰ evoca significados semióticos construídos ao longo do processo histórico-cultural. Isso significa que desperta um sentimento, um equilíbrio de poder, no sentido de realizar o que é enquadrado na imagem. Além disso, simboliza o “encaixe” dos participantes interativos na ideia do financiamento imobiliário para que eles sigam os padrões estabelecidos. Estratégias associativas ancoram emoções e sentimentos ao conteúdo em questão por associação psicológica e emotiva. O formato quadrado também evoca simbologias que remetem à tecnologia e ao progresso, o que assinala adequadamente o ambiente digital de transações financeiras. A tecnologia é criada pelo homem para facilitar o trabalho e a comunicação e esses valores são representados no anúncio, associando-os aos participantes interativos na mídia social Facebook.

Em se tratando da materialização do material semiótico da composição do anúncio, destaca-se a presença marcante e vibrante da cor laranja que, conforme a simbologia das cores, traz energia, ânimo, estimula a criatividade e atrai consumidores. Não foi por mero acaso que o banco escolheu essa cor para fixar sua logomarca no mercado. Quando se pensa em banco Inter, imediatamente aciona-se a cor laranja na memória, que conduz a ligações semânticas compostas de valores que o banco veicula. A cor laranja representa a empresa como criativa, amigável, alegre e confiante, é um significante que remete aos significados corporativos e posicionamento de mundo da *fintech*. É o *signo motivado*, que aciona imediatamente, por neuroassociação, o complexo de valores que o banco construiu com o uso semiótico da cor, refletindo significados ideacionais, interpessoais e textuais. Nos negócios, a cor laranja é usada para chamar atenção, conduzindo a ações imediatas e impulsivas. O site *evonline* (simbologia das cores) explica que essa cor retrata empresas com espírito jovem, que incorporam a comunicação e demonstram acessibilidade. Todo o anúncio é permeado por continuidade e similaridades da cor laranja (rima visual), em diferentes escalas de saturação. A logomarca é fixada

10 Para os autores “formas podem exultar ou deprimir. Círculos, quadrados e triângulos não são puros, científicos, neutros. Eles têm o poder de afetar nosso sistema nervoso. A força emocional de uma forma é única e insubstituível” (KRESS E VAN LEEUWEN, p. 54,55).

na parte inferior do anúncio, apresentando letras destacadas na parte superior como signo motivado na cor laranja, fixando a logomarca e todo sistema de ligações discursivo-semânticas que ela veicula. O plano de fundo em tons de laranja e a faixa inferior, saturada da cor laranja, evocam com intensidade o desejo imediato e compulsivo de se realizar o que o anúncio recomenda. Quanto maior o grau de saturação da cor, maior a intensidade dos sentimentos evocados. As letras cursivas que destacam o financiamento imobiliário evocam o manuscrito, trazendo pessoalidade. Já a fonte escolhida para o banco Inter remete ao técnico, ao objetivo e à seriedade. Assim, a cor laranja é um marcador de modalidade utilizada com intensidade em espaços estratégicos do anúncio (parte inferior e à direita do consumidor) e diluída na composição dos demais espaços do anúncio com uma saturação menor da cor, mantendo a intencionalidade da ação dessa cor sobre a audiência, como código semiótico que direciona inúmeros significados.

A *modulação* da cor laranja reforça o protagonismo dessa cor no cenário, contextualizado com a saturação da cor laranja, em gradações de maior e menor intensidade, compondo uma modalidade naturalista em um ambiente doméstico, que avalia positivamente o nível de confiabilidade do anúncio, tendo em vista que o cenário agrega detalhes e a naturalidade do mundo real na contextualização do anúncio. Nessa medida, o plano de fundo com efeito desfocado, localiza os participantes representados e insere o público-alvo nesse ambiente de clima familiar. A modalidade do anúncio é naturalista, no sentido de haver uma convenção social de que fotografias são representações da realidade, apesar da possibilidade de efeitos especiais por intermédio da tecnologia digital. Por conseguinte, o anúncio apresenta uma saturação de cores acima do natural, pois os recursos tecnológicos intensificam as cores, que passam a ser convencionadas como naturais devido ao uso constante desse recurso.

Há um jogo de iluminação e sombra sobre os participantes representados. A iluminação simula a luz natural, atribuindo veracidade às imagens, numa escala de mais alta modalidade¹¹, tendo em vista

11 Conforme os autores, o termo modalidade vem da Linguística e refere-se ao valor de verdade ou de credibilidade de declarações sobre o mundo. Na imagem, a modalidade é interpessoal e refere-se às coisas que consideramos ser verdade em uma imagem. Julgamentos de modalidade são sociais, dependentes do que é considerado real pelo grupo social.

a iluminação, o brilho em que a imagem é tratada, e a veracidade da fotografia. As imagens possuem alta modalidade devido à credibilidade da declaração visual, que representa a expressão de um fato verossímil percebida com riqueza de detalhes (*representação*), como, por exemplo, a tonalidade da pele, sobrancelhas feitas, corte de cabelo e penteado dos PR, apresentando-as como pessoas reais, e não como caricaturas ou formas imaginárias. Por essa razão, o anúncio é marcado, excessivamente, por *iluminação* e *brilho*, e toda a riqueza de recursos para produção de signos em telas digitais. O jogo de luz e sombras dá saliência aos pontos que se deseja destacar e mostra detalhes dos participantes representados.

Na escala de *profundidade*, o anúncio apresenta o plano de frente da imagem focado nos serviços veiculados, de forma nítida e clara, enquanto o plano de fundo é representado de forma suave e desfocada.

Para Kress e van Leeuwen (2006, p.165), a imagem pode ser fonte de prazer e significados afetivos, podendo apresentar várias estratégias em relação ao interlocutor. Nesse sentido, a imagens do anúncio traz uma *codificação sensorial*. O brilho, iluminação, saturação das cores, além de tocarem o psicológico e o afetivo, acionam sensações sinestésicas, transmitindo ao interlocutor a sensação do conforto e bem estar representados no anúncio, como a felicidade de ter a casa própria e o sentimento de segurança nas transações. As *affordances* da imagem possibilitam ao participante interativo, no ambiente virtual, a visualização mental e a reação emocional ao que é encenado via recursos semióticos na realização desses objetivos.

O modo semiótico verbal cumpre um papel distinto no conjunto multimodal, esclarecendo como essa experiência de vida encenada pode ser concretizada na experiência de quem observa a cena. Nesse cenário, podemos perceber que o modo escrito nos permite imaginar, mas não visualizar, como na imagem. Por outro lado, apenas a imagem, sem a escrita tornaria mais difícil a identificação do tema do anúncio. O modo semiótico visual pode acionar instantaneamente os sonhos e desejos de realização, prazeres, sensações, gratificações, enquanto o modo semiótico verbal usa mais os recursos da imaginação e fornece, de maneira clara, informações e especificações do serviço. Por essa

razão, os modos podem ser complementados, formando conjuntos multimodais, devido às características de suas diferentes *affordances*.

Considerações Finais

É importante destacar que a integração de recursos semióticos e a simultaneidade das categorias analisadas produzem expansões semânticas no conjunto multimodal. A separação de cada nível de análise ocorre apenas em termos didáticos para explicar o funcionamento do efeito produzido em cada categoria. A análise da variável de registro *campo*, do contexto de situação do anúncio, revelou que os signos são motivadamente positivos, pela representação parcial da mensagem, que visa à realização de negócios. É um aspecto do macro contexto que cria o mundo publicitário, onde tudo é perfeito. O anúncio é uma representação parcial da prática sociossemiótica do banco, excluindo-se, assim, os problemas relacionados à falta de pagamento do financiamento imobiliário, discutidos na análise dessa variável. A variável *relação* apresentou modo interrogativo, de modo que a função discursiva demandasse uma resposta ou uma ação do cliente prospectado no Facebook, expressando a materialização dos recursos linguísticos para a construção de mundo e modo de se relacionar com os clientes na plataforma. As funções discursivas em *proposições* visaram fornecer informações *motivadamente* marcadas apenas por declarações afirmativas, que valorizam os serviços, relatando apenas as qualidades do serviço anunciado.

Os significados ideacionais (sistema de transitividade) revelaram a predominância de processos *materiais* (sair, fazer, atuar) que direcionaram o público-alvo à ação, ao papel de agente na vida prática, no sentido de incluir o serviço oferecido no cotidiano. Os processos *relacionais* (é, ter) incutiram afirmativas positivas relacionadas aos serviços, suas qualidades e facilidades. Por fim, os processos mentais (querer, chamar, conhecer) criaram conceitos que impulsionaram o desejo e a curiosidade pelo bem ou serviço oferecido.

Em se tratando de modo semiótico visual, a estrutura narrativa construiu a interpretação da realidade na perspectiva do *marketing* do

banco digital. Os atos de imagem e seus elementos criaram significados e direcionaram o modo de agir do público-alvo por estratégias que envolveram olhar (oferta), distância social (enquadramento) e perspectiva (nível de poder). A simulação da amizade e aproximação nessas estratégias oculta o poder dos produtores publicitários que, ao transmitirem confiança, determinam padrões de consumo para sua audiência, criando uma identidade como cliente. A formação da identidade dos bancos é bastante reforçada pelo uso significativo das cores como modo semiótico, não só para marcar identidade, como também para imprimir codificações sensórias que levam os clientes potenciais a sentimentos direcionados. A cor laranja utilizada pelo banco atua por meio de propriedades que causam efeitos físicos, por meio de valores associativos e codificações sensórias, com significados simbólicos e emotivos, trazendo energia, ânimo, estimulando a criatividade e atraindo consumidores.

Conforme Kress e van Leeuwen (2001), os discursos não apenas apresentam versões sobre quem faz o quê, quando e onde, como também adicionam interpretações, avaliações, propósitos, legitimações e argumentos dessas versões. Há vários discursos alternativos disponíveis em relação a qualquer aspecto da realidade. Usa-se o mais apropriado para os interesses da situação comunicativa. Assim, em termos de representação, o produtor publicitário escolheu os recursos semióticos mais aptos para atingir seus propósitos comerciais com o público-alvo na plataforma do Facebook. Para isso, a *estrutura narrativa*, com processos de ação, revela o propósito comunicativo de projetar as práticas comerciais do banco (*ressemiotização*) em representações encenadas, que se apresentam em forma de ações e eventos por participantes conectados por vetores em algum tipo de circunstância. Por meio de um processo de *ação transacional*, a proposição narrativa visual apresentou dois participantes, um como *Ator* e o outro como *Meta*, sobre o qual se dirige o objetivo da ação de vender serviços imobiliários.

Definições da realidade estão ligadas a tecnologias de representação e produção como, por exemplo, a fotografia digital, que está criando um novo padrão para o naturalismo (resolução mais alta da cor naturalista). No caso do anúncio, a *modalidade* representa o financiamento imobiliário como fantasia, promessa, o que poderia ser,

em vez do que é na realidade, configurando a imagem em um foco mais nítido, com o uso de cores saturadas e diferenciadas, brilho, iluminação, contextualização etc., que colocam o serviço em uma modalidade mais alta, gerando maior valor de realidade, credibilidade, atrelando uma promessa de prazer relacionado a ele. É importante ressaltar que tanto eventos prováveis quanto os improváveis podem possuir alta ou baixa modalidade a depender do nível de verdade que o produtor de signos define para eles.

As significações resultantes de cada um desses objetivos específicos compõem o objetivo geral desta pesquisa, em termos de significados contextuais, ideacionais, representacionais e interacionais, que mostraram como os recursos semióticos foram utilizados para articular os discursos, a partir de suas *affordances* únicas, como também formando intersemioses entre os modos como conjuntos multimodais. A análise do discurso é multimodal por considerar a atuação individual e coletiva dos modos semióticos, incluindo o verbal. A linguagem (conjunto multimodal) como prática social do banco impõe a visão de mundo dele, representada pelas escolhas dos modos semióticos como ação sobre o cliente em potencial, maximizada pelos recursos da tecnologia, que permite realizar ações instantâneas via dispositivos móveis.

Referências

- DOMINGO, M. KRESS, G. JEWITT, C. Multimodal social semiotics: writing in online contexts. Pre-print version. In: K. Pahl and Rowsel. (Eds.) **The Routledge Handbook of Contemporary Literary Studies**. London: Routledge. 2014. Disponível em http://eprints.ncrm.ac.uk/3084/1/D4Writing_and_Multimodal_social_semiotics.pdf Acesso em 07/08/2019.
- EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Continuum, 2004.
- EVONLINE: Serviços em marketing digital. Site. **Simbologia das cores**. Fev. 2015. Disponível em: <https://www.evonline.com.br/simbologia-das-cores/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

GUALBERTO, C.; KRESS, G. 'Social semiotics', chapter in the *International Encyclopedia of Media Literacy*, edited by Renee Hobbs and Paul Mihailidis, NY: Wiley – Blackwell, (forthcoming, 2019). Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/325764226_Social_Semiotics.

Acesso em: 10 fev. 2019.

HALLIDAY, M.A. K. *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford University Press. Second edition, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. London and New York: Routledge, 4 ed., 2014.

JEWITT, C. Multimodal methods for researching digital technologies. In: PRICE, Sara; JEWITT, C.; BROWN, Barry. (Eds.). *The sage handbook of digital technology research*. Thousand Oaks: Sage, 2013.

KRESS, G. *Literacy in the New Media Age*. Edition published in the Taylor & Francis e-Library, 2005. Disponível em: <https://epdf.tips/literacy-in-the-new-media-age-literacies.html>. Acesso em: 18/03/2019.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

KRESS, G. *Multimodality: a social approach to contemporary communication*. London & New York: Routledge, 2010.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILLER, C. Genre as social action. In: *Quartely Journal of Speech*, n. 70, pp. 151-157, 1984. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00335638409383686>. Acesso em: 13 mar. 2019.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. Oxford University Press, 2008.



O LETRAMENTO ACADÊMICO NAS PERSPECTIVAS BRASILEIRA E PORTUGUESA: UM OLHAR SOBRE A UNIMONTES E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maurício Alves de Souza Pereira

Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho

Introdução

Durante o período de formação na Educação Básica, os discentes, muito embora leiam uma variedade de gêneros textuais, previstos nos livros didáticos, escrevem tipos textuais específicos, sendo os mais comuns a narração, a descrição, a argumentação, a exposição e a injunção. Ao ingressarem na academia deparam-se com um universo de gêneros textuais característicos do domínio universitário, marcados, conforme restringe Maingueneau (2005), ora pelo domínio de produção e divulgação de saberes acadêmicos tais como conferências, palestras, mesas-redondas, comunicações, teses, por exemplo; ora pelo suporte material específico, isto é, os periódicos acadêmicos especializados, momento em que apresentam dificuldades de leitura e de produção.

Em linhas gerais, pesquisas francesas apontam que é comum universitários apresentarem dificuldades tanto na escrita quanto na leitura desses gêneros. Em Carvalho (2013), por exemplo, encontramos um levantamento de trabalhos já arrolados acerca da temática em

tela, entre os quais se destacam pesquisadores franceses como Boch e Grossmann (2002), que atribuem as causas das dificuldades às características específicas de escrita acadêmica como, por exemplo, a polifonia e, Delcambre e Jovenet (2002), que assinalam dificuldades decorrentes de fatores como: (i) os novos tipos de discurso com os quais os acadêmicos se deparam; (ii) as novas práticas de pesquisa escrita e (iii) a distância entre a cultura escrita anterior e as práticas de escrita na universidade.

Já no Brasil encontramos pesquisadores como Carelli e Santos (1998), Kleiman (2006), Matencio (2002) e Carvalho (2013), entre outros, que chegaram a conclusões que permitem entrever dificuldades na leitura e escrita acadêmicas, principalmente em relação às questões estruturais e de linguagem, específicas do gênero. De um modo ou de outro as causas apontadas pelos pesquisadores indiciam a necessidade de a universidade pensar em práticas capazes de suprir a deficiência dos alunos e garantir-lhes competências não só para a leitura, mas também para a escrita de gêneros desse domínio.

Surgem assim as práticas de letramento acadêmico que constituem o objeto desta investigação. Os dados são resultantes de uma pesquisa monográfica que teve por objetivos: (i) analisar, comparativamente, as práticas acadêmicas sistematizadas, propostas por duas instituições de ensino superior, a saber, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Portugal (doravante FLUC) e da Universidade Estadual de Montes Claros – Brasil (de agora em diante Unimontes), práticas essas que ensejam promover a proficiência em leitura e escrita de textos acadêmicos de alunos de seus Cursos de Letras Português e, (ii) evidenciar o posicionamento de uma amostra de alunos, em relação a essas práticas.

Pretendeu-se responder o que as universidades têm feito para promover o letramento acadêmico de seus discentes e se, do ponto de vista deles, de fato chegam à academia com subsídios necessários para o trabalho com a leitura e a produção de textos acadêmicos.

Com base em pesquisas já realizadas em diferentes contextos e na experiência empírica como aluno do Curso de Letras da Unimontes, é possível inferir que, de maneira geral, os alunos de fato chegam ao curso superior apresentando dificuldades não só de leitura, mas também de

produção dos gêneros que nela circulam. A universidade, por sua vez, dá continuidade ao processo e garante o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção, proporcionando o que, neste trabalho, chamamos de letramento acadêmico. Sendo assim, a hipótese levantada é de que as duas instituições pesquisadas apresentam, em seus currículos, práticas sistematizadas de abordagem da leitura e da escrita de gêneros do domínio acadêmico e que os alunos chegam despreparados, mas adquirem as habilidades necessárias ao desenvolvimento dessas práticas, durante o processo formativo.

Cumprе ressaltar que escolha deste tema deveu-se à oportunidade de realização de intercâmbio na Universidade de Coimbra (Portugal), por meio do Programa Ibero-americano de Bolsas de Graduação Sanduíche, do Programa Santander Universidades. A possibilidade de permanência na FLUC por um período de seis meses, como aluno do Curso de Letras Português, aguçou o desejo de realizar a pesquisa, de forma a levantar contrapontos entre o funcionamento do curso na FLUC e o da UNIMONTES, no que concerne ao letramento acadêmico.

Além disso, o trabalho justifica-se pelo fato de que a área de estudos acerca das práticas de leitura e escrita dos gêneros referentes ao letramento acadêmico está ganhando cada vez mais espaço. Nesse sentido, os resultados da investigação poderão contribuir para o redimensionamento das práticas didáticas no âmbito do curso de Letras Português, oferecido em países diferentes. Para além disso, realizar pesquisa é um modo de aprofundar conhecimentos necessários ao processo de formação profissional, inicial e continuada.

Além da introdução, o capítulo está organizado em considerações teóricas gerais sobre o letramento no parecer de Street (1984), Lea e Street (2004), Soares (2005), Mortatti e Tfouni (2003) e especificamente sobre o letramento acadêmico com Fischer (2008), Souza e Basseto (2014), sobre gêneros textuais com maior ênfase nos gêneros do domínio acadêmico no parecer de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008). Na sequência são apresentados os dados seguidos da análise e das considerações finais.

Considerações gerais sobre letramento

Historicamente tem-se que mesmo antes do movimento republicano, ocorrido no Brasil, já havia, por parte de dirigentes e intelectuais, uma preocupação a respeito do ensino de leitura e de escrita. Para Mortatti (2007, p. 155), é “[...] a partir da primeira década republicana que as práticas sociais de leitura e escrita se tornaram práticas escolarizadas, submetidas à organização metódica, sistemática e intencional”. Desde então, a leitura e a escrita têm se tornado os principais meios de avaliação e de testagem das competências individuais.

Essas práticas, inicialmente referidas no processo de escolarização apenas como alfabetização, são hodiernamente compreendidas como imbrincadas, mas, cada uma com suas especificidades. Uma não prescinde da outra e ambas acontecem concomitantemente.

A alfabetização é concebida por Soares (2005), como a ação de aquisição do código de leitura e da escrita e letramento como apropriação e uso social dessas práticas, pelos sujeitos. Apesar de estabelecer uma distinção, a autora também deixa clara a pressuposição de que existe um elo, uma conexão, entre as ações de alfabetizar e de letrar e sustenta a ideia de que ambas implicam consequências de ordem não só social e linguística, mas também cultural política e econômica, para o grupo social em que sejam introduzidas e para os indivíduos que aprendem a usá-las, deixando entrever seu posicionamento de que a alfabetização é apenas uma das práticas de letramento.

Para Kato (1986), o termo letramento surgiu na esteira dos estudos sobre educação e ciências linguísticas com o postulado de que a língua falada culta é consequência do letramento e que este se refere a aspectos de ordem psicolinguística, envolvidos na aprendizagem da linguagem. Mortatti e Tfoune (2003) agregam ao termo uma relação com as práticas de leitura e escrita voltadas para um viés social.

Vale salientar que, especialistas das áreas da educação e da linguística afirmam ser adequado fazer referência a letramentos, no plural, e não a um único letramento. Portanto, letramentos, como proposto por Street (1984, p. 47), “[...] tanto no sentido de diversas linguagens e escritas,

quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidades, conhecimentos e crenças, no campo de cada língua e/ou escrita”.

Estudos teórico-descritivos referentes a letramento evidenciam que, em razão da multiplicidade de eventos que exigem o uso da linguagem, as definições para esse termo, são múltiplas, todavia não se dissociam, mas se complementam. A justificativa para essa variabilidade é discutida por Rojo (2009, p. 99), para quem

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos.

Por serem diversos os momentos em que o manejo proficiente da linguagem é exigido, não somente no ambiente escolar, que comumente oferecia, para seu entendimento, parâmetros dicotômicos como sujeitos alfabetizados ou não alfabetizados e letrados ou não-letrados, as práticas escolares de letramento passam a ser caracterizadas, no parecer de Terra (2013, p. 32, grifos do autor), “[...] apenas como um tipo particular de letramento – o letramento escolar – em meio a outros tantos tipos de ‘letramentos’ (familiar, religioso, profissional etc.) que surgem e se desenvolvem na sociedade, portanto, à margem da escola, não precisando por isso ser depreciados.”

Para mostrar a multiplicidade de ideias acima mencionada, Rojo (2009) afirma que mesmo o termo “letramentos” é insuficiente, de modo que é preciso pensar em “letramentos múltiplos”. Essa ideia está relacionada às várias práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade: escolarizadas ou não, valorizadas ou não. A título de ilustração, Rojo (2009, p. 103) elenca o *internetês* e o *bloguês*, linguagens características das redes sociais virtuais, com as quais os jovens mantêm constante contato, e que normalmente são considerados letramentos marginalizados. Ainda nessa seara, a autora alude a outros tipos de letramento, além dos letramentos múltiplos, como os letramentos multissemióticos, e os letramentos críticos, os quais não foram discutidos, tendo em vista o espaço e o foco desta pesquisa.

Interessante alusão ao letramento é feita por Street (1994) que o subdivide em dois tipos, a saber: (i) autônomo: em cujo viés o indivíduo, ao manter contato com a leitura e a escrita, vai aumentando e aprimorando seu nível de letramento, naturalmente. Essa abordagem considera o letramento independente do contexto, de maneira intrínseca ao indivíduo e, (ii) ideológico: considerado relacionado ao contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido, sendo, desse modo, considerado em sua multiplicidade, nas várias situações sociais em que a leitura e escrita se apresentam ao indivíduo.

Em síntese, é possível ressaltar que a alfabetização e o letramento não são campos estanques, mas esferas complementares da vida de cada indivíduo, haja vista que, como dito anteriormente, ambos não se limitam apenas à formação básica. O mundo, em seu atual estágio de globalização, exige dos indivíduos um domínio amplo da linguagem, tendo em vista que tudo gira em torno dela.

Trazendo essa discussão para o foco dessa pesquisa, que propõe uma reflexão sobre as práticas de letramento no âmbito acadêmico, torna-se importante considerar a afirmação de Carvalho (2013, p. 21):

[...] o acadêmico chega à universidade alfabetizado. Entretanto, confrontado com novas necessidades de uso da leitura e da escrita que lhe exigem a escrita de gêneros que até então não faziam parte, de modo sistemático, de seu universo, empreende um processo de letramento. Nesse processo, ele forma uma representação não só coletiva, mas também individual e única do gênero desconhecido e algumas representações sobre o que estaria envolvido na sua produção. De posse dessa nova matriz social cognitiva e cultural participa de atividades letradas das quais nunca antes participara. Entende-se com isso que o letramento estende-se para além da aprendizagem básica do saber ler e escrever.

As considerações feitas pela autora indiciam que há, na universidade, a construção de novas práticas sociais que envolvem a linguagem, estabelecendo elos que constituirão o que concebemos por letramento acadêmico. Fica evidente a importância de se conhecer as práticas dessa vertente de letramento no âmbito do curso de Letras Português, tendo em vista que, durante o curso e, posteriormente, como

profissional da área de linguagem, o contato com elas será constante, seja no uso cotidiano, seja principalmente no ensino-aprendizagem dos vários gêneros textuais, muito especialmente daqueles referentes ao domínio acadêmico.

Considerações sobre o letramento na academia

Neste trabalho a noção de letramento acadêmico é construída com base na proposição de Lea e Street (2004), autores que afirmam serem diversos os letramentos que emergem do contexto universitário e que pressupõem um processo de desenvolvimento contínuo de conhecimentos sobre como interagir com as diferentes especificidades dos gêneros textuais na academia. Considera-se, também, o parecer de Fischer (2008, p. 180), para quem, academicamente letrado é aquele que, além de adquirir um repertório de estratégias efetivas para compreender e usar as linguagens diferentes, especializadas e contextualizadas, no domínio acadêmico, também desempenha papéis sociais desejáveis, estabelecendo relações com o conhecimento e com o saber.

De acordo com Gee (1996), os conhecimentos referentes à leitura e produção de textos requerem aquisição de fluência em formas particulares de pensar, fazer, ler e escrever, próprias dos gêneros que não só circulam, mas são produzidos no domínio acadêmico.

Tendo em vista essas considerações teóricas, ao fazer referência acerca das dificuldades evidenciadas por alunos universitários é possível afirmar que, na verdade, elas têm início na educação básica. A experiência formativa mostra que a tradicional leitura desenvolvida nas escolas ocorre no modelo denominado por Street (1984) de autônomo, ou seja, o aluno entende o processo como apropriação *sui generis* da língua, como domínio total do código, pensando ser suficiente para o bom desempenho, em quaisquer ambientes letrados. Essa ideologia – ainda presente no contexto escolar – atribui ao ato de leitura e escrita apenas o hábito de decodificar palavras, e não o entende como uma prática social, que concebe o trabalho com linguagem como um meio de interação entre os indivíduos.

Dessa forma, o contato com novos domínios discursivos, como o acadêmico, e o fato de eles exigirem mais habilidades, deixa entrever dificuldades que precisam ser pensadas e para as quais é necessário fazer proposições de abordagem. Ainda na concepção de Street (1984), entende-se que as práticas de leitura e escrita estão diretamente articuladas com o contexto no qual são veiculadas. Não há como negar que a leitura, a escrita e o letramento, no contexto acadêmico, devem ser compreendidas como práticas sociais.

Significa que deve ser proporcionado, aos universitários, a construção de uma identidade acadêmica e científica que os tornem capazes de agir com autonomia diante de situações que envolvam a linguagem, especialmente quando dizem respeito aos gêneros acadêmicos. Portanto, retomando o conceito de letramento em si, a aprendizagem deve ocorrer de maneira significativa, e não como mera aquisição de normas, visto que os elementos aprendidos serão essenciais para que haja bom desempenho nas atividades do cotidiano universitário. Nesse sentido, deve-se dar ênfase ao modelo ideológico de letramento em que a linguagem não deve ser vista tão somente como um conjunto de normas (visão que pode ter sido priorizada ao longo da educação básica), mas como elemento por meio do qual o indivíduo se defronta com modos privilegiados de expressão e aprimora sua capacidade de comunicação.

Sobre isso, o parecer de Cruz (2007, p. 7), é de que

No desenvolvimento do letramento acadêmico, as questões de escrita e de aprendizagem devem ser consideradas mais do ponto de vista epistemológico e identitário, do que uma questão de aquisição de habilidades ou de socialização acadêmica apenas, apesar de que essas perspectivas não se excluem, tendo-se em vista que ao estudante devem ser oferecidos instrumentos que lhe permitam transitar entre elas de acordo com o contexto e com o objetivo da atividade.

Em razão disso, no domínio acadêmico, os gêneros com os quais o indivíduo vai se deparar estão relacionados às formas de uso da linguagem subjacentes a esse meio. Na academia, portanto, o graduando terá de lidar com situações que lhe exigirão domínio da linguagem oral e escrita em diferentes modalidades, além de exercitar a retextualização

(escrita de um novo texto a partir de um ou mais textos base) o que requer movimentos de linguagem tais como modalização, inserção de vozes e argumentação.

Desse modo, ganham proeminência as perspectivas de letramento acadêmico aventadas por Lea e Street (1998). Para os autores, a escrita acadêmica pode ser entendida do ponto de vista de três modelos. O primeiro, denominado pelos autores de modelo de estudo de habilidades, prevê que a escrita e o letramento são habilidades cognitivas e individuais que o discente (não sabe e precisa aprender) para empregar em quaisquer contextos. A ênfase é no ensino da gramática tradicional que requer treinamento fundamentado na psicologia comportamental de modo tecnicista/instrumental.

O segundo, é o modelo de socialização acadêmica em que cabe ao docente a responsabilidade de promover a inserção dos alunos na cultura universitária, de maneira que eles assimilem e utilizem as práticas valorizadas na universidade. Tem como foco a orientação dos estudantes para a aprendizagem e a interpretação dessas tarefas. Fundamenta-se não só na psicologia social, mas também na antropologia e no construtivismo.

Já o terceiro, denominado modelo de letramento acadêmico, corresponde aos significados atribuídos à escrita pelos indivíduos, em que se imbricam questões epistêmicas a respeito da relação de poder subjacente à instituição, aos professores e aos alunos. Prevê o desenvolvimento do letramento ao longo do tempo e o processo de aquisição de novos conhecimentos que levam os sujeitos a desempenharem novos discursos. Sendo assim, diz respeito ao fazer sentido, à identidade, ao poder, à autoridade e aos princípios de natureza institucional, logo, políticos e ideológicos, envolvidos no processo de leitura e de escrita. Centra-se nos adequados e efetivos usos do letramento como questões epistemológicas mais complexas, dinâmicas e situadas, que envolvem além de processos sociais como as relações de poder entre pessoas e instituições, as questões de identidades sociais.

Sendo assim, esse modelo questiona: (i) o tratamento heterogêneo dado aos discentes; (ii) a estabilidade das disciplinas e, (iii) a relação unidirecional professor-estudante.

É possível afirmar que os modelos apresentados se hibridizam, de modo que um complementa o outro. Ao chegar à universidade, o aluno já passou por diversas fases/modelos de letramento, que devem ser considerados para que o desenvolvimento da linguagem se processe e ele possa manejar com proficiência os novos discursos com os quais vai se confrontando.

Certo é, portanto, que o letramento acadêmico diz respeito às formas de contato com a linguagem e à proficiência de seu uso para sobressair na vida acadêmica. As competências que permitem essa proficiência encontram-se em diversos âmbitos da academia e, conforme aponta Carvalho (2013, p. 30), “[...] as práticas de letramento acadêmico, na formação universitária, não são de responsabilidade de uma única disciplina. Afinal, é consenso geral que ler e escrever são práticas imprescindíveis em qualquer matéria do currículo”.

Como se sabe, um curso de Letras Português tem suas práticas diretamente relacionadas com a linguagem. Esse é um dos motivos que orientam pesquisadores, iniciantes ou não, a querer conhecê-las, buscando compreender como funcionam – conforme apontam os objetivos da pesquisa. Afinal, a linguagem deve ser compreendida como mediadora das ações sobre o mundo, e os gêneros do domínio acadêmico como responsáveis pelo letramento acadêmico, foco desta investigação, caracterizado pelo desempenho de práticas de leitura e de escrita diferenciadas, que emergem das práticas sociais tecnologicamente mais sofisticadas, em comunidade mais escolarizada como é o caso da academia.

Seguem considerações sobre gênero textual e sobre especificidades referentes aos gêneros do domínio acadêmico, relevantes para o bom entendimento do processo de letramento acadêmico.

Considerações gerais sobre gênero textual/discursivo

A noção de gênero textual/discursivo sempre esteve presente nos discursos linguísticos. Em Bakhtin (2003), por exemplo, são encontradas referências que auxiliam na discussão da temática. Para o autor, o

gênero se caracteriza por “tipos relativamente estáveis de enunciados” que são elaborados nas mais diversas esferas de uso da linguagem. Por serem diversos os âmbitos e os contextos de uso, há, também, uma diversidade de gêneros, cada um com características próprias de forma a adequar a uma determinada situação de comunicação.

Para Bakhtin (2003, p. 262)

A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

O autor considera que, para a configuração do gênero, há três elementos básicos que devem ser considerados, a saber: (i) conteúdo temático – esfera de sentido de que o gênero trata–; (ii) estilo – conjunto de marcas linguísticas pertencentes a cada gênero – e, (iii) forma composicional – a estrutura, isto é, elementos necessários na constituição do gênero –. Dessa forma, ao produzir determinado enunciado ou gênero, o sujeito deixa transparecer suas intenções comunicativas e suas necessidades sociointerativas. Todos os lugares de uso da linguagem possuem concepções dos destinatários aos quais o locutor se dirige. Tais destinatários operam, também, uma postura ativa no que diz respeito ao gênero.

Além de Bakhtin (2003), Marcuschi (2008) também traz importantes e didáticas considerações a respeito dos gêneros. Para o autor, que ainda faz uma diferenciação entre tipos e gêneros textuais, os gêneros são

[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas

e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Assim, coadunando com a visão bakhtiniana, Marcuschi corrobora a ideia de que há uma multiplicidade de gêneros, na medida em que eles surgem a partir das necessidades comunicativas. Os lugares e as finalidades da comunicação cumprem o papel de formatar os gêneros. Na academia, por exemplo, os gêneros que circulam estão relacionados às funções e às formalidades nela presentes.

Vale salientar que a comunidade acadêmica comunga de objetivos básicos comuns e, portanto, de um mesmo discurso (por exemplo, o científico), de modo a sustentar as ideias desse meio, e os gêneros acadêmicos são formas de materialização desses discursos, os quais podem ser divididos em discursos orais tais como, palestras, seminários, mesas redondas, comunicações, entre outros e escritos, a saber, resenhas, resumos, artigos, ensaios, memoriais, dissertações, teses monografias, relatórios, por exemplo.

Eles circulam ou são produzidos na academia, servindo como fonte de veiculação de dados científicos, filosóficos ou artísticos, e de produção de conhecimentos, escritos a partir de análises e observações. Nesse viés, Souza e Basseto (2014, p. 86) são de parecer que os gêneros acadêmicos são textos que “[...] circulam no âmbito universitário como meio de comunicação entre professores, pesquisadores e alunos, com diferentes propósitos comunicativos como, por exemplo, divulgação de pesquisa, resumo de ideias, relatório de atividades etc.”.

Sobre as características relativas a esses gêneros, estudiosos afirmam que eles devem refletir o rigor, a perspectiva crítica, a preocupação constante com a objetividade e a clareza. São assim, textos que se singularizam e se diferenciam dos demais. Um artigo científico, por exemplo, característico do domínio acadêmico, evidencia uma finalidade por parte de quem escreve (divulgar resultados de uma pesquisa) e por parte de quem lê (obter informações importantes para seu enriquecimento científico ou basear estudos futuros), o que se dissocia do processo de leitura/escrita de um conto, por exemplo, em que se sobrepõe a fruição tanto no processo de escrita quanto de leitura.

Assim, o leitor/escritor acadêmico precisa estabelecer expectativas bem definidas com relação à leitura e à escrita na academia. É relevante considerar a importância de se fazer uma leitura e uma escrita de forma a mostrar uma discussão específica, aprofundada, embasada, cuja estrutura se mostre mais rígida do que a de outros textos em geral e cuja linguagem também apresenta recursos de gerenciamento das vozes enunciativas, incluindo a manutenção da própria voz, além de modalizações.

Sobre isso, Bronckart (2012, p. 320) é de parecer que há mecanismos enunciativos distintos, mas que convergem para a responsabilidade do que se enuncia e ainda contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto. Além disso, são recursos que, para o autor, trazem à tona avaliações, opiniões, julgamentos e sentimentos, que podem ser formulados a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e sobre as instâncias que são responsáveis por tais avaliações. O autor deixa evidente que são recursos possibilitadores do estabelecimento de diferentes graduações do engajamento ou afastamento do enunciador perante seu discurso, permitindo a verificação de seu compromisso diante da enunciação e o papel da subjetividade.

Portanto, é comum que o aluno, ao ingressar na universidade, sinta certa dificuldade em relação ao trabalho com gêneros acadêmicos, afinal, são várias as especificidades deles. Torna-se importante, pois, que haja uma preocupação da universidade no sentido de garantir a esse aluno meios que deem acesso ao uso profícuo dessa nova linguagem.

Considerações metodológicas

Quanto à natureza, esta pesquisa classifica-se como 'básica', visto que, conforme os objetivos propostos, a intenção foi a ampliação de saberes e não houve proposição de intervenção ou aplicação prática. Com referência à metodologia, embora os dados tenham sido apresentados de forma quantitativa (gráficos), as análises e discussões foram de cunho qualitativo, metodologia que, no parecer de Minayo (2001, p. 14), "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço

mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”.

No que diz respeito aos objetivos, com base em Gil (2010), foi descritiva. Foram descritos fatos e fenômenos de letramento acadêmico dos cursos de Letras Português da FLUC e da UNIMONTES. Já em relação aos procedimentos técnicos de coleta de dados, a pesquisa caracteriza-se como documental, centrando-se na análise dos projetos pedagógicos dos Cursos de Letras das duas instituições, bem como as diretrizes curriculares ou programas do ensino médio dos dois países, de forma a gerar a apresentação de resultados descritos de forma analítico-comparativa.

Salienta-se ainda que foi aplicado um questionário, respondido *online* pelos participantes via programa específico, a saber, Microsoft/ Formulários Google, disponível gratuitamente na rede e que também gerou os gráficos que foram analisados qualitativamente.

A amostra foi constituída por discentes dos cursos de Letras Português das duas instituições, que se dispuseram a responder ao questionário, anuindo à proposta, concordando, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a divulgação das respostas. A despeito do consentimento, não houve identificação de qualquer natureza. Quando necessário os participantes foram referidos pelo termo Informante, seguido de um número atribuído aleatoriamente aos questionários.

Caracterização das universidades, contextos da pesquisa

Dados coletados no *site* institucional da Universidade de Coimbra apontam que ela é a universidade mais antiga de Portugal e uma das mais antigas do mundo. Foi criada por meio da assinatura do *Scientiae thesaurus mirabilis*, por D. Dinis, em 1290. A UC começou a funcionar em Lisboa, sendo transferida definitivamente para Coimbra em 1537, por ordem do Rei D. João III.

Conforme apontam os documentos, inicialmente confinada ao Palácio Real, a Universidade foi estendendo-se por Coimbra,

modificando-lhe a paisagem, tornando-a cidade universitária, alargada no século XX com a criação do Polo II, dedicado às engenharias e tecnologias, e, um terceiro Polo, na área das ciências da saúde. Atualmente, a Universidade de Coimbra conta com oito Faculdades (Letras, Direito, Medicina, Ciências e Tecnologia, Farmácia, Economia, Psicologia e Ciências da Educação, Ciências do Desporto e Educação Física) e mais de 22 mil alunos.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra foi criada há mais de um século e já formou grandes intelectuais das Letras, inclusive do Brasil. É considerada uma das instituições de ensino mais prestigiadas de Portugal, em função de possuir uma história riquíssima e influência internacional muito forte. A FLUC se destaca no cenário das ciências, tendo em vista que sua vitalidade científica e pedagógica está abalizada no grande número de revistas publicadas, nas iniciativas de estudo e nas oportunidades que ela confere aos cinco continentes no que concerne ao domínio das Letras.

Já a Universidade Estadual de Montes Claros é uma instituição pública de ensino superior, localizada na cidade de Montes Claros – MG, com influência educacional no Norte e no Noroeste de Minas, Vale do Mucuri, Jequitinhonha, Serra Geral e Centro-sul baiano. É resultado da transformação da Fundação Norte-Mineira de Ensino Superior (FUNM), em conformidade com o artigo 82, parágrafo 3º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Mineira de 1989.

A primeira unidade de ensino superior da FUNM foi a Faculdade de Direito (FADIR), implantada do ano de 1965. No ano seguinte, surgiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL). Em 1969, ocorreu a criação da Faculdade de Medicina (FAMED). Em 1972, foi construída a Faculdade de Administração e Finanças (FADEC) e, posteriormente, em 1987, começou a funcionar a Faculdade de Educação Artística (FACEART).

Atualmente, a Universidade organiza seus cursos por meio de centros, a saber Centro de Ciências Humanas, Centro de Ciências Sociais, Centro de Ciências Exatas, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e Centro de Ensino Médio e Fundamental. Cada centro concentra um conjunto de cursos afins. No total são mais de 30 cursos

superiores de graduação (bacharelados e licenciaturas). Algumas áreas já oferecem pós-graduações nos níveis (*lato sensu*, mestrado e *stricto sensu*, doutorado). Por se localizar em uma região que polariza outras tantas, é um espaço que agrega estudantes de diversas localidades.

Seguem a apresentação e a análise dos resultados.

O Curso de Letras e o letramento acadêmico na Universidade de Coimbra

O Curso de Licenciatura em Letras Português, um dos muitos oferecido pela FLUC, destaca-se por seu objetivo de garantir ao discente uma base de conhecimentos necessária para lidar com as Humanidades. Com base em seu Projeto Pedagógico, denominado Proposta de Criação de Novo Ciclo de Estudos, alguns dos principais objetivos desse curso são:

- Garantir capacidade ampla de expressão oral e escrita em português;
- Consolidar a uma dimensão internacional da língua, literatura e cultura;
- Desenvolver capacidades para que o acadêmico possa estabelecer relações entre a área de formação e outras áreas do saber, mais ou menos próximas;
- Fazer com que o aluno seja capaz de distinguir entre conhecimento científico e opinião ou crença;
- Desenvolver no aluno competências argumentativas, autonomia intelectual e capacidade crítica;
- Permitir que o discente possa aceder à informação e tratá-la de acordo com critérios de pertinência e relevância;
- Ensinar ao aluno usar, de forma inovadora, os conhecimentos e competências adquiridos;
- Despertar a percepção do valor civilizacional das Humanidades e das competências que elas transmitem.

Em relação às competências que o curso deseja desenvolver, há uma subdivisão que concentra duas subáreas, a saber, (i) a competência linguística e comunicativa, com os seguintes requisitos:

- Conhecimento aprofundado da língua portuguesa, ao nível da sua estrutura, funcionamento, contexto histórico e usos.
- Capacidade de identificar, analisar e refletir criticamente sobre diferentes modalidades discursivas, designadamente sobre códigos retóricos e literários.
- Capacidade de produzir autonomamente textos analíticos e reflexivos, bem como de adequar o discurso a diferentes situações e media comunicativos (PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO NOVO CICLO DE ESTUDOS, 2016, p. 8).

E, (ii), a competência cultural e literária, de maneira que o aluno saiba privilegiar os espaços culturais do país e de países lusófonos, desempenhando os seguintes domínios:

- Conhecimento aprofundado e atualizado das principais fontes de representação cultural portuguesa, incluindo a sua literatura.
- Conhecimento transversal das culturas de língua oficial portuguesa, atendendo à sua diversidade geográfica, histórica e identitária.
- Domínio dos instrumentos de interpretação e análise do texto literário e capacidade de integrar culturalmente o fenómeno literário (PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO NOVO CICLO DE ESTUDOS, 2016, p. 8).

Nessas competências é possível visualizar o desejo da universidade de que o aluno domine a leitura e a produção de textos, inclusive os textos académicos, haja vista a referência aos diferentes discursos e situações de comunicação. Para que esses objetivos sejam alcançados, é necessário que a própria universidade forneça subsídios para esse trabalho com os textos, isto é, as práticas que convergem para um sujeito academicamente letrado.

A forma de acesso à universidade se dá por meio de avaliações tradicionais e observação do currículo secundário (formação básica).

Consta no Projeto do Curso, que o discente precisa alcançar 95 em um total de 100 pontos. A avaliação de entrada compreende conhecimentos da Língua Portuguesa, o que nos permite inferir que, ao ingressar, o acadêmico já possui um amplo acervo de informações no que tange à linguagem e, provavelmente, à escrita.

Embora seja uma especificidade do curso, é importante apresentar a forma como é concebida a avaliação dos alunos, visto que ela apresenta aspectos que interessam à pesquisa:

Sendo a avaliação uma atividade pedagógica indissociável do ensino, destina-se a apurar as competências e os conhecimentos adquiridos pelos estudantes, o seu espírito crítico, a capacidade de enunciar e de resolver problemas, bem como o seu domínio da exposição escrita e oral. São admitidos a provas de avaliação os estudantes inscritos nas respetivas unidades curriculares no ano letivo a que as provas dizem respeito e, simultaneamente, inscritos nessas provas, quando tal inscrição for necessária, nos termos do nº 6 do artigo 4º do Regulamento Pedagógico da Universidade de Coimbra. Entendem-se por elementos de avaliação os seguintes exemplos: Exame escrito ou oral, testes, trabalhos escritos ou práticos, bem como projetos, individuais ou em grupo, que poderão ter de ser defendidos oralmente e a participação nas aulas. A avaliação de cada unidade curricular pode incluir um ou mais dos elementos de avaliação indicados anteriormente. A classificação de cada estudante, para cada unidade curricular, traduz-se num valor inteiro compreendido entre 0 e 20 valores e consideram-se aprovados os estudantes que obtiverem a classificação final mínima de 10 valores. Sempre que a avaliação de uma unidade curricular compreenda mais do que um elemento de avaliação, a nota final é calculada a partir das classificações obtidas em cada elemento de avaliação, através de uma fórmula tornada pública na ficha anual de unidade curricular, nos termos do nº 2 do artigo 7º do RPUC. (PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO NOVO CICLO DE ESTUDOS, 2016, p. 4, grifos nossos).

Sendo os trabalhos escritos uma das formas de avaliação do curso de Licenciatura em Letras Português na FLUC, tudo indica que o aluno precisa estar habilitado a escrever textos de diversos domínios, um dos quais o acadêmico. Embora o documento não apresente especificamente

quais gêneros são cobrados dos alunos, os entrevistados responderam que, entre esses gêneros, figuram muito as dissertações, os ensaios e os artigos. Esse trabalho com gêneros do domínio acadêmico faz com que o indivíduo se familiarize com essa nova linguagem e configura-se, neste caso, uma prática de letramento.

De mais a mais, a análise das disciplinas que compõem a estrutura curricular do curso, evidencia que, a princípio, não há nenhuma que trabalha diretamente com a formação em leitura e produção de textos, ao contrário da Unimontes, que disponibiliza disciplinas e atividades específicas para esse fim.

No curso de Letras da FLUC, as disciplinas são divididas em três grandes subáreas, que compreendem os estudos em Linguística Portuguesa, em Culturas de Língua Portuguesa e em Literaturas de Língua Portuguesa, portanto não é possível afirmar que o aluno aprenda, em algum momento, por exemplo, as especificidades linguísticas e formais de um gênero acadêmico. Com base em nossas análises (tanto dos documentos quanto das respostas obtidas nas entrevistas), tudo indica que o aluno aprende a partir do contato que faz com textos já produzidos cuja leitura é cobrada ao longo das aulas.

Ainda na análise panorâmica dos documentos do curso, notamos que o Projeto arrola as seguintes possibilidades de saídas profissionais para os formandos:

Formação Inicial para Professor/a de Português, Leitor/a e Professor/a de Português como língua segunda, Investigador/a, Revisor/a e Coordenador/a de Edição / Publicação de textos, Técnico/a Superior da Administração Pública, Quadro Superior da Administração Pública, Profissional de Relações Públicas, Assessor. Outras áreas de atividade profissional, artística e cultural que envolvam profissionais de língua materna e especialistas em cultura portuguesa, no país ou no estrangeiro. Este curso forma para o exercício de atividades profissionais para as quais é requerida capacidade de raciocínio e argumentação, análise de ideias, conceitos e problemas complexos. (PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO NOVO CICLO DE ESTUDOS, 2016, p. 5)

Como se vê, é uma proposta que oferta um leque de possibilidades de atuação profissional. Embora seja um curso de licenciatura e licencie o trabalho como docente de Língua Portuguesa, não há na estrutura curricular ou nos conteúdos das disciplinas, abordagem de aspectos pedagógicos, tampouco estágio curricular ou qualquer forma de contato direto com o público discente da educação básica/secundária. Isso, no entanto, trata-se apenas de uma observação e não corresponde, a princípio, um dos interesses dessa pesquisa.

Em linhas gerais, verifica-se que a leitura e a escrita é uma constante na vida do graduando em Letras Português da FLUC. Todavia, nos documentos analisados, não é feita referência ao letramento acadêmico ou ao ensino de gêneros acadêmicos, há sim indiretamente a exigência desses gêneros em formato de avaliação. As práticas de letramentos acadêmicos são mais bem explicitadas pelos próprios alunos na entrevista, visto que eles apontam os gêneros que lhes são cobrados, conforme é possível verificar nas respostas dos alunos.

O Curso de Letras e o letramento acadêmico na Unimontes

O Curso de Licenciatura em Letras Português é um dos cursos disponibilizados pela Unimontes. É presencial, implicando no contato direto do aluno com os estudos de Linguística, Língua Portuguesa, Literaturas de Língua Portuguesa e, além disso, disciplinas de formação pedagógica (Fundamentos da Didática, Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio, Educação Inclusiva e Libras), bem como Estágio Supervisionado, capazes de fornecer subsídios para o trabalho com o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura na Educação Básica – séries finais do ensino fundamental (5º ao 9º ano) – e ensino médio (1º ao 3º).

A análise o Projeto do Curso (PC), vigente desde 2010, evidencia que o objetivo geral é “Formar professores do Ensino Fundamental e Médio que sejam pesquisadores, com capacidade de reflexão crítica sobre temas relativos aos conhecimentos linguísticos, literários e culturais” (PC/UNIMONTES, 2010, p. 13).

Embora se trate de dois cursos de licenciatura, em que uma das saídas profissionais seja a atividade docente, com base nas análises dos objetivos de ambas as universidades, nota-se que a Unimontes, de certo modo, preza pela formação docente, enquanto a Universidade de Coimbra arrola em seu rol de objetivos mais aspectos relacionados à pesquisa e aos conhecimentos que envolvem a Língua Portuguesa.

Já como objetivos específicos, o curso propõe:

- √ capacitar o graduando em Letras para o exercício da docência no ensino fundamental e médio;
- √ capacitar o graduando em Letras para descrever e justificar as peculiaridades fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas e semânticas do Português com especial destaque para as variações regionais e sociodialetais e para as especificidades da norma padrão;
- √ capacitar o graduando para apreender criticamente as obras literárias, não somente por meio de uma interpretação derivada do contato direto, mas também pela mediação de obras de crítica e de teorias literárias;
- √ possibilitar ao graduando condições de atuar como professor-pesquisador, crítico literário, revisor de textos, roteirista, secretário, consultor, 'ombudsman', organizador de livros, ensaísta, relator e tradutor;
- √ formar o profissional em consonância com os preceitos da ética e da cidadania;
- √ suscitar no graduando o gosto pelas atividades de investigação que favoreçam o processo contínuo de construção do conhecimento na área e utilização de novas tecnologias;
- √ incentivar o egresso a continuar sua formação em cursos de pós-graduação e
- √ promover a interação Universidade/Comunidade. (PC/ UNIMONTES, 2010, p. 13).

O trabalho com textos também é uma constante na vida do acadêmico de Letras Portugêses da Unimontes e, sabendo a universidade que muitos alunos chegam ao curso com dificuldades na leitura e na escrita, ela oferece, na estrutura curricular, disciplinas que auxiliam a suprir essas deficiências, diferentemente do que observamos na FLUC.

Em linhas gerais, para familiarizar os ingressantes com a área da linguagem e para capacitá-lo para a leitura e produção de textos, a estrutura curricular do curso oferece quatro disciplinas, a saber: 1) Introdução aos Estudos da Linguagem, 2) Introdução à Leitura e Produção de Textos; 3) Métodos e Técnicas de Pesquisa, e, 4) Leitura e Produção de Textos Acadêmicos.

As duas primeiras, ofertadas no primeiro período do curso, embora não tenham a função principal de trabalhar com a leitura e produção de textos acadêmicos, trazem considerações e características importantes a respeito dos textos que circulam na universidade, bem como tecem considerações a respeito das características linguísticas e da estrutura de sua produção.

A primeira, Introdução aos Estudos da Linguagem, ao contemplar em sua ementa tópicos como “A comunicação humana. Aquisição da linguagem. Concepções de linguagem. Gramática e suas modalidades e, Semiologia e Linguística”, objetiva proporcionar aos ingressantes o aprimoramento dos conhecimentos sobre a linguagem, abordando a Linguística como ciência que estuda o fenômeno linguístico e sua contribuição para a formação do professor de língua materna.

Já a segunda, Introdução à Leitura e Produção de Textos, contempla em sua ementa os tópicos

Linguagem verbal e não verbal. Leitura como processo histórico e produtivo. O conhecimento prévio na leitura. As possibilidades de leitura de um texto: aspectos determinantes. Texto e textualidade: fatores de textualidade. Tipologia textual. Gêneros textuais. Funções da linguagem. Estratégias de leitura. As figuras de linguagem-metáfora e metonímia. (PC/ UNIMONTES, 2010, p. 33)

Com o objetivo de constituir espaço de discussões teóricas e realização de práticas de leitura e produção de textos de forma a proporcionar o estudo dos elementos linguísticos, discursivos e enunciativos que compõem a estruturação de diferentes gêneros e tipos textuais, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura necessárias à constituição de sujeitos de

discurso capazes de se posicionarem do ponto de vista filosófico, político, social, cultural, ético e estético, frente aos textos que circulam na sociedade.

Já Métodos e Técnicas de Pesquisa, também ofertada no primeiro período, propõe o desenvolvimento da ementa “Senso comum e conhecimento científico. Normas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos: pesquisa bibliográfica, *papers*, comunicações, seminários, fichamentos e congressos, de acordo com as normas da ABNT” (PC/UNIMONTES, 2010, p. 34). É uma disciplina que figura como iniciação do aluno à vida acadêmica, visto que apresenta o tipo de conhecimento com o qual o aluno vai se deparar – o científico – e as formas de materialização do novo discurso, isto é, por meio dos gêneros arrolados na ementa. Trata-se, portanto, de uma atividade que tende a ampliar o letramento acadêmico, na medida em que representa o primeiro contato do aluno com os gêneros específicos da academia.

Quanto à disciplina Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, ofertada no segundo período, ao propor o estudo dos “Princípios teóricos e técnicas de produção e leitura de textos acadêmicos. Resenha. Resumo. Ensaio. Artigo. Monografia. Análise, produção e apresentação de diferentes tipos de textos acadêmicos, seguindo os preceitos da norma culta”, (PC/UNIMONTES, 2010, p. 35), objetiva oferecer aos acadêmicos a oportunidade para o estudo de parâmetros para a leitura e a escrita de trabalhos acadêmico-científicos, como forma de subsidiá-los no desenvolvimento dessas práticas.

É no estudo dessa disciplina que os alunos têm oportunidade de compreender o processo de letramento acadêmico, adquirindo noções básicas de gênero textual/discursivo com ênfase no gênero acadêmico. Eles são motivados a estudar o processo de retextualização e a reconhecer sua importância na leitura e produção dos gêneros acadêmicos. Além disso, participam de práticas de leitura e escrita de textos que circulam na esfera acadêmica.

Nota-se que as disciplinas mencionadas oferecem conhecimentos por meio dos quais os alunos são capacitados no que concerne às

situações de uso de gêneros textuais do domínio acadêmico. As três disciplinas, ao abordarem gêneros textuais, operam para tornar o aluno competente no entendimento do uso desses gêneros e, especialmente a quarta disciplina, ao abordar conhecimentos específicos, proporciona o desenvolvimento de habilidades para a leitura e produção deles.

Além do mais, é importante ressaltar que o curso traz como exigência para sua conclusão a escrita de um trabalho final – Monografia – ou Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que, além de ser um gênero, pressupõe, necessariamente, dois outros: a escrita de um projeto e de um resumo.

Para a escrita do projeto, é oferecida no quinto período, a disciplina Orientação de Monografia: estudos linguísticos e estudos literários que culmina com a escrita do projeto. Sua ementa contempla os tópicos:

A ciência e o processo da pesquisa: pesquisa x pensar autônomo e problema de pesquisa. Pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa científica. Tipologia de métodos, técnicas e instrumentos de pesquisa. Elaboração de projeto em uma das áreas de estudo do Curso de Letras Português. (PC/UNIMONTES, 2010, p. 40)

Para o desenvolvimento das etapas do TCC, cada aluno conta, nos períodos subsequentes (sexto, sétimo e oitavo), com um professor orientador que o orienta no desenvolvimento das ações e preside a banca de defesa, ao final do oitavo período.

Ademais, frisamos que a Unimontes possui outros meios de produção e divulgação de textos acadêmicos, a começar pela oferta de Iniciações Científicas, remuneradas e voluntárias, (PIBIC, BIC UNI, PIBID), em que os alunos desenvolvem pesquisas, sob orientação docente, e promovem a divulgação dos resultados, em formato de resumos (simples e expandidos), comunicação oral, pôsteres ou artigos em eventos, o que não acontece na FLUC, por exemplo, em que ocorrem muitos eventos semanalmente, entretanto, não é facultado aos discentes oportunidade de divulgar trabalhos.

Outro meio de divulgação de textos acadêmicos na Unimontes acontece por meio dos eventos anuais, entre os quais o principal é o evento anual, Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão (FEPEG), em que é aberta aos acadêmicos a submissão de seus trabalhos, em nível de Iniciação Científica, Iniciação à Docência, Relatórios de Estágio ou Trabalho Monográfico. Além deste, há também o Seminário Nacional de Literatura, que acontece uma vez por ano, o Seminário de Pesquisa em Literatura e Criação Literária, o Seminário de Pesquisa em Letras, realizado pelo Mestrado Profissional em Letras – Profletras e outros eventos de outros Departamentos da instituição que não o de Letras, nos quais os alunos podem, também, divulgar suas pesquisas por meio de textos (resumos simples, resumos expandidos, artigos e comunicações orais).

Consideramos essas oportunidades importantes eventos de letramento, sobretudo no que diz respeito à formação identitária acadêmico-científica, posto que os alunos materializam os conhecimentos por meio da escrita e oralização dos gêneros que produzem. Assim, percebemos que em relação ao letramento acadêmico, a universidade não fornece apenas o plano formal de aprendizagem dos gêneros, isto é, normas de como se produzir um gênero acadêmico, mas também a oportunidade de o próprio aluno produzir e divulgar seus textos, enriquecendo seu currículo.

Para complementar o que foi apresentado até aqui, em relação às práticas sistematizadas que convergem para um sujeito academicamente letrado, seguem-se as percepções dos próprios acadêmicos das duas universidades eleitas para esta pesquisa.

Percepção dos discentes a respeito do letramento acadêmico

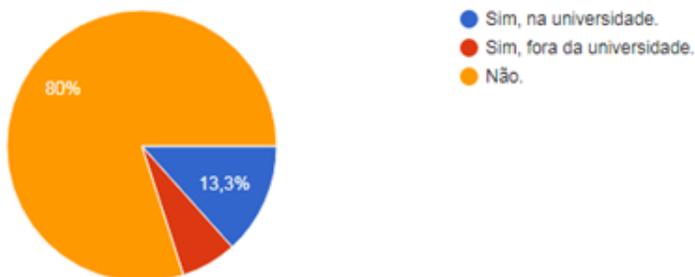
Para apresentar as formas como se processa o letramento acadêmico, do ponto de vista de discentes do curso de Letras da FLUC e da Unimontes, 30 alunos, dos quais 15 estudam na FLUC e 15 na Unimontes, em diferentes níveis/períodos, responderam ao questionário.

O questionário foi produzido na plataforma de formulários do Google, e o *link* foi encaminhado ao endereço eletrônico de cada entrevistado. As perguntas, abertas e fechadas, versaram, especialmente, sobre os gêneros acadêmicos, e as respostas foram importantes contributos para um maior entendimento do problema de pesquisa.

Questionados se eles já haviam ouvido falar sobre o letramento acadêmico, foram obtidos os dados apresentados nos gráficos 1 e 2 a seguir.

Gráfico 1 – Respostas dadas à questão 1 pelos alunos da FLUC

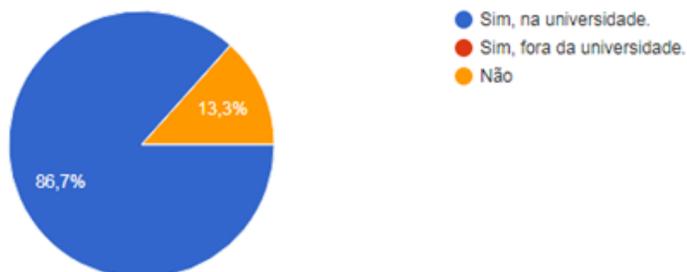
15 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores com dados do questionário.

Gráfico 2 – Respostas à questão 1 dadas pelos alunos da Unimontes.

15 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

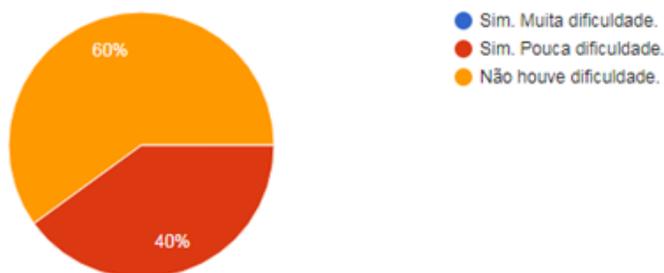
É nítida a dissonância do resultado entre as duas universidades, enquanto 86,7% dos alunos da Unimontes já haviam ouvido algo a respeito do letramento acadêmico, 80% dos acadêmicos da FLUC não conheciam o termo. Isso pode ser explicado, pela oferta, na Unimontes, das disciplinas de Leitura e Produção de Textos, ou mesmo nas disciplinas de Linguística oferecidas ao longo da formação, em que os alunos têm contato com o conceito de alfabetização e letramento e, de modo especial na disciplina de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, alguma referência a esse tipo de letramento, visto que, de acordo com as respostas, os alunos ouviram o conceito na própria universidade.

Há que se considerar importante que o discente conheça o conceito de letramento, especialmente o de letramento acadêmico, pois pode ser um modo de conscientização de que precisa ampliar seu universo linguístico para novos gêneros, bem como tomar o processo de aquisição de novos códigos como um ato social, isto é, em conformidade com a proposta de letramento, é uma aquisição que será utilizada para se sobressair em eventos que exijam determinado manejo com a linguagem.

A segunda questão foi se encontraram dificuldades em lidar com os gêneros acadêmicos ao ingressarem na universidade. Seguem os gráficos 3 e 4 reveladores dos resultados:

Gráfico 3 – Respostas à questão 2 dadas pelos alunos da FLUC

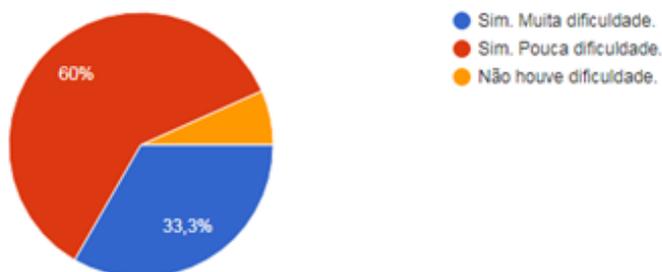
15 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

Gráfico 4 – Respostas à questão 2 dadas pelos alunos da Unimontes

15 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

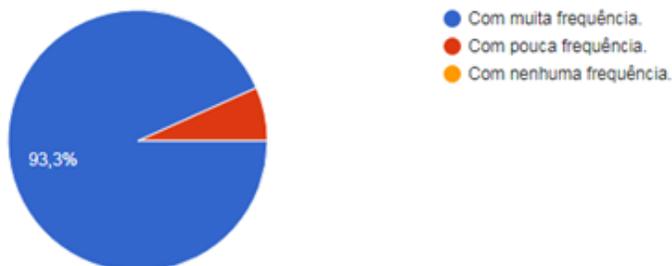
Enquanto 33,3% dos alunos da Unimontes afirmaram ter encontrado muita dificuldade e 60 % pouca dificuldade, mais da metade dos acadêmicos da FLUC, 60 %, responderam que não houve dificuldade e, 40% que as dificuldades foram poucas. Esse resultado naturalmente advém do fato de que o ingresso no curso da FLUC se dá por meio de uma avaliação que cobra, primordialmente, conhecimentos em língua portuguesa, com uma média bem alta. Assim, ao ingressar o aluno já possui domínio de leitura e escrita.

Por outro lado, o ingresso na Unimontes ocorre por meio do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e do PAES (Programa de Avaliação Seriada para Acesso ao Ensino Superior), nos quais são cobrados conhecimentos não somente da área de linguagens, mas de todas as áreas vistas durante a formação na educação básica. Esses resultados deixam evidente a importância da oferta de disciplinas específicas que auxiliam os alunos a lidarem com esses gêneros, na Unimontes, o que não ocorre da FLUC.

Em seguida, os alunos foram questionados sobre a exigência da leitura de gêneros acadêmicos na universidade. Seguem os gráficos 5 e 6 com as respostas:

Gráfico 5 – Respostas à questão 3 dadas pelos alunos da FLUC

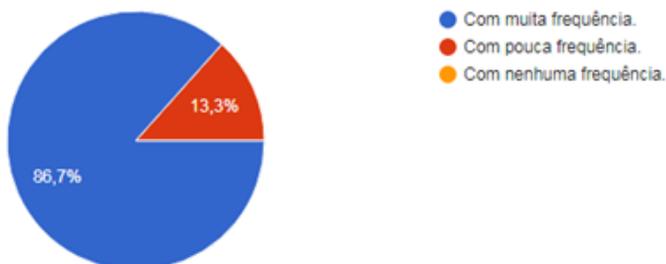
15 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

Gráfico 6. Respostas à questão 3 dadas pelos alunos da Unimontes

15 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

Veja que 93,3% dos alunos da FLUC e *6,7% de alunos da Unimontes evidenciaram que há muita frequência na exigência de leitura de gêneros acadêmicos.

Essa semelhança nos resultados das duas universidades mostra-se a evidência de que ambas se comprometem com a promoção do letramento acadêmico de seus alunos. Naturalmente consideram que ao lidar constantemente com artigos, resenhas, e outros textos do gênero,

o discente se tornará mais seguro tanto para ler e compreender quanto para produzir ou retextualizar posteriormente.

Além de saber ler, compreender e interpretar os textos acadêmicos, o licenciado em letras deve ter segurança para produzi-los. Portanto, é papel da universidade, além de cobrar a leitura, exigir também a escrita de textos. Dessa maneira, os alunos foram perguntados sobre a frequência que lhes é cobrada a produção de textos acadêmicos. As respostas estão apresentadas nos gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 – Respostas à questão 4 dadas pelos alunos da FLUC

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

15 respostas

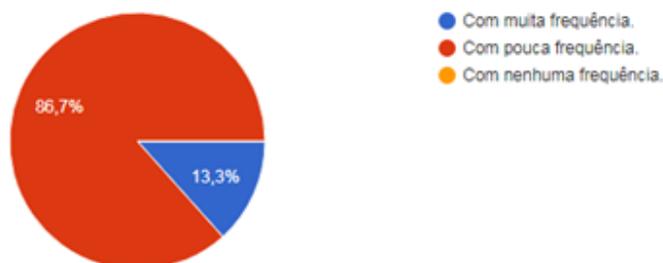
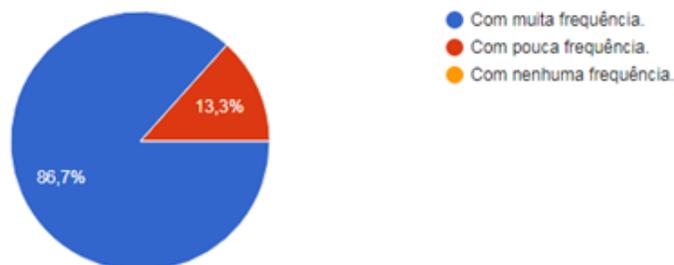


Gráfico 8. Respostas à questão 4 dadas pelos alunos da Unimontes.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do questionário.

15 respostas



Nessa questão há uma divergência grande nas respostas dos pesquisados das duas universidades. Do ponto de vista dos alunos

da FLUC (86,7%), o curso cobra com pouca frequência a escrita de gêneros acadêmicos – o que diverge da proposta apresentada no projeto do curso. Isso pôde ser visualizado durante o próprio período de intercâmbio em que os dados foram coletados. Os professores cobram, geralmente, apenas um exame escrito por disciplina, no formato de texto dissertativo sobre uma questão ampla do conteúdo ministrado. Além do mais, o discente poder também escolher a forma como ele vai ser avaliado, em regime de avaliação contínua (em que a avaliação ocorre ao longo da disciplina, por meio de trabalhos escritos, orais, participação em discussões etc.) ou por meio de avaliação final (em que o aluno é avaliado por meio de uma única prova ao final do semestre letivo).

Ao contrário, o mesmo percentual de alunos respondeu que a Unimontes cobra com muita frequência a produção de gêneros acadêmicos, e isso se justifica pelo fato de que o projeto do curso prevê que 40% da nota deve ser dada em atividades, entre as quais figuram, principalmente, produção de textos e realização de seminários. Ademais, não só nas aulas, mas também nos eventos, principalmente aqueles que participam de Iniciação Científica ou Iniciação à Docência, é exigida, com frequência, a produção de projetos, artigos e resumos, o que também configura uma interessante prática de promoção do letramento acadêmico.

Os resultados da Unimontes, muito diferente dos resultados da FLUC, mostram que os alunos lidam com frequência com os gêneros acadêmicos, deixando entrever também que a Unimontes, além de oferecer a teoria, oportuniza aos alunos atividades em que é possível praticar.

Para saber maiores detalhes da relação dos alunos com os gêneros acadêmicos, eles foram questionados sobre de que forma as atividades de leitura e escrita na academia têm influenciado em seu contexto social. Algumas das respostas consideradas relevantes foram apresentadas nos excertos a seguir:

“Não parece haver alterações consideráveis socialmente, embora o desenvolvimento desses processos e atividades resultem numa ‘academização’ do meu mundo social e interpessoal, onde o pensamento acadêmico passa a ter

primazia, como se fosse mais legítimo e correto” (Informante 2 – FLUC, (grifos do autor).

Houve quem afirmasse:

- i. “Os textos acadêmicos “Facilitam na argumentação de um assunto em roda de amigos e família.” (Informante – 5 – FLUC).
- ii. “Creio que me têm tornado mais atento e até mais crítico no que digo e no que faço. Permite-me estabelecer relações entre assuntos de forma muito mais organizada.” (Informante 7 – FLUC).
- iii. (iv) “A influência ocorre a todo momento, pois o curso exige muita leitura e acaba refletindo tanto na escrita quanto na fala.” (Informante 3 – Unimontes).
- iv. “O desenvolvimento das atividades de leitura e escrita desenvolve o domínio de compreensão que facilitará a sua vida em sociedade onde a comunicação é inerente.” (Informante 8 – Unimontes).
- v. “Permite uma melhor forma de se articular sobre diferentes assuntos, além de permitir um vocabulário mais rico.” (Informante Unimontes).
- vi. “Bastante. Além de tudo, ajuda na interpretação de mundo,” (Informante Unimontes).

De um modo geral os entrevistados ressaltaram que as atividades de leitura e escrita de gêneros acadêmicos operam certa influência em seu meio social, principalmente em relação à visão de mundo e à autonomia. Citaram o enriquecimento vocabular com a consequente melhora da capacidade de verbalização.

Desse modo, vemos que ambas as universidades apresentam seus modos de desenvolver o letramento acadêmico. Na FLUC os ingressantes não sentem dificuldades para lidar com os gêneros acadêmicos, no entanto, dada a escassez de atividades que envolvem esses conhecimentos, não há total segurança para a produção, tal

como ocorre para a leitura e compreensão. Já na Unimontes, os alunos ingressantes sentem mais dificuldade em um primeiro momento, todavia, com a frequência de atividades que abordam o trabalho teórico e prático com esses gêneros, vão melhorando ao longo do processo formativo.

Fica evidente que as universidades devem dar especial importância à abordagem da leitura e da escrita acadêmica com vistas a proporcionar o almejado e necessário desenvolvimento do letramento acadêmico de seus alunos.

Considerações Finais

Neste texto foi possível pôr em evidência as práticas de letramento acadêmico do Curso de Letras Português da FLUC e da Unimontes, que convergem para a formação de um sujeito academicamente letrado e mostrar os posicionamentos referentes à prática de leitura e escrita de universitários do curso de Letras Português de ambos os países.

Como visto, é comum que os discentes apresentem dificuldades ao ingressam na universidade. A menor dificuldade evidenciada pelos alunos da FLUC, é devida ao fato de que a universidade faz uma seleção rigorosa que exige requisitos referentes à leitura e à escrita, contudo, durante o curso não há matérias que cuidam de reforçar os aspectos inerentes às duas práticas. Eles revelaram ter maior segurança na leitura compreensiva e nem tanto para a escrita.

Ao contrário, os alunos da Unimontes evidenciaram que têm muita dificuldade inicialmente, todavia, dado ao número de disciplinas que abordam a temática, à frequência com que leem e produzem e às oportunidades de divulgação, as dificuldades vão sendo sanadas e, ao final, sentem-se seguros tanto para a leitura quanto para a produção.

Ao elucidar as práticas de letramento que ocorrem no curso de Letras da Unimontes e na FLUC, entre as quais destacam-se a exigência de atividades que envolvem a leitura e a produção de gêneros acadêmicos, a oferta de disciplinas que trabalham especificamente com esses gêneros e a oportunidade de produzir e divulgar os textos em eventos

científicos, fica evidente a importância de as universidades pensarem em meios que oportunizem aos seus alunos o desenvolvimento proficiente da leitura e da escrita acadêmicas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=116409_2&key. Acesso em: dez. 2018.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2º sem. 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

CARELLI, M. J. G.; SANTOS, A.A.A. Condições pessoais e temporais de estudo em universitários. Campinas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, p. 265-278, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n1/v5n1a04.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2017.

CARVALHO, Maria de Lourdes Guimarães de. **O letramento acadêmico no curso de letras**: saberes, recursos e ações textual-discursivas na produção de resenhas. 2013. 235 f. Tese (doutorado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_CarvalhoMLG_1.pdf. Acesso em: 25 out. 2018.

CRUZ, Maria Emilia Almeida da. **O letramento acadêmico como prática social**: novas abordagens. Disponível em: <https://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/v4n1/v4n1a1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

DELCAMBRE, Isabelle; JOVENET, Anne-Marie. Lire-écrire dans le supérieur. **Spirale**, n. 29, 2002.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2. ed. London: Taylor e Francis, 1996.

FISCHER, Adriana. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. Acta Scientiarum. **Language and Culture**, v. 30, n. 2, p. 177-187, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2007.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. Letramento na formação do professor – integração a práticas discursivas acadêmicas e construção da identidade profissional. *In*: CORREA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise. (Orgs.). **Ensino de língua: representação e letramento**. São Paulo: Mercado das letras, 2006.

LEA, M.R.; STREET, B. Student Writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**. London, v. 23, n. 2, p. 157-16, June. 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Belo Horizonte. UFMG, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 25-32, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Logo. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais? *In*: SCHOLZE, Lia; ROSING, Tania M.K. **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. **Proposta de Criação do Novo Ciclo de Estudos**, (2016). Documento de circulação interna. Universidade de Coimbra (2016).

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SERPA, Maria Nazaré Fonseca; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Atuação no ensino superior: um novo campo para o psicólogo escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 5, n. 1, p. 27-35, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n1/v5n1a04.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Micheli Gomes de; BASSETTO, Lívia Maria Turra. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. **RBLA**. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 83 – 110. 2014.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**. n. 8, p.

465-488, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/9865/14335>. Acesso em: 15 jul. 2017.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. London: Cambridge University Press, 1984.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. **Projeto Pedagógico do Curso**, (2010). Documento de circulação interna da Universidade Estadual de Montes Claros (2010).

SOBRE OS AUTORES

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Possui graduação em Letras Português/Francês e especialização (Lato Sensu) em Linguística pela Universidade Estadual da Montes Claros, mestrado em Língua Portuguesa (2005) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP –, e doutorado em Estudos Linguísticos (2013) pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora adjunta efetiva na Universidade Estadual de Montes – Unimontes – e coordenadora do Curso de Letras Português/UAB Unimontes. Atualmente, integra o corpo docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Tem experiência no ensino e na pesquisa na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Parataxe, Hipotaxe, Encaixamento; Gramática Sistêmico-Funcional e do Design Visual, Multimodalidade e Análise Crítica do Discurso

Maria Ieda Almeida Muniz

Possui Pós-doutorado em Educação – Conhecimento e inclusão social – pela Universidade Federal de Minas Gerais sob a orientação da professora pós-doutora Daisy Moreira Cunha. Possui Doutorado pela PUC/SP no programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem sob a orientação da professora Pós-doutora Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva. Coursou doutorado sanduíche em Paris no Conservatoire National des Arts et Métier no laboratório da Clinique de l'Activité Sob a orientação do PHD Yves Clot. Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (2003). É pesquisadora colaboradora da associação de Pós-Graduação em Linguística (ANPOLL), participando do GT :Linguagem, Trabalho e ética. Integra o grupo de pesquisadores do Instituto de Ergologia coordenado pelo PHD Yves Schwartz. Possui experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada e Estudos das Práticas de Linguagem em Situação de Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: sentido, linguagem, trabalho, pré-discurso, análise do discurso em

situação de trabalho, discurso jurídico, aprendizagem e ensino. Desenvolve pesquisa com os métodos de instrução ao sócia e autoconfrontação simples e cruzada.

Márcia Andrea Santos

Graduada em Letras. (2002) Mestre em Letras – área de concentração Linguagem e Cultura – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2004). Doutora em Linguística Aplicada – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2010) área de concentração Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue. Experiência em Gestão da Educação, Coordenação Setorial de Pesquisa e Extensão Universitária, Educação a Distância e Educação Intercultural. Atualmente é docente do Curso de Licenciatura em Letras e Mestrado em Letras – PPGL/UTFPR. Atua na linha de pesquisa Linguagem, Educação e Trabalho. Desenvolve pesquisa nas áreas de Estudos Culturais, Linguagem e Formação de Professores.

Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho

Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013). Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999). Especialização em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1996). Especialista em Língua Portuguesa – Redação. Pela Universidade Federal do Minas Gerais. (1983). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1993). Graduação em Letras – Português – Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino: Instituto de Letras (1978). Atualmente é Professora de Educação Superior – PES – Nível VI – Grau D (Conforme Anexo I da Portaria N°. 092 – REITOR – Efetiva, com Dedicção Exclusiva, no Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros com experiência nas disciplinas Estágio Supervisionado, Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, Introdução à Leitura e Produção de Textos, Linguística Aplicada e Orientação de Monografia: Estudos Linguísticos, no Curso de Letras Português. Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia. Professora credenciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, para atuação no Mestrado Profissional em Letras. Orienta trabalho de conclusão do mestrado – Dissertações e Ministra as disciplinas Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional e Alfabetização e Letramento.

Sandra Ramos de Oliveira Duarte Gonçalves

Doutora em Língua Portuguesa e Linguística na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG, sob orientação do Prof. Dr. Hugo Mari e co-orientação do Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues Vieira e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduada em Letras Português/ Inglês pela mesma Universidade. Atualmente é professora de ensino superior e atua como membro do Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Letras Português no Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). É, ainda, bolsista CAPES, pela coordenação do projeto Multidisciplinar – Letras Montes Claros do Programa Residência Pedagógica/ UNIMONTES CAPES. Possui experiência em Educação a Distância (EaD/ CEAD/UNIMONTES), bem como na área de Letras e Linguística, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Semântica, Linguística Textual, Leitura e Produção de Textos, Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Língua Portuguesa, Linguística Aplicada ao Ensino de Português, Estudos Linguísticos, Variação e Mudança Linguística, Léxico e Cultura Regional.

Vera Lúcia Viana de Paes

Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais (Conceito Capes 7). Foi pesquisadora bolsista do programa de excelência CAPES PROEX (2018 a 2020). Atualmente é professora de Língua Portuguesa na rede estadual (ensino médio). Compõe a equipe técnica em projeto de pesquisa “Construção da Identidade Feminina no Discurso Midiático da Informação: estratégias de (in)visibilidade” na Universidade Estadual de Montes Claros, com o objetivo de desenvolver estratégias de interpretação do discurso em textos multimodais com alunos do curso de graduação em Letras Português. Pesquisa teorias linguísticas da língua em uso: Linguística Sistemico-Funcional (Gramática Sistemico-Funcional), Gramática do Design Visual, Teoria Multimodal, Semiótica Social e Análise de Discurso Crítica. Graduada em Letras-Português/área Linguística e Literatura (Universidade Estadual de Montes Claros) e Administração de Empresas. Foi bolsista FAPEMIG em projeto de pesquisa intitulado A Multimodalidade em Anúncios Publicitários (2016 e 2017). Foi bolsista PIBID/UNIMONTES CAPES no subprojeto Letras a Mais (2014 e 2015). Possui curso superior em Administração de Empresas e especialização Lato Sensu em Língua Inglesa.

Anna Beatriz Mormetto Alvarenga

Possui graduação em Letras – Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: análise de capas de revistas, multisemiótica, atores sociais negros e análise do discurso crítica.

Thiago Orlandin

Professor de LEI em Escolas Públicas na cidade de São Lourenço do Oeste. Licenciado em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, à qual atuou como monitor. Atuou também no PIBID de Língua Inglesa e voluntariou no PIBIC de Linguística Aplicada. Realizou Trabalho de Conclusão de Curso sobre o conceito de fórmula em Análise do Discurso de linha francesa na fala de agentes da educação quilombola em escola quilombola de Palmas/PR.

Mauricio Alves de Souza Pereira

Doutorando em Linguística e Mestre em Letras: Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), na área de Linguística Teórica e Descritiva/Estudo da Variação e Mudança Linguística. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e em Produção Textual pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Graduado em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), com período sanduíche na Universidade de Coimbra - Portugal, por meio do Programa Ibero-americano de Bolsas de Graduação Sanduíche. Graduado em Filosofia pela Universidade de Franca - SP (UNIFRAN). Técnico em Agroindústria pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Salinas. Durante a graduação, na Unimontes, desenvolveu, na iniciação científica, pesquisas sobre os escritores Fernando Pessoa e Darcy Ribeiro e participou do grupo de estudos em Filosofia e Literatura, do Núcleo de Atividades para Promoção da Cidadania e foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no subprojeto Letras a Mais. Atuou como professor de Língua Portuguesa e Redação nos cursos do Instituto Inovare, Mérito Educacional, CAJ-Brasil e Instituto Saber. É professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e professor da rede de ensino Biomáximo, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, Literatura e Redação em turmas de ensino fundamental, médio, pré-vestibular e pré-concurso. É bolsista Capes, desenvolvendo

atividades de supervisão no PIBID Letras/Português da Unimontes, subprojeto Percorrendo as trilhas do texto: a leitura e a produção textual na escola, na E.E. Carlos Versiani. Tem experiência na revisão de textos e no ensino de produção textual para a educação básica e para preparação de concursos e vestibulares. Atualmente, desenvolve, na pós-graduação, pesquisas nas áreas de inclusão, letramento(s), letramento acadêmico, sociolinguística, lexicologia, lexicografia e cultura regional.

Daniel Fernandes da Costa

Possui graduação em Letras – Português pela Universidade Estadual de Montes Claros. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: análise multisemiótica e análise do discurso crítica.